

UM ROMANCE DE

**GUILHERME  
FIUZA**

**O IMPÉRIO  
DO  
OPRIMIDO**

 Planeta

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



UM ROMANCE DE

**GUILHERME  
FIUZA**

**□ IMPÉRIO  
DO  
□ PRIMIDO □**

Copyright © Guilherme Fiuza, 2016  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Maria Aiko Nishijima  
*Revisão:* Clara Diament e Huendel Viana  
*Diagramação:* Futura  
*Capa:* Mateus Valadares  
*Imagem de capa:* Rubens Chaves/Getty Imagens  
*Adaptação para eBook:* Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO  
NACIONAL  
DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F585i

Fiuza, Guilherme

O império do oprimido / Guilherme Fiuza. – 1. ed. – São  
Paulo : Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0842-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

**CDD:**

**16-**

**869.3**

36227

CDU:

821.134.3(81)-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21<sup>o</sup> andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

**□ IMPÉRIO  
DO  
□ PRIMIDO □**

## O príncipe e o ácaro

O novo governo vai acabar com o fosso entre o palácio e o povo, declarou o presidente eleito, em seu primeiro pronunciamento após o resultado das urnas. Com número recorde de aparelhos de TV ligados, o país assistia à consagração do primeiro candidato de origem humilde a chegar ao poder.

— Podem me cobrar: os pobres vão ter acesso ao palácio. Essa vai ser a cara do meu governo.

No momento em que disse isso, o rosto do presidente eleito, que enchia a tela, transformou-se numa figura monstruosa. Luana deu um grito. Ouvia uma risada e virou-se: de pé, atrás do sofá, seu pai estava com o controle remoto na mão.

— Essa vai ser a cara do governo dele? Que cara horrível, né? – disse o pai, ainda rindo.

Ele tinha trocado o canal de notícias por um de ciência. O close do candidato vitorioso tinha dado lugar ao de um ácaro – que, ampliado dezenas de milhares de vezes, se tornava um monstro pré-histórico. Hipnotizada pelo noticiário e pela virada política do país, Luana não notara seu pai na sala. Primeiro se assustou, depois se revoltou:

— Que brincadeira estúpida, pai! Que falta de respeito. No meio da entrevista... Volta pro meu canal!

— Ah, Luana, que exagero... Essa entrevista vai ser repetida duzentas vezes. O jantar tá na mesa, estamos te chamando há dez minutos.

— Não tô com fome. Depois de ver esse monstro asqueroso, então... Me dá o controle, por favor.

O ácaro gigante – com falsas antenas brotando irregularmente de um casco sustentado por patas longas e cabeludas, em contraste com uma cabeça desproporcionalmente pequena e assemelhada a uma pinça de caranguejo – enfim sumiu. Mas o presidente eleito não reapareceu. O pai de Luana desligou a televisão.

Aos vinte e cinco anos, ela estava cursando mestrado em Direito e tentando furar a redoma familiar. Dono do Maxwell Plaza, a maior rede hoteleira do país, Roberto Maxwell – ou Bob, apelido dado

pelos adversários nacionalistas e incorporado pelo próprio – criara a filha única como uma aristocrata. Hora de jantar era hora de jantar.

E naquela noite a TV lhe oferecia um menu indigesto: a cobertura ao vivo da sua própria derrota. Ele era o único grande empresário que não contribuiria para a campanha do candidato progressista – que agora ia mandar no país.

Bob Maxwell não estava achando graça na ideia de jantar ouvindo a voz triunfal do seu adversário, que além de ganhar a eleição estava roubando sua filha da mesa.

Luana acompanhou o pai à sala de jantar, segundo o jogo de sempre: ele ponderou que ela poderia assistir à cobertura após o jantar, pelas várias mídias disponíveis – e ela fora criada para acatar ponderações sensatas (ou que soassem sensatas). O fato era que seu príncipe tinha virado ácaro e ela tinha engolido um sapo. Mais um.

Tomou seu lugar à mesa e vingou-se com seu silêncio – que costumava atingir os pais como uma arma paralisante. Ela sabia transformar o jantar da família em velório. Pelo menos isso.

Bob tentou em vão puxar assuntos triviais. Lutava para que a sinfonia fúnebre dos talheres não se impusesse na vasta sala da mansão nos Jardins. A mãe de Luana ficava visivelmente perturbada quando a filha entrava em modo múmia. Isadora Maxwell era uma decoradora elegante que transmitira à filha sua beleza nórdica, mas quase desaparecia ao lado de Luana: a desvantagem em termos de personalidade e carisma era gritante, ainda que ambas tivessem um temperamento contido.

Vendo que o marido não ia conseguir quebrar o gelo, Isadora fez sua tentativa, um tanto desajeitada pela falta de espontaneidade:

— Luana, meu bem, o que você acha que vai mudar com o novo governo?

— Tudo, mãe — desembuchou a filha, mais por irritação com a pergunta burocrática do que por vontade de respondê-la. — Vai mudar tudo, mesmo que nada disso te interesse realmente.

Isadora fez menção de repreendê-la pela agressividade, mas Bob se antecipou, aproveitando a quebra do silêncio:

— Certamente, filha. Toda mudança de governo traz mudanças para o país.

Luana estava menos contida do que o normal, talvez porque o

nível de irritação também estivesse acima do normal.

— Só a sua hipocrisia não muda nunca, né, pai?

Isadora começou a dizer que ela não podia se dirigir assim ao pai, mas Bob a conteve, e a filha prosseguiu:

— Você sabe que não estou falando de mudança de governo. Estou falando de uma revolução!

Luana não costumava ser tão incisiva com o pai. E a reação dele foi quase rude para os padrões da família.

— Ok. Então é uma revolução. Me fale dessa revolução. Me explique o que é uma revolução!

Havia uma carga inédita de agressividade na voz de Bob Maxwell, sempre polido. Devia ter a ver com o resultado da eleição, mas Luana sentiu o golpe. Em geral, o pai se impunha com firmeza e suavidade – e ela recuava. Agora a suavidade tinha desaparecido. E Luana não recuou:

— Não preciso te explicar nada. Você vai ver. Ao vivo. A revolução tá na cara. Pela primeira vez não vão governar pra meia dúzia. Acabou.

Foi a vez de os pais de Luana silenciarem. O discurso não combinava com a filha, que raramente falava de política – muito menos para afrontá-los. Isadora receou repreendê-la e perder de vez o controle da situação. Tentou um armistício:

— Filha, seu pai só quer saber a sua opinião sobre a mudança de governo. Isso é uma conversa familiar, não um debate eleitoral.

Luana manteve o dedo no gatilho:

— Ok. Minha opinião é que o país vai se libertar. Já se libertou. Acabou a ditadura dos egoístas. Melhor mesmo deixar a TV no Discovery Channel, senão vocês vão ter que ver os catadores de papel no palácio.

Foi interrompida por uma gargalhada do pai – desconcertante como toda gargalhada de alguém que não está achando graça:

— Minha filha, o palácio é a sede do governo. E a única forma de um governo ajudar os pobres é governando direito, não promovendo desfile de bondade.

— Entendo que isso não te comova, pai. Já entrou algum pobre nos seus hotéis?

A provocação foi demais para Isadora, que desistiu da fachada

conciliadora:

— Chega, Luana! O que deu em você? Não estou te reconhecendo!

— Normal, mãe. A gente só pode reconhecer quem a gente conhece.

A estocada calou Isadora de vez. O golpe foi certo, bem no meio do seu maior medo: o de não saber se sabia quem era a filha.

Luana não era uma rebelde, nem uma revoltada. Ia bem na formação em advocacia – carreira que casava com seu claro senso de justiça. Daí vinha também a sua lealdade aos pais, que sempre tinham feito o melhor por ela, com todas as facilidades que uma família rica pode proporcionar. Isadora começou a se preocupar quando leu num perfil da filha na internet o lema “facilidade não traz felicidade”.

Na ocasião, perguntou-lhe de onde tirara a frase.

— Da minha cabeça — respondeu Luana.

— Da sua cabeça? Tem certeza?!

— Não, não tenho. Talvez tenha sido do meu coração. Sei lá, foi de um dos dois.

Luana ia cada vez menos às festas de seus amigos milionários. Recusara dois convites seguidos do namorado para viajar para Miami e Caribe. Formava com ele um casal vistoso, e o noivado já estava marcado – para grande excitação das duas famílias tradicionais paulistanas. Uma semana antes da data, a noiva cancelou tudo.

Não falou com ninguém, apenas pediu à secretária da mãe para desmarcar com os trezentos convidados.

A secretária comunicou o pedido a Isadora, que com o coração na boca foi interpelar a filha. Luana estava triste e tranquila. Sustentou sua decisão, para a perplexidade da mãe.

— Mas o que aconteceu? Não é possível que você tenha deixado de gostar do seu namorado do dia pra noite!

— Não deixei de gostar. Só não quero ficar noiva.

— Mas que loucura! O que você quer da vida, Luana?!

— Ah, mãe... Não faz pergunta difícil.

Foi Bob quem tranquilizou a esposa. Liberal convicto, disse que Luana tinha direito de escolher. E que seria pior se arrepender mais tarde de não ter se arrependido a tempo – uma de suas frases de efeito.

O episódio do noivado cancelado levou Isadora a desabafar com o marido: temia que, sob a personalidade introvertida da filha, houvesse um vulcão pronto para explodir o conformismo. Bob discordou. Disse que Luana não era conformada, era serena. Tinha tudo o que queria, fora criada como uma princesa. E às vezes as princesas são um pouco mimadas, só isso.

Depois de calar a mãe na mesa de jantar, Luana retomou a provocação:

— E aí, pai? Já entrou pobre em algum hotel da rede Maxwell?

— Claro. Centenas.

— Sei. Todos de uniforme, né?

— Qual o problema? Eu dou empregos, e me orgulho disso.

— Você é um conservador. Quer que a vida do país fique parada do jeito que dá mais dinheiro pra quem já tem. Parada como é a vida nesta casa.

O empresário não esperava ouvir da filha uma crítica tão ácida ao lar que ele passara décadas construindo.

Pragmático, admitiu para si mesmo que ela trazia uma insatisfação reprimida, possivelmente fermentada pelo clima de comício que o país vivia com a vitória inédita da esquerda. Viu que era hora de buscar uma aproximação – começando por uma reação mais franca ao discurso antiburguês que parecia estar sendo plantado na cabeça da filha:

— Luana, você quer ter consciência social? Ok. Mas então vá estudar, vá fundamentar o que você diz. É fácil ser socialista com motorista na porta.

A sala ficou de novo em silêncio. Parecia que Luana ia voltar ao modo velório. Mas ela empurrou sua cadeira para trás, levantou-se e parou diante do pai:

— Não sei se eu quero ser socialista. Só sei que não quero mais motorista na porta. Nem nada que o seu dinheiro possa me dar.

Enquanto falava, Luana tirou os brincos. Lançou as duas joias dentro do copo de vinho do pai. Antes que ele conseguisse reagir, ela tirou o vestido. E em seguida o sutiã. Bob Maxwell não conhecia a beleza da filha nua – e foi paralisado por ela.

Sempre em silêncio, Luana tirou os sapatos e finalmente a calcinha, que pousou no prato do pai. Assim ficou, como uma

estátua, olhando nos olhos dele. Atordoado, o magnata dos hotéis baixou a cabeça. A filha não perdoou:

— Não precisa ter medo, pai. Pode olhar. Não é uma criatura tão exótica quanto aquela do Discovery Channel, é?

Bob não levantou mais os olhos. Luana deu meia-volta e dirigiu-se à escada que levava ao seu quarto. Isadora teve uma crise de choro e disse ao marido que ia chamar um psiquiatra. Do alto da escada, nua, Luana falou calmamente:

— Podem economizar a consulta, estou ótima. Aliás, nunca estive tão lúcida.

Durante todo o ato, ela manteve a postura elegante que a caracterizava. Ia ter trabalho para deixar de ser princesa.

Em dois minutos já estava descendo a escada novamente, de calça jeans, camiseta e mochila.

— Só faltou dizer uma coisa pra vocês: além do motorista, das joias e do resto, também não quero mais o teto.

Caminhou até a porta de saída, mas voltou. Foi até a mesa, onde seus pais continuavam em estado de choque, tirou o celular do bolso e jogou-o dentro da tigela de feijão.

— E não adianta me procurar. Vocês não vão me achar.

## Na casa do inimigo

A cinza do charuto caiu sobre o carpete do hotel de luxo, e todos notaram. Um funcionário se aproximou para limpar, mas foi detido pelo fumante:

— Não precisa não, meu filho. Pode deixar assim mesmo.

O dono do hotel era Bob Maxwell, e o dono do charuto era o novo presidente da República. O proprietário da maior rede hoteleira do país negara contribuição para a campanha do candidato progressista mesmo na reta final, quando quase todo o grande empresariado se rendera. O presidente eleito completou para o funcionário paralisado, olhando a cinza espalhada no tapete:

— Fotografa e manda pro Maxwell. Diz que é uma lembrancinha do presidente... Cada um contribui como pode, né?

A gargalhada foi geral entre os presentes – reunidos para iniciar a montagem do novo governo. O encontro ocupava duas espaçosas dependências do Maxwell Plaza em São Paulo: um salão de convenções, para o presidente e seu estado-maior, e uma sala de reuniões para aqueles que seriam chamados aos poucos para conversar com a cúpula.

A imprensa tinha sido informada de que a reunião aconteceria no comitê do partido – e estava lá esperando sentada.

Era preciso despistar os jornalistas para conter as especulações sobre o novo ministério: cada ser humano que fosse avistado pelos repórteres chegando ou saindo de uma reunião daquelas viraria imediatamente ministro. O hotel de um inimigo político do presidente eleito era, portanto, o local mais seguro.

E era uma demonstração de força. Alugar aqueles dois salões por um dia inteiro era coisa para convenção de multinacional – e foi exatamente assim que o espaço foi reservado: em nome de um *board* da Microsoft, com pagamento adiantado (o que suavizou as checagens). A informação só foi corrigida na hora do evento, para evitar vazamentos – e para impedir que Bob Maxwell mandasse recusar a reserva. Era também, portanto, uma provocação.

Além da saia justa com a gerência do hotel, havia um ligeiro mal-

estar na equipe política. O assessor de imprensa da campanha e futuro porta-voz do governo, Alex Sander, aproveitou as risadas gerais após a piada do charuto para um conchavo com o futuro chefe de gabinete, George Carmelo – o Sombra. Como indicava o apelido, Carmelo sabia cada passo do presidente eleito e filtrava em sua agenda os riscos de armadilha ou gafe.

Sander estava incomodado com a presença do tesoureiro do partido numa reunião de montagem de governo.

— Não tô entendendo o Galdino aqui — sussurrou o assessor de imprensa, a uma distância que fez o hálito do cafezinho chegar a Carmelo antes das palavras.

Sombra devolveu em hálito de pastilha Valda, como convém a um profissional do conchavo:

— Sander, o Galdino não tá aqui. Nem você. Nem eu. Quem tá aqui é um grupo de executivos da Microsoft. Se alguém afirmar o contrário, eu nego.

Foi então surpreendido por uma voz atrás de si.

— Nega o quê, Carmelo? O governo nem começou, o que você já tá negando?

Era o deputado João Juvenal, que vinha voltando do banheiro. Mentor da candidatura presidencial e homem forte da campanha, Juvenal estava garantido na chefia da Casa Civil. Ia ser o principal ministro do governo e era o mandachuva do partido – portanto, o responsável pela presença do tesoureiro Galdino na reunião.

Carmelo tentou despistar, gaiato:

— Pô, Juvenal. Eu que sou o Sombra e você que fica aí me escoltando?

O deputado não riu:

— Tavam falando de quê?

Carmelo conhecia o estilo centralizador de Juvenal, sempre querendo controlar tudo. E, geralmente, conseguindo. Ainda estavam de pé na entrada do salão, rodeando uma mesa de comes e bebes antes de passar à mesa de reunião. Dava para ser casual:

— Nada de mais, meu ministro. Jogando conversa fora aqui com o nosso homem de imprensa. O abacaxi que ele vai pegar... Lembrei do caso Monica Lewinsky, daí surgiu essa história de negar.

A expressão de João Juvenal continuava dura, então Carmelo foi

em frente:

— O porta-voz do Clinton, coitado, cansou de jurar pro mundo que não houve o boquete presidencial... E hoje isso é uma das poucas certezas da humanidade! Nem a mulher do porta-voz deve acreditar mais na cara de sinceridade dele!

Nem a mulher do Sombra acreditaria na sua risada, mesmo ele não tendo mulher. Riu sozinho, parou de rir e, na falta de outra coisa para dizer, sugeriu que tomassem seus assentos à grande mesa. Juvenal se dirigiu ao futuro porta-voz, sem tirar os olhos de George Carmelo:

— Companheiro Alex Sander: a nossa diferença pro Clinton, fora o que ele fazia com o charuto dele, é que a gente fala a verdade.

Enquanto os novos comandantes do país tomavam seus lugares, a sala reservada aos visitantes já estava cheia: políticos, líderes de movimentos sociais, acadêmicos – e os assessores dos personagens mais graúdos, encarregados de programar a aterrissagem dos seus chefes no momento certo. O falatório refletia a excitação com a conjuntura inédita: quem estava ali era porque de alguma forma ia estar no topo das mudanças.

Nas primeiras horas o movimento na sala anexa do Maxwell Plaza foi intenso. Chegava um senador apressado, que cruzava com um empresário animado – abraços e tapinhas nas costas estalando entre saudações e risadas, no balé cinzento dos ternos e gravatas.

À tarde, a atmosfera foi amainando. Até que, com a chamada para o salão principal da diretoria da Central Nacional dos Trabalhadores, a sala virou uma geladeira: os dois visitantes que sobraram olhavam para o telefone, para a parede e para o teto – menos um para o outro, disfarçando o constrangimento de serem os campeões do chá de cadeira.

Ou pior: ainda faltava definir o campeão e o vice.

— Os últimos serão os primeiros! — tentou descontraír o mais jovem, quebrando meia hora de silêncio sepulcral.

O mais velho respondeu com meio sorriso amarelo, encarando com firmeza a parede oposta.

Ele tinha seus cinquenta anos, era corpulento e meio calvo, e usava terno, gravata e relógio de ouro. O mais jovem, que ainda não chegara aos quarenta, vestia um paletó surrado sem gravata, com

cabelos encaracolados que pareciam penteados pelo vento, e devia ter metade da massa corpórea do colega de geladeira. Tirou um notebook da mochila igualmente surrada, deu uma olhada no noticiário sobre a vitória da esquerda e tentou mais uma:

— Que momento histórico, hein?

— É.

O esforço para emitir aquela resposta entre os dentes pareceu ter estressado o mais velho, que a partir daí passou a bufar a cada meio minuto – o tempo médio entre cada olhada para o relógio de ouro.

Após cinco horas de reunião, a equipe do presidente eleito começava a se remexer nas cadeiras. O cansaço realçava a amplidão do ambiente: contando a mesa em U, mais as cadeiras laterais, o salão comportava cinquenta pessoas sentadas – e estava ocupado por menos de uma dúzia.

Os militantes progressistas estavam fartos de comitês e palanques apertados: com o poder finalmente nas mãos, queriam espaço. Eleitos pelo povo, precisavam agora dos melhores meios para defendê-lo – e foi pensando nisso que a deputada Maria Rosa mandou servir uma garrafa de vinho Romanée Conti aos presentes.

O Sombra passara um bilhete a Maria Rosa meia hora antes, observando: “O Guia está cansado”. Essa era a forma como os companheiros do POP (Partido da Opção Popular) se referiam ao líder maior – e uma homenagem irreverente ao seu passado de caminhoneiro. Sabendo que o Guia era fã do refinado tinto francês, um dos mais caros do mundo, a deputada armou o gol de placa – para irrigar a reta final da reunião exaustiva e sua candidatura a ministra dos Direitos Humanos.

Mas o presidente eleito mandou recolher a garrafa de vinho, já perguntando quem tinha cometido aquela insanidade. Após alguns segundos desejando não ter nascido, a humanista Maria Rosa achou melhor dizer qualquer coisa para descontraír o ambiente (e disfarçar sua autoria):

— Ah, presidente... Não sejamos tão sisudos! Vamos mostrar aos conservadores que o poder também é feito de alegria.

Agora sua situação tinha piorado um pouco. Foi cortada pelo chefe, que ainda não tinha sido tão contundente em cinco horas de reunião:

— Deputada Maria Rosa, isso aqui é uma reunião de trabalho. É uma reunião para a montagem do novo governo da República, um governo que o povo espera há cinco séculos. Se o povo esperou cinco séculos para se libertar, deputada Maria Rosa, nós podemos esperar algumas horas para tomar o seu vinho.

Vendo a sua vaga no ministério subir no telhado, Rosa começou a explicar ao presidente eleito que ele não tinha compreendido sua intenção, mas foi cortada por George Carmelo:

— Em nome da objetividade, senhores, vamos definir a pauta final da reunião.

Até então, a contribuição mais notada de Galdino ao encontro de cúpula tinha sido a fumaça do seu charuto – que a gerência do hotel tentou barrar, mas acabou barrada pelos argumentos singelos do tesoureiro (“se multarem, eu pago; se fecharem, eu abro”). Respondendo ao Sombra – e assim ajudando-o também a calar Maria Rosa, que ainda tentava se explicar –, Galdino propôs encerrarem as audiências com os visitantes: informariam aos remanescentes que seriam recebidos em outro momento, e assim poderiam partir para as conclusões.

O Guia fez menção de aprovar, mas o deputado João Juvenal, contrariado, intercedeu:

— Espera aí. Vamos primeiro ver quem ainda tá lá fora. Lê a lista aí, Carmelo.

O Sombra checou a lista da sala ao lado e disse que restavam seis nomes – sendo alertado pela secretária que dois deles não tinham podido comparecer e outros dois não tinham podido esperar.

— Bom, os que ainda estão aí são Marivaldo Valadares, que eu sinceramente não estou lembrando quem é, e o dr. Luiz de Carvalho. Mais ninguém.

O presidente eleito quis saber quem era o doutor. Carmelo disse que era um empresário conhecido deles, do setor de jogos.

— Porra, é o Luizinho! – concluiu o deputado. – Que cerimônia com o Luizinho, Carmelo.

Galdino perguntou que Luizinho era aquele, sempre movido por seu objetivo maior de encerrar a reunião.

— Ué, Galdino. O Luizinho Sete-Quedas! – completou Juvenal, impaciente.

— Ah, o bicheiro — localizou o Guia.

— Bem... Ele se apresenta como empresário. Já até processou jornalista por causa desse negócio de bicheiro — informou o cacique do POP. — Um jornal passou a se referir a ele como “empresário da contravenção”, aí não teve problema.

Luizinho Sete-Quedas se movia pelo universo partidário numa camada em que os políticos mais ou menos sérios não queriam botar a mão. Ele servia para isso. Em sua rede que conectava doleiros, caçaníqueis, loterias e prefeituras, não entrava tráfico de drogas – só a máxima de Pablo Escobar: lavagem de dinheiro é mau negócio; o sujo rende mais.

Assim Sete-Quedas ia formando seu belo caixa subterrâneo e surgia como arrecadador providencial para candidatos e partidos. Aí, nada de sujeira: apresentava-se como um parceiro impecável, fluente, pontual. Enfim, um legítimo empresário da contravenção.

O Partido da Opção Popular crescera atacando as elites corruptas, e era formado principalmente por trabalhadores que viviam muitos andares abaixo da linha das negociatas. Também reunia professores e intelectuais que explicavam a origem da corrupção: o egoísmo burguês compelia as classes dominantes a fraudar o Estado e se apropriar do bem coletivo.

Quando o POP ganhou suas primeiras prefeituras, se impressionou com a realidade de ter um orçamento público nas mãos: era muito dinheiro. Descobriu que o Estado era rico e o povo era pobre. O partido tinha a missão de fazer a redistribuição urgente. Como?

Foi aí que Luizinho Sete-Quedas apareceu na vida de João Juvenal.

Contornando o cansaço dos companheiros, Juvenal convenceu-os a estenderem o teto da reunião, encaixando uma última audiência. Batido o martelo, o Sombra foi pessoalmente à outra sala buscar o visitante.

Quando a porta se abriu e surgiu Carmelo, Luizinho Sete-Quedas substituiu a bufada por uma frase inteira (“porra, até que enfim”) e foi se levantando. O assessor do presidente eleito agradeceu aos dois por terem esperado e explicou que, infelizmente, só haveria tempo para mais uma audiência. Sete-Quedas já se encaminhava para a porta quando o Sombra completou a mensagem:

— Sr. Marivaldo, queira me acompanhar, por favor. Dr. Luizinho, entraremos em contato para marcar nova audiência. Peço-lhe desculpas, em nome de toda a equipe de governo. Boa tarde.

## A gente vai destravar o dinheiro

Marivaldo apanhou sua mochila e passou por Sete-Quedas mais encolhido do que já era, quase pedindo desculpas também. O empresário da contravenção rugiu que aquilo era obviamente um engano, mas Carmelo retrucou, com sua firmeza serena de escoteiro, que não havia engano algum.

Minutos antes, o presidente eleito interrompera a explicação do deputado Juvenal sobre Luizinho Sete-Quedas para informar: não queria aquele tipo de parceiro no governo. Estava se referindo aos métodos do bicheiro, que jogava bruto e tinha até cadáver de prefeito nas costas – detalhe que o Sombra sempre recomendava não mencionar, já que a vítima era do partido.

Juvenal não só concordava com o Guia como surpreendeu a todos ao esclarecer que era o outro nome – o tal Marivaldo – que lhe interessava naquele momento. Disse que ele tinha sido muito bem recomendado e convenceu a todos que não deveriam deixar de ouvi-lo.

Enquanto Marivaldo adentrava o salão, João Juvenal pediu licença para atender o celular. Era o campeão do chá de cadeira, Sete-Quedas, cuspidando fogo.

Já começou a conversa com um “que porra é essa” – e aí foi o seu erro: não estava mais falando com seu amigo deputado, mas com o futuro ministro-chefe da Casa Civil. A reação tranquila de JJ desnortou o bicheiro. Dizendo que precisava desligar, o chefe do partido atirou a boia ao naufrago:

— Luizinho, querido, os tempos são outros. Mas nós temos uma história, e você vai saber encontrar o seu lugar no barco.

A figura retraída e nada imponente de Marivaldo Valadares provocou uma imediata onda de bocejos. Uma foto da cena daria a certeza de se tratar de um coral cantando a sua nota mais aguda – sendo Galdino o primeiro tenor.

Juvenal procurou virar o jogo com uma saudação efusiva (“Valadares é um grande publicitário!”), mas Maria Rosa rebateu, tentando capitalizar o desânimo geral e dar uma dentro com o

presidente:

— Desculpe, deputado Juvenal, mas a discussão de comunicação e mídia não está na pauta. Acredito que o publicitário possa ser atendido posteriormente pelo companheiro Alex Sander.

Juvenal devolveu de voleio:

— Deputada, em primeiro lugar peço consideração com o nosso convidado, que está aguardando essa audiência há horas e não merece ouvir, diante de todos, que a companheira não deseja entrevistá-lo.

Aí o encolhimento de Marivaldo já quase permitia que ele se escondesse na mochila. O deputado prosseguiu:

— Em segundo lugar, Marivaldo Valadares não veio nos falar de comunicação. É um homem que conhece a administração federal nos seus meandros, possivelmente como nenhum de nós aqui. Um gestor.

George Carmelo não esperou para ver se Maria Rosa iria retrucar. Usou suas prerrogativas de condutor do protocolo, passando a palavra ao convidado.

Em total contradição com seu estilo nerd tatu-bola, Marivaldo levantou-se da cadeira onde estava, deu a volta e entrou no vão central da mesa em U, postando-se de pé diante do presidente eleito. Agradeceu a oportunidade, parabenizou o Guia pela vitória, confirmou que “rodou muito na máquina federal” porque foi funcionário público e que hoje estava ali para ajudar “como consultor”.

Desculpou-se por falar baixo, dizendo que era por ser mineiro, mas suas primeiras palavras estalaram nos ouvidos sonolentos de Galdino com a força de mil Pavarottis:

— Gente, é o seguinte: orçamento da União? Esquece. É quase um dinheiro que não existe, de tão amarrado. Tem que fazer o dinheiro andar.

Não havia mais ninguém bocejando. O publicitário prosseguiu:

— E pra fazer o dinheiro andar... Bom, aí tem que ser criativo. Infelizmente, pelos caminhos normais, a verba empaca, não vai estar nunca na sua mão. O presidente vira um pedinte, quase um mendigo!

Marivaldo riu ligeiramente da imagem que usou – e um observador atento notaria todos os presentes descongelando a respiração ao mesmo tempo. O coral tomava fôlego para acompanhar

o solo do tatu-bola. Como crianças de olho grudado no mágico, queriam ver como se fazia “o dinheiro andar”.

E lá foi ele murmurando sua tomografia orçamentária do aparelho estatal: entrava pela Receita, passava pelo Tesouro, ia até um ministério, dava uma voltinha num banco público, uma paradinha no Congresso Nacional. Muita carta marcada, muito sangue viciado, pouco sangue bom – ia diagnosticando o publicitário amarrotado. Era preciso montar “operações inteligentes” para tirar o dinheiro do seu labirinto oficial e colocá-lo “vivo” nas mãos do governante:

— O presidente tem que ter autonomia, senão acaba algemado... Quer dizer, algemado no bom sentido, né?

Marivaldo deu seu risinho de novo, agora em meio ao constrangimento geral com a sua gracinha sem noção. O presidente eleito soltou uma de suas tiradas dúbias, que poderiam ser de aprovação ou reprovação:

— Bom, pelo visto temos aqui um malabarista...

No embalo, o ex-sonolento Galdino, que agora parecia ter tomado um balde de anfetamina, empunhou o seu pragmatismo:

— Que “operações inteligentes” são essas?

Falando cada vez mais baixo, Marivaldo Valadares disse que havia muito a fazer com os modelos de contrato existentes na administração federal “se você souber lidar com as pessoas certas”. Resposta de malabarista.

Tradução: ele não estava ali para mostrar que tinha o GPS, mas para alugá-lo ao novo governo. Ninguém disse nada, mas o publicitário consultor deve ter lido nos olhares que estava contratado, porque começou a falar em primeira pessoa:

— Não tem mistério. A gente vai destravar o dinheiro. Tem que ter paciência, experimentar um gatilho aqui, outro ali, pra ir dando uma enganada no sistema.

— Este governo não vai enganar ninguém! — interrompeu a deputada Maria Rosa, indignada. — Sr. Marivaldo, saiba que o povo colocou a esquerda no poder justamente porque não aguenta mais ser enganado. Somos um partido progressista. Nosso idioma é outro.

Dessa vez Maria Rosa não foi desautorizada por ninguém. Nem houve tempo, porque o malabarista já partiu para a unificação dos idiomas:

— Imagina, deputada! Enganar que eu digo é enganar a burocracia. A *burrocracia*! — sorriu, orgulhoso do trocadilho.

A ministeriável ia objetar de novo, mas veio a explicação:

— O sistema é burro, deputada. E a senhora já deve ter notado que a burrice é uma coisa sólida, não adianta trombar com ela.

Galdino notou Juvenal contendo uma ameaça de sorriso.

— Eu diria até que a vocação da burrice é pedir para ser enganada — filosofou o consultor. — Então, vamos fazer a vontade dela! Até porque, deputada, se a gente não engana a burrice, ela esgana a gente...

O olhar de Maria Rosa rodopiou pelo salão, como se procurasse as palavras nas paredes – mas infelizmente elas estavam em branco. Galdino inclinou-se, brindando João Juvenal com seu bafo de charuto:

— Esse cara é gênio.

JJ pediu ao visitante que falasse um pouco sobre a sua empresa. A essa altura, o deputado sabia que o jogo estava ganho: conhecia o Guia quase por telepatia, e não tinha dúvidas de que ele gostara de Marivaldo. Ainda assim o expositor prosseguiu, com o esclarecimento de que não possuía uma empresa, mas três – duas de publicidade e uma de consultoria. Salvo engano, o nerd tatu era uma potência.

Terminada a audiência, o Sombra fez menção de levar Marivaldo até a porta, mas Juvenal se antecipou. Caminhou com o visitante até o hall do hotel e lhe disse que não fosse embora:

— Me espera na sala dos visitantes. Não vou demorar.

Com o regresso do deputado JJ à sala, Carmelo apenas confirmou a data da reunião seguinte e declarou encerrada a sessão. Todos já começavam a se levantar, quando Maria Rosa pediu a palavra. Dessa vez, era para informar que precisaria se ausentar por uma semana. Motivo de saúde. O presidente perguntou-lhe se estava tudo bem e ela o tranquilizou: mamografia e mais um par de exames – rotina.

Juvenal aproveitou para comunicar que também precisaria se ausentar por uma semana. Motivo de saúde. Foi logo esclarecendo que se tratava apenas de um checkup. O Guia não gostou muito, inclusive por saber que o deputado fizera um checkup completo logo antes das eleições:

— Que isso agora? Uma epidemia de exames?

Meio sem jeito, JJ explicou que era mais por precaução do seu médico, enquanto Galdino soltava suas brumas no ouvido de Carmelo:

— Pelo visto estamos entrando na semana da lanternagem.

O escoteiro não entendeu, e o tesoureiro tentou ser mais claro:

— Momento do botox, Carmelo.

Quando Juvenal chegou à sala onde estava Marivaldo, encontrou-o dormindo.

Depois de mais de seis horas de tensão, no dia mais importante da sua vida, o publicitário caiu no sono sentado mesmo. Agora estava sendo despertado pelo futuro ministro-chefe da Casa Civil, pelo futuro chefe de gabinete da Presidência da República e pelo tesoureiro do partido governante. Quando deu por si, diante daquela comissão de notáveis acordando-o delicadamente, só desejou que sua mãe estivesse vendo a cena.

George Carmelo tratou de deixá-lo à vontade – claro que era normal cochilar depois de uma maratona daquelas. Galdino se refestelou numa das confortáveis cadeiras do Maxwell Plaza e tacou fogo no charuto, para empestear um pouco mais o ambiente impecável.

— A gente tem que reconhecer: o Max cuida bem dessa porra aqui — elogiou o tesoureiro, abreviando o sobrenome para diminuir um pouquinho o gigante da hotelaria.

— Falar em Max — emendou Juvenal, lembrando que estava em território inimigo —, quero uma varredura na situação fiscal dele no primeiro dia de governo, hein, Carmelo?

— Pode deixar, a Receita vai fazer uma busca caprichada nas declarações dele.

— Não quero que busque, quero que encontre.

Carmelo anotou alguma coisa em sua cadernetinha – o que sempre fazia quando queria mostrar aos chefes que a providência seria tomada. Uma coreografia. JJ aproveitou e desdobrou a tarefa:

— Ah, e anota aí pro Sander plantar uma notinha sobre isso com o Konder.

O escoteiro sabia que se tratava do jornalista da *Tribuna do Poder*, um dos jornais mais influentes do país, mas gostava de parecer

meticuloso:

- O Konder da *Tribuna*?
- É, o Villa Konder. Ele é nosso.

O estilo caubói de João Juvenal na emboscada fiscal contra Bob Maxwell – herança dos tempos radicais de líder bancário – chamou a atenção de Marivaldo, que pediu e recebeu autorização para opinar:

- Desculpe, ministro. Acho que não precisa disso.

O deputado estranhou:

- Ué, Marivaldo. Não sabia que você tinha pena de empresário.
- Não, excelência. Só acho que tem coisa mais interessante pra fazer com um cara grande desses. Vou ver com meu pessoal no Banco de Fomento como dar uma cutucada nesse mercado. Capitalista não quer concorrência? Vamos montar uma caprichada aí pro Mad Max. Nessa terra, meu ministro, o governo só não faz chover.

Aquilo era música para os ouvidos da cúpula do POP – e, de sobremesa, ouvir o poderoso Bob Maxwell ser chamado de Mad Max não tinha preço. Juvenal retivera o publicitário no hotel só para um cumprimento final em *petit comité*, mas aquele apelido valera o dia inteiro.

Tudo calculado: o malabarista aproveitou os ouvidos amaciados e enfiou na conversa “um humilde pedido pessoal”. Explicou que, no seu trabalho de destravar o dinheiro estatal, a parceria com organizações não governamentais era essencial.

“A ONG é a vaselina do orçamento público”, declamou o consultor, dizendo que achava aquela tirada genial, por acaso de autoria dele mesmo.

Ninguém entendeu muito bem, mas todos riram, porque já estavam rindo de tudo. E o pedido de Marivaldo Valadares foi aceito: ele poderia indicar a ONG com a qual iniciaria seu projeto com o governo.

No que recebeu o ok, pediu licença para ir ao toalete, teclou no celular, foi para um canto do lobby e anunciou ao interlocutor:

- Beto Leal, te prepara que tu vai crescer. Muito.

## Quem é o monstro?

Alvoroço no bar. Luana estava caída entre as mesas, aos pés de Beto Leal. Desmaiada. Sem conseguir reanimá-la, um garçom ergueu-a do chão e recolocou-a na cadeira, enquanto um filete de sangue escorria-lhe pelo rosto. Um policial se aproximou, mandando os curiosos recuarem. Tomou o pulso de Luana. Ela começou a voltar a si.

Uma vizinha de mesa ofereceu um copo d'água. O garçom tentava estancar o sangue com um guardanapo e uma pedra de gelo. O PM começou a interrogá-la. Beto Leal cortou:

— Espera aí, meu caro! Ela mal abriu os olhos... Deixa a garota respirar.

O policial não gostou de ser desautorizado, e menos ainda de ser chamado de “meu caro”:

— Quem é você?

— Não importa quem sou eu — rebateu Beto, irritado com a prepotência policial.

— Pra mim importa, sim, senhor! Tem um acidente com vítima ferida e por enquanto o senhor é suspeito. Inclusive por tentar dificultar a averiguação dos fatos.

Beto esbravejou que aquilo era um absurdo, um abuso de autoridade, que ele era professor de mestrado de Luana e estava só tomando um chope com ela – mas o PM não quis saber:

— Você eu interrogo depois. Dá licença que vou conversar com a vítima — e virou-se para Luana. — Então, moça: o que se passou aqui?

Ainda muito tonta e meio fora do ar, Luana balbuciou:

— Um monstro... Um monstro...

Confuso, o policial perguntou quem era um monstro, mas não obteve resposta. Perdeu a paciência, certo de que estava diante de uma briga de casal, e deu o interrogatório por encerrado:

— Todo mundo pra viatura.

Orientou outro PM que se aproximara a conduzir Beto Leal até o carro da polícia e pegou Luana, ainda grogue, no colo. Iriam todos

para uma emergência hospitalar e, assim que possível, para a delegacia.

Beto disse que aquilo era um equívoco e que o policial ia se arrepender do que estava fazendo. O policial disse que Beto ia se arrepender do que estava falando:

— O senhor estava detido só por suspeita de agressão. Agora também por desacato a autoridade.

Nesse momento, retornando à mesa do Baixo Gávea onde estava com Luana e Beto, Pedro levou um susto com a cena. Colega dela no mestrado, ele se afastara por alguns minutos por causa de outra cena insólita – mas de ciúmes, protagonizada por sua namorada: Clara achara que Pedro estava interessado em Luana, levantou-se da mesa e foi embora sozinha.

Pedro tinha ido atrás dela, tentando convencê-la de que era um mal-entendido, em vão.

No que viu Luana e Beto sendo colocados no carro da polícia, Pedro correu para pegar seu carro e segui-los. Ouviu o garçom cobrando a conta aos gritos, e gritou de volta sem olhar para trás:

— Desculpe, amigo, não dá tempo!

Pulou no carro e conseguiu alcançar a patrulha. Seguiu-a até a emergência do Miguel Couto. Teve então que tomar a difícil decisão de ligar ou não para Bob Maxwell.

Antes de brigar com o pai, Luana pedira a ele uma vaga para Pedro no escritório de advocacia que atendia o Grupo Maxwell. Pedro trabalhava lá havia seis meses quando a colega rompeu com a família e se mandou para o Rio, onde cursava o mestrado. Abandonou o flat em Ipanema bancado pelo pai – onde passava a semana, voltando às sextas-feiras para São Paulo – e foi morar provisoriamente no apartamento de Clara, em Botafogo.

Com um único pedido: que ela e o namorado não revelassem seu paradeiro a ninguém.

Agora ele via Luana ser levada pela polícia para uma emergência hospitalar, sem ter ideia do que estava se passando. Achou que estaria se omitindo se não informasse o dr. Maxwell. E procurou se convencer de que não seria uma quebra do acordo: estaria revelando o paradeiro momentâneo da colega, e não seu local de moradia.

Quando Pedro entrou na emergência, Luana ainda estava zozna e

nem notou a sua chegada. Após mantê-la por meia hora em repouso, o médico informou que não seria necessário costurar o ferimento na cabeça. Mas, como o corte atingia o couro cabeludo, convinha aparar o cabelo no local para facilitar o curativo e a cicatrização.

Os longos e bem cuidados cabelos castanhos-claros com mechas quase douradas (naturais) estavam agora na mira de uma tesoura cirúrgica.

Pedro teve certeza de que Luana não estava se dando conta do que iam fazer com seu cabelo. Pediu licença, dizendo que não achava o corte necessário – o ferimento afinal não era tão longo. O médico perguntou-lhe se era namorado dela. Pedro respondeu constrangido que não, e seu constrangimento aumentou com a reação de Luana:

— Pode cortar. Não tem problema, não. Corta quanto for preciso.

A princesa parecia mesmo decidida a renunciar.

O policial aproveitou para retomar o interrogatório, apesar de Luana estar ainda visivelmente atordoada:

— Então, minha senhora... Foi esse homem quem a agrediu no bar? — insistiu, apontando para Beto Leal.

Pedro continuava sem saber o que tinha acontecido e ficou chocado com a hipótese envolvendo seu professor. Luana balbuciou que não sabia.

— Bom, doutor: o senhor terminando aí o curativo eu vou conduzir o casal à delegacia — decretou o PM.

Esperou mais alguns minutos pela lucidez dela e voltou a pedir explicações sobre o tal “monstro”:

— Dona Luana, poderia descrever um pouco melhor o ocorrido?

Luana olhou para Beto e falou:

— Era horrível. Tinha uma cabeça pequena que parecia uma pinça de caranguejo, e um casco cheio de pelos. As patas eram finas e cabeludas que nem uma aranha. Não me lembro bem, seu guarda...

O policial olhou para o médico, que olhou para o policial. O homem da lei deu um suspiro, ajeitou a cartucheira e puxou o médico para um canto da sala:

— Puta que pariu, mais uma bêbada. Dá um Engov pra ela. Pra mim tá encerrado.

O PM se mandou sem cumprimentar ninguém. Aliviado, Beto deu um beijo no rosto de Luana:

— Tá tudo bem. Você teve uma alucinação. Acontece.

Ela segurou o rosto dele e retribuiu o beijo. Pedro desfez o clima:

— Acontece? Como assim, uma alucinação “acontece”?! Não é assim, não. Tem que examinar direito.

Foi interrompido por gritos na entrada da emergência. Era Bob Maxwell, perguntando onde estava sua filha. Cerca de uma hora depois de avisado, o magnata cobrira a ponte aérea com seu jatinho e estava diante do leito de Luana. Ela fuzilou Pedro com o olhar: traidor.

Pai e filha não se viam desde o dia da eleição, e o novo governo já estava empossado havia mais de mês. Ela cumprira a promessa de sumir sem deixar pistas. Até ser “delatada” pelo colega.

O barão da hotelaria foi para cima do médico de plantão – para saber o que Luana tinha e para evitar abordá-la diretamente. Sabia que poderia ser rechaçado. Acuado diante daquela figura grande e aristocrática, que contrastava com o cenário local, o plantonista começou a dizer, gaguejando, que tinha sido só um tombo – mas foi cortado por Luana:

— Tá tudo bem, pai. Não precisa se preocupar.

Emocionado com o tom amistoso da filha, Maxwell foi até a beira da cama. Deu-lhe as mãos, fazendo a “concha térmica” que inventara na infância dela. Pedro aproveitou para se aproximar. Despediu-se e disse que fizera o que fizera pensando nela. Ela disse que entendia – sendo, como sempre, justa. Mas fria.

— Bom, filha, agora vamos pra uma clínica ver direito esse machucado e fazer uma boa avaliação geral.

— Não vou com você pra lugar nenhum, pai. Estou sendo muito bem atendida aqui.

Bob Maxwell olhou para o jovem plantonista suando em seu jaleco puído e para o esparadrapo na testa da filha já descolando:

— Não está, não, Luana. Você sabe que não está. Beto Leal entrou na conversa:

— Bem, é como a maioria do povo é atendida...

Maxwell mal tinha notado a presença de Beto, e respondeu sem olhar para ele:

— É lamentável que seja assim. Mas só um hipócrita abriria mão de um atendimento melhor para ser cobaia da calamidade pública.

— É por esse tipo de atitude que as coisas não mudam... – fustigou o professor.

O empresário não gostou, e subiu ligeiramente o tom:

— Não é por isso, não. É porque o país é governado por gente inepta. Ou, mais precisamente, vagabunda.

— Era. Agora essa emergência vai ser um lugar digno, se ninguém atrapalhar...

A indireta foi devolvida por Maxwell ao seu estilo:

— Luana, nem chegamos a nos apresentar. Quem é esse seu amigo?

— Esse é o melhor professor do mestrado e um advogado pioneiro na área de responsabilidade social. Beto, você me leva pra casa?

Em duas frases, Luana decretava a vitória inapelável do professor sobre o pai – que estava sutilmente convidado a sair de cena.

Beto Leal não economizou gentileza para dizer que, claro, com o maior prazer, a levaria para casa. Ela agradeceu e foi amarrando as sandálias, sem olhar mais para o pai.

O silêncio que tomou a sala da emergência foi quebrado pelo toque do telefone de Beto, que pediu licença para atender.

Era Marivaldo Valadares. O publicitário-consultor que caíra nas graças do novo governo estava mais frenético que o habitual. Nem disse alô: foi logo avisando que Beto Leal precisava ir ao seu encontro imediatamente.

Beto respondeu que iria resolver um assunto rápido antes e o encontraria em meia hora. Marivaldo não quis saber:

— Não dá! Para tudo, vem pra cá.

Desligou sem esperar a resposta.

Vendo seu professor colocar de volta o celular no bolso, Luana sorriu:

— Tô pronta, Beto. Vamos.

## Língua presa, mão mole

Beto Leal tinha se tornado uma pessoa importante na vida de Marivaldo Valadares. E a recíproca não era verdadeira.

Beto se divertia com o estilo de Marivaldo, ou com a falta de estilo – enfim, com a esquisitice da figura. Gostava dele de graça. Os dois se conheceram num MBA, ambos aos trinta e oito anos e interessados em se aprimorar na área de governança – o advogado no setor não governamental e o publicitário no governamental. Beto acabara de criar uma ONG de assistência social. Sonhava largar o escritório de advocacia e viver dela.

A primeira vez em que conversaram foi ao fim de uma aula difícil, na qual Marivaldo tinha se destacado com intervenções inteligentes – sempre em voz baixa e com a língua presa nos “s” e “r”. Beto foi ao encontro do nerd no corredor e puxou assunto sobre parcerias público-privadas, um dos temas em que ele tinha brilhado.

Aí teve uma impressão estranha: pareceu-lhe que agora Marivaldo estava pronunciando “parceria” de forma diferente, sem a língua presa. Ao confirmar a impressão, perguntou na lata:

— Cara, você tem ou não tem a língua presa?

O nerd tímido e feioso se encolheu com a pergunta do colega extrovertido e bonitão, mas respondeu: tinha, de fato, a língua presa – e disse isso prendendo tanto o “r” quanto o “s” de “presa”.

Intrigado, Beto insistiu, apertou, fustigou e acabou chegando à incrível verdade: Marivaldo prendia a língua de propósito. Era para imitar a fala de líderes partidários que estavam em alta na política nacional.

— Porra, Marivaldo! Você é o primeiro caso na história da fonoaudiologia de língua presa voluntária!

A gargalhada de Beto contagiou o nerd, desarmado pela falta de cerimônia do colega – que prometeu não denunciar a ninguém o seu golpe estilístico.

De vez em quando o advogado jogava no ar uma pergunta cabeluda, só para ver o raciocínio-relâmpago do publicitário em ação. Numa dessas, já mais para o fim do curso, Beto provocou

dizendo que “ninguém sabe” quanto custaria ao contribuinte o financiamento público das campanhas eleitorais.

Marivaldo, como sempre, não resistiu ao desafio, montou uma equação de cabeça e soltou a estimativa em dois minutos.

Beto estava, na verdade, precisando daquele parâmetro para um estudo da sua ONG, e aí fez outra pergunta ao amigo:

— Cara, você tá consciente de que acaba de ser submetido a um trabalho escravo?

— Totalmente. Pra você, tirando a parte das chibatadas, tá valendo...

Aquilo parecia uma declaração de gratidão – e era. Beto Leal mudara a vida de Marivaldo.

O advogado transformara o publicitário num ex-solitário. Com seu carisma, Beto virara uma espécie de embaixador de Marivaldo. Puxava-o para as rodas de conversa, iniciando sempre a apresentação com a mesma frase: “Esse cara é foda”. E, uma vez quebrada a barreira inicial da timidez, Valadares conseguia se impor com o show de variedades do seu computador mental.

O embaixador acabou conseguindo quebrar também o isolamento do amigo perante as mulheres – que era crônico. Como garoto-propaganda do amigo, Beto aproximou Marivaldo da vasta flora feminina que o cercava. Deu-lhe então um pequeno e crucial conselho:

— Olha, língua presa ainda vai. Mas mão mole não dá.

Além da moleza, Marivaldo estava sempre com as mãos frias e suadas – ou seja, apertar sua mão era como cumprimentar um réptil.

Entre outros notáveis progressos, o choque diplomático permitiu que ele se aproximasse de uma colega do MBA por quem se apaixonara platonicamente, como é peculiar aos tímidos. Beto levou Marivaldo praticamente à beira da cama com a moça.

No dia seguinte à conquista, Valadares quase se ajoelhou diante do colega. Mas fez uma confissão:

— Fiquei preocupado com a sua solidariedade. No fim, já tava achando que você ia comer ela pra mim.

Beto Leal produziu também o segundo encontro do nerd com sua princesa. Organizou uma programação com jantar, show e boate para dois casais – ele ia com a beldade da vez (seu rodízio era grande).

No horário marcado, Beto chegou com sua gata ao restaurante e ficou esperando Marivaldo, que não apareceu.

Quando finalmente conseguiu contato, no dia seguinte, o advogado mal reconheceu a voz de túbulo do colega. Ele tinha levado um fora da sua deusa. Ávido pela presa, Marivaldo não quis esperar jantar, show e boate para chegar ao que interessava – e propôs a ela irem direto para um motel, às oito da noite. A moça alegou cólicas súbitas e cancelou o programa.

— Eu só quis ser pragmático — justificou-se o amante.

— Claro — respondeu o conselheiro. — A culpa é dela, que confundiu o seu pragmatismo com selvageria.

Mesmo com os acidentes de trabalho, o grande resultado daquele MBA para Marivaldo Valadares foi sair da concha. Graças a Beto.

Depois dali, o advogado foi tocar sua ONG e o publicitário foi assessorar políticos, fazendo os dinheiros andarem. Aprimorou sua tecnologia e chegou ao topo: agora ia trabalhar para a Presidência da República. Tinha chegado a hora de Marivaldo mudar a vida de Beto Leal.

## De burca no bar

Luana estava refeita e pronta para sair do hospital com Beto, que prometera levá-la para casa. Era mais que uma gentileza dele: havia um encantamento mútuo no ar. Mas havia também o chamado urgente de Marivaldo. O professor se dirigiu carinhosamente à aluna:

— Que bom ver você recuperada, Luana. Fico mais tranquilo, porque apareceu uma emergência que eu vou ter que resolver...

Luana ficou sem ação. Foi Maxwell quem ressuscitou na conversa:

— Você está dizendo que não vai mais levar minha filha em casa? É isso?

Beto tentou dizer algo, mas não saiu nada. Teve que ouvir o oponente:

— Mas o que seria uma emergência para um professor a esta hora da noite? Corrigir uma prova?

Beto respondeu que lamentava o preconceito do empresário com a categoria dos professores, típico de uma elite que não valoriza a educação. Maxwell devolveu que ele poderia guardar o comício para seus alunos inocentes. Concentrados na troca de farpas, não notaram Luana se afastando. Quando se deram conta, ela já não estava mais na sala.

Correram para a saída do hospital e a encontraram na calçada. Quando os viu chegando, Luana pulou dentro do primeiro ônibus que avistou. Não fez questão de olhar para trás e ver o quadro patético do pai e do professor a sós no meio da rua.

A chegada em casa não ia ser fácil. Luana estava morando de favor com Pedro e Clara desde que rompera com a família. Prometia contribuir assim que arranjasse trabalho. O apartamento era alugado por Clara, que ganhava um salário pouco mais que decente como jornalista. Pedro tinha praticamente se mudado para lá, desde que o namoro deles começara a querer virar casamento. Mas o quase casamento tinha estremecido naquela noite por causa de Luana.

Ela tinha tido a ideia, junto com Pedro, de convidar Beto Leal, professor de ambos no mestrado, para um chope. A aula dele era diferente, cheia de pinceladas filosóficas. Denunciava o exercício da

advocacia como forma de dominação social, entre outras críticas ao sistema – e tudo o que Luana queria ouvir era alguém detonando o mundo burguês, que a sufocava.

Beto pregava a liberdade, tinha fundado uma ONG e era um sedutor.

No bar, logo ficou claro que o fascínio dela pelo professor era mais do que intelectual. Até a segunda rodada de chope, Luana não dera uma palavra, encantada com as palavras de Beto; Pedro não dera uma palavra, incomodado com o encantamento de Luana; e Clara também não dera uma palavra, incomodada com o incômodo de Pedro.

Aí o telefone do professor tocou. Ele pediu licença para atender, levantou-se e a mesa ficou muda.

Pedro quebrou o silêncio como se fosse um crítico teatral depois do primeiro ato:

— Professor bicho-grilo que só fala de si. Mala.

— Fala isso pra ele — provocou Clara.

Pedro não respondeu à namorada e continuou falando mal de Beto. Não tinha tempo a perder: precisava convencer Luana de que o professor era um idiota antes que ele voltasse à mesa.

A colega não contestou as críticas de Pedro. Nem concordou. Parecia meio hipnotizada. E o professor voltou ao seu lugar, se desculpando pelo telefonema. Agora ele parecia disposto a fazer uma pausa no seu monólogo:

— Mas, então, Luana: por que afinal você rompeu com seus pais?

A aluna não respondeu de imediato. Fez-se um rápido silêncio, e foi o próprio Beto quem continuou falando:

— Desculpe, fui indiscreto. Mesa de bar é um perigo.

Pedro não desperdiçou a deixa:

— É... Mesa de bar é um perigo.

— Imagina! — interveio Luana. — Problema nenhum. Saí de casa porque fui parar sem querer num site sobre suicídio e me senti interessada.

Beto gargalhou com a explicação, mas teve que engolir a gargalhada. Ela estava falando sério. O professor se desculpou de novo. Luana foi adiante, suave e grave, como ela era:

— O pior não é você descobrir aos vinte e cinco anos que foi

criada num mundo onde ninguém fala a verdade. O pior é descobrir que todos nesse mundo pensam que estão falando a verdade.

O desabafo paralisou a mesa. Clara tentou relativizar a crítica, lembrando que Luana ainda estava magoada com a família. Beto sentiu que a única saída era empurrar o assunto adiante:

— Aí esse casal incrível te acolheu — descontraíu, reabrindo os sorrisos.

O professor elogiou a generosidade de Pedro e Clara, ao oferecer um teto à amiga, reiterou que eles formavam um casal legal e dirigiu-se a Luana:

— E você?

— Eu o quê?

— Com certeza também deve formar um casal legal... Seja qual for a outra metade.

O galanteio irritou Pedro:

— Luana namora um campeão.

Beto procurou manter a naturalidade ante o sinal vermelho:

— Ah, é? Campeão de quê? Se for de tênis, o futuro tá garantido.

Pedro fez menção de continuar seu trabalho de porta-voz, mas o professor atropelou com mais uma tese:

— Nunca entendi esse esporte milionário. O cara ficar rico jogando futebol dá pra entender, são bilhões de pessoas interessadas naquilo. Na Fórmula 1 é a grana da indústria automobilística. Mas enriquecer jogando tênis?! A elite adora inventar brinquedo caro.

Luana esperou Beto terminar a tese e respondeu meio encabulada por estar diante de um intelectual:

— Não, ele é lutador. Campeão de MMA. Meu pai promove esse tipo de competição.

Beto tentou parecer sério:

— Ah... Vale-tudo, né?

Ela tentou esclarecer que não valia tudo, mas não fazia diferença para o professor, que arrematou:

— Então quer dizer que, além de advogada, você deve ser uma boa adestradora!

Ninguém riu. Clara enfiou o rosto na tela do celular. Ele se retratou:

— Piada idiota. Desculpe.

— Tudo bem. A gente não tá junto.

Com essa informação crucial, o professor concluiu que se tratava de um ex-namorado. Teve seu ímpeto novamente contido por Pedro:

— Eles estão dando um tempo.

— É — emendou Luana. — Mas já deu.

Beto sacou rápido:

— Pois é, às vezes é bom a gente dar um tempo pra perceber que aquele tempo passou.

A filosofia do professor acendeu o melhor sorriso de Luana – que era raro e iluminava tudo. Sentindo que a tocara, ele propôs “um brinde ao novo tempo”. Todos os copos foram erguidos, sendo que o de Pedro não se encontrou com os dos demais. Já o olhar de Beto só encontrou o de Luana. E vice-versa.

O gole de chope estalou com a nova ideia do professor: os três jovens estavam convidados a conhecer sua ONG, a Resgate. Tratava-se de uma instituição voltada a projetos de resgate social – “que é o que eu quero fazer na vida”, explicou Beto Leal, orgulhoso da sua opção por abandonar a banca de advocacia onde trabalhava.

Luana estava impressionada com Beto, com o seu desprendimento do mundo convencional – aquele mesmo que a intoxicava. Replicou:

— Eu quero.

— Que ótimo! Sabia que você ia querer conhecer a Resgate.

— Não, eu não quero conhecer a Resgate. Eu quero trabalhar na Resgate. Também é o que eu quero fazer na vida.

A flechada de Luana desconcertou Beto. Pedro questionou o impulso da colega, sempre tão sensata:

— Luana, você nem sabe o que essa ONG faz...

Novo tiro n'água. O alerta só serviu de senha para nova dissertação do professor. Como exemplo do que a Resgate fazia, ele citou uma pesquisa revelando um número explosivo de mortes entre mulheres que abortam. E a ONG estava montando uma campanha pela legalização do aborto, em cima daqueles dados. Pedro achou o índice elevado e desconfiou da pesquisa.

— Pedro, esses números já foram apresentados na ONU — informou o professor.

— E daí? Muita bobagem já foi dita na ONU. Inclusive pela própria ONU — rebateu o aluno.

— Você tá sendo indelicado com o Beto — interveio Clara, cada vez mais certa de que seu namorado competia com o professor por causa de Luana.

Beto disse a Clara que não precisava se preocupar, debate democrático era assim mesmo. E continuou contando o que sua ONG fazia: acabara de sair do forno uma pesquisa revelando que, na opinião da maioria da população, mulheres que andam com pouca roupa merecem ser estupradas.

— O país é altamente machista e conservador — sentenciou Beto Leal. Pedro duvidou de novo do dado:

— Essa pesquisa foi feita onde? No Afeganistão?

Não esperou a resposta para afirmar que era impossível a maioria da população aceitar o estupro dessa forma:

— Meu caro, se a moral daqui fosse essa, uma mulher com o corpo da Luana só poderia andar de burca...

O problema grave da hipótese de Pedro não estava na sociologia, mas na cadeira ao lado: Clara tinha quase um palmo a menos de perna que Luana, nem metade das suas curvas, e acabara de ser dispensada pelo namorado de ter seu corpo protegido dos estupradores imaginários.

A jornalista levantou-se, pegou sua bolsa e falou para meio bar ouvir:

— Pedro, faz o seguinte: pede logo à Luana pra tirar a roupa e tenta comprovar a sua tese. Babaca!

Pedro congelou, e foi Luana quem reagiu:

— Para com isso, Clara. Não pira! Isso é uma conversa séria, foi só um exemplo.

— Um exemplo de como o Pedro tá fixado em você. Ótimo exemplo.

— Não tô acreditando, Clara. Você é muito melhor do que isso. Senta aí. Você não pensa pequeno assim.

— Obrigada, Luana. Vou pensar grande no meu travesseiro.

Virou as costas e foi embora. Mas voltou:

— Ah, Pedro. Segundo a ONU, as chances de você dormir na sala hoje são de cem por cento. E pra amanhã não temos previsão.

Pedro correu atrás dela. Clara não parou, nem olhou para o namorado enquanto ele tentava se explicar. Chamou um táxi e não o

deixou embarcar com ela.

Atordoado, ele encostou no balcão mais próximo e virou uma dose de conhaque, depois outra. Decidiu então voltar para a mesa do bar, e encontrou a polícia levando Beto, detido, e Luana, desfalecida.



Luana desceu do ônibus de volta do hospital e tocou o interfone do apartamento de Clara e Pedro, num prédio antigo próximo à Praia de Botafogo. Cerimoniosa, não tinha aceitado de jeito nenhum ficar com uma cópia da chave. E também não tinha mais telefone. O seu ficara numa tigela de feijão, e ela não tinha dinheiro para comprar outro – nem para comprar nada.

Felizmente Pedro ainda estava acordado e abriu a porta. O cenário era o esperado: Clara dormia sozinha no quarto do casal, e ele tinha feito a cama na sala. Luana cedeu seu quarto a ele, dizendo que ela dormiria na sala. Pedro respondeu que as chances de ela de dormir na sala, segundo a ONU, eram zero.

— Ué, agora você acredita na ONU?

A situação era péssima, mas a piada era boa, e os dois riram. Pedro disse que estava arrependido de ter chamado o pai dela ao hospital, ainda mais para vê-la com aquele curativo malfeito e o cabelo mal cortado. Ela disse que não ia mais falar desse assunto. Ele ofereceu gelo para aplicar no ferimento e perguntou o que, afinal, tinha acontecido no bar.

— Não sei, desmaiei. Não lembro direito.

— Mas você sentiu alguma coisa? Queda de pressão, tonteira...

— Foi de repente, uma espécie de vertigem. Tive a impressão de ver a cara do Beto se deformando...

— Vertigem não deforma a cara de ninguém, Luana — objetou Pedro, preocupado. — Você bebeu alguma coisa mais forte?

— Nada. Dois chopes. Só lembro que o telefone do Beto tocou logo que vocês levantaram da mesa, e ele atendeu falando um desses nomes que são a junção de dois. Marinelson, Florisvaldo, uma coisa assim.

Luana parou de falar, desconfortável.

— Só isso?

— Ele disse esse nome e riu, aí a cara dele ficou monstruosa. Não sei se eu sonhei. Parecia um ácaro gigante. Horrível...

Pedro estava intrigado, mas viu que o episódio ainda perturbava Luana e recomendou-lhe que fosse descansar. Ela recostou no sofá onde ele tinha feito a cama.

— Não, senhora. Esta cama é minha. Você vai pro seu quarto.

Ela fechou os olhos e disse que agora só a polícia seria capaz de tirá-la dali. Ficou assim, estática e mais linda do que nunca aos olhos de Pedro. Ele pegou sua mão e disse que estava em missão policial para encaminhá-la ao quarto. Luana se manteve de olhos fechados, mas abriu seu sorriso luminoso.

Quando Pedro deu por si, já estava beijando a boca dos seus sonhos.

Por alguns segundos, o prazer dominou Luana, antecedendo a consciência. Mas, quando esta registrou a ocorrência, Pedro foi empurrado com a força que àquela altura Luana já não tinha:

— Você é um canalha, Pedro. Sua namorada tá dormindo aqui do lado. E você diz que quer casar com ela. Tenho pena de você.

Levantou-se bruscamente e falou, já entrando no quarto, sem olhar para ele:

— Esta é minha última noite nesta casa, nem que eu tenha que dormir na rua.

## Annabelle

Beto Leal chegou um pouco mais tarde que o habitual à sede da ONG. O chamado urgente de Marivaldo Valadares, na noite anterior, era para encaixá-lo na sobremesa de um jantar com a nova ministra da Valorização Social. A oportunidade cavada pelo publicitário na agenda carioca de Maria Rosa funcionara com precisão, e a discussão sobre a parceria com o governo avançara madrugada adentro.

Atrasado, chegou voando à pequena sala comercial onde funcionava a Resgate, mas foi paralisado por uma surpresa: Luana.

Depois do constrangimento de ter que abandoná-la no hospital, Beto não imaginava revê-la tão rapidamente. Ela tinha acordado muito cedo após o incidente com Pedro e se mandado de lá ainda com o dia raiando. Saiu sem dinheiro e sem rumo, e resolveu caminhar em direção à Resgate após consultar seu GPS: o guardanapo onde Beto anotara o endereço.

No caminho de Botafogo para Copacabana, a princesa faminta entrou num botequim. Acostumada a mesas de café da manhã que talvez pudessem alimentar um freguês daquele boteco por vários dias, Luana Maxwell pediu para comer fiado. Da sua redoma encantada, ela não podia ver que, na vida real, não se vende fiado. Não na selva urbana do século 21.

— Bom dia. Desculpe, mas rompi com a minha família, sou estudante e estou na rua sem nada.

O balconista nunca tinha recebido uma abordagem daquelas, não tinha nem o “não” engatilhado. Chamou o gerente, que pelo curativo tosco na cabeça acreditou que a jovem burguesa estivesse mesmo na rua. A história triste, no caso, era verdadeira – e fora contada sem drama, o que lhe dava credibilidade.

O gerente viu que não se tratava de uma drogada, mas abrir aquele precedente era complicado:

— Entendo, moça. Mas se eu for fazer esse favor a todo mundo que passa necessidade eu fecho.

— Certo. Mas eu não estou te pedindo um favor.

Quando Luana começava a empunhar sua lógica, seu olhar ia

ficando mais firme do que já era. Bob Maxwell costumava dizer que a filha era bonita de boca fechada: “Quando argumenta, ela é linda”.

— Infelizmente, a maioria das pessoas a quem o senhor se refere não poderia pagar o lanche — continuou Luana. — Eu vou pagar. O senhor tem a minha palavra.

Assistindo à cena, o balconista riu:

— Guarda a palavra dela aí na geladeira, Manéu! — e resmungou, afastando-se. — Brincadeira: pedido fiado, conversa fiada...

Um freguês fez coro ao funcionário, dizendo que “essa gente rica é folgada mesmo”. Luana ouvia tudo impassível. Sentindo a reprovação da plateia local, o gerente disse que não poderia lhe dar aquele privilégio. Ela ficou firme:

— O único privilégio que estou pedindo é o da sua confiança.

O homem encerrou dizendo que não poderia atendê-la e foi voltando para o caixa. Luana respondeu com ele já de costas:

— Tudo bem. Mas, se o senhor não se importar, vou ficar sentada aqui no seu balcão. Não como desde ontem de manhã, não consigo mais andar.

O gerente entendeu que estava contratando um problema. Mal abrisse o estabelecimento e não estava disposto a começar o dia administrando uma patricinha sem-teto. Muito mais fácil lidar com os bêbados de sempre. Ordenou irritado:

— Ô Valdir! Tira logo aí o pedido da garota!

De todas as degustações sofisticadas de que já participara, Luana não se lembrava de nada tão saboroso quanto aquele queijo quente engordurado, regado a laranjada rala. Ela conhecia cardápios do mundo inteiro, mas só estava conhecendo agora o que era comer por necessidade. Nem ouviu os murmúrios de reprovação ao seu privilégio.

A caminhada de cinco quilômetros até o escritório da Resgate pareceu durar cinco anos. Não por tempo e distância, mas pela quantidade de cenários revelados à ex-princesa.

Ela passara a vida vendo a rua de dentro de um carro blindado com motorista armado. No curto período com Clara e Pedro, se deslocara quase sempre de carona com eles, fora alguns poucos ônibus. Cruzar a cidade a pé, suada, despenteada, malvestida e anônima, sem a moldura de filha do magnata, era quase um

renascimento.

A porta de vidro da ONG, uma entre dezenas no prédio comercial da avenida Nossa Senhora de Copacabana, estava trancada. Parecia ser uma sala pequena, e Luana caiu em si: Beto Leal deveria trabalhar ali só com um par de assistentes. Se ele tivesse ido viajar, talvez nem fosse abrir o escritório.

Cansada e sem ter onde sentar, ela acabou arriando no chão do hall diante da sala. Enquanto pensava que rumo tomar, pegou no sono.

Minutos depois, a gerente da Resgate chegou e não entendeu nada. Aos trinta anos, Cristal já tinha visto de tudo. Menos uma Barbie de pele de seda dormindo no corredor de um velho prédio comercial às nove da manhã. Escorada na parede de boca aberta, com a tosa grosseira acima da testa cheia de esparadrapo e a roupa apertada (de Clara), parecia uma boneca de terror.

Depois de acordá-la e entender o que ela estava fazendo ali, Cristal levou-a para dentro:

— Vem, Annabelle. Vou cuidar de você.

Luana agradeceu, mas repetiu seu nome correto. Cristal deu uma gargalhada. Annabelle era uma boneca demoníaca, de uma famosa lenda americana do século passado:

— Desculpe, mas você, tão bonita, jogada no chão aí nesse estado, tava a própria Annabelle — explicou Cristal. — Eu quase chamei um exorcista!

Luana sorriu sem graça, inibida com a irreverência da gerente que nem a conhecia. Cristal lhe ofereceu um café, uma blusa limpa e a troca do seu curativo. As duas primeiras ofertas foram aceitas. Depois de certa insistência, a terceira também – e valeu a pena: Cristal limpou o ferimento e fez um curativo bem mais eficaz e discreto que o do hospital.

Impressionada, Luana disse que aquilo parecia mais um abrigo do exército da salvação do que um escritório.

— E não é um escritório — disse Cristal. — É a organização Resgate. Com esse nome, eu tinha que te resgatar. Mesmo você sendo a diabólica Annabelle.

Dessa vez Luana riu junto. Tinha de admitir que a imagem da boneca de terror, na sua situação, fazia sentido. E a ideia de que o resgate humanitário não era só um objetivo, mas um espírito, a fez

achar mais do que nunca que batera na porta certa. Tinha encontrado, enfim, gente de verdade.

Beto chegou e deu de cara com a cena do abraço entre Luana e Cristal. O advogado ganhou alguns segundos para processar a informação, mas foi surpreendido de novo: a aluna saiu dos braços da gerente e se atirou nos seus.

Nem parecia a mesma pessoa que ele vira, na noite anterior, se jogar dentro de um ônibus depois de encará-lo com uma expressão de decepção terminal.

— Que bom que você veio, Luana — saudou o professor, com a aluna nos braços.

— Obrigada. Agora já sei o caminho — devolveu ela, confirmando a sentença proferida no bar: não estava ali só para visitar.

Nesse momento o abraço se desfez, e Luana viu a expressão enigmática de Beto, agravada pelo comentário dele:

— Pois é. Mas acho que você não vai poder fazer esse caminho novamente.

Pasma, a aluna ouviu o professor explicar que, após a reunião da véspera com a ministra Maria Rosa, ia mudar tudo.

— Como assim, mudar tudo? Tudo o quê?!



A reunião-relâmpago montada por Marivaldo Valadares com a ministra da Valorização Social tinha sido um tanto estranha. Quem abriu a porta do apartamento do empresário que oferecia o jantar foi o próprio Marivaldo, pois precisava traduzir de saída a Beto o que estava acontecendo no recinto: Maria Rosa estava esbravejando, e convinha esperá-la se acalmar para apresentar Beto.

Ficaram os dois na salinha de entrada, de onde se ouviam os brados da ministra: “É um merda! Um merda!”.

O recém-chegado quis saber quem era um merda. Seu amigo desconversou, mas Beto o encurralou: não dava para entrar numa reunião com uma ministra que acabara de ter um ataque de nervos sem saber quem era o alvo, ou, mais precisamente, o merda.

Marivaldo esclareceu em tom quase inaudível. O merda era o

homem mais poderoso do governo depois do presidente: João Juvenal, ministro-chefe da Casa Civil.

O problema entre os dois começara na sala de espera de uma clínica de estética. Após a eleição, Juvenal e Maria Rosa tinham tirado licença médica na mesma semana – ele para um checkup geral, ela para uma mamografia mais um par de exames. Mas o checkup era um implante capilar com aplicação de botox, e a mamografia, uma aplicação de botox mais preenchimento labial. Com o mesmo cirurgião plástico.

Ambos marcaram na manhã de segunda-feira, mas Juvenal entrou antes e fez Rosa mofar quase uma hora enquanto ele batia papo com o médico. Ao ver o colega de partido sair da consulta, ela armou um barraco contra os dois “machistas” e mudou de cirurgião.

O duelo do botox foi abafado por ambas as partes, mas Marivaldo ficara sabendo do caso pelo próprio Juvenal, que lhe contara às gargalhadas. Esse era, no entanto, só o rabo do conflito ministerial.

JJ não queria Maria Rosa no ministério. Considerava-a uma militante medíocre que já tinha ido longe demais. Pesquisas indicavam, porém, que a população desejava uma mulher no primeiro escalão do governo progressista. O presidente não quis desperdiçar esse trunfo político, e Rosa era sua deputada mais votada – exatamente como defensora dos direitos da mulher. Assim ela fora parar no Ministério da Valorização Social.

— Agora é essa fera que você vai ter que conquistar, Beto Leal... Tá solteiro?

— Porra, Marivaldo, que brincadeira é essa?

— Meu caro, a ministra se separou há pouco tempo, tá nervosa, cuidando da beleza... Um carinho ajuda. Não é condição, mas ajuda.

— Que isso, rapaz?! Se você me chamou aqui pra isso, você enlouqueceu. Tô fora.

— Tá nada. Se eu te conheço bem, você tá dentro. E a ministra é jeitosa, você vai ver.

O publicitário ficou mais sério e completou o enunciado, agora empunhando sua lógica:

— Beto, presta atenção: a tua ONG tá recomendada pelo presidente, e isso não é pouco. Eu sou linha direta com o Juvenal, que é o chefe dessa porra toda. Mas o jogo é fazer a Maria Rosa achar que

manda, senão ela pode atralhar. Enfim: você tá escolhido, só que ela tem que te escolher... Dá pra entender?

— Acho que dá. Mas isso não significa que eu tenha que comer a ministra.

— Por enquanto, não. Mas eu aposto a minha mãe como ela vai querer dar pra você. Aí a equação muda.

— A sua mãe não tinha morrido?

Marivaldo confirmou o fato, e disse que então apostava a alma da mãe.

Foi quando surgiu George Carmelo, o Sombra, vindo da sala de jantar. Homem de confiança do presidente, Carmelo era enviado a reuniões estratégicas. No caso, o empresário que oferecera o jantar sugeria um decreto aumentando a renúncia fiscal para investimentos sociais – incluindo contribuições para ONGs. Era mais uma alquimia para converter verbas governamentais em não governamentais – aquilo que Marivaldo chamava de “destravar o dinheiro”.

Maria Rosa estava simpatizando com a ideia, quando o empresário, num lance de rara infelicidade, comentou que o ministro Juvenal apoiava sua proposta. Foi aí que a ministra se exasperou, dizendo que a área social era dela – e João Juvenal, que inclusive era um merda, não tinha nada com isso. Carmelo teve que usar todos os seus poderes de escoteiro para restaurar na harmonia na mesa, até porque o empresário era um grande doador do partido.

Agora o Sombra vinha avisar Marivaldo que já dava para levar “o cara da ONG” à presença da ministra.

Maria Rosa degustava uma taça de Romanée Conti na cabeceira da mesa, e sua expressão mudou da água para o vinho francês com a aparição do cara da ONG. Até se levantou para cumprimentá-lo, com um sorriso que esticou seus lábios novos em folha.

Inteira refeita da irritação, teve a ideia de sugerir aos presentes que passassem para a sala de estar – “chega de cadeira dura, né, gente?”, convocou a ministra, com mais uma de suas frases de efeito colateral.

Aninhou-se no sofá ao lado de Beto Leal e lhe ofereceu uma taça de vinho. Beto ia dizendo que já tinha tomado chope e não pretendia misturar, mas, fuzilado pelo olhar de Marivaldo, manobrou a tempo e disse que aceitaria “para brindar ao novo tempo”.

Rosa lhe pediu que falasse da ONG. Sabendo que ela era militante feminista, o dono da Resgate descreveu seus projetos na área dos direitos da mulher. A ministra estava absolutamente atenta – à voz macia, à pele morena e aos belos olhos do interlocutor.

Ele explicava sua pesquisa sobre aborto e saúde reprodutiva, quando Rosa quis saber:

— Falando em saúde, o que você acha do glúten?

Beto travou, desviando o olhar em direção a Marivaldo, com cara de “o que é pra dizer?”. O publicitário olhou de volta com cara de “se vira, já salvei a alma da minha mãe”.

Acostumado em sala de aula com perguntas eventualmente fora de órbita, o professor explicou com jeito que a ONG estava concentrada em ações de resgate social. Mas a ministra insistiu, quase zangada:

— Pois pra mim o glúten é uma questão social!

Agora o repertório do professor para questões exóticas já não dava conta. Então Maria Rosa foi em frente:

— Não só uma questão social... O glúten é um flagelo! Não entendo como a humanidade foi envenenada passivamente por tanto tempo. Você ainda come alguma coisa com glúten?

Beto não tinha a menor ideia, possivelmente sim. Mas, na inquisição, a verdade importava bem menos que a doutrina:

— Não. De jeito nenhum!

A ministra pareceu aliviada:

— Ah, bom. Porque vou te dizer: não quero parecer preconceituosa, mas hoje em dia eu até desconfio de quem come glúten.

Depois de mais um par de assuntos palpitantes, incrementados por algumas taças de vinho, a ministra falou ao pé do ouvido do cara da ONG: estava louca para dispensar seu carro oficial. Afinal, o motorista precisava descansar. Beto aceitou levar a ministra para o hotel – já sabendo que não poderia cumprir a missão pela metade.

Saiu de lá com o dia raiando, e resolveu acordar Marivaldo.

— Desculpe o horário, companheiro. Só pra te dizer que a reunião foi produtiva. Agora é contigo.

— Beto Leal, você é o meu dom-juan preferido! Vamos fechar o melhor convênio da história da República, te garanto!

— Assim espero, ó grande mago orçamentário.

— Pode ir tirando sua ONG daquele buraco, que ela não cabe mais lá. Golaço, meu amigo! Olha, se você continuar assim, eu vou acabar querendo te dar beijo na boca também.

— Lembranças à sua mãe.

Beto foi para casa, mas não conseguiu dormir. Tomou um banho e começou a projetar a grande mudança. Ao chegar à Resgate e deparar com Luana, sentiu um impacto diferente. A visão matinal da aluna parecia enxaguar o plantão noturno com a ministra.



Depois de explicar em linhas gerais por que ia mudar tudo na Resgate, o professor disse a Luana por que ela não ia mais poder fazer de novo o caminho até a ONG:

— Esse caminho já era. Vou te ensinar um novo, que dá num casarão colonial de quinhentos metros quadrados. É pra lá que a Resgate vai, e você também.

Luana abraçou Beto e lhe deu um beijo nos lábios. Ficou aturdida com seu próprio impulso. Cristal, eufórica, entrou na comemoração e também beijou a boca de Beto – deixando Luana ainda mais aturdida. Completando a festa, Cristal beijou a boca de Luana.

O espanto pareceu ressuscitar a princesa Maxwell e a fez recuar. Foi a gerente quem a puxou de volta:

— Bem-vinda, Annabelle!

Beto perguntou o que era aquilo. Cristal informou, sacana, que era assunto de mulher. E que agora era a vez de ele responder, direitinho, quais eram os novos planos para a Resgate.

Luana aproveitou a deixa e perguntou o que ela ia fazer na ONG. Beto já tinha uma ideia:

— Olha, hoje o meu contato vai ao palácio, vender a nossa linha de ação. Se tudo correr bem, você vai começar na área de serviços domésticos.

## Lei da Alforria

O Plano de Valorização dos Serviços Domésticos chegou ao Palácio do Planalto pendurado nas costas de Marivaldo Valadares. Parecia mais provável haver dentro daquela mochila encardida uma bomba do que um projeto social. Mas todas as portas e barreiras protocolares se abriram para o mochileiro amarfanhado, porque ele era esperado no gabinete da Casa Civil, vizinho ao da Presidência da República.

O principal ministro do governo estava de prontidão para despachar com o malabarista – o homem que fazia o dinheiro andar.

Se não fosse uma insanidade, Marivaldo teria filmado sua entrada triunfal no palácio, para enviar a todos os ex-colegas que o haviam desprezado e submetido a variadas formas de bullying. Mas havia vingança melhor para um nerd: ficar mais poderoso que todos os seus torturadores juntos. E mais rico.

Na antessala do Gabinete Civil, desejou estar ao menos com um gravador ligado para registrar a elegante secretária avisando pelo telefone que “o dr. Valadares” já havia chegado. Mas ela não deixou que ele entrasse:

— Um momento, dr. Valadares, que o ministro vem buscá-lo.

Galante e sedutor, João Juvenal não era um grande líder político à toa. Sabia cativar as pessoas. Deixou esperando em sua sala o chefe de gabinete do presidente, George Carmelo, o porta-voz da Presidência, Alex Sander, e o tesoureiro do partido, Galdino Silva, e foi pessoalmente receber Marivaldo.

Em lugar do aperto de mão, o ministro-chefe da Casa Civil deu-lhe um abraço. Esta era a mensagem do governo de esquerda: igualdade e companheirismo.

Já o publicitário não era de medidas e foi entrando no assunto, sem simpatias preliminares, assim que se viu diante da cúpula palaciana. Marivaldo tinha formatado o primeiro plano de ação para “descongelar as verbas governamentais” – uma de suas imagens criativas (segundo ele próprio) para a mesma missão: botar dinheiro na mão dos homens do presidente.

No que começou a explicar o Plano de Valorização dos Serviços Domésticos, porém, foi interrompido por Carmelo.

— Desculpe, sr. Marivaldo — objetou o Sombra, com sua polidez de almanaque. — O senhor está propondo ao governo uma política para os trabalhadores domésticos? Com todo o respeito, entendo que isso não seja da sua alçada.

— Não, excelência! — respondeu sorrindo o publicitário, que agora chamava todo mundo de excelência, com língua presa nos dois “c”. — Isso aqui é só o gancho! Lembra que eu falei que a ONG é a vaselina do orçamento público?

Mesmo para Juvenal, padrinho de Marivaldo, aquele discurso estava soando um tanto tosco para uma reunião palaciana. Mirando a figura esquisita que trouxera para o núcleo do governo, o superministro de repente temeu ter errado feio.

— Tá confuso, Marivaldo — interveio Juvenal, duro. — Explica isso direito.

O consultor-malabarista, que já estava cheio de si, voltou ao modo tatu-bola. Suando frio além do habitual e falando mais baixo ainda, tentou fazer sentido antes que o enxotassem do palácio.

Explicou que as políticas sociais seriam a melhor porta de entrada para as operações financeiras que pretendia montar, porque eram mais propícias às parcerias com ONGs:

— Nesse tipo de convênio, no que a verba sai do orçamento do ministério pro caixa da ONG, ela some do radar. Isso porque o balanço de uma ONG é... Bem, o balanço de uma ONG é o que a gente quiser que ele seja. Percebem a liberdade que isso nos dá?

Em dois minutos o estado-maior do novo governo tinha voltado a olhar para Marivaldo como uma turma de colegiais, balançando a cabeça: sim, eles percebiam a liberdade que aquilo lhes dava.

Com o pescoço a salvo, ao menos temporariamente, o tatu-bola foi desenrolando de novo seu plano. Disse que seria mais fácil movimentar cifras “interessantes” nos tais convênios se eles tivessem “boa cobertura política”:

— Os direitos das empregadas domésticas são uma causa social importante. Ninguém vai questionar investimento nessa área.

Recolocando as fichas no seu pupilo – e tentando amenizar sua petulância –, o ministro JJ alegou que o presidente já estava mesmo

pensando numa ação em favor da categoria. Escaldado pelo puxão de orelhas de Carmelo, Marivaldo ressaltou que “longe dele querer dizer ao presidente o que fazer”, mas pedia permissão para expor seu projeto.

— É só uma sugestão — sublinhou, olhando para o Sombra com sua melhor expressão de humildade.

Autorizado, ele inseriu um preâmbulo: a ideia fora desenvolvida pelo advogado Beto Leal, um militante dos direitos sociais – que inclusive tinha bom trânsito com a ministra Maria Rosa. Era a reserva de mercado para a ONG do parceiro.

O projeto se baseava num princípio simples: a criação de um Fundo de Segurança do Trabalhador Doméstico. Uma nova lei obrigaria os patrões a depositarem mensalmente o equivalente a vinte por cento do salário do empregado – que poderia sacar em caso de demissão ou aposentadoria. A contribuição seria recolhida pela Carteira Popular (CAP) – banco público para correntistas de baixa renda – e a gestão do Fundo ficaria a cargo do Ministério da Valorização Social.

— Não. Muda isso — interrompeu Juvenal, já tratando o rascunho de Marivaldo como assunto de Estado. — Bota esse Fundo na Casa Civil.

Sabendo que aquilo era mais um round na guerra do botox, o publicitário acatou a ordem, confiscando a futura dinheirama das mãos de Maria Rosa. Mas argumentou que ficaria estranho um fundo social vinculado à Casa Civil. Propôs que deixassem na própria ONU, sabendo que isso atenderia Juvenal – afinal, agora ele mandava em tudo mesmo. Aprovado.

Quem tinha uma objeção era Galdino, cuja calculadora mental já estava a todo vapor:

— É, isso aí vai dar uma arrecadação bonita. Mas esse dinheiro não vai ficar tão solto como tu diz, não, companheiro.

A arte da tesouraria partidária fizera de Galdino um PhD em dinheiro solto. Sabia o que estava dizendo. E Marivaldo sabia que não podia mais se enrolar:

— Concordo, excelência. Mas, veja...

— Porra, para de me chamar de excelência, pelo amor de Deus.

— Pois não, companheiro Galdino. A sua observação está correta.

O Fundo do Trabalhador vai botar um saldo bonito na mão do governo. Mas do dinheiro solto eu vou falar agora.

O malabarismo passou à esfera não governamental: o pacote trabalhista incluiria um vasto programa de capacitação e assessoria jurídica – para auxiliar empregadas em todo o território nacional na aplicação de seus novos direitos.

— Senhores, imaginem o valor de um convênio desses...

Ninguém disse nada. Todos imaginaram.

E ainda tinha o pulo do gato, para “colocar finalmente contra a parede esses senhores feudais do século 21” – na linguagem do publicitário que empolgou Juvenal:

— Patrão que reduzir salário ou demitir nos primeiros seis meses após a promulgação da lei paga multa de doze vezes o salário da empregada. Se não readmitir em vinte e quatro horas, pena de detenção – como nas pensões alimentícias. Percebem a importância da assessoria jurídica? Pois é o que o governo vai oferecer de graça.

— Até prova em contrário, isso aí é uma revolução — reagiu Alex Sander, já botando a embalagem jornalística da coisa.

Carmelo observou que era preciso avaliar a constitucionalidade do pacotão. Marivaldo armou de novo sua expressão de humildade para dizer que seu parceiro Beto Leal já tinha feito isso.

João Juvenal reforçou, sorridente, que o plano lhe parecia “juridicamente redondo”. O porta-voz sentenciou:

— É a Lei da Alforria.

Aí a tropa exultou. Até o Sombra deixou vaziar seu entusiasmo. Todos sentiram que o nome de guerra sacado por Sander era tão poderoso quanto o projeto inteiro, se não fosse mais.

— Puta que pariu, Sander. Lei da Alforria é foda de bom! — exaltou Galdino, já declamando a manchete: — “Direto no queixo da direita!”.

O jornalista se empolgou:

— Posso passar logo uma notinha pro Konder?

— Não, segura — embargou JJ. — Vamos esperar o Guia aprovar. Ele detesta ler no jornal coisa que ele não sabe.

No embalo, o ministro incumbiu o porta-voz de ir “lá no terceiro andar buscar o Guia”. Sander faria um resumo rápido da reunião (o Guia detestava resumos longos) e o traria ao Gabinete Civil só para

uma bênção presidencial.

Enquanto isso, Juvenal solicitou a George Carmelo que começasse a “orientar” o Poder Judiciário sobre o novo plano:

— Dá uma falada com o Raul Tedesco no Primeiro Tribunal. Os juízes trabalhistas têm que ser conversados. Muito bem conversados. Ação contra patrão é pra mandar pro pau, não quero me decepcionar com a Justiça deste país.

Carmelo sacou o caderninho e iniciou suas anotações coreográficas. Quanto mais grosso Juvenal falasse, mais o Sombra anotaria – e mais grave seria sua expressão enquanto anotava. Galdino resolveu comentar o ritual:

— Ô, Carmelo. O que você tanto anota aí nesse caderninho? A tarefa é pedir pro Tedesco amaciar os juízes, não é reescrever a Constituição, não.

O escoteiro ficou embaraçado com o flagrante e devolveu entre os dentes:

— Galdino, você é tesoureiro do partido. Isso aqui é uma questão de Estado. Consequentemente não é assunto seu.

— Ah, te garanto que é. Aliás, você não vai achar o Tedesco. Tá de licença no exterior. Adivinha quem operou o dólar camarada que ele levou?

— Não tem problema — cortou JJ, que não estava gostando da picuinha no seu gabinete. — Se o Tedesco não tá, fala com o Lombroso.

Nesse momento o Guia adentrou o recinto, e todos se levantaram. O líder popular parecia ainda mais carismático no personagem de presidente da República. Continuara dando tapinhas nas costas e falando palavrão – mas era como se a informalidade só aumentasse a reverência à sua figura.

— Porra, também não precisa me receber em posição de sentido, caralho. Não sou o Mussolini não! — descontraíu o Guia. — Senta aí, gente. Vim só fumar um charuto com vocês.

Fazer fumaça dentro do Palácio do Planalto era um dos protocolos que o novo presidente fazia questão de quebrar. E aquele estilo de sacramentar uma decisão importante de forma casual, entre uma baforada e outra, parecia coisa de pajé. Talvez fosse.

— Vocês viram como o penteado do Juvenal tá bonito? —

fustigou o presidente, enquanto tinha seu charuto aceso por Galdino.  
— Esse foi o primeiro checkup capilar da história!

Era típico do Guia: nunca repreendera seu homem forte pelo implante fantasiado de licença médica, mas o castigava em suaves prestações com o seu sarcasmo.

— Só toma cuidado com essas moças ferozes que andam contigo. Checa antes se a peruca tá bem presa!

— Não é peruca, presidente.

— Ah, não?! Mas não se preocupa, JJ: tá tão bonito que ninguém vai desconfiar que não é peruca!

A gargalhada do Guia obrigou Carmelo, Sander, Galdino e Marivaldo ao difícil exercício da cara de paisagem sorridente: não podiam zombar do ministro-chefe da Casa Civil, mas também não podiam deixar o presidente da República rindo sozinho.

No intervalo de uma baforada, porém, o chefe transformou a atmosfera na sala só com a mudança da expressão do seu rosto. O ar de galhofa deu lugar a um tom de seriedade e respeito:

— Gente, vou ser direto, não quero tomar o tempo de vocês. Lei da Alforria é do caralho, vocês estão de parabéns. Estou a par de toda a conversação, e só quero perguntar mais uma coisinha: tem alguém aqui desconfortável com alguma coisa que estamos fazendo?

Foi como se o presidente tivesse ordenado: estátua! Nenhum músculo se moveu na sala, até que começassem a ser murmurados os “imagina”, “claro que não” etc.

— Bem, o que eu vou dizer agora, vou dizer uma vez só: o Estado foi montado pra beneficiar a elite. Nós estamos aqui pra mudar essa porra, não é pra outra coisa. E nós vamos mudar, do jeito que for possível. Com os meios possíveis. Porque senão a gente vai ficar assistindo ao mesmo filme de sempre neste país, só que aqui do palácio. E vocês sabem o final desse filme, não sabem?

As estátuas agora nem murmuraram.

— O final desse filme é o seguinte: a direita vem e toma o palácio de volta. Então, meus caros... Na guerra, como na guerra: pra cima deles!

O presidente só não foi aplaudido por seu estado-maior porque, ali, seria ridículo. Mas o moral da tropa bateu no teto. O sistema Marivaldo tinha a bênção do pajé.

O próprio ainda ganhou uma saudação personalizada na saída do meteoro presidencial:

— Seja bem-vindo, Marivaldo. E mande lembranças à dona Maria e ao seu Oswaldo!

O publicitário sorriu com a tirada do Guia, deduzindo que ele fora batizado com a junção dos nomes dos pais. Mas se permitiu uma retificação:

— Muito obrigado, presidente. Na verdade, meu pai é Mário e minha mãe é Valdirene. Mas mandarei suas lembranças com muita honra.

O presidente deu meia-volta:

— Ué? Mário e Valdirene? Então você deveria se chamar Marivaldi.

— Pois é, eles pensaram nisso. Mas acharam que Marivaldi ia ficar muito italiano.

Aquela nem o Guia conseguiu responder. Mas a última tirada era sempre dele:

— Bom, seja como for... Boa sorte, Malabares.

— Desculpe, presidente. Marivaldo.

— Ué, se os seus pais puderam juntar Mário com Valdirene pra criar um malabarista, eu posso juntar Marivaldo com Valadares e te chamar de Malabares.

Marivaldo fez menção de rejeitar aquele tratamento esquisito, que cheirava a circo e não condizia com suas aspirações de poder, mas lembrou com quem estava falando:

— Claro que pode, presidente. Imagina. Como o senhor quiser.

— Muito obrigado, Malabares.

No que o Guia atravessou a porta de saída, João Juvenal declarou, solene:

— Prezado Malabares: tenho a impressão de que o Marivaldo acaba de morrer.

A gargalhada geral marcou o encerramento da reunião. Todos foram se levantando e se despedindo alegremente, ao redor de um Marivaldo contrariado com aquele batismo infeliz. Até Carmelo, sempre formal, aproximou-se já com a nova abordagem:

— Meu caro Malabares, estava para lhe perguntar: e o Plano Mad Max? Conseguimos andar alguma coisa?

O ex-Marivaldo manteve a expressão amuada. Não estava com a menor vontade de dar notícia boa. Mas deu, de cara feia mesmo: o Plano Mad Max não estava andando – estava voando.

## O milagre de Cristal

No que pôs os pés fora do Palácio, Marivaldo ligou para Beto Leal. No escritório da Resgate, Luana estava diante do professor. Ele avisou que a chamada era do contato dele no governo – com a resposta sobre o projeto em que ela seria encaixada. O coração de Luana bateu mais forte ainda do que andava batendo com sua vida virando do avesso – ou desvirando.

Marivaldo desandou a falar baixo e enrolado, repetindo a expressão “Lei da Alforria” a cada meia dúzia de palavras. O dono da Resgate precisou de alguns segundos para entender que o seu ambicioso plano de defesa das empregadas não só estava aprovado como ganhara uma embalagem genial. Deu os parabéns ao publicitário pelo peixe grande fígado no palácio, e lhe perguntou como surgira a sacada da Lei da Alforria.

Embragado pela glória, Marivaldo enfeitou:

— Eles não gostam que a gente fale o que acontece lá dentro. Mas pra você eu posso falar: o presidente me puxou num canto e me perguntou se o plano não poderia ter um nome mais popular. Mandei na lata.

Impressionado com a presença de espírito do publicitário – e sem saber que ele estava cometendo um pequeno furto, expropriando a ideia do porta-voz –, Beto jogou confete:

— Mas que intimidade com o presidente, hein? Ele já tá te chamando de companheiro Marivaldo?

Falou e riu sozinho. Diante do silêncio do outro, achou que a ligação tivesse caído. Mas ele estava lá ainda, e ressurgiu em tom melancólico: o presidente não o chamara de companheiro; em vez disso, lhe dera “um apelido escroto”.

— Que isso, Marivaldo? Não fala assim do presidente. O homem põe apelido em todo mundo, é o jeito dele... Mas de que ele te chamou, afinal?

— De Malabares.

Beto tentou prender o riso. Como não conseguiu, engatou uma terceira:

— É... Marivaldo Valadares... Malabares. Faz sentido.

— Não fode, Beto! Não tô brincando. O chefe da Casa Civil já tá me chamando de Malabares... Porra, isso é coisa de acrobata. Palhaçada! Eu sou um consultor da República!

Vendo que o publicitário estava mesmo zangado, Beto deixou passar o “consultor da República” – cargo pomposo que, evidentemente, não existia. Era preciso desencanar urgente o parceiro, porque com vaidade de tímido não se brinca:

— Calma, cara. Apelido é marca. Um dos ditadores mais temidos do final do século 20 era conhecido como Baby Doc! E olha que o nome dele era Jean-Claude Duvalier, e o seu é Marivaldo.

A lógica estava perfeita, mas o exemplo fora um desastre. Agora o orgulho do filho de seu Mário e dona Valdirene estava ferido:

— E daí? Qual é o problema com Marivaldo? Fique sabendo que Resgate é um nome de merda! Tenho certeza de que encontro uma ONG com uma aparência melhorzinha.

Desligou na cara do parceiro. Se as aparências não enganavam, o poder estava subindo à cabeça do malabarista. Ele não era irascível assim antes de entrar no palácio.

Beto tirou o telefone do ouvido sem saber dizer a Luana se o plano tinha dado certo ou errado. A aluna ficou paralisada, constrangida com a situação, e foi Cristal quem apertou o chefe.

Ele abriu o jogo: o governo tinha aprovado o projeto da Resgate, mas Marivaldo ameaçava roer a corda por causa de um apelido. Cristal tomou o celular de Beto:

— Vou resolver isso agora. Eu sei o que esse cara quer.

O dono da ONG achou que a gerente estivesse brincando, mas quando se deu conta ela já estava falando com Marivaldo:

— Alô? Malabares?

Beto deu um salto para arrancar o telefone da mão dela, vendo que a porra-louquice de Cristal ia pôr tudo a perder de vez. Mas não conseguiu. Ela se trancou no banheiro e reapareceu cinco minutos depois, devolvendo o celular:

— Ele quer falar com você. Tudo resolvido.

O advogado pegou o aparelho e se surpreendeu com a voz pacificada do outro lado:

— Desculpe, cara. Acho que tô meio alterado com tudo isso. Você

tem razão, Malabares pode ser uma boa marca. Forte abraço.

“O milagre de Cristal”, como foi batizada a façanha, tinha, ao contrário dos outros milagres, explicação. Segundo a autora, explicação científica:

— Homem carente que conquista poder quer amor. É uma equação de primeiro grau.

Cristal, basicamente, seduzira o consultor da República. Dissera que um sujeito de talento como ele precisava brilhar – e para isso era preciso lançar o novo projeto com uma grande festa: “Malabares, meu querido, Lei da Alforria é libertação. E liberdade pede celebração!”, argumentara ela, lambuzando de charme o nerd.

A ideia da festa da Alforria era uma boa iniciativa de marketing, concordou Beto Leal. Com duas observações sutis. A primeira, se Cristal estava consciente de que o malabarista indócil ia querer continuar sendo acalmado por ela na festa – e possivelmente depois da festa também. Sim, ela estava consciente.

A segunda observação escapava aos poderes do amor: quem ia bancar aquela alegria toda?

Foi aí que Beto entendeu melhor o milagre: Cristal não apostara só o corpinho dela. Pusera o dele na mesa também. Malabares ia propor que o Ministério da Valorização Social pagasse a festança. E, depois da noite com a ministra Maria Rosa, o cara da ONG sabia bem qual seria o preço...

Pelo recuo abrupto de Beto e a forma inflamada como o nome da ministra entrou na discussão, Luana enxergou o jogo de cama. Deixou os dois discutindo e se refugiou no banheiro. A ciranda ficara pesada.

Menos de uma hora depois do seu impulso de beijar o professor, ele estava no centro de um xadrez que misturava o futuro imediato dela com a ira de um publicitário carente e o apetite de uma ministra idem. Confusa, com seu mundo apoiado no tampo de uma privada, decidiu se mandar dali. Pensaria em tudo quando pusesse os pés na rua.

A discussão continuava na sala, mas tinha mudado de rumo. Rápido no gatilho, Malabares já mandara mensagem com o sinal verde da ministra – que sugerira a realização da festa no casarão colonial que abrigaria a nova sede da Resgate. Ela prometia a

participação de outros integrantes do governo e de personalidades dos mundos artístico e empresarial.

O truque de Cristal virara um grande evento político. E um salto importante demais para Beto pensar em recusá-lo.

— Já sei onde você vai dormir hoje, Annabelle!

O brado de Cristal pegou Luana no contrapé, na sua travessia entre o banheiro e a porta de saída. Lá vinha a doida com a conversa mais doida ainda da boneca diabólica. Malabares não sabia o quanto seu apelido era inofensivo.

Luana agradeceu a preocupação, mas, antes de conseguir avisar que não precisava, porque já estava de saída, foi informada de que um deputado cedera seu quarto para ela pernoitar.

— Um deputado?! Como assim? Que história é essa?

Da sua redoma, a princesa Maxwell só descobrira recentemente a existência da política. Seu encantamento com a vitória da esquerda fora o estopim da ruptura com a família – e agora Cristal confirmava que, sim, era um deputado de esquerda que acabara de lhe ceder seus aposentos, pelo período que ela precisasse.

Ainda assimilava esse, quando veio outro gesto inesperado: Beto lhe entregou um celular.

— Não posso trabalhar com alguém que não tem telefone. Fica com esse até você poder comprar um.

Luana estava contratada. Ia começar trabalhando no Plano de Valorização dos Serviços Domésticos – a Lei da Alforria. Beto voltou a ver o sorriso que iluminava tudo. Brindou ao primeiro emprego da aluna com uma doce provocação:

— Se o dr. Maxwell souber que a filha passou pro lado das empregadas domésticas... É capaz de mandar o Exército invadir isso aqui!

Criada numa casa com média de seis empregadas para servir uma família de três pessoas, Luana desfez o sorriso:

— Ele não vai saber.

A personalidade definida da aluna graciosa começava a fazer desaparecer a aluna graciosa. Aos olhos do professor, ia se impondo a mulher. Com altivez, ela comentou como suas empregadas tinham medo de conversar com ela na infância – porque seus pais, embora respeitosos, não admitiam esse diálogo. E arrematou, resumindo a

Lei da Alforria:

— É, agora a conversa chegou à cozinha.

Beto deu um grito que até a assustou:

— Genial! Genial, Luana! Porra, você acabou de criar o slogan da campanha! Anota aí, Cristal! É perfeito!

A gerente, eufórica, abriu o notebook e registrou a frase já com tipologia elegante, pronta para ornar o projeto: “A conversa chegou na cozinha”. Feliz com o feito casual, Luana hesitou um pouco, mas se permitiu corrigir Cristal: o certo era “à cozinha”. Aí foi surpreendida pelo professor:

— Não, deixa assim! É como o povo fala... Temos que falar a língua do povo!

Luana discordava, e ia argumentar quando um abraço envolvente de Beto a silenciou. Ele precisava correr para um compromisso. E olhou nos olhos dela para dizer que gostaria que fossem juntos à festa da Alforria.

Dessa vez ela conseguiu que a cabeça mandasse no coração. A festa aparentemente envolvia uma equação extraprofissional entre seu professor e a ministra que bancaria o evento. Campo minado. Agradeceu o convite, mas disse que não estava no clima – a ferida da ruptura familiar ainda estava aberta. E não sabia nem com que roupa iria trabalhar no dia seguinte – até então usara as de Clara –, quanto mais para uma festa.

Beto sentiu a fragilidade da negativa:

— Roupa?! Mas é uma festa em defesa dos empregados domésticos, Luana, não é um baile black tie nos salões do Maxwell Plaza.

Ela apenas riu. O professor foi embora certo de que virara o jogo.

No que ele bateu a porta, Cristal decretou que, se o chefe tinha ido embora, elas podiam se mandar também. Antes disso, ia aproveitar a ausência masculina para outra boa causa: informar que o deputado Fred Fraga, que oferecera sua casa para Luana dormir, era ainda mais interessante ao vivo do que na TV. E queria conhecê-la.

Luana estranhou o tom do comentário – talvez por forçar um tipo de intimidade que ela não costumava dar. Pela formação aristocrática ou pelo seu jeito austero mesmo, não costumava tricotar sobre homens.

Cristal alugava um quarto na casa do deputado Fraga, portanto conhecia sua rotina, e dissera que ele mesmo não estaria lá: tinha uma chácara na periferia, onde cada vez mais preferia dormir. Daí ter cedido seu próprio quarto a Luana. Nesse contexto, aquele anúncio repentino sobre dotes masculinos, tipo classificados amorosos, lhe pareceu meio fora de órbita.

Mas, como tudo em Cristal parecia meio fora de órbita, Luana ignorou e se concentrou nas instruções: a gerente lhe passou a chave da casa, informando que chegaria mais tarde, depois de uma sessão de ioga; deu-lhe dinheiro para o transporte e disse que tinha comida na geladeira, era só esquentar; o chuveiro era elétrico e no armário tinha batas e vestidos mais largos que caberiam nela – qualquer dúvida, o celular que Beto lhe dera tinha o seu contato.

— Agora vai tomar o banho da sua vida, Annabelle! Descarrega esses demônios todos pelo ralo! Quando eu chegar, faço um curativo novo na boneca exorcizada!

Era impossível não rir com aquela doida. Despediram-se com um abraço, e em menos de meia hora Luana estava diante de sua nova morada – pelo menos enquanto transplantava sua vida para outro trilha, que não sabia qual era.

Por fora, a casa no alto de Santa Tereza parecia espaçosa – tinha até um jardim na frente, com um pequeno portão que estava aberto. Ela atravessou-o e, ao enfiar a chave na porta, ouviu um barulho do lado de dentro. Ficou imóvel só escutando, sobressaltada. Mas o ruído não se repetiu.

Girou a chave, abriu a porta e seu coração disparou: de uma poltrona da sala, bem diante da entrada, um homem se levantou e caminhou em sua direção:

— Olá. Eu sou o Fred.

## Tiroteio na embaixada

O deputado Fred Fraga conheceu a nudez total de Luana menos de uma hora depois de vê-la pela primeira vez.

Depois do susto inicial com a presença dele na casa, ela até gostara da recepção. Simpático, Fraga a fizera sentir-se à vontade no território desconhecido. Logo lhe ofereceu uma taça de vinho, que ela recusou, desculpando-se: só conseguia pensar em se enfiar no chuveiro.

De saída não localizou as roupas que Cristal, mais magra e mais baixa, lhe dissera que caberiam nela. Telefonou, mas não conseguiu falar. Resolveu entrar logo no banho, depois decidiria como se vestir.

Durante quase meia hora, com a água morna caindo sobre seu corpo exausto, admitiu pela primeira vez em dois meses a falta que o conforto familiar lhe fazia. Pelo menos a ressaca da aventura tinha chegado na hora certa: agora ela estava empregada, ia lutar pelos valores em que acreditava e iniciar uma vida nova.

Não era um bom começo aquele desperdício de água num banho interminável – ainda mais na casa de um deputado de esquerda –, mas ela se permitiu a excepcionalidade. E, quando saísse do banheiro, Fred já deveria ter ido para sua chácara, o que ao menos a pouparia do flagrante.

Foi desligar o chuveiro e se dar conta de que, na pressa, se esquecera de pegar uma toalha. Ia ter de atravessar para o quarto de Cristal pingando e com frio, mas não havia outro jeito. Só que no meio do caminho havia um deputado.

Fred Fraga passava pelo corredor quando Luana saiu do banheiro. Nua e desarmada, ela levou um susto. Ele riu. A visitante se trancou no quarto de Cristal e tentou ligar de novo para ela, que continuava não atendendo. Agora a gerente da Resgate talvez achasse que era a verdadeira Annabelle, a boneca possessa, quem estava deixando aquele recado:

— Olá, Cristal. Querida, o que é isso? Uma armadilha? Tem um deputado andando atrás de mim nessa casa onde você disse que não

teria ninguém. Acabo de encontrar com ele no corredor, nua. Que tal? As roupas que você me prometeu estão em algum lugar misterioso e nem toalha de banho eu achei. O que é pra fazer? Sair andando pela casa pelada e sentar no colo do seu amigo?

Luana resolveu se vestir do jeito que dava. Na falta das tais roupas mais largas, entrou numa calça de moletom, que pelo menos cedia um pouco, e pôs uma blusa de tecido indiano bem fino, que não apertava muito. Não havia sinal de sutiã no horizonte – Cristal não deveria usar, até por ter os seios bem pequenos.

O problema era que a blusa marcava todos os desenhos de Luana, como se estivesse produzida para um ensaio sensual. E havia um deputado atrás da porta.

Cristal ouviu o recado e engoliu em seco. Ligou para Fred Fraga, nervosa:

— Tudo errado, Fred. Ela tá puta. E pelo visto é feroz. Eu não sabia, conheci hoje... Melhor eu ir agora pra aí.

O deputado respondeu tranquilamente:

— Não vem, não. Deixa comigo.

Luana resolveu não sair mais do quarto. Ia dormir com fome mesmo. Cristal que ficasse no quarto de Fraga – se é que ainda ia aparecer.

Cinco minutos depois, um aroma delicioso invadiu o cômodo. Era um risoto de frutos do mar saindo da panela. O estômago de Luana roncou forte, quase um espasmo. Ela reformulou sua decisão: o deputado já a vira nua mesmo, dane-se. Ia sair do quarto como estava e matar a fome – que novamente lhe doía como a necessidade.

Fred cozinhava bem e falava melhor ainda. Antes de terminarem o prato de risoto ele já contara sua história de luta contra a banda podre da polícia. Era ainda mais moço que Beto Leal, e aos trinta e cinco anos já se exilara duas vezes por causa de ameaças de morte.

— Não parece, mas esta sala onde você tá jantando já abrigou muitos feridos em confronto com a polícia. Minha casa é uma espécie de embaixada dos direitos humanos... — disse o jovem deputado, sempre sorridente apesar da aspereza do assunto.

De estômago forrado e entretida pelo carisma de Fraga, um protagonista do mundo autêntico que sonhava conhecer, Luana aceitou o vinho. Resumiu sua história de renúncia à melancólica vida

de princesa – e se desculpou por estar vestida daquela forma:

— Meu figurino certamente não está à altura do seu jantar — brincou.

O anfitrião achava que estava:

— Luana, há princesas que não precisam de roupa.

O petardo encabulou a ex-princesa. Desviando o olhar e o tema, ela voltou a falar de comida. Contou que pela primeira vez sentira o que é fome de verdade e tivera que implorar por um sanduíche num botequim:

— Dois meses atrás, meu problema era escolher entre um restaurante japonês e um italiano. Agora, é descobrir como vou pagar um queijo quente e um suco de laranja.

Fraga localizou o boteco no Google e disse que ficava no caminho dele: na manhã seguinte pagaria a dívida.

— No mundo da solidariedade, você pode ter tudo sem ter nada. O seu problema, gata, você já resolveu: era tirar sua vida de dentro de um cofre.

A metáfora pegou Luana. Fred parecia entender o seu movimento melhor do que ela própria.

Começou a sentir um tipo novo de conforto depois de tudo o que lhe acontecera naquele dia doido e imenso: do curativo trocado numa sala de escritório ao apetite saciado pelo menu caseiro de um deputado, entre outras surpresas que não acontecem dentro de um cofre. Agradeceu a gentileza do pagamento da sua dívida no botequim, e recebeu a informação de que poderia ficar na casa dele o quanto precisasse.

Abriu seu sorriso luminoso e propôs um brinde à solidariedade, agora olhando firme nos olhos de Fred. Sorveram o vinho sem deixar de se olhar, e foram aproximando o rosto, quando um estrondo na porta de entrada fez os dois saltarem de susto.

A porta se abriu violentamente, e um homem forte de quase dois metros invadiu a sala.

Luana largou a taça de vinho, que virou sobre sua roupa. O homem passou a vociferar para o deputado:

— Banho de sangue! Banho de sangue! Todo mundo metralhado! Fraga gritou de volta:

— Que porra é essa?!

O gigante parou na frente dele:

— Mais de cem mortos, Fraga! Londres! Passaram fogo geral! A vitrine do Ocidente tá caindo, porra!

Vendo o invasor pronunciar o nome de Fred, Luana entendeu que não era um invasor. E logo soube que nem visitante era: assim como Cristal, ele alugava um quarto na casa do deputado. A ex-princesa ia morar com um ogro.

Mas antes ia vê-lo afinar a voz para Fred, que estava furioso:

— Como é que você entra na minha casa assim, Sheik?! Tá achando que isso aqui é agência bancária que tu quebra com o pé?! Perdeu a noção, animal?!

— Desculpe, Fraga. Não sabia que tinha visita... Mas é que... Cara, o mundo tá parado, liga a TV...

Fred se desculpou com Luana pela boçalidade de Sheik e sugeriu que ela trocasse a roupa encharcada de vinho. Ela ignorou a sugestão e repetiu o pedido do ogro para que ele ligasse a TV. O deputado obedeceu, constrangido com sua falta de reação a um atentado daquela magnitude.

Estavam bem no período da viagem anual que Bob Maxwell fazia a Londres, fugindo do verão brasileiro. Luana costumava ir com os pais – era um ritual quase obrigatório na família. Sentiu o coração apertado pela primeira vez desde que saíra de casa, e logo constatou que as notícias sobre vítimas iam demorar a aparecer. Também não poderia saber de nada por parentes ou empregados, porque ninguém tinha mais qualquer contato seu.

Fred Fraga avisou que ia ao seu quarto ligar o computador e tentar colher mais informações sobre o atentado na internet.

Trancou-se lá e ligou para Cristal:

— Porra, você não avisou o Sheik que não era pra ele vir pra cá?

— Claro que avisei, Fraga. Eu só não sabia que nesse meio-tempo o mundo ia acabar, né? Londres tá sendo metralhada, o planeta inteiro tá chocado, e o Sheik deve estar excitadíssimo...

— Que merda. Bom, vou redigir uma nota do partido sobre o atentado. Agora é melhor você vir pra cá.

— Tá. Te ajudo com a nota.

— Não precisa. Quero que você me ajude com o Sheik.

Cristal partiu para sua missão de tirar o gigante do território

amoroso do deputado. Chegou em dez minutos, se desculpendo com Luana pelo atraso – tinha entrado em meditação profunda na ioga e perdido a noção do tempo. Luana mal a ouviu.

Não ia duelar com Cristal porque estava ocupada duelando consigo mesma – e acabara de ser derrotada, se é que isso era possível: resolveu mandar uma mensagem a Pedro, com quem estava brigada desde que ele a beijara na casa da namorada. O colega de mestrado era advogado de seu pai e podia ter notícias de Londres.

A resposta chegou em dez segundos: o casal Maxwell tinha acabado de regressar da capital britânica.

Aliviada, Luana agradeceu Pedro pela pronta resposta. Ele escreveu de volta perguntando se ela estava bem e se não sofrera mais “vertigens” – jeito delicado de se referir à alucinação que ela tivera no bar. Luana pôs o telefone em modo avião.

O Partido da Esquerda Socialista e Libertária (PESSOAL), presidido pelo deputado Fred Fraga, soltaria uma nota oficial em cima dos acontecimentos na Europa. Enquanto esperava a resposta dos membros do diretório ao seu rascunho, ele o leu em voz alta no meio da sala.

O PESSOAL lamentava a perda de vidas humanas no atentado, mas ressaltava que a origem do terrorismo estava no modelo social injusto que os países ricos insistiam em semear. “Quem semeia opressão colhe violência”, concluía a nota.

— Mas vocês são a favor do atentado? – quis saber Luana.

— Claro! — trovejou Sheik, embaraçando o deputado.

Ante o espanto de Luana, entrou em ação o Fraga intelectual, ex-professor de História e mestre em relativização. Explicou primeiro o ímpeto de Sheik: o gigante era uma espécie de guerrilheiro moderno, treinado para confrontar a polícia e demais estruturas opressoras do sistema. Sobre a nota do partido, a posição era clara:

— Nós somos pela paz, naturalmente. Mas, atenção: não confundir pacifismo com passividade. Um progressista passivo é praticamente um conservador.

Passividade e conservadorismo compunham o coquetel que tinha asfixiado a filha do magnata. E agora ela tinha conseguido atravessar para o outro lado: em vez de brigar com o pai para assistir à virada progressista na TV, estava assistindo à história ao vivo – de dentro

de um *bunker* da esquerda.

Cristal notou o brilho nos olhos de Luana. Aproveitou para convidar todos para a grande festa da Lei da Alforria, na nova sede da Resgate, e ergueu um brinde à nota lida por Fraga:

— Chupa, burguesia!

O brado desbocado arrancou uma risada nada aristocrática da ex-princesa, que mandou às favas a nobreza virando meia taça de vinho. Com o rosto corado pela subida do álcool, ela repetiu o brado progressista:

— Chupa, burguesia!

Havia fúria na voz de Luana – em novo contraste com a pele de seda, os longos cabelos ainda bem cuidados (mesmo sendo agora uma sem-salão) e os traços delicados. O figurino estava ainda mais exótico – e casualmente sensual, com a blusa muito fina manchada de vinho que ela se recusara a trocar. A exclamação febril realçou aos olhos de Cristal a figura da boneca diabólica.

— Cuidado aí, burguesada: agora a Annabelle é nossa! — gargalhou a gerente da ONG, sempre tocando fogo no circo.

Profissional, Cristal sentiu o momento e arrastou Sheik para o quarto dele. Disse-lhe ao pé do ouvido que precisavam discutir a tática da próxima manifestação. Confidencial.

A sós na sala, Fraga e Luana se aproximaram novamente. Ele olhou dentro dos olhos dela, dizendo que agora via a fera capaz de jogar uma vida de luxo para o alto. Convidou-a para ir com ele à festa da Alforria. Ela sorriu, fechou os olhos e esperou o beijo.



A porta da “embaixada” em Santa Tereza foi de novo aberta bruscamente. Antes que houvesse o toque de lábios, o novo intruso já esbravejava na sala. Agora era o deputado Wally Salvador, colega de partido de Fraga, recém-chegado de Brasília.

— Um ataque absurdo! Temos que reagir!

Fred Fraga se exasperou. Disse que a indignação de Wally estava atrasada – o partido já estava reagindo ao atentado em Londres. Mas o problema do deputado Wally não estava na capital inglesa. O tal ataque acontecera na capital brasileira mesmo.

— É muito grave, Fraga! Uma violência! Chamar um representante do povo de perverso?! Isso dá cassação!

Wally apresentara na Câmara um projeto de lei instituindo a educação homossexual no ensino básico, e o deputado Mourão, de direita, subira à tribuna para atacá-lo.

— É, companheiro. É grave. Amanhã tomamos as providências cabíveis. Agora vai pra casa descansar, você deve estar exausto com essa afronta.

Wally disse que não estava nada cansado e que o partido tinha de soltar uma nota de repúdio imediatamente. Fraga perdeu a paciência:

— Porra, Wally! A Europa tá coberta de sangue, o mundo tá de cabeça pra baixo e você preocupado com o deputado Mourão?! Tudo pra você é o deputado Mourão. Que ideia fixa! Cuidado que isso ainda acaba em casamento.

Wally Salvador virou estátua. A ironia feita pelo presidente do seu partido não perdia para as piores provocações da direita. O próprio Fred percebeu isso um segundo depois do disparo.

Desculpou-se pelo “comentário absurdo” explicando que estava nervoso com os acontecimentos em Londres. Luana assistia a tudo impávida. Mas nessa hora soltou uma risada.

A ideia de Wally e Mourão se casando lhe dera uma terrível vontade de rir – e ela segurou o quanto pôde. Foi uma risada desconcertante, mas acabou relaxando Fraga – que estava preocupado com seu deslize homofóbico diante de Luana.

Wally foi convencido a deixar o contra-ataque para o dia seguinte, mediante um agrado: Fraga convidou-o a assinar junto com ele a nota do partido sobre o atentado terrorista na Grã-Bretanha.

O anfitrião voltou a encher a taça de vinho da sua hóspede, já se despedindo de Wally, mas ele tinha uma última questão:

— Fraga, já que eu vou assinar também a nota sobre Londres, quero discutir com você a inclusão da Frente Arco-Íris. Uma nota conjunta. Posso dar uma olhada no texto?

A primeira resposta à questão de ordem do companheiro Wally foi um eloquente bocejo de Luana – que ela também não conseguiu conter. Fred entendeu que seu tempo estava se esgotando. Luana pediu licença para ir ao banheiro.

Cristal foi acionada por mensagem para dar conta de Wally

Salvador, pelo amor de Deus. No que ela surgiu na sala com Sheik, Wally recebeu-os efusivamente: “Surpresa boa!”. Disse que estava mesmo precisando falar com os dois sobre a manifestação contra a elitização do ensino e a privatização do saber.

Voltando do banheiro, Luana passou diante da porta aberta do quarto de Sheik. Foi impossível não ver o arsenal: rojões, pólvora, soco-ínglês, bastão de beisebol, máscaras, gasolina, tudo à mostra, empilhado. O cenário lhe trouxe uma sensação de enjoo, que se misturou ao cansaço e à cabeça pesada de vinho.

Retornando à sala, encontrou Sheik, Cristal e Wally discutindo animadamente sob o olhar atônito de Fraga. Despediu-se de todos, desculpando-se pelo cansaço, e foi para o quarto.



Não estava fácil dormir. A cama era confortável, mas o som da discussão na sala se ampliara.

Possesso, o deputado socialista estava protestando contra a falta de privacidade. Cristal lembrou que Fraga se orgulhava de dizer que sua casa era uma embaixada.

— Embaixada é uma coisa, grêmio estudantil é outra!

Ofendido, Wally Salvador disse que, se não era bem-vindo, ia embora. Cristal conseguiu dissuadi-lo, dizendo que ele era imprescindível na discussão da estratégia para a manifestação – e lançando a Fraga um olhar de alerta contra crises partidárias desnecessárias. A temperatura baixou.

Mas logo ia subir de novo, como sempre acontecia quando o assunto era dinheiro.

O plano proposto por Sheik e avalizado por Wally era escolher uma avenida de grande circulação e bloquear o tráfego pelo maior tempo possível. Calcularam um orçamento capaz de mobilizar gente e material suficiente para tornar a ação da polícia inviável.

— Inviável é esse orçamento — cortou Fraga.

Os atos públicos do PESSOAL eram bancados em boa parte pelo sindicato dos professores, controlado pelo partido. As manifestações traziam militantes, filiados, publicidade, votos – e, conseqüentemente, cargos. As duas máquinas se completavam bem,

política e financeiramente.

Mas o repasse de verbas vinha caindo por manobra do presidente do sindicato, que queria impor seus candidatos a vereador. Fraga advertiu Cristal:

— Se não aumentar o repasse, não tem manifestação.

Depois disso, a discussão se acalmou. Luana ajeitou-se para tentar dormir, mas não deu: alguém tentou abrir a porta do seu quarto, que estava trancada. Seu coração disparou.

Pegou o telefone para ver se tinha recado. Talvez Cristal quisesse falar com ela. Havia uma única mensagem – e era de Beto Leal. Ele perguntava se Luana estava bem instalada e lhe oferecia um presente: ela poderia escolher um vestido novo para ir à festa na nova sede da ONG.

A discussão do lado de fora recomeçou: agora Fraga e Cristal pareciam estar em frente ao seu quarto. De novo, o assunto era dinheiro.

— Vai resolver como a verba do sindicato? Nem a sua contribuição ao partido você pagou ainda — interpelou Fraga.

Além de gerente da Resgate, Cristal era funcionária do gabinete de Fred na Assembleia Legislativa. E tinha que repassar metade do seu salário ao caixa do PESSOAL. Era a chamada “contribuição cidadã”, um jeito simpático de transferir verbas de gabinete para campanhas políticas.

— Desculpa, Fred. Semana que vem eu pago. É que a minha irmã precisou de uma forcinha no restaurante natural que ela abriu...

— Só que esse dinheiro não é seu, Cristal. É do partido.

Cristal saiu do modo zen:

— Não é do partido porra nenhuma, Fraga! Nem seu! Esse dinheiro é do Poder Legislativo! Menos, companheiro.

— Quantos votos você tem mesmo, companheira? Cristal recuou. O deputado tinha os olhos vidrados:

— Zero, né? Pois é. Lembra quantos votos eu tenho? Então é isso, querida: quem tem voto sabe o que fazer com o dinheiro.

Luana teve novamente a impressão de que a discussão tinha acabado. Mas logo surgiram outros ruídos – primeiro pareciam portas batendo, depois sugeriam móveis sendo arrastados e mais batidas, como se estivesse havendo uma briga. Ela achou que tinha

ouvido gritos, depois constatou que eram gemidos. Dessa vez o barulho ia demorar a cessar. Fraga e Cristal estavam se devorando na cama.

Luana Maxwell apanhou o celular e respondeu à mensagem de Beto:

*tudo bem aqui, obrigada. não se preocupa com vestido, não vou à festa. boa noite*

## Governo não governamental

O motorista de João Juvenal freou bruscamente o carro oficial, atendendo a uma ordem do ministro. Juvenal avistara cerca de trinta metros adiante uma aglomeração de pessoas na calçada. Eram jornalistas e curiosos em frente à nova sede da ONG Resgate – um casarão colonial todo iluminado para a festa de lançamento da campanha em defesa dos empregados domésticos.

Não seria correto dizer que o país mergulhara numa onda de otimismo com o novo governo popular: a onda era de euforia. A festa da Alforria era fechada e não fora divulgada, mas a imprensa farejou, e a movimentação chamou a atenção dos passantes.

Juvenal notou que a aglomeração era para ver a chegada dos novos figurões da República e resolveu saltar do carro antes da entrada do casarão – para esticar a caminhada no meio do povo.

A jovem loira que acompanhava o ministro-chefe da Casa Civil (“governo novo, namorada nova”, ele dizia) só pediu que andassem devagar, em razão do salto que igualava sua estatura à de Juvenal, um homem alto. A caminhada lenta do casal vistoso através do público, que aplaudiu o ministro assim que o avistou, parecia cena de um casamento na rua.

— Cena de cinema — cochichou JJ à namorada, como se legendasse sua própria glória. E emendou: — Quer casar comigo?

A moça quase ficou sem ar com a apoteose romântica. Beijou o ministro ali mesmo, arrancando mais aplausos. Na porta da festa, João Juvenal se virou uma última vez para a rua e ergueu o braço direito com o punho cerrado. Os populares foram ao delírio.

Beto Leal e Cristal, os anfitriões da noite, passaram pelo mesmo cenário, impressionados com a escalada dos acontecimentos. O governo resolvera transformar a festa da Alforria em pajelança, reunindo ministros, parlamentares, artistas e intelectuais. Autora da ideia inicial, Cristal estava radiante – mas notou a tensão de Beto.

Ele seria apresentado ao estado-maior do governo numa noite peculiar, em que era ao mesmo tempo convidado e anfitrião. Mas o problema não era esse, confessou a Cristal: estava achando tudo

grande demais para os dois pilares do plano – Marivaldo e Maria Rosa. Cristal resumiu a aflição de Beto com o publicitário e a ministra:

— Um nerd surtado e uma feminista carente. Mas não se preocupa, vai dar tudo certo.

— Ah, claro. Fiquei supertranquilo agora. Você acha que tudo vai dar certo por causa da carência ou do surto?

Nesse momento, o público em frente à festa começou a aplaudir. Só Beto e Cristal estavam chegando, então os aplausos eram para eles mesmos.

— Entendeu por que vai dar tudo certo? — respondeu Cristal, enquanto acenava como uma popstar para os curiosos.

Se aquilo era um sinal de que o plano ia dar certo, seria por linhas tortas, concluiu Beto Leal, entrando na festa. O público que acabara de saudá-los nem sabia quem eles eram. Muito menos a missão que tinham ido cumprir.

— Cristal, volta lá fora e agradece o apoio do povo ao nosso desafio de entreter amorosamente uma ministra de Estado e um “consultor da República”. Depois me diz o que eles acharam.

A gerente da ONG respondeu com a especialidade da casa: uma gargalhada. Ela sabia que o mal-estar do chefe tinha um componente enrustido: a dor de cotovelo pela ausência de Luana. Beto soubera que sua nova contratada fora dormir na casa do deputado Fred Fraga – e não pedira detalhes a Cristal, que também não os deu. Mas Fred não costumava deixar escapar gatas sonhadoras. Luana devia ter desistido da festa por causa dele.

Cristal tentou ser pragmática, à sua maneira:

— Foi até bom a Luana não vir, Beto. Olha o tamanho do investimento que essa ministra tá fazendo em você. Dá uma atenção a ela, poxa. Não seja ingrato.

Um duelo de charutos garantia as brumas da varanda principal do casarão – decorada com vários lampiões, em opção um tanto excessiva para realçar o estilo colonial. O imóvel de quinhentos metros quadrados no centro do Rio só seria ocupado pela ONG de Beto Leal após a festança, pois não ficaria bem um governo progressista dar festa em instituição privada.

As baforadas vinham de um veterano e de um estreante: o

tesoureiro Galdino Silva convencera Marivaldo Valadares a aderir ao charuto (“Todo mundo aqui fuma, Malabares. Você vai ficar deslocado”). Malabares aderiu e achou que o novo adereço combinava com seu novo apelido.

Depois de revelar, solene, que ele fora o idealizador da festa – embolsando a autoria de Cristal –, o publicitário foi conduzido ao tema que mais unia a dupla: cifras.

— Foi aprovado mesmo esse valor? Integral? — quis saber o arrecadador do POP, sobre o convênio da Lei da Alforria.

— Cem por cento — confirmou Malabares, mordiscando o charuto.

— Porra... Começou bem.

— Vamos dar um banho social neste país.

— Mas a separação é na fonte, né? — checou o tesoureiro, pulando o banho social. — Não vão me botar pra discutir dinheiro com sociólogo.

— Na fonte, na fonte. A parte do comitê central já sai limpinha, sem estresse.

Galdino riu do “comitê central”, captando a ironia de Malabares com o dicionário do comunismo. Entrou no jogo:

— A diferença é que a base do comitê central soviético era o Exército. A nossa base é um monte de deputado faminto.

A gargalhada ruidosa dos dois contrastou com a expressão séria de Beto Leal, que adentrava a varanda. O ex-tímido Marivaldo saudou o parceiro invertendo os papéis, com uma provocação para enturmá-lo com o tesoureiro:

— Que cara fechada é essa em dia de festa, meu amigo Beto Leal, rei das ONGs?!

O dono da Resgate esboçou um sorriso, que amarelou de vez com a segunda etapa da saudação de Malabares, caprichando na língua presa:

— Ele tá ansioso com o lançamento da Lei da Alforria — disse para Galdino. — Mas assim que encontrar a ministra Maria Rosa ele relaxa.

Fez-se um silêncio embaraçoso, e o publicitário prosseguiu com seu bom humor desastroso. Apresentou o tesoureiro como “nosso sócio social”, explicando que o POP era um partido dinâmico como

uma grande empresa.

Beto cumprimentou Galdino e achou conveniente dar um pouco de juízo àquela apresentação:

— Acredito que essa conexão entre ONG, ministério e partido, que o companheiro Malabares está gerenciando, vai aumentar significativamente a capacidade de ação do governo.

O tesoureiro chupou seu charuto e respondeu perguntando:

— Governo? Que governo?

Beto olhou para Marivaldo com a cara de “o que é pra dizer?”, mas o publicitário tomara a providência de olhar para o chão. Galdino deixou a pausa doer um pouco em Beto e continuou:

— O governo é o partido, meu caro. O que você tá chamando de governo é um ferro-velho da direita, que não sai do lugar nem com Malabares, nem com malabarismo, nem com o Cirque Du Soleil inteiro empurrando.

E emendou uma provocação ao dono da ONG:

— Nós vamos fazer praticamente um governo não governamental! Sabe por quê?

Beto não respondeu. E pior: parecia não ter prestado atenção. Marivaldo cutucou-o, preocupado com a gafe. Beto pareceu voltar a si, mas respondeu a Galdino com o recibo de que não ouvira a pergunta:

— Claro, claro, dr. Galdino. Concordo inteiramente.

Ele saíra do ar ao ver Luana atravessando o salão principal da festa.



A noite na casa do deputado Fred Fraga foi atravessada em claro. Quando a trilha sonora do sexo entre ele e Cristal cessou, o dia nasceu. Sem ter pregado o olho um minuto, Luana se mandou.

Ela agora não tinha nem a sede da Resgate para se asilar. O escritório da ONG já estava desativado e só seria remontado na nova sede depois da festa da Alforria. A única certeza era que não voltaria mais para a trincheira de Fraga.

A herdeira de uma das grandes fortunas do país que não queria mais um centavo do pai vagou anônima, até ser detida pelo cansaço e

a fome. A noite em claro cobrava sua fatura, e não fazia fiado. Luana Maxwell acomodou-se num banco de calçada, com sua roupa manchada de vinho e mal-ajambrada, seu cabelo tosquiado em torno do curativo mambembe.

Conheceu a sensação de receber o olhar dissimulado que os passantes apressados lançam aos indigentes. Mas indigentes não têm telefone celular – e o dela, embora emprestado, apitou.

Era uma mensagem de Clara, namorada de Pedro. Depois do beijo que ele lhe roubara, Luana decidira se afastar do casal sem deixar pistas, como fizera com a família. Mas acabara revelando seu contato a Pedro ao pedir notícias dos pais após o atentado terrorista. A mensagem de Clara era curta.

Ela dizia que Pedro lhe contara tudo. “É uma merda, mas tá tudo certo”, resumiu a jornalista, engolindo o ciúme. Escrevia porque estava preocupada com Luana – naturalmente por saber que ela não tinha mais nada, nem ninguém:

*you conseguiu um teto? comida? cadê você?*

A mão estendida de Clara pegou Luana na contramão da sua coragem. Antes que a consciência elaborasse uma resposta, os dedos já tinham teclado:

*obrigada, clara. estou na rua. vem me buscar*

Revigorada pelo cuidado dos amigos, Luana informou que dessa vez iria incomodá-los por pouco tempo: tinha conseguido um trabalho e poderia alugar um canto para ela. Clara deu-lhe parabéns e perguntou para onde ela ia. Pedro se antecipou:

— Em primeiro lugar ela vai pro livro dos recordes. Sair andando pela rua sem dinheiro, sem telefone, sem nada, e voltar menos de quarenta e oito horas depois com um emprego que dá pra pagar aluguel e tudo... Incrível.

Em dois segundos, deixou de achar tão incrível – ao fazer a dedução elementar: Luana atendera ao convite do professor no bar e fora conhecer a ONG dele. Provavelmente tinha caído na arapuca. Beto não costumava deixar escapar alunas idealistas (e belas).

Mas então o que ela estaria fazendo jogada na rua?

Confirmando o cálculo de Pedro, ela informou que estava contratada pela Resgate. Só ia começar a trabalhar na semana seguinte, porque a ONG estava de mudança, mas antes faria uma festa

com o governo na futura sede.

A antena jornalística de Clara captou aquela história de festa de ONG com governo, e agora já era a repórter perguntando:

— Uau! Então você já vai conhecer os figurões do governo popular? Quem vai a essa festa?

Luana não sabia. Disse que a ministra da Valorização Social e Redução das Desigualdades, Maria Rosa, iria com certeza. Era a celebração de um convênio da pasta dela com a Resgate. Aliás, seu trabalho na ONG começaria por esse projeto. Mas ela não ia conhecer figurão nenhum:

— Eu não vou à festa.

A informação interessou a Pedro. Se Luana tivesse saído com o professor do mestrado, não deixaria de ir à festa dele. Clara reagiu no sentido contrário:

— Como assim, não vai? É o lançamento do seu projeto em grande estilo. Vai ser uma gafe horrível.

Pedro interrompeu:

— O projeto não é dela, Clara. Pode ser da ONG, pode ser do governo, mas dela é que não é. Luana, você não precisa fazer média com ninguém.

Estava de volta a tensão do triângulo ao quadrado, se é que aquilo poderia existir: Luana sentindo-se num vértice entre Beto e Pedro – um vértice quase platônico –, que projetava outro triângulo imaginário entre ela e o casal de amigos, Pedro e Clara.

Sua vida continuava uma sucessão de desencontros. E a festa da Alforria era obra de Cristal, que transformara sua noite na embaixada progressista num trem fantasma. Ela não queria chegar de novo sozinha a um território arriscado.

Clara insistiu que achava grave a ausência dela no evento, e Luana desconjuntou o casal:

— Ok. Eu vou à festa se vocês dois forem comigo.

## Não façam esse filme

A repórter Clara Maria, da *Tribuna do Poder*, era a única jornalista da grande imprensa na festa da Alforria. Nem Villa Konder, também da *Tribuna*, que era uma simpatia com o POP, fora convidado. Na última hora, o porta-voz Alex Sander teve que desconvidar o jornalista Walter Andorinha, que saíra da TV aberta para fazer um blog governista, com patrocínio estatal.

Sander quase perdeu o escalpo quando João Juvenal viu o nome de Andorinha na lista da festa. A determinação do ministro-chefe da Casa Civil era de que o evento fosse “absolutamente fechado”.

O porta-voz se desculpou pelo erro, mas ressaltou que o jornalista aliado iria se irritar ao ser barrado assim, praticamente na porta da festa.

— Foda-se o Andorinha, Sander! Se não quiser mais o patrocínio, devolve! Tá claro que não pode entrar jornalista ou vou ter que pedir ao Guia pra te explicar?!

Sempre que JJ mencionava o apelido interno do presidente, o interlocutor baixava a crista. Ninguém achava que ele fosse meter o Guia num assunto daqueles, e nem precisava: a instituição mais famosa no governo era a carta branca do chefe da Casa Civil. Mas a citação ao Guia era uma espécie de “abre-te, sésamo”, que também funcionava como “cala-te, sésamo”.

Clara não tinha nada com isso e furou docemente a cortina de ferro, entrando como amiga de Luana Maxwell.

Mal pusera os pés no casarão, porém, ainda atravessando o jardim, a jornalista teve que se esconder. Avistou bem na porta do salão o deputado Fred Fraga, a quem entrevistara recentemente para a *Tribuna*. Fraga fatalmente a reconheceria, acabando com sua clandestinidade.

Sugeriu que Pedro e Luana entrassem na casa, enquanto ela ficaria um pouco pelo jardim. A ex-princesa Maxwell usava um vestido preto básico de Clara, que desfizera a bainha para adaptá-lo à amiga mais alta. Tentando tornar-se uma ex-ciumenta, a jornalista comandou:

— Vocês dois vão entrando, a gente se acha lá dentro. Pedro, cuidado pra não se confundir com o meu vestido, ok? Eu sou a que tá aqui fora.

Os três gargalharam com a descompressão da piada. Luana disse a Pedro que ia cumprimentar rapidamente o deputado Fraga, a quem conhecera alguns dias antes. O colega de mestrado perguntou que tal era Fred pessoalmente. Ela respondeu apenas que o achara “um cara diferente”:

— Mas como deputado é um grande defensor dos direitos humanos.

— E como defensor dos direitos humanos é um grande marqueteiro — devolveu Pedro.

Luana se irritou com o comentário preconceituoso e “sem base nenhuma”. O colega deu razão a ela:

— Tenho um certo preconceito contra quem investe na violência policial pra cavar voto pacifista. Mas isso é coisa minha.

— Tá falando merda, Pedro — cortou Luana, que andava mais desenvolta com os palavrões, já se dirigindo a Fraga.

Ao ver sua ex-hóspede se aproximando com um sorriso, o deputado virou-se de costas para ela e continuou sua conversa com a atriz Laurinha Serafim, que participaria da apresentação solene da Lei da Alforria.

— Ué, será que ele não te reconheceu? — estranhou Pedro.

Luana murmurou petrificada:

— É. Acho que não.

Enquanto subiam as escadas para o segundo andar, o pensamento de Luana não estava no cinismo do deputado que dias antes tentara conquistá-la; estava na sua dívida com o botequim, que ele prometera pagar. Pelo visto, ela tinha virado uma caloteira involuntária.

O reencontro com Clara foi no andar superior do casarão. A jornalista estava excitada com o que via. Ela tinha uma adaptação pessoal do lema “siga o dinheiro”, da investigação do caso Watergate, para “siga o charuto”: às vezes é mais eficiente, costumava dizer.

Seguindo o charuto, Clara Maria tinha ido parar na varanda, ao lado de uma rodinha poderosa: ali estavam cruzando suas baforadas

o ministro João Juvenal, o advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos — o Tatá (espécie de anjo da guarda dos políticos graúdos, e Raul Tedesco, ministro do Primeiro Tribunal.

— Gente, na boa: o que um ministro do Primeiro Tribunal tá fazendo numa festa política do governo? — sussurrou a jornalista clandestina para Luana e Pedro, assim que os viu.

— Olha a paranoia, Clara — ponderou Luana. — Esses caras circulam mesmo, não precisa viver numa redoma.

— Bom, você sabe que o Tedesco foi advogado do POP, né? — lembrou Pedro à colega.

— Não quer dizer nada — rebateu Luana, firme. — Acho que dá pra separar as coisas tranquilamente.

— Sem dúvida — concordou Pedro. — A questão é se ele tá aí pra separar ou pra juntar.

De repente Clara pediu silêncio aos dois. Os figurões falavam alto, já embalados pelo champanhe, e ela teve a impressão de ouvir um deles pronunciar “Borneo” – sobrenome de seu pai, que ela não usava.

Passaram a ouvir a conversa, no momento em que Raul Tedesco se dirigia, rindo, ao advogado Tatá:

— Mad Max é muito bom! Genial. Mas o Borneo tá dentro mesmo?

— Sim, fechadíssimo. Falei com ele hoje — respondeu Tatá.

— Mas o negócio dele não é leite? O que ele entende de hotel? Juvenal respondeu por Tatá:

— Nada. Quem tem que entender é a gente.

O ministro do Primeiro Tribunal deu uma gargalhada, baixando o tom de voz em seguida:

— Mas é pra quebrar o homem?

— Não! Imagina — devolveu o homem forte do presidente. — Quem somos nós pra quebrar... Estamos aqui justamente pra consertar!

Os três gargalharam juntos, e Clara pegou seu telefone. Ligou para o pai, Alfredo Borneo – produtor de laticínios e grande incentivador da carreira da filha –, contando que ouvira seu nome naquele contexto inusitado. Sempre bonachão, o pai respondeu que só aos olhos da filha ele era o único Borneo do mundo.

— Mas era um Borneo que trabalha com leite, pai. Tem outro? E quem falou foi um ministro do Primeiro Tribunal.

Depois de uma pausa, o pai respondeu em outro tom:

— Clara, agora você deu pra ouvir conversa dos outros?

A filha estranhou a rispidez. Lembrou que ele se orgulhava da profissão dela e sempre dizia que jornalista bom é jornalista que sabe ouvir.

O pai se desculpou, dizendo que andava estressado com o plano de expansão da sua empresa. Clara perguntou se a expansão incluía o setor de hotelaria. A ligação caiu.

Ela ia ligar de novo, mas foi puxada por Luana: a atriz Laurinha Serafim estava no palco montado no jardim, chamando os convidados pelo microfone para fazer a apresentação da Lei da Alforria.

Desceram as escadas largas e se posicionaram diante do palco. A atriz tinha a seu lado uma senhora de aparência modesta, que logo foi apresentada ao público: era uma empregada doméstica convidada pela ONG Resgate para um rápido debate sobre a nova legislação, que protegeria sua categoria.

— Queridas companheiras, queridos companheiros, boa noite — saudou Laurinha. — A nossa convidada para este evento histórico é uma grande brasileira. Ela representa muito bem o povo sacrificado deste país. E, daqui pra frente, sob o nosso tão esperado governo popular, vai ser sempre assim: onde houver poder, haverá povo. E onde houver povo, haverá poder!

Sob os aplausos ruidosos, Pedro comentou com Clara e Luana o figurino da atriz, que incluía um lenço de seda na cabeça e uma espécie de vestido-avental:

— Que isso? Ela tá fantasiada de empregada?

Luana não gostou do comentário:

— É um estilo, Pedro. Deixa de ser preconceituoso. A Laurinha Serafim é uma das maiores atrizes do país, se veste como ela quiser.

— Uma das maiores atrizes pelo sistema de cotas, né?

A colega não entendeu a provocação. Clara traduziu: Pedro estava citando o jornalista de política e cultura Paulo França, que afirmava haver uma casta de artistas de esquerda pendurada numa rede de privilégios. França dizia haver uma “federação de panelinhas”

dominando o mercado e as instituições burguesas que eles mesmos viviam de condenar: eram os “gigolôs da bondade”, na expressão criada pelo jornalista.

— Paulo França? Nem precisava explicar, né, Clara? Um reacionário, idiota — fuzilou Luana, que conhecia França pessoalmente, pois era amigo de seu pai.

Durante a discussão, Cristal se aproximara eufórica ao localizar sua nova parceira de ONG. Cumprimentou-a com um beijo na boca, desconcertando a todos, e já entrou na conversa:

— É, Annabelle, mas isso aí vai acabar.

Luana nem tivera tempo de apresentá-la aos amigos, então resolveu pular também a explicação do apelido em homenagem à boneca demoníaca. Perguntou apenas o que ia “acabar”.

— Esse tipo de coisa: dizer que uma grande atriz ganha papel pelo sistema de cotas. Absurdo!

— Que exagero — rebateu Pedro. — É a opinião do cara, qual é o problema? Se alguém se sentir ofendido, processa.

— O problema é que ele usa a mídia pra espalhar a discriminação, e aí o estrago tá feito — acusou Cristal. — O país mudou, e isso também vai mudar.

O jovem advogado disse que não conhecia restrição a esse tipo de opinião e perguntou se ela se referia a alguma lei nova. Cristal encerrou:

— Procure saber...

A essa altura Laurinha Serafim estava recebendo a ministra Maria Rosa com um caloroso abraço. A atriz convidou a ministra a iniciar o bate-papo entre o governo e o povo, entrevistando dona Zuleide, a doméstica convidada – tratada carinhosamente como Zu. Maria Rosa informou ao público que ela se destacara criando uma associação de defesa dos direitos da categoria.

— Querida Zu, conte pra nós, por favor, um pouco da sua vida exemplar, da sua história de superação social. Muita gente neste país não sabe o que é a vida real.

Zuleide agradeceu o convite, disse esperar que o novo programa do governo ajudasse os trabalhadores domésticos e encerrou sua fala desejando boa sorte à ministra. O show tinha durado menos de dois minutos, e Rosa ficou sem saber o que fazer em cima do palco.

O cinegrafista do partido cochichou à ministra um pedido para que ela fizesse a convidada falar mais, por favor. A autoridade obedeceu:

— Mas, Zu, fala de você. Porque, olha, vou te dizer... Por tudo o que você passou... Pra mim a sua vida daria um filme! Conta um pouquinho pra nós.

— Desculpe, senhora, eu não gosto muito de falar da minha vida. Não tem importância. Só peço a vocês pra não fazerem esse filme, faz favor.

Maria Rosa olhou para o cinegrafista, depois para o público, depois para Zuleide, e, como nenhum deles lhe disse nada, teve a ideia de um *grand finale* convocando o público a gritar em coro o nome da convidada. Como as adesões foram tímidas, o que se ouviu foi praticamente a voz solitária da ministra ao microfone: “Zu-lei-de! Zu-lei-de!”.

— É, acho que não deu muito certo... — balbuciou Pedro, impressionado com o espetáculo.

— Pra você um evento dá certo quando alguém destrói a cara de alguém, né, Pedro? — nocauteou Luana, referindo-se ao gosto do colega pelo MMA, praticado por seu ex-namorado e promovido no país pelos hotéis Maxwell.

Parte da aglomeração diante do palco se espalhou – e nesse momento Beto Leal avistou Luana. Partiu em direção a ela, mas foi seguro pelo braço. Era Malabares, furioso:

— Porra, Beto, que merda foi aquela? O Galdino não entendeu nada... Você estragou tudo!

## A metamorfose do Sombra

Malabares virou estátua.

Cristal avistara o publicitário dando uma dura em Beto Leal e se aproximara – já se apresentando sensualmente. Vira que sua missão de acalmar Marivaldo Valadares se fazia urgente. Não teve sucesso: após rápida pausa para cumprimentos, Beto continuou sendo interpelado pelo seu embaixador no governo. Mas de repente ele ficou mudo e imóvel.

Luana tinha localizado Beto, e chegou chegando: cumprimentou seu professor com um abraço atirado, num movimento vigoroso que deixou Malabares catatônico.

— Resolvi vir. Desculpe não ter avisado — disse ela, ainda abraçada a ele.

Luana só não sabia ser ela o motivo da discussão interrompida com a sua chegada. Nem Malabares sabia: estava cobrando Beto por seu comportamento lunático diante de Galdino Silva, sem saber que o mundo da lua, no caso, era Luana.

Depois de um par de respostas desleixadas ao tesoureiro, Beto abandonara a conversa dizendo que precisava localizar sua assistente. Após uma tentativa fracassada de explicar a Galdino que o dono da ONG escolhida para trabalhar com o POP não era um idiota, o malabarista foi à caça dele, que tinha ido à caça de Luana.

— Bem, este é o famoso Malabares! — apresentou Beto com certo atraso. — É o meu amigo mais poderoso, mas disfarça bem!

Com a cabeça raspada, depois de se irritar definitivamente com o cabelo que não assentava nem com gel, Marivaldo estava menos imponente do que nunca. Mas gostou de ouvir o “amigo poderoso”, ainda mais diante da boneca de seda que acabara de chegar. E parecia até ter esquecido por um instante o incidente com Galdino, retomando o clima moleque com Beto:

— E você não vai me apresentar a moça, seu mal-educado?

O amigo sorriu amarelo e se desculpou: a moça era Luana Maxwell, sua aluna de mestrado.

— Parente do homem? — interrogou o publicitário, que não era o

cameão da sutileza, referindo-se ao magnata Bob Maxwell.

Beto ia fazendo a gentileza de responder por ela, mas Luana foi rápida:

— Não. Não conheço. É só o mesmo sobrenome, coincidência.

— Ah, melhor assim — continuou Malabares. — Tenho a intuição de que o grande Bob, em breve, não vai ser mais tão grande assim.

— Ah, é? Por quê? — quis saber Luana, interessada na profecia contra seu pai.

Beto sentiu que Marivaldo estava prestes a falar demais. Invadiu o campo:

— Malabares é muito intuitivo! Previu antes de todo mundo que a esquerda ia chegar ao poder. Ele acha que agora os ricos vão ficar menos ricos, e os pobres, menos pobres.

Presenças femininas sempre embebedavam os neurônios de Marivaldo, que parecia louco para falar do seu plano Mad Max – o qual se tratava basicamente de um petardo no pai de Luana, que ela dissera não conhecer. Em plena manobra para mudar de assunto, porém, Beto foi seguro pelo braço por um homem alto e rude:

— Me acompanhe por favor, sr. Beto Leal.

Parecia uma ordem de prisão, mas era Jung Goldin, dublê de secretário e segurança do alto escalão do partido, que chegara para conduzir o dono da ONG ao palco. Sua presença estava sendo solicitada por Maria Rosa.

Beto tentou dizer ao emissário que iria em seguida, mas Malabares fechou o tempo e disse que já bastava a gafe com Galdino: ele não poderia deixar a ministra esperando.

O parceiro saiu meio atordoado dizendo ao grupo que retornaria assim que possível. Ato contínuo, Malabares pegou Luana pela mão e disse que ia apresentá-la “aos líderes da revolução”, pedindo licença a Cristal. A domadora do malabarista estava dispensada.

— Como vai, dr. Malabares?

A formalidade de George Carmelo, misturada ao apelido moleque dado pelo presidente, ficou ridícula. Mas Malabares adorou a saudação distintiva. Ele levava Luana até o chefe de gabinete da Presidência basicamente para isso: mostrar poder.

Infelizmente, na hora da saudação ela estava pedindo um copo

d'água ao garçom e não ouviu. O publicitário notou a infeliz coincidência e, aflito, tentou fazer o Sombra repetir o “doutor”:

— Desculpe, ministro. O que foi que o senhor disse?

Carmelo não entendeu nada, porque não tinha dito nada, afora a saudação. E Luana pedira água porque estava se sentindo mal. O Sombra notou que ela estava pálida e trêmula. Aproximou-se:

— Você está bem?

Luana soltou um grito, deu um empurrão no escudeiro do presidente – que era menor do que ela e quase foi ao chão – e fugiu cambaleando.

Clara atendeu seu telefone, mas ninguém respondeu. Viu que a chamada era de Luana e que a ligação não tinha caído. Começou a procurá-la pelo jardim, depois pela casa, notando que a ligação continuava ativa – sua hóspede é que estava muda. Encontrou-a caída no banheiro.



Beto Leal foi chamado ao palco pela ministra Maria Rosa com pompa: “Um advogado que abriu mão das causas particulares para defender o resgate social”, resumiu ela, referindo-se à ONG que o governo estava contratando para implantar a Lei da Alforria. Mas o discurso de Beto foi interrompido na primeira frase, pela própria ministra.

Juvenal brindava com sua noiva loira quando foi abordado por Jung. O funcionário do partido trazia um recado de Maria Rosa: ela queria que o ministro-chefe da Casa Civil a encontrasse imediatamente atrás do palco.

JJ se limitou a dizer que não queria mais ser interrompido “por besteira”. O homem insistiu:

— Perdão, ministro, deixe-me explicar...

— Porra, Jung! Quem explica é Freud! Vai ver se eu tô na esquina deitado num divã!

O segurança sabia lidar com os surtos do chefe, e completou suavemente a mensagem: a ministra ameaçava chamá-lo pelo microfone, se ele não fosse por bem.

Juvenal levantou furioso e partiu em direção ao palco. Jung não era Freud, mas explicou, no trajeto, a urgência da ministra: ela

avistara de cima do palco Luizinho Sete-Quedas, personagem vetado pelo presidente da República. Maria Rosa sabia que o bicheiro era contato de Juvenal e exigia a expulsão imediata “dessa figura do mal”.

O ministro reduziu a marcha e a fúria. Não tinha dúvidas de que, nesse caso, a colega poderia deixá-lo mal com o Guia. Ao mesmo tempo, não poderia expulsar da festa o já ressentido “empresário da contravenção”, que tantos serviços prestara à causa progressista.

Enquanto Beto esperava como um dois de paus para recomeçar seu discurso, um amável e didático Juvenal aplacava a ira da ministra da Valorização Social atrás de uma árvore do jardim. Explicou que o companheiro Luizinho estava ali em missão de paz: mudara de ramo e agora tocava uma ONG de apoio a refugiados, chamada Pátria Nossa.

— Ele quer se credenciar na ONU e veio pegar umas dicas com o pessoal da Resgate — esclareceu o ministro, acrescentando que o tema dos refugiados esquentara depois do atentado em Londres, e Sete-Quedas já estava captando bem.

A indignação de Maria Rosa murchou e ela voltou ao palco para autorizar seu príncipe não governamental a discursar. JJ saiu à procura de Luizinho Sete-Quedas. Precisava convencê-lo a criar uma ONG de apoio a refugiados, ou pelo menos dizer que tinha criado.

Ainda no banheiro com Luana, que se recuperava do colapso, Clara decidiu levá-la embora para casa. O relato da amiga era impressionante: no que olhara os olhos do Sombra, a pele grossa e gordurosa do rosto dele se transformara num casco, com pelos e patas brotando de todo o corpo, como um bicho pré-histórico. “Tipo um ácaro gigante”, completou Clara, indicando que sabia da alucinação anterior dela, relatada por Pedro.

— Luana, isso é muito sério. Você tem que procurar um psiquiatra.

— É... Sei lá... Só sei que não posso dar vexame na frente do homem de confiança do presidente da República.

— O que você não pode é brincar com a sua saúde. Dane-se o ácaro de confiança do presidente — irritou-se a jornalista. — Aliás, esse Carmelo é bem esquisito. Você só piorou ele um pouquinho.

Luana não achou graça.

Beto Leal recomeçou seu discurso enquanto sua aluna atravessava

o jardim com o casal de amigos. Do palco, ele percebeu que Luana estava indo embora da festa.

Antes de anunciá-lo e deixá-lo mofando, a ministra começou a flerte com “um pedido pessoal” ao pé do ouvido: que ele iniciasse o discurso com a frase “a senzala está com os dias contados” – ideia dela, que gostaria de ver na “boca linda” dele. Beto deu boa-noite a todos e falou firme:

— Gostaria de iniciar este breve discurso de lançamento da nossa revolucionária Lei da Alforria, em defesa dos empregados domésticos, com uma frase simples e genial: “A conversa chegou na cozinha”.

Todos aplaudiram, menos a ministra Maria Rosa, perplexa. Luana parou de andar e virou-se para o palco. O dono da ONG prosseguiu:

— Este será o slogan da nossa campanha. E, já que todos aprovaram, gostaria de apresentar sua autora: Luana Maxwell, nova contratada da Resgate, que está aqui conosco.

Beto apontou na direção de Luana, empurrando todos os olhares para ela – a quem restou agradecer os novos aplausos e desistir de ir embora.

Concluídos os discursos, subiu ao pequeno palco o compositor Zé Brasil, acompanhado da banda Cafuné. Antes do primeiro acorde, o artista gritou a palavra de ordem do movimento pela proibição das ofensas na mídia: “Pense Bem – antes de falar mal”. E fez a festa da Alforria cair no samba.

Só aí Pedro entendeu o recado de Cristal: Pense Bem era o projeto que punia sumariamente qualquer discriminação na imprensa e na TV. Virou-se para a namorada jornalista:

— Clara, daqui a pouco você só vai poder falar o que eles quiserem ouvir.

— Exagero, Pedro — interveio Luana. — O Zé Brasil não participaria de um movimento contra a liberdade de expressão.

Radiante por reencontrar sua boneca de seda, Malabares surgiu do nada dizendo que também adorava o Zé – e convidando a todos para dançarem diante do palco, já segurando a mão de sua nova musa. Clara e Pedro fizeram menção de aceitar a sugestão, mas Luana ficou muda: Beto Leal vinha em sua direção.

— Opa! Obrigado por tomar conta da minha aluna! — chegou

dizendo a Malabares. — E aí, a srta. Maxwell está gostando da festa? Vamos dançar?

Os quatro se dirigiram ao palco num impulso conjunto que excluiu o publicitário careca. Mas ele não ficou nem meio minuto a sós com a sua ira: à sua frente, amável e sorridente, portanto quase irreconhecível, surgiu Luizinho Sete-Quedas.

O bicheiro que fora tão hostil com Malabares alguns meses antes, na sala de espera do governo eleito, já entendera que o nerd se tornara grande no palácio. Mesmo assim, tendo visto a cena de Luana ignorando seu convite para dançar, não perdeu a espetada:

— Salve, Marivaldo! O que é o poder, hein? Que moça linda era aquela? Namorada?

Malabares devolveu a gentileza canina de Sete-Quedas no encontro anterior:

— Não.

Bajulador, o empresário da contravenção corrigiu com um “ainda não”, sentenciando que mulher bonita não resiste a homem poderoso. E encaixou sua primeira tentativa de subir na barca progressista:

— Eu tava mesmo querendo falar com você, Valadares. Tenho trabalhado com um dos empreiteiros mais promissores deste país, e acho que o presidente gostaria de conhecê-lo. É jovem ainda, mas te garanto que...

— Liga pro presidente... — cortou Malabares, virando as costas e indo embora da festa.

Pediu seu carro ao manobrista e saiu despejando sua fúria no acelerador. Duas esquinas depois, um bólido mais veloz ainda fechou seu caminho, obrigando-o a parar. Era um motoqueiro de touca ninja e revólver na mão.

O publicitário botou as mãos para o alto e foi dizendo com um fiapo de voz que o homem podia levar o carro, mas, por favor, não atirasse. O motoqueiro encostou o revólver em seu rosto:

— Não quero essa merda, não. Mas é melhor tu blindar ele. Ou então aprende a respeitar quem tem que ser respeitado.

Diante da tremedeira da vítima, o agressor considerou sua missão cumprida:

— Eu vou embora se tu me disser que entendeu bem o que eu te

disse.

Malabares balbuciou que tinha entendido perfeitamente, e foi liberado.

Luizinho Sete-Quedas pediu licença ao advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos, o Tatá, com quem tomava um uísque, para atender seu celular:

— Oi, querido. Ah, que bom que tudo ficou bem. Ele disse que entendeu perfeitamente? Ótimo, você se expressa bem! Vai descansar agora, garoto.

Desligou e chamou Tatá, que tentava sair de fininho: podiam continuar a conversa.

Agora o bicheiro tentava seu lugar na barca do POP através do advogado que reinava nos três poderes. O problema era que Tatá estava vendo Cristal dançar sensualmente sozinha, e precisava se desvencilhar de Sete-Quedas. Foi quando avistou a caminhada sinuosa de Raul Tedesco. O ministro do Primeiro Tribunal parecia bem calibrado.

Tatá chamou-o quase aos berros para ser notado, e já foi dizendo a Luizinho que ele agora ia conhecer o homem que era “a última palavra da República”. Antes que conseguisse fazer a apresentação, o cacique do Judiciário já foi se pendurando no advogado famoso:

— Tataáá! Graaande Tataáááá! Porra, preciso falar ur-gen-te contigo, meu amigo! O negócio do Mad Maxxx... Tive uma ideia do-ca-ra-lho! Presta atenção...

Sentindo o campo minado, Bastos cortou a incontinência verbal do outro:

— Depois a gente fala disso, excelência. Me permita apresentá-lo a um dos empresários mais arrojados do país, dr. Luiz de Carvalho, grande amigo do nosso João Juvenal...

Tedesco interrompeu com um brado distorcido:

— Meu irmão! Juvenal é meu ir-mão! — e ia batendo ruidosamente nas costas de Sete-Quedas. — Amigo do Juvenal é meu amigo!

Tatá largou o bicheiro com o ministro bêbado e foi dançar com Cristal.

Sete-Quedas logo notou que qualquer diálogo ali seria impossível. Resolveu então jogar verde com o homem do Primeiro

Tribunal:

— Desculpe, mas o senhor falou “Mad Max”?

Tedesco agarrou o braço do bicheiro e fez longo sinal de silêncio com o indicador à frente dos lábios, como fazem os bêbados:

— Sssshhh... Isso é confidencial, companheiro! Segredo de Estado!

Riu da sua própria impostação, e Luizinho continuou a pescaria, dizendo que Juvenal sempre lhe pedia cuidado com assuntos confidenciais.

— Juvenal é meu irrrr-mão! Meu irrrr-mão! — declamou novamente, passando a falar do plano Mad Max. — O inimigo agora vai descobrir o que é tsunami!

Desde o início da festa, fiel ao seu papel de jornalista clandestina, Clara tentava captar aqui e ali as conversas dos novos donos do poder. Ouvindo o tom elevado de Tedesco, ela se posicionou atrás de uma cerca viva a menos de dois metros de distância – no momento em que o ministro começava a expor o plano confidencial ao bicheiro.

Resolveu gravar com o celular, para depois tentar decifrar o idioma da autoridade bêbada, mas uma mão pesada surgiu por trás dela e segurou seu braço. Era o guarda-costas Jung Goldin:

— O que você tá fazendo aí? Você é jornalista?



Depois de esvaziar uma garrafa de vinho, a ministra Maria Rosa resolveu chamar Beto Leal para uma conversa particular. Não ia arrancá-lo da pista de dança, então foi procurar Jung para fazer o serviço bruto. Mas Jung estava em outra missão.

Beto e Luana dançaram, se olharam, se perscrutaram. O professor sentiu o corpo da aluna quente para ele. Ela acabou confessando que temia se envolver: universo novo e confuso. Nesse momento o dono da Resgate foi abordado por um garçom. Trazia um recado da ministra, para que ele fosse encontrá-la no quarto dos fundos do segundo andar.

Luana nem esperou o mensageiro terminar de falar e avisou que ia embora. Beto disse que então também ia.

O anfitrião estava decidido a desertar, para fugir da ministra. Perguntou a sua aluna se ela poderia escoltá-lo em segurança até sua casa. Ela respondeu que segurança era a única coisa que tinha certeza de não ter mais na vida, muito menos para oferecer.



Jung não encontrou o ministro João Juvenal. Tinha uma informação importante para ele, mas só localizou sua noiva, derrubada pelo álcool num banco do jardim. O segurança-secretário passou então a informação ao chefe de gabinete Carmelo, única pessoa sóbria no recinto: ele expulsara da festa uma jornalista da *Tribuna*, Clara Maria, flagrada em atitude suspeita.

O Sombra agradeceu e registrou a joia em seu caderninho, salivando enquanto anotava.



Cristal já conhecia bem o casarão onde ia funcionar a Resgate e puxou o advogado Tatá por uma escada de madeira no segundo andar, que dava num pequeno sótão – estrategicamente mobiliado com uma cama de viúva.

Abriam a portinhola do esconderijo já arrancando suas roupas, mas foram paralisados por um quadro impactante: a cama já estava ocupada por dois corpos nus, ardorosamente enlaçados.

O ministro João Juvenal e a atriz Laurinha Serafim nem notaram a chegada das visitas.

## Guevara veio te buscar

Luana acordou na cama de Beto, sozinha. Olhou em volta, chamou por ele e saiu procurando seu telefone. Não lembrava onde o tinha largado. A rigor, se lembrava de muito pouca coisa da noite anterior, embora quase não tivesse bebido. Mas se lembrava de cada segundo com Beto.

O dono da Resgate fora tentar resgatar sua ONG – e sua reputação. Tinha um incêndio de grandes proporções para apagar: as labaredas vinham do parceiro Malabares, do tesoureiro Galdino e, principalmente, da ministra Maria Rosa. A caça a Luana cegara Beto Leal para as conveniências da política, e ele trombara com os egos errados.

Quando Malabares acordou, Beto já o esperava de terno e gravata na recepção do seu flat no Leblon. Trazia também uma valise executiva de viagem: era certo que teriam de voar para Brasília. Mas o parceiro deu-lhe um chá de cadeira, fazendo-o temer que estivesse tudo acabado. Duas horas depois, a recepcionista o chamou:

— Sr. Beto Desleal, o senhor pode subir.

O publicitário era menos criativo quando estava com raiva. Recebeu o ex-colega de MBA em seu apartamento repetindo o “Beto Desleal” e dizendo-lhe que só o chamaria assim dali em diante.

Passara boa parte da manhã em telefonemas com os cardeais progressistas. Galdino lhe dissera apenas que “esse cara (Beto) é maluco, vai dar trabalho” e que era melhor procurar outra ONG. João Juvenal lavara as mãos, dizendo que apoiava Malabares, mas assinalou que Maria Rosa era “cota do PR (presidente da República)” e infelizmente não podia ser desautorizada nesse assunto. A ministra não estava atendendo Malabares.

O jeito era embarcar imediatamente para Brasília. Antes disso, porém, tinha comício do amante Marivaldo Valadares:

— Porra, tu quer todas pra você, Beto Desleal?

O parceiro ficou surpreso. Respondeu que Luana era sua aluna, e a atração já vinha de antes. Ainda argumentou que Cristal estava claramente interessada nele e fora desprezada. Mas o publicitário

estava focado:

— Não fode, Beto. Tu tem um monte de mulher, passa o rodo nas alunas todas. Eu quero a Luana.

Tentando salvar seu circo do fogo, Beto não estava em condições de contrapor nada. Disse ao parceiro ter certeza de que tudo ia se ajeitar da melhor forma, e propôs correrem para o aeroporto. Montariam no caminho a agenda de Brasília.

Enquanto entrava no seu paletó surrado e enfiava a careca numa gravata já com nó, Malabares disse que não tinham agenda nenhuma para montar. O dia seria simples: iriam à sede do POP puxar o saco de Galdino e mostrar que Beto não era um lunático; depois iriam ao palácio pedir a Juvenal para pedir ao PR para pedir à ministra Maria Rosa que os recebesse; aí puxariam o saco dela, Beto a convidaria para jantar e ficaria tudo bem.

Foi nessa hora que Luana ligou.

Beto atendeu com a voz contida. Não seria nada bom, àquela altura, Malabares saber que era ligação da sua musa. Luana não entendeu nada.

Além de sair sem falar com ela depois da primeira noite de amor deles, o professor parecia até mais impessoal ao telefone do que na sala de aula. Para completar, ele estava informando que ia embarcar em instantes para a capital federal, e ainda não sabia dizer quando voltaria.

A indiferença dele apertou-lhe o coração, que acordara batendo de um jeito diferente. Mas ela nunca tivera tanta clareza sobre um sentimento e jorrou-o assim mesmo, com seu jeito de quem sabe o que está dizendo:

— Tá legal. Boa viagem. Só queria te dizer que vou pegar um adiantamento com a Cristal pra pagar minha dívida no botequim. Ah, e que eu tive que abandonar uma vida de princesa pra saber o que é acordar como rainha.

Beto encontrou uma resposta que não chamaria a atenção de Malabares:

— É isso mesmo que você é.

E decolou para sua missão diplomática no baixo clero.



A cobrança da mensalidade do mestrado de Luana não chegou ao e-mail de sua mãe, como de costume. Isadora Maxwell telefonou para a universidade, pedindo que lhe enviassem o boleto. Foi informada de que não estava devendo nada, porque a matrícula da aluna fora cancelada.

Ligou imediatamente para o escritório do marido, informando-o de que a filha abandonara os estudos. A notícia abalou o casal. Para Bob e Isadora, intransigentes quanto à necessidade de uma formação sólida, aquilo estava sendo sentido como uma segunda ruptura.

Luana acabara de completar vinte e seis anos, e nem a angústia da falta de notícias dela no dia do aniversário abalara tanto seus pais. Parar de estudar, mesmo numa pós-graduação, era grave demais para eles.

— A Luana tá perdida, Roberto! — explodiu Isadora, única pessoa que ainda chamava Bob Maxwell pelo nome original. — Não tem nada de independência nisso... É fuga! Pode até ser um surto! Pelo amor de Deus, bota um detetive pra achar a nossa filha!

O magnata dos hotéis respondeu que em hipótese nenhuma poria um detetive atrás de Luana. Disse que seria um desrespeito a ela – e repetiu sua impressão de que a filha tivera um transtorno emocional, mas não perdera a sanidade.

Ainda assim, concordava com Isadora que não poderiam mais ficar de braços cruzados:

— Eu vou achar a Luana. Pessoalmente.



A secretária da diretoria do grupo Nova Láctea perguntou ao presidente se poderia passar uma ligação do dr. Maxwell. Ele mandou dizer que não estava.

Dois minutos depois recebeu uma mensagem de Maxwell pelo celular:

*borneo, preciso falar urgente. é sobre a luana*

Alfredo Borneo era dono de uma fábrica de laticínios de médio porte e colega de Bob Maxwell numa associação empresarial. Sempre se declarara politicamente neutro, mas passara a evitar Bob desde que ele se posicionara frontalmente contrário ao novo governo

progressista.

Mas Borneo era o pai de Clara e sabia que Luana rompera com o pai. Resolveu ligar para ele.

Maxwell agradeceu o retorno e foi direto: disse que estava tentando localizar a filha e, desculpando-se pela intromissão, gostaria de saber se Borneo tinha ideia do paradeiro dela.

— Não sei, Bob. Parece que a Luana ficou um tempo na casa da Clara, mas não está mais. Acho que o Pedro pode saber...

Pedro trabalhava para a Rede Maxwell e Bob explicou que fazer-lhe esse tipo de consulta configuraria abuso. Borneo compreendeu e disse que, sendo assim, só podia desejar-lhe boa sorte na busca.

Antes de desligar, o dono da rede de hotéis perguntou de chofre:

— Borneo, essa expansão da Nova Láctea tem financiamento do BNF?

Referia-se ao Banco Nacional de Fomento, o maior investidor governamental. O produtor de laticínios fez uma pausa antes de responder:

— O assunto não era a Luana?

A expansão do grupo Nova Láctea era tema de uma notícia no site do jornalista Walter Andorinha, intitulada “Homem de visão” – destacando a gestão de Borneo à frente da empresa cem por cento nacional. Em seguida vinha uma nota intitulada “Homem invisível” – revelando uma investigação contra Maxwell por suspeita de lavagem de dinheiro em eventos de MMA, que a rede de hotéis patrocinava.

Bob desligou o telefone e autorizou a entrada do seu jovem advogado.

Pedro trazia detalhes da tal investigação: a notícia do blog de Andorinha se baseava na intenção de um procurador de abrir inquérito sobre lavagem de dinheiro no MMA; e o procurador se baseara numa notícia do blog de Andorinha que citava denúncia de “uma fonte” (não revelada).

— Jornalismo tarja preta e procuradoria de aluguel — resumiu Pedro. — Velha dupla sertaneja.

A preocupação do advogado era outra. Coincidentemente, no mesmo dia da publicação da denúncia, o governo mandara ao Congresso um projeto de lei chamado de Pacote Democrático: era o

apelido carinhoso de um petardo nas organizações Maxwell.

Anunciado como uma medida progressista “contra os monopólios e grandes concentrações econômicas”, o projeto estabelecia limites para as fatias de mercado controladas por um mesmo grupo. Alguns setores sofreriam mudanças relevantes. No hotelheiro, a concentração máxima cairia para cinco por cento do mercado – sendo que o grupo Maxwell detinha dez por cento. Ou seja: Bob teria que se desfazer de metade da sua rede.

— Isso é uma insanidade! — bradou o empresário.

— Insano e inconstitucional — completou Pedro. — O problema é que o Judiciário está lendo a Constituição de um jeito cada vez mais criativo...

A primeira batalha seria tentar derrotar o projeto de lei na Câmara dos Deputados. O jovem advogado tinha trazido um parlamentar da oposição para explicar a situação. Bob disse à secretária para mandar entrar o deputado Gabriel Charles, do Partido da Centralidade Democrática (PCD).

Charles apresentou um quadro preocupante: o governo do POP estava ganhando todas as votações com maioria avassaladora.

— Dizem até que tem mesada rolando — contou Charles.

— Mesada do governo pra deputado?! Não acredito — reagiu Maxwell.

O empresário sugeriu que tentassem virar o jogo denunciando o viés autoritário da lei. Autoritário e casuístico, emendou Pedro, por atingir principalmente um adversário político do governo. Gabriel Charles ficou pensativo. O advogado perguntou-lhe o que achava da ideia.

— Não sei... Não vai ser fácil — disse o deputado da oposição. — Acusar de autoritário um governo santificado?

Com menos de quinze minutos de conversa, Maxwell agradeceu a presença do deputado, que viera de Brasília só para aquela reunião, e disse que ele podia se retirar.

Charles deixou a sala do empresário sem que Pedro conseguisse sequer olhar para ele, tal o constrangimento. Bob não parecia nada arrependido do gesto extremo:

— Porra, com esse entusiasmo todo, o Gabriel Charles não lidera nem bancada de hidroginástica!

O jovem advogado teve que rir. E logo depois teve que engolir em seco.

Dizendo-lhe que agora ia passar ao assunto mais urgente de todos, Maxwell disparou:

— Pedro, onde a Luana está?



De sua ampla sala na nova sede da Resgate, no centro do Rio, Luana via o mar. E via a paisagem da sua nova vida: um trabalho libertador, uma moradia só sua, um amor de verdade.

A Lei da Alforria passara facilmente no Congresso Nacional, e o convênio para apoio jurídico aos trabalhadores domésticos estava a pleno vapor. Luana estava no olho desse furacão. Era agora uma ex-estudante de advocacia no front entre patrões e empregados – uma ex-milionária lutando ao lado dos pobres.

Do mestrado, ficara só com o professor. E assim cortara o último laço com o dinheiro do pai.

Acabara de receber para análise o caso de uma babá que queria cobrar dos patrões dez anos de horas extras não pagas. Luana já detectara uma onda de advogados oportunistas estimulando demandas irrealis, verdadeiros prêmios de loteria. Decidiu redigir um comunicado à rede de assessorias jurídicas coordenadas pela Resgate: se a Lei da Alforria não fosse aplicada com bom senso, poderia gerar uma epidemia de golpes.

Estava começando a escrever quando foi interrompida pela secretária da ONG.

Um ativista que marcara reunião com ela chegara meia hora mais cedo. Luana fora contratada como coordenadora do convênio sobre trabalhadores domésticos, mas atuava em outras frentes também. Assim era a dinâmica da ONG. Nesse caso, tratava-se de receber o líder de um certo Movimento de União dos Desalojados por Usinas Eólicas (MUDE). Seu papel era avaliar se haveria alguma forma de dar assistência àquela causa.

Resolveu interromper a redação do documento e autorizar a subida do presidente do MUDE, Zé Guevara, à sua sala. Não queria deixá-lo esperando.

Quando o líder social entrou, Luana ficou sem ar: o homem vestido de forma tosca, quase maltrapilha, usando sandálias de palha e chapéu de couro, era Bob Maxwell. Seu pai.

## Mad Max passa bem

Antes de se retirar, a secretária perguntou se Zé Guevara desejava café ou água.

— Não — interveio Luana. — Não precisa servir nada. Obrigada.

Bob Maxwell esperou a secretária sair para tirar o chapéu de couro e se livrar da bolsa a tiracolo de lona:

— Que alívio, Luana. Não sabia nem se você estava viva.

Com o absurdo da situação, a filha não conseguia pronunciar uma palavra. Ficou olhando a figura do pai magnata travestido de líder social, com um figurino patético para um homem que não se descompunha nem no carnaval. Sua expressão de indignação foi se transformando, e ela acabou fazendo a última coisa que gostaria de ter feito ali: explodiu numa gargalhada.

— Zé Guevara?! Meu Deus, de onde você tirou isso?!

E não conseguia mais parar de rir. Embora tenso com a operação maluca, Bob foi desarmado pela reação da filha e riu junto.

— Como você tá ridículo, pai... Não sabia que você era doido assim.

— Doido por você, Luana — devolveu, sério.

Ela não pareceu comovida com a declaração de amor. Mas continuava intrigada com o disfarce:

— Defesa dos desalojados por usinas eólicas... Você que inventou isso?

— É... — confirmou o empresário, meio sem graça. — Como usina eólica não desaloja ninguém, porque não existe reservatório de vento, achei que não estaria desrespeitando nenhuma causa.

Luana riu mais ainda: da engenharia surrealista, da sua própria distração com o disparate da estocagem de vento – e também da preocupação politicamente correta do pai, inédita, para não contrariá-la. Não se lembrava de ver esse tipo de sutileza em Bob Maxwell.

Ele aproveitou a descontração inesperada e deu início à etapa mais delicada da operação: a reconquista da filha.

Evitou falar das unhas dela, curtas e sem pintura, e do ferimento

mal cicatrizado que o cabelo não cobria totalmente. Foi direto para a importância da conclusão do mestrado, já esclarecendo que pagaria mesmo que ela não voltasse para casa.

Luana ouviu serenamente – e depois explicou que não tinha mais tempo para estudar. Contou por alto, a pedido do pai, qual era o seu trabalho. Aí Maxwell não se conteve:

— Filha, não é possível que você vá trocar uma formação sólida por um bico. Você tem um futuro brilhante como advogada. Advogada, não: juíza! Tenho certeza disso. Não joga fora o seu tempo assim... Esse pessoal só quer faturar com a ingenuidade das empregadas.

Luana viu se desenhar de novo à sua frente, nas poucas palavras do pai, o mundo que decidira abandonar. Concordeu que não podia jogar seu tempo fora – com conversas daquele tipo. Voltou a falar com a gana que, segundo Bob, a deixava mais bela:

— Você é um preconceituoso, sr. Guevara. E um invasor. Não sei como me achou aqui, e não quero saber: vá embora, por favor. Você invadiu a minha sala e a minha vida, da mesma maneira que invadiu as terras dos descendentes de escravos.

— Eu?!



Aos trinta anos, Pedro Sampaio já se firmara na equipe titular de advogados que atendiam o grupo Maxwell – e era um dos que atuavam mais diretamente com Bob, presidente e proprietário da rede. Mas no Congresso Nacional ele nunca imaginara entrar, muito menos como lobista.

Com o canhão do “Pacote Democrático” apontado para o império Maxwell, e diante da inoperância dos deputados de oposição, ele mesmo se oferecera para ir a Brasília avaliar o campo de batalha. Bob Maxwell sabia que Pedro não era a pessoa certa para isso.

Mas sabia a pessoa que ele era: graduado em direito corporativo, pós-graduando em penal, estudioso de assuntos diversos e com boa antena política. O jovem se virava melhor que muito jurista.

Credenciado para falar em nome do maior grupo hoteleiro do país, Pedro não desembarcou em Brasília sozinho: convocou para

acompanhá-lo um estagiário de vinte e um anos. Ou seja: a tropa de choque do grupo Maxwell, somada, não alcançava a idade de noventa por cento das raposas do Congresso.

A dupla adentrou a Câmara dos Deputados e se separou lá dentro. Caio Fontoura, o estagiário, distribuiria em mãos um documento com as críticas ao pacote que forçava Maxwell a vender metade da rede – anotando se cada parlamentar já tinha ouvido falar do projeto do governo e se pretendia votar a favor ou contra. A missão de Pedro era expor a duas dezenas de deputados influentes o argumento de que o “Pacote Democrático” do POP era autoritário e inconstitucional.

Quase uma centena de gabinetes foi coberta pela ação da tropa de choque, que não chocou ninguém.

Como chefe da expedição, Pedro declarou-a encerrada após seis horas de périplo e frustração. Os dois cordeirinhos de Maxwell só não tinham sido devorados pelas raposas do Congresso porque elas deviam estar de barriga cheia. A audiência mais longa que conseguiram durara cinco minutos.

Saindo exausto da Câmara com seu escudeiro, Pedro viu saltar de um Land Rover novo em folha, dirigido por um motorista uniformizado, um homem baixo e totalmente careca, apesar de não aparentar mais do que quarenta anos. Olhou bem e identificou Marivaldo Valadares, que conhecera na festa da Alforria.

— Olá, Malabares — saudou o advogado de Maxwell, sem ser reconhecido.

O publicitário ia passando direto, mas Pedro insistiu: disse que era aluno de Beto Leal e amigo de Luana. Marivaldo fez um breve cumprimento e já ia saindo, mas Pedro solicitou-o novamente:

— Você sabe por que o Beto não tem ido dar aula no mestrado?

— Não.

— Mas você não é sócio dele?

— Não. Amigo.

— Achei que você fosse o contato da ONG do Beto com o governo, porque na festa...

— Não sou contato de ninguém, garoto. Dá licença.

Malabares saiu andando, e alguns passos adiante foi saudado por um senhor engravatado, que parecia ter vindo da Câmara para recebê-lo:

— Salve, meu malabarista! Boas novas: Mad Max passa bem!

Pedro propôs a Caio que fossem caminhando ao ar livre, para desintoxicarem-se da atmosfera legislativa. Enquanto tiravam a gravata, comentou com o estagiário que aquela referência a “Mad Max” também tinha sido feita por autoridades na tal festa da Alforria, numa conversa ouvida por Clara.

— Ah, Pedro... Então tá na cara: esse Max é o Maxwell.

O chefe da missão parou e encarou seu ajudante:

— Que história é essa, Caio?

— Se liga, maluco: se o governo é inimigo do Maxwell; se gente do governo falou “Mad Max” na festa; se a festa foi organizada pelo Malabares, que é contato do governo e chega no Congresso ouvindo que “Mad Max passa bem”; e se o Congresso acabou de receber um projeto que detona o grupo Maxwell, “Mad Max” é o “Pacote Democrático”: um plano pra destruir o Bob.

— Porra... Será? — balbuciou Pedro, impressionado com a dedução do estagiário.

Não tinha certeza se a tese estava correta. Mas, se conseguissem mostrar que o projeto do governo progressista era um plano político contra um dos maiores empresários do país, bastaria jogar no ventilador – e a lei estaria ferida de morte.

Resolveu ligar para Bob Maxwell. O empresário atendeu, ouviu a bomba, mas mal reagiu, como se estivesse dopado. Pedro perguntou se estava tudo bem, e Bob disse que não estava podendo falar:

— Estou numa reunião sobre quilombos.



A tese era do sociólogo Amir Solberg, um conhecido intelectual de esquerda, escrita a partir de um estudo encomendado pela Resgate: um dos maiores hotéis da rede Maxwell, no litoral oeste do Rio de Janeiro, ocupava uma área onde teria existido um quilombo, pouco mais de um século antes. Com essa tese, a ONG defenderia a inclusão do terreno do hotel no programa de desapropriações em favor das populações quilombolas.

Luana lera o estudo, por indicação de Beto, e ficara ainda mais convicta da sua renúncia à herança. Perplexo, Bob argumentou que

Amir Solberg era um militante fantasiado de acadêmico, não podia ser levado a sério.

— Pai, o problema é que eu não levo mais a sério quem você leva a sério. Entendeu? Agora vai cuidar dos seus desalojados imaginários.

— Entendi, filha. Você é livre pra pensar como quiser. Só vou te dizer mais uma coisa: nunca apareceu nenhum descendente de escravo no hotel reclamando aquela área.

— Quem sabe? Se reclamasse, você não ouviria.

Cristal cruzou com o empresário travestido de ativista na saída da sala de Luana. Esperou que ele se afastasse e comentou:

— Meu Deus, que figuraça. Quem é?

— Veio pedir apoio contra o projeto de uma usina — respondeu Luana. — Mas estava mal embasado, não deu pra ajudar.

O telefone de Cristal tocou. Era Beto Leal. Ele estava novamente em Brasília e ainda não ligara de lá para Luana.

A Resgate estava acertando um novo convênio com o governo, para assistência a menores sem-teto. A ONG fizera uma pesquisa constatando um aumento explosivo do número de meninos de rua no país, e Beto queria passar o contato de um jornalista indicado pelo palácio, Villa Konder. Iam oferecer a ele uma matéria exclusiva sobre o estudo.

— Isso vai ser uma bomba! Deixa comigo — disse Cristal, enquanto anotava o contato. — Quer falar com a Luana, Beto? Ela tá aqui na minha frente.

A nova namorada do novo fenômeno não governamental estendeu a mão, mas a gerente não lhe passou o telefone:

— Ah, tá correndo agora? Depois fala com ela, né? Ok, meu amor, boa sorte!



A sala de conferências da Resgate estava abarrotada de jornalistas. A matéria de Konder na *Tribuna do Poder* revelara que as estatísticas sobre crianças e adolescentes vivendo nas ruas do país estavam gravemente subestimadas – possivelmente para encobrir o sumiço de menores vítimas de violência policial. Mas os jornalistas

presentes à coletiva que detalharia a pesquisa estavam irritados.

O atraso para o início da entrevista já passava de meia hora quando uma secretária da ONG veio informar que um pequeno problema estava sendo contornado. No meio do aviso, os repórteres ouviram um grito vindo da sala ao lado.

## Quem sumiu com as crianças?

A mansão dos Maxwell nos Jardins completara seis meses de jantares silenciosos, desde que Luana saíra de casa. Mas agora o silêncio ia acabar: burlando o código familiar, Bob e Isadora tinham instalado uma TV na sala de jantar. A melancolia derrotara a elegância.

No dia em que a filha abandonou os pais, a discussão começara por causa de uma televisão ligada na hora da refeição. Bob Maxwell não queria seus adversários vitoriosos falando na hora do jantar – mesmo ao longe, na sala de estar. Agora ele mastigava um *foie gras* olhando para João Juvenal, o homem forte do POP, que dava entrevista sobre os avanços sociais do governo.

Isadora começara a dar sinais de depressão aguda, e o marido decidira passar a almoçar em casa sempre que pudesse. A TV aplacava a monotonia do casal – mesmo mostrando o triunfal implante capilar do ministro-chefe da Casa Civil.

— A Lei da Alforria é só o começo — avisou Juvenal, imponente na biblioteca do palácio, com uma parede de livros ao fundo. — Estamos apresentando o número real de menores em situação de rua neste país, que vem sendo abafado pelas elites há quinhentos anos.

— Há quinhentos anos já havia menores de rua? — quis saber a entrevistadora.

— As estatísticas não são precisas — ressaltou o ministro —, mas, com certeza, este país tem menores de rua desde que tem rua.

Bob perguntou a Isadora se ela queria mudar de canal. Ela disse que tanto fazia. Não havia ânimo nem para calar a boca de Juvenal. Então ele continuou falando, e o empresário teve de ouvi-lo pedindo ao Congresso a aprovação do “Pacote Democrático” – que bombardeava a sua rede hoteleira:

— Tenho certeza de que os parlamentares deste país são contra o abuso de poder econômico. E haverão de dar esse passo importante conosco rumo à justiça social.

Isadora comentou que estava preocupada com a nova lei. Bob engoliu em seco: vinha protegendo a esposa daquele assunto, em razão de sua saúde, e de repente ela sabia de tudo.

— Isso não vai dar em nada, meu amor — tentou tranquilizá-la.

— Como, não vai dar? Já deu! Todos os nossos empregados estão pedindo pagamento retroativo de horas extras. As trabalhadas e as imaginadas. Isso dá cadeia agora, sabia?

Aliviado ao entender que ela se referia à Lei da Alforria – cujo prejuízo à família seria coisa de um milionésimo do que o “Pacote Democrático” poderia causar –, Bob tomou coragem e entrou no outro assunto que estava escondendo:

— A Luana está trabalhando com isso.

A mãe levou um susto. Em um segundo, o marido constatou que sua abordagem “casual” fora um desastre. Mas era tarde para consertar:

— Ela está defendendo os empregados domésticos. Isadora, eu encontrei a Luana.

Isadora saiu de si:

— Encontrou?! O que você tá me dizendo, Roberto?!

— Desculpe, meu bem, foi quase uma operação de guerra. Não quis te deixar na expectativa. Nossa filha está bem.

— Tá bem onde, seu louco?! Cadê a minha filha?! Quando ela volta?!

— Ela trabalha numa ONG no Rio. A Luana está diferente, meu amor. Muito diferente. Ela não vai voltar.

Isadora perdeu a cor, depois perdeu as forças. Desabou sobre o prato. O marido não conseguiu reanimá-la. Chamou uma ambulância.



O primeiro grito gerou perplexidade. O segundo, alvoroço. Afinal, quem lotava a sala de conferências da Resgate eram repórteres – e repórter não é curioso por curiosidade, mas por profissão. A combinação do atraso com os gritos fez todos se levantarem das cadeiras, e um fotógrafo forçou a entrada na sala de onde vinha o ruído.

Luana chegara para trabalhar naquela manhã com a felicidade estampada no rosto. Tivera uma noite especialmente romântica com Beto, em meio às viagens e compromissos que tornavam a agenda do seu ex-professor cada vez menos previsível.

Ele a levava a uma gafeira, mesmo ela dizendo que dançava mal e era “dura”. Nos braços dele, descobriu que não era dura – mais uma de suas novas descobertas sobre o que os corpos de uma mulher e de um homem podem fazer juntos.

Na casa dele, de madrugada, um contratempo. Vencendo a inibição, Luana conseguira enfim elogiar o sexo com ele de forma mais objetiva – referindo-se à intensidade e à duração do ato. Beto comentou, risonho, com uma referência não muito sutil ao ex-namorado lutador dela:

— Normal, meu amor. É que esses caras de MMA são treinados pra acabar logo com o duelo.

Ela se levantou e foi para a varanda. Ele foi atrás, já se penitenciando:

— Desculpe, Luana. Às vezes eu sou meio bobo mesmo. Do tipo que perde a namorada pra não perder a piada. Mas você eu não quero perder.

Da varanda do quarto de Beto, um sobrado no alto de Santa Tereza, se via boa parte das luzes da cidade. O cenário ajudou a realçar a declaração de amor. Voltaram sôfregos para a cama e seguiram com o baile.

Com seu salário, Luana alugara uma quitinete próxima aos Arcos da Lapa e comprara uma bicicleta usada. Ia pedalando para o trabalho no centro. O botequim onde ela tomara o café da manhã fiado ficava fora da rota diária. Mas naquela manhã ela teria uma folga de horário – e pegou um ônibus para Botafogo.

O gerente do boteco a reconheceu. E se surpreendeu com o gesto, depois de tanto tempo: ela pagou dobrado pelo queijo quente e o suco de laranja.

— Obrigado pela caixinha, moça.

— Não é caixinha — respondeu Luana. — É taxa de confiança. Tá cotada em cem por cento, porque todo mundo anda desconfiado de todo mundo.

Ela avistou o balconista que a ironizara quando ela dera sua palavra:

— E diz a ele, seu Manéu, que pode tirar a minha palavra da geladeira. Deve estar ocupando espaço.

O balconista sumiu cozinha adentro. O gerente se animou e disse a

Luana que se ela se candidatasse “a qualquer coisa” tinha o voto dele. Ela riu:

— Tá legal. Se eu me candidatar, prometo vir fazer corpo a corpo aqui no seu bar.

Um freguês que tomava uma pinga, já meio escorado no balcão àquela hora da manhã, resolveu assessorar a bela candidata:

— Não quer começar esse corpo a corpo logo, deputada? Eleição não é fácil não...

Cristal estava terminando de organizar o material para a entrevista coletiva quando Luana chegou à Resgate e pediu para dar uma olhada nos dados sobre menores de rua.

Leu a pesquisa inteira duas vezes. Foi então consultar Cristal – que estava ao telefone e não pôde ouvi-la. Luana voltou a repassar os dados. Não era especialista em estatística, mas achava que havia um defeito no cálculo da população infantojuvenil desabrigada nas grandes cidades.

Cristal continuava ocupada, então o jeito foi ir à sala de Beto. O presidente da ONG também estava preso num telefonema.

Coordenadora do projeto sobre empregados domésticos, ela não estava envolvida com o estudo sobre meninos de rua, mas colocou um bilhete na frente do chefe: “Preciso falar com você sobre a pesquisa que vai ser apresentada agora. Urgente”. Beto rabiscou no mesmo papel, sem largar o celular: “Cristal é que sabe tudo disso”.

Cristal continuava no seu telefonema, sem lhe dar atenção. Num impulso, Luana tirou o telefone da mão dela:

— Desculpe, querida. Tenho que falar com você agora. É grave.

Luana espalhou as planilhas na mesa e mostrou sua constatação: os números de “menores que vivem nas ruas” estavam somados aos dos “menores que dizem ter casa, mas dormem nas ruas”.

— Os meninos que têm casa e ficam na rua podem ter sido contados duas vezes! — apontou.

Sem perder a serenidade, Cristal explicou que a crítica não procedia: uma fonte de pesquisa levantara o número de menores que moravam nas ruas, e outra fonte pesquisara os menores que tinham casa, mas fugiram ou optaram por viver nas ruas. A soma dos dois contingentes estava correta.

— Mas a primeira fonte não pesquisou se os moradores de rua

têm casa! Uma parte desse primeiro grupo pode estar no segundo grupo!

Cristal insistiu que não havia possibilidade de os números estarem inflados, e mostrou a matéria de Villa Konder na *Tribuna*:

— Annabelle, meu amor, você acha que o jornal ia cometer um erro desses?

Luana sabia que a matéria tinha sido baseada nos dados da Resgate – aquilo parecia um pingue-pongue. E, no que os lábios de Cristal pronunciaram o apelido inspirado na boneca maldita, a gerente franzina assumiu as feições monstruosas de um ácaro gigante.

Com a colega desmaiada, Cristal chamou o segurança para socorrê-la e reuniu seu material para iniciar enfim a entrevista coletiva. Quando abriu a porta de sua sala, um fotógrafo atraído pelos gritos de Luana tentou entrar.

Em menos de um minuto, antes que pudesse avistar ou fotografar alguma coisa, o invasor tinha sido posto na rua – e proibido de acompanhar a coletiva. O serviço foi executado com energia e eficiência por Bakunin, o segurança, recém-contratado devido ao rápido crescimento da ONG.

Amigo de Cristal, o jovem alto e forte era do grupo de Sheik – os chamados “ativistas de enfrentamento”. Eram especializados em esfacelar agências bancárias, orelhões, placas de rua, bancos de praça e outros símbolos do capitalismo. Fotógrafos e cinegrafistas da imprensa burguesa também não tinham vez com eles.

Superado o incidente, o lançamento da pesquisa foi um sucesso. O número explosivo de menores de rua foi reproduzido pela imprensa internacional. Zé Brasil compôs uma canção de protesto. O deputado Fraga atacou a polícia: “As estatísticas sumiram com nossos meninos. Mas estatística só some com números: quem sumiu com as crianças de verdade?” – e pediu a abertura de uma CPI dos Desaparecidos.

Na chefia da Casa Civil, João Juvenal mandou avisar a Malabares que o novo convênio estava pronto para a assinatura.

— Belo trabalho do Konder — festejou JJ com o porta-voz Alex Sander.

Os subalternos não gostavam muito de ouvir elogio de Juvenal. Em geral, vinha uma cobrança de sobremesa. E não deu outra. O

superministro aproveitou para perguntar por que Villa Konder ainda não fizera a matéria sobre a suspeita de lavagem de dinheiro contra Bob Maxwell.

Sander informou que o jornalista “estava apurando”.

— Apurando é o cacete! — reagiu Juvenal. — A fonte dessa porra somos nós! Com quem esse animal tá apurando?

A notícia sobre a suposta fraude financeira de Maxwell envolvendo os eventos de MMA só saíra no blog de Walter Andorinha. JJ sabia que era importante ir além da imprensa auxiliar, para dar credibilidade. Perguntou ao porta-voz quem mais na lista de imprensa dele poderia topar a pauta.

— Falar em lista — interrompeu Carmelo, sempre sombreando —, deixa eu te passar logo uma pendência aqui, Juvenal. Lista negra, no caso.

Abriu seu caderninho e leu o nome da jornalista Clara Maria, da *Tribuna do Poder*.

— Tava infiltrada na festa da Alforria. O Jung identificou e expulsou. Ficamos monitorando. Ela tenta cavar umas pautas sobre influência do governo no Judiciário. Mas nada de mais até agora.

— Então deixa ela — minimizou o ministro. — Fuxicando o Primeiro Tribunal, é?

— Pois é. Na festa ela tava ouvindo uma conversa do Tedesco com o Sete-Quedas, não sei se tem a ver com isso...

João Juvenal ficou estático. Pouco depois da festa, Malabares reclamara com ele da ameaça que sofrera de Luizinho Sete-Quedas, com arma na cabeça e tudo. O ministro questionou o bicheiro, e ouviu uma resposta cifrada: “JJ, eu agi com violência porque sou fã do Mad Max”.

Juvenal conhecia bem o personagem: o recado significava que ele sabia do plano contra o empresário Maxwell. Agora vinha a confirmação: o ministro Raul Tedesco, do Primeiro Tribunal, tomara um supremo porre e falara demais. A matemática era simples: Sete-Quedas ia chantageá-lo com aquela carta na manga.

Mas havia algo ainda mais urgente que separar um bom filé para o bicheiro. Se aquela jornalista estava ouvindo a conversa, poderia ter escutado também sobre o plano Mad Max. Juvenal anunciou que mudara de ideia:

— Sander, liga pro dono da *Tribuna* e pede a cabeça dessa Clara.

— Tem um problema aí — interveio novamente o Sombra, puxando outra informação do caderninho. — Essa jornalista é filha do Borneo.

— Puta que pariu, Sombra. Filha do Borneo?!

A reação fez Carmelo riscar imediatamente o nome de Clara da lista negra, concordando que deviam ser solidários com um empresário progressista como Alfredo Borneo – e perdoar sua filha.

Mas o cálculo de João Juvenal era outro: se Clara começasse a investigar o plano Mad Max, seu pai ia acabar sabendo – e poderia querer dar para trás. O mais seguro era deixá-la desempregada.

— Não se preocupa com o Borneo — disse Juvenal a Sander. — Pode pedir a cabeça dela na *Tribuna*. Liga agora.



Em comemoração à assinatura do novo megaconvênio com o Ministério da Valorização Social, Beto Leal convidou a namorada para voltarem à gafeira. Dessa vez, Luana recusou. Disse que ia dormir em casa – o que se tornara raro quando ele não estava viajando.

Notando a namorada abatida após mais uma alucinação, Beto procurou confortá-la. Disse que aquilo devia ser reação emocional à brusca mudança de vida. O que não saía da cabeça de Luana, porém, não era o rosto desfigurado de Cristal, na visão que já tivera também diante do Sombra e do próprio Beto. Era a salada de números da pesquisa sobre menores de rua.

O namorado, chefe e ex-professor disse que poderiam comemorar outro dia. Mas tinha mais um convite, “muito melhor que gafeira”, e ia fazê-lo imediatamente:

— Quero que você seja a coordenadora do maior projeto que essa ONG já teve: o SOS Filhos da Rua.

Luana não conseguiu olhar para o rosto de Beto.

## Cortem-lhe a cabeça

Um gol aos cem dias de governo, outro mais bonito ainda aos duzentos dias. A ação do malabarista Marivaldo Valadares no mandato do POP prometia uma goleada.

A Lei da Alforria e o SOS Filhos da Rua tinham alcançado grande impacto popular, permitindo forte injeção de verbas públicas através da ONG Resgate. Conforme prometido, Malabares estava “fazendo o dinheiro andar” – e o poder de fogo do Partido da Opção Popular crescia a olhos vistos. A sede do POP agora ocupava um prédio de quatro andares no centro de São Paulo, e as reuniões do núcleo duro tinham se deslocado para lá, evitando o entra e sai no palácio.

Na primeira reunião da nova sede, Malabares foi recebido como um príncipe. Mas não trazia notícias boas. Estava voltando do Congresso Nacional e foi direto ao ponto: o preço para a aprovação do “Pacote Democrático” tinha subido:

— As bancadas estão com o governo, claro, mas estão dizendo que a lei é polêmica, mexe com gente grande. Enfim, os companheiros deputados estão aproveitando pra reajustar a tabela.

O tesoureiro Galdino era quem tinha menos paciência para as coreografias dos nobres parlamentares:

— Esses merdas tão achando que dinheiro cai do céu, porra? Sou a favor de deixar a pão e água. Vamos ver se eles não votam.

Sempre que sua ansiedade permitia, o ministro João Juvenal esperava a primeira rodada de opiniões. Isso porque, depois da dele, todo mundo concordava.

O advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos, o Tatá, tinha virado quase um ministro informal do governo – e já não se fazia mais reunião do núcleo duro sem ele. Para variar, Tatá tinha um plano B:

— E a conta na suíça do Bob Maxwell?

A princípio ninguém entendeu, o que também era comum, porque Tatá era mais inteligente que os outros. George Carmelo, o escoteiro, foi ao pé da letra:

— Que conta? Não se sabe de dinheiro do Maxwell na Suíça. Juvenal achou que já era hora de entrar:

— Você consegue encontrar essa conta, Tatá?

— Vou procurar.

Malabares pegou o bonde:

— É... O segundo melhor combustível pra deputado é manchete de jornal.

Juvenal pediu licença para atender uma ligação de Alex Sander. O porta-voz também não tinha boas notícias:

— Falei lá na direção da *Tribuna*. Eles lamentam que a repórter Clara tenha entrado numa festa fechada, mas não veem motivo pra demiti-la.

A rara placidez do chefe da Casa Civil foi embora em um segundo:

— Você é um incompetente, Sander! Volta a dar aula de sociologia, que é o teu lugar! Você não tem noção do governo que representa! O jornal não tem que ter motivo pra demitir a garota, porra. Quem tem que ter motivo somos nós!

Vendo que a descompostura ia longe, Galdino acendeu seu charuto. Pôs outro na boca de Malabares e cochichou um assunto completamente diferente: todo o estado-maior ia a uma festa de arromba na mansão de Tatá no Lago Sul.

O advogado dos poderosos enchia a casa de mulheres lindas e escolhia na hora a dele. Tatá adorava as jornalistas charmosas de Brasília, e boa parte delas adorava Tatá. Isso talvez explicasse por que o advogado tinha tanta imprensa. Mas Malabares estava sendo convidado a não ir à festa:

— Gente chata. Vou te levar na night do deputado Alberto Palermo. Lá só vão as malvadas. Porra, se é pra se meter em Brasília num sábado, vamos pro crime que compensa!

Malabares agradeceu, mas disse que não poderia ir. Estava comprometido. O tesoureiro riu:

— E daí, rapaz? Uma coisa não tem nada a ver com a outra!

Mas a coisa parecia séria, não houve jeito de convencê-lo. O malabarista só não podia confessar, a Galdino e a ninguém, que seu compromisso era imaginário. Com Luana.

Na véspera da assinatura do convênio, Beto Leal levava um susto. Num telefonema enigmático, Malabares disse que a “gula” do parceiro poderia pôr tudo a perder. Beto levou algum tempo para entender que era um protesto contra seu caso com Luana.

Respondeu com sagacidade:

— Tudo passa, companheiro. E na minha vida, tudo passa rápido. Você sabe disso.

Malabares assinou o convênio, mas manteve a pistola engatilhada, esperando sua musa passar.

João Juvenal desligou o telefone com Alex Sander e avisou que a reunião estava encerrada: ele precisava falar urgente com o presidente. Acionou dali mesmo a secretária:

— Rosaly, liga pro PR! E passa pra sala vermelha, tô subindo lá.

O homem forte do governo explicou ao presidente o caso da jornalista Clara Maria, que entrara clandestinamente na festa da Alforria. A *Tribuna* estava relutando em demiti-la, então ele iria ameaçar o jornal com corte de anúncios estatais.

O PR já cansara de dizer a Juvenal que ele tinha carta branca, mas o ministro achou prudente informar o chefe sobre a represália envolvendo publicidade estatal. Só não esperava aquela resposta:

— Companheiro Juvenal, sinceramente, não vejo motivo pra pedirmos a cabeça dessa jornalista.



Clara chegou em casa e ouviu Pedro falando baixinho ao celular, em tom carinhoso. Ao notar a namorada, desligou. Clara perguntou com quem ele estava falando. Ele desconversou. Ela pegou o telefone dele e viu que a ligação era com Luana.

A jornalista já estava botando o namorado para fora de casa quando ele se explicou:

— Desculpe, meu amor, não te falei porque sei que você tem ciúme. Foi o Maxwell que me pediu pra avisar a Luana: a mãe dela teve um AVC.

Clara ficou desconcertada. E mais ainda quando seu telefone tocou em seguida. Era Luana. E parecia nervosa.

— Vi o monstro de novo – desabafou. – Dessa vez foi a Cristal.

Descreveu a situação que a levou ao último desmaio e disse que parecia um pesadelo, como se não ouvissem o que ela falava. Estava telefonando porque precisava conversar com alguém que a entendesse.

A jornalista pediu-lhe que fosse mais específica. Luana relatou a discussão em torno da estatística sobre menores de rua.

— Não te ouviram ou não quiseram te ouvir, Luana? Isso é muito grave!

Mudando o tom, Luana disse que não lembrava direito, talvez estivesse embaralhando os dados. A repórter pediu detalhes e foi cortada:

— Esquece o que eu te falei, Clara. Não tô bem. Você tem razão, vou procurar um psiquiatra.

— Procura sim, urgente. Mas psiquiatra não cura erro de estatística.

Clara não teve resposta, e mudou de assunto:

— Sinto muito pela sua mãe... Você vai visitá-la?

Luana já tinha desligado.

A jornalista acompanhara a repercussão da pesquisa e agora estava intrigada com a dúvida que vinha de dentro da própria ONG. Não quis falar mais sobre Luana com Pedro e ligou para seu pai, interlocutor preferencial para quase todos os assuntos. Mas aquele não pareceu interessar a Alfredo Borneo. Ele lamentou a confusão mental de Luana e elogiou a solidariedade da filha.

— Pai, presta atenção: uma coisa é a alucinação da Luana, outra é a possibilidade de um erro estatístico grave, encampado pelo governo!

— Cuidado com a precipitação, Clara. Repórter não pode confundir surto com denúncia.

Clara não aguentou e contou a Pedro a história toda – especialmente a reação atípica do pai, sempre um incentivador do ímpeto investigativo dela. O namorado minimizou, disse que Borneo poderia não estar num dia bom.

— Porra, Pedro! Você também? Será que sou eu que tô vendo fantasma agora?

O advogado engoliu em seco. Não queria dizer à namorada que o fantasma andava na sua mira.

A dedução de Caio, o estagiário, sobre o plano Mad Max se desdobrara. Com Bob Maxwell mobilizado pelos problemas familiares, a dupla voltara de Brasília decidida a prosseguir com a análise por conta própria.

Quando Pedro mostrou no blog de Andorinha a insinuação contra

Maxwell sobre lavagem de dinheiro, exatamente no dia da apresentação do “Pacote Democrático”, Caio reparou na dobradinha com a notícia positiva sobre o dono da Nova Láctea: o “Homem de visão” (Borneo) *versus* o “Homem invisível” (Bob).

— “Borneo” não é o nome que os picas do governo falaram na festa? No meio daquele papo de “Mad Max”?

O estagiário acabara de puxar outra pista para o quebra-cabeça, e o pai de Clara infelizmente era a possível nova peça – que não sabiam como nem onde se encaixaria. Mas o indício parecia forte, e Pedro propôs a Caio uma missão radical: pedir emprego na Nova Láctea e espionar Borneo por dentro de sua empresa.

O estagiário pediu um tempo para pensar. Mas estava mentindo: se candidatou imediatamente ao programa de trainee da empresa, que estava com muitas vagas devido ao processo de expansão. Quando Pedro veio lhe perguntar se tinha pensado, ele já estava contratado:

— Como assim?! Você não me disse nada!

— Espião é assim mesmo. Fala pouco — devolveu Caio, fazendo o chefe gargalhar.

Clara tinha perdido a paciência com as evasivas do namorado e do pai. Ligou para seu chefe de reportagem na *Tribuna*, que certamente iria bancar no ato a investigação da estatística duvidosa. Explicou a pauta, mas a resposta não foi a esperada:

— Não sei, querida. Vamos avaliar. Ia mesmo te ligar, Clara. Preciso conversar outro assunto com você.



Surpreendido pela reação do presidente, o ministro João Juvenal se desculpou pela explicação insuficiente e completou: a jornalista Clara Maria não só invadira a festa como “muito provavelmente” ouvira referências ao plano Mad Max. O PR retrucou de novo:

— Ouviu? Como você sabe que ela ouviu?

Juvenal gelou. Supunha que a repórter tivesse ouvido a menção ao plano na conversa entre Raul Tedesco e Luizinho Sete-Quedas, mas o presidente não podia saber que ele convidara o bicheiro para a festa.

— O Jung me falou, presidente. Foi ele que pegou a repórter ouvindo um dos nossos falando sobre o Mad Max.

— Então tá — encerrou o Guia, autorizando o ministro a seguir com a degola.

Assim que desligou, o presidente da República pediu uma ligação para Jung Goldin, o faz-tudo do POP:

— Oi, Jung. Já comprou a carne pro churrasco de sábado? Isso, alcatra. Ótimo. Querido, me diz uma coisa: essa jornalista que você expulsou da festa... Ela viu alguém falando sobre Mad Max?

— Desculpa, meu presidente. Mad Max? Passou esse filme na festa? Se ela viu eu não sei, não, senhor.

## Cristo mora longe

— Eu acho que você deve aceitar o cargo, Luana.

Dez minutos depois de se deitar no divã, a paciente não esperava ouvir um conselho tão direto do psicanalista que acabara de conhecer.

O dr. Emanuel Chomsky tinha uma clientela jovem e culta, que buscava a modernidade da sua “clínica política”. Luana recebera um link com a Primeira Lei de Chomsky: “O psiquismo é indissociável do seu contexto social”. Marcou uma consulta.

Iniciou a sessão falando de sua culpa por não ter ainda visitado a mãe, que sofrera um AVC. O analista lhe disse que tudo tinha seu tempo. Ela passou então a expor seu dilema profissional: fora convidada a dirigir um belo projeto e tinha dúvidas sobre os dados que o embasavam.

Bem informado, o dr. Chomsky já lera sobre o SOS Filhos da Rua. Ouviu a descrição da alucinação, o que aumentava a insegurança da paciente quanto ao novo cargo. O analista minimizou o episódio e recomendou que ela aceitasse o convite.

— Mas, dr. Emanuel, será que eu estou ficando louca? Achei que vi um erro estatístico que ninguém viu, depois achei que vi um monstro no lugar da pessoa responsável por essa estatística...

— Luana, isso tudo pode ser normal. Os números foram reconhecidos por toda a sociedade. Talvez você esteja lutando contra um preconceito social inconsciente.

A dissidente da família Maxwell levantou-se do divã e pagou a consulta-relâmpago:

— Tchau, dr. Chomsky. Acho que o meu psiquismo não se encaixou no contexto social do seu consultório.

Duas horas após deixar o moderno prédio comercial em Ipanema, Luana estava coberta de poeira, numa pequena estrada de terra na periferia. Caminhando ao seu lado, Cristal explicou que ali não era permitido transitar de carro: ordem do chefe do tráfico.

Ao sair do psicanalista, Luana ligara para Beto Leal dizendo que não ia poder dirigir o novo projeto. Ele estava em São Paulo, sem

tempo para falar, mas pediu a ela uma “última chance”: não precisaria fazer nada, só seguir Cristal e confiar nela.

Luana respondeu que confiar em Cristal já era, em si, uma decisão difícil. O namorado pediu-lhe que então confiasse nele.

Após meia hora de caminhada, cercadas de mato por todos os lados, a gerente e a coordenadora da Resgate chegaram a uma pequena chácara. Desviaram de uma galinha que fugia de um viralata e entraram num casebre de madeira.

Cristal chamou o habitante solitário da casa, sem resposta – e só aí Luana soube o nome dele: Cristo. A gerente entrou num quarto escuro (apesar de ainda ser dia) e constatou que Cristo estava dormindo. Acordou-o e voltou com ele para a sala. O homem franzino, sem camisa e sem pelos, parecia uma versão carnavalesca do Mahatma Gandhi.

— Annabelle, esse homem é poderoso. Ele vai te dar um passe, e você vai ficar boa.

Atordoada naquele fim de mundo entre Cristo e Cristal, a ex-princesa desistiu de ser dócil:

— Meu nome não é Annabelle e não vou levar passe nenhum. E não acredito que você me fez vir até este buraco pra uma sessão de macumba.

Cristal tentou explicar que passe não era macumba, enquanto Luana já batia em retirada. Mas não conseguiu sair da casa.

— Tudo bem, não vou te dar um passe. Vamos conversar.

A voz do homenzinho esquisito parecia contrariar a sua figura: era robusta, macia, cativante. Luana virou-se e deu de cara com um sorriso magnético: Cristo se agigantara.

Cristal deixou-os a sós. Ainda embaraçada, Luana contou que andara tendo vertigens fortes. E que o estado de torpor lhe trazia visões monstruosas. O anfitrião esperou-a terminar e apenas murmurou: “Entendo”. A voz profunda saiu de um rosto plácido, quase sorridente de tão relaxado.

Luana chorou um choro contido, que emendou num choro caudaloso. O homem se manteve impassível. Ela repetiu o que dissera ao psicanalista:

— Acho que estou ficando louca.

Cristo esperou o choro terminar para falar:

— Não acho que você ache isso.

A voz dele a confortava e inquietava ao mesmo tempo. Sentiu-se movida a contar-lhe sua vida. Saiu disparando perguntas como se tivesse descoberto um oráculo. Ele interveio:

— Calma. Cristo é só apelido de Cristóvão, não sou guru. Você disse que abandonou uma vida hipócrita?

Ela confirmou, dizendo que junto com a libertação vieram as alucinações, o que não fazia sentido.

— Então acho que você deve observar os seus monstros.

— Observar?!

— É. Isso pode ser uma psicose.

A palavra provocou um calafrio em Luana. Pensou em Annabelle, a boneca demoníaca: seria o apelido um aviso de Cristal sobre sua psicose? Cristo prosseguiu:

— Mas, se não for psicótica, você pode ser sensitiva. Nesse caso, essas visões não são alucinações: são mensagens.

— De quem? Como assim? Por que eu não tinha isso antes? Meu passado tá me assombrando?

— Talvez. Ou o seu presente. Pare de perguntar e observe.

Luana pediu para fazer uma última pergunta: deveria aceitar o trabalho com menores de rua? Cristo respondeu que estava cansado e voltou a dormir.



Após uma semana de tentativas, Clara não tinha conseguido apurar nada sobre as estatísticas de menores de rua. Sua demissão da *Tribuna do Poder* dificultara a tarefa. Estava tentando trabalho em outros veículos, mas nenhum dos seus contatos retornara as ligações. Descobriu quanto era difícil conseguir entrevistas como jornalista autônoma.

A justificativa para sua demissão fora contenção de despesas. Ela desconfiou, especialmente porque a economia do país estava aquecida e nenhum setor estava fazendo cortes. Desabafou com o pai: achava que estava sofrendo perseguição por ter sido flagrada na festa fechada do governo.

Alfredo Borneo disse à filha que parasse de ver assombração à luz

do dia. Incentivador da carreira jornalística da filha, dessa vez ele tinha uma sugestão diferente:

— Clara, você deve estar estressada. Trabalhando quase sem férias há mais de cinco anos. Por que não dá uma parada agora?

— Parar?! — assustou-se Clara. — Você quer que eu pare de trabalhar, pai?!

— Meu amor, você tem vinte e oito anos, ainda pode investir na sua formação. Por que não aproveita essa pausa e vai fazer uma pós nos Estados Unidos? Não se preocupa com emprego, não vou deixar te faltar nada.

Clara ficou de pensar. Seu telefone tocou de novo, ligação de número privado. O coração disparou.

Podia ser da direção da revista *Milênio*, única que respondera a seu e-mail com pedido de emprego. A voz, porém, era desconhecida:

— Clara Maria, estou com aquele SOS que você me pediu. Posso te entregar amanhã ao meio-dia na recepção do Hotel Maxwell. Vou estar de boné vermelho. Tchau.

A repórter temeu uma armadilha – alguém fingindo ter informações para lhe passar. Estava realmente se sentindo perseguida.

Mas no minuto seguinte o “SOS” voltou-lhe à cabeça: podia ser sua fonte no Ministério da Valorização Social, para falar sobre menores de rua.

O caso da demissão de Clara estava na mesa do presidente da República. João Juvenal lhe dissera que a repórter ouvira uma conversa sobre o plano Mad Max, mas Jung, a suposta testemunha, nem sabia do que se tratava. O presidente fez uma última pergunta ao faz-tudo do POP:

— Jung, essa repórter que você expulsou da festa tava espionando alguém?

— Tava sim, presidente.

— Quem?

— O ministro Raul Tedesco, do Primeiro Tribunal, e o dr. Luizinho.

— O Sete-Quedas?

— Sim, senhor.

O PR ligou para seu ministro-chefe da Casa Civil:

— JJ, o Sete-Quedas foi à festa da Alforria?

João Juvenal fez grande esforço para não gaguejar:

— Que eu saiba não, meu presidente.

— Pois é, mas ele foi. Você devia estar distraído.

O ministro começou a tentar construir um alibi, mas o PR cortou:

— Não sei se já te disse isso, companheiro Juvenal: não quero esse operador perto do governo. Nem os métodos dele. E não vou mais esquecer que te disse isso.

Antes de completar o primeiro ano no poder, o homem forte do POP precisava sair de uma sinuca: de um lado a chantagem do bicheiro, de outro o ultimato do presidente.



Gafeira, champanhe, amor noite adentro. Beto Leal e Luana Maxwell comemoraram intensamente a decisão dela de aceitar a direção do projeto SOS Filhos da Rua. Quando o céu começou a alaranjar na varanda panorâmica de Beto, Luana disse que estava apaixonada. E não deixou que ele falasse nada em seguida: “Declaração de amor não se responde”, filosofou a advogada.

Beto riu, mas logo foi chamado a responder a uma questão bem menos doce:

— Nessas idas a Brasília, você tá saindo com a ministra Maria Rosa?

Eram evidentes os sinais de que a relação da ONG com o ministério ia muito bem: com os repasses regulares, a Resgate ia sendo reequipada e modernizada. O dono abandonara a carreira de professor e parecia mais folgado financeiramente, tendo acabado de comprar um Land Rover zero e passado a sua picape para uso da ONG.

— Meu interesse naquela mulher é zero — garantiu Beto. — Figura esquisita.

— Não te perguntei se é esquisita. Perguntei se você tem dormido com ela.

Beto defendeu-se atacando: perguntou se ela estava insinuando que sua ONG dependia de ajuda extraprofissional. Luana preferiu não responder.

A luz do dia já começava a mostrar as olheiras, era melhor

dormir.

Quando ela acordou, o namorado já tinha ido para Brasília. Luana tinha dormido pouco, estava sem disposição para descer Santa Tereza de bicicleta até a Lapa. Beto tinha saído com o Land Rover. Ela resolveu pegar a picape.

Tinha dirigido meia dúzia de vezes na vida (só andava com o motorista da família), e a última fazia mais de cinco anos. Mas acordara com o humor atravessado e num impulso já estava na garagem ligando o carro.

Resolveu rodar pela cidade. Queria observar a rua e seus personagens, já que ia tocar um grande projeto voltado a menores que viviam nas calçadas. Meia hora depois estava dentro de uma delegacia, acusada de atropelamento.

Luana tinha escolhido o caminho da orla, mas logo percebeu que não estava observando nada – desassossegada, com a cabeça em outro lugar. Já passava pelo Leblon, desorientada na cidade que não era a sua, quando resolveu procurar o caminho para retornar ao centro. O trânsito parou à sua frente, e seu olhar perdido parou no malabarismo de um menino franzino no sinal (que os cariocas não a deixavam chamar de farol) da autoestrada Lagoa-Barra.

Ao ver que o fluxo da transversal tinha parado, o motorista de um ônibus arrancou antes de o sinal abrir. O malabarista descamisado estava sobre um caixote e desabou no chão com a passagem do ônibus raspando nele. O sinal ficou verde e todos os carros arrancaram. Os primeiros desviaram do garoto caído, mas ele continuou no chão e Luana viu que acabaria sendo atropelado.

Acelerou a picape e parou a um metro do menino, fazendo uma barreira protetora. O carro parado no meio da rua começou a formar um engarrafamento com sinfonia de buzinas. Luana ignorou a confusão e saltou para socorrer o garoto caído.

Perguntou se ele estava machucado, mas o pequeno malabarista parecia em estado de choque, com os olhos arregalados. Os dois foram cercados por curiosos, até que uma senhora corpulenta largou suas sacolas de supermercado para apontar e gritar:

— Ela atropelou o garoto! A perua avançou o sinal e derrubou o garoto!

A perua era Luana, e o alarme se espalhou entre os populares –

que passaram a repetir a acusação e a insultá-la. A polícia chegou quando Luana estava prestes a ser agredida.

Foi salva pelos policiais, que a levaram para a delegacia da Gávea como suspeita. O menino malabarista também foi levado, com mais duas testemunhas do acidente – dentre as quais não estava a senhora exaltada, que apanhou suas sacolas e seguiu seu caminho.

Na delegacia, um detetive começou o interrogatório. Uma das testemunhas, que se apresentou como “vendedora desempregada”, se antecipou:

— Essa moça viu o sinal amarelo e acelerou. Quando chegou na faixa, o sinal já tava vermelho, e o garoto já tava botando o caixote dele. Aí ela atropelou.

Furiosa, Luana disse ao agente que a testemunha estava mentindo, e nem testemunha era:

— Doutor, eu estava parada no sinal, foi um ônibus que derrubou o menino. Essas “testemunhas” são curiosos que chegaram depois. Curiosos e covardes.

A acusadora começou a gritar que mentirosa era Luana, que “gente rica é que mente”, até que o detetive pediu silêncio e dirigiu-se à vítima:

— Garoto, quem te atropelou?

Calado e cabisbaixo até aquele momento, o menino levantou a cabeça, olhou para o policial e apontou para Luana:

— Foi ela.

## Mentiras na esquina

Luana levantou-se de sua cadeira e postou-se diante do menino que a acusara.

— Por que você tá fazendo isso? Fala a verdade — desafiou, olhando nos olhos do pequeno malabarista.

Um policial mandou Luana voltar para sua cadeira, acusando-a de tentar coagir a vítima.

O detetive pediu ao menino que contasse como tinha sido o atropelamento. Dessa vez ele não respondeu.

— Tá vendo? — interveio a testemunha. — A patricinha já intimidou a criança! Na rua queria fugir, agora ficou valente.

O investigador voltou a questionar o garoto, garantindo-lhe que ele não precisava ter medo.

Com uns treze anos (ele mesmo não tinha certeza), tamanho de dez e olhar de vinte, o menino mulato, descamisado e descalço resolveu falar – e sua voz agora saiu bem mais firme do que na primeira vez:

— Num foi a moça que me derrubou não.

— Como assim, moleque?! — reagiu irritado o detetive. — Tu acabou de dizer que foi ela!

— Ela até jogou o carro em cima de mim, mas parou antes — foi a nova versão da vítima.

Aos gritos, a vendedora desempregada insistiu que o menino de rua tinha sido intimidado pela “atropeladora rica”. A outra testemunha, que se apresentara como professor licenciado e militante de direitos humanos, alertou para o velho filme da impunidade:

— Daqui a pouco chega um advogado cheiroso e leva a donzela pra casa.

Luana não quis engolir mais aquele sapo:

— Não vai chegar advogado nenhum, porque a minha advogada sou eu mesma.

E passou a falar com autoridade, ignorando a ordem do agente para que esperasse a sua vez:

— Desculpe, doutor, mas tenho uma contribuição para o seu

inquérito. Naquele cruzamento deve ter uma câmera de trânsito. Por que o senhor não solicita as imagens à Prefeitura?

— Porque demora — rosnou o detetive.

— Não acredito que demore — retrucou Luana. — A central de tráfego passa isso ao vivo na internet, até a TV aberta passa. A polícia consegue isso num minuto.

— Não consegue não, garota! — impacientou-se o investigador.

— Já falei que demora!

— Não tem problema — sustentou Luana. — Eu espero. Melhor que ficarmos ouvindo testemunhas que não testemunharam nada, não acha?

O detetive decidiu ir consultar o delegado. Quando voltou, não viu as testemunhas. O policial da escolta informou tê-las visto saindo da delegacia:

— Achei que o senhor tivesse dispensado...

Menos furioso do que entediado, o detetive informou que Luana e o garoto ficariam detidos até o término das averiguações. Encaminhou-os a uma pequena sala onde só havia um velho sofá de dois lugares. Deviam aguardar ali até que voltassem a ser chamados.

No que ficaram a sós, a ex-princesa Maxwell, estreante em delegacias de polícia, perguntou ao menor sem-teto:

— Por que você mentiu?

— Pra arrumar um dinheiro. Eu vi que tu era rica.

Luana sentiu raiva e vontade de rir em seguida. Mas só perguntou:

— E por que você desistiu de me acusar?

— Sei lá. Tu me olhou de um jeito... Achei que tu ia me matar.

A sequência de absurdos da situação, somada ao acúmulo de tensão e à esquisitice daquela figurinha, fez Luana cair na gargalhada. Surpreendido, o garoto riu da risada dela, mostrando pela primeira vez a sua dentição bagunçada. O policial da escolta os repreendeu, pedindo silêncio no recinto.

A repreensão brusca pareceu ter empurrado ainda mais a dupla para o nonsense. Não conseguiam parar de rir.

Sem saber mais como ameaçá-los, o sentinela chamou o agente responsável pelo inquérito. O detetive já tinha visto de tudo, menos uma jovem burguesa e um menino de rua, acusada e vítima, rindo juntos sem parar.

— Podem ir embora! Rua! Isso aqui não é circo, não.

O garoto ia saindo, mas voltou quando viu que Luana não se moveu:

— De jeito nenhum, senhor detetive. Só saio daqui quando as imagens do incidente forem analisadas.

A jovem advogada sabia o quanto a polícia podia ser truculenta para prender, mas não para soltar. E estremeceu diante do gorila a um palmo de distância:

— Garota, você não tá entendendo: some! Tô mandando sumir, porra!

Luana e o menino saíram juntos da delegacia e, por absoluta inércia, continuaram andando juntos. No interrogatório, ele dissera não ter nome – ou pelo menos não se lembrar, porque estava na rua havia vários anos e só era chamado de “Bolado”.

— Por que Bolado? — quis saber ela.

— Sei lá... Eles me chama assim. Acho que é das bola que eu jogo — disse o garoto, sempre agarrado às três bolas de tênis que o sustentavam.

— Duvido — respondeu Luana. — Acho que Bolado deve ser porque você é bolado.

— Né não, moça. Sou sossegado.

Nesse momento, uma viatura freou bruscamente diante dos dois, e o policial que não estava dirigindo saltou de arma em punho, apontada para Bolado, aos berros:

— Perdeu, filha da puta!



Na elegante recepção do Hotel Maxwell na Barra da Tijuca, Clara Maria localizou o boné vermelho de seu contato. Era um homem beirando os sessenta anos, vestido de forma sóbria – portanto chamando a atenção com aquele boné, que segundo ele era seu disfarce:

— Hoje em dia um boné vermelho significa que você está do lado certo. É quase um salvo-conduto — explicou o homem, com a paranoia estampada no rosto.

Tratava-se de um funcionário do Ministério da Valorização

Social, indicado por uma fonte da jornalista. Clara dera uma incerta ligando para um secretário que se demitira da pasta com a posse de Maria Rosa. Acertou na mosca: descontente com a nova ministra, ele indicara um técnico disposto a vaziar informações sobre o convênio SOS Filhos da Rua.

Com planilhas disfarçadas entre as folhas de um jornal, o informante adiantou logo que não tinha o que a jornalista queria:

— Os dados completos da pesquisa nacional sobre menores de rua estão trancados com a ministra, ninguém tem acesso.

Clara começou a se impacientar com o sujeito esquisito, todo enrolado com uma papelada cheia de dados irrelevantes e textos burocráticos sobre o projeto do governo com a Resgate. Um laptop ajudaria muito, mas o velho funcionário temia a “insegurança digital”.

A jornalista desempregada já começava a achar que dera mais um tiro n’água quando o informante localizou a folha que procurava: ali estava o orçamento geral do convênio.

Parecia um documento um tanto tosco, com meia dúzia de rubricas e as quantias correspondentes a cada uma delas. Clara foi lendo e levou um susto ao chegar ao pé da página, onde aparecia o valor total previsto para o SOS Filhos da Rua: cinquenta milhões de dólares – assim mesmo, em dólares.

A jornalista desconfiou, e o informante explicou:

— Os contratos são em reais pra inglês ver. Estou te passando um documento interno. Aí é dólar. É o que vale, vai por mim.

Clara pegou o papel, agradeceu e se despediu. O homem tirou o boné vermelho e pôs na cabeça dela:

— Só tira quando chegar em lugar seguro.

Sem saber como reagir àquela bizarrice, ela foi embora de boné.

Ao encontrar-se com Pedro em casa, Clara contou a história e mostrou que o “detalhamento” do gasto daquele valor exorbitante não podia ser menos detalhado: os cinquenta milhões de dólares estavam distribuídos em rubricas genéricas como “capacitação de mão de obra para resgate social” ou “levantamento de contingentes por bairro”.

Nenhuma delas permitia checagem de valor de mercado, com exceção de uma: “produção de vídeos educativos e promocionais”.

— Porra, Pedro: cinco milhões de dólares pra vídeo! Dá pra filmar um longa em Hollywood!

— Vai ver eles estão produzindo um *remake* do Pixote — ironizou Pedro.

Como sempre fazia nos momentos de perplexidade, a jornalista pegou o telefone para ligar para o pai. O namorado ficou sério:

— Clara, você já pensou que o seu telefone pode estar grampeado?

Foi o jeito encontrado por Pedro para evitar, pelo menos temporariamente, que a namorada revelasse sua investigação a Alfredo Borneo – que estava sendo investigado por ele.

Infiltrado na Nova Láctea, Caio ainda não conseguira nada sobre Borneo. O dono da empresa parecia blindado. Mas o jovem espião registrara uma visita ilustre ao mandachuva. Uma visita que não queria ser vista.

Com sua expansão veloz, o grupo Nova Láctea estava ocupando dois andares inteiros de um prédio na avenida Paulista – sendo metade de um andar ala privativa da presidência. Sempre que possível, Caio entrava na área restrita “por engano” – via um diretor se dirigindo para lá e colava nele, fingindo que o acompanhava. Dava uma voltinha por lá e se mandava.

Numa dessas incursões, avistou Luiz Octavio Nogueira Bastos, o Tatá, saindo da sala de Borneo.

Ligou para Pedro com mais uma de suas deduções:

— O Tatá não é advogado da Nova Láctea. E tava naquela famosa rodinha da festa que citou Borneo e Mad Max, não tava?

Pedro captou a insinuação do seu Sherlock amador: Tatá poderia estar atuando como lobista do governo. Seria mais um indício de que Borneo passara a desempenhar algum papel nas manobras contra Bob Maxwell.

O advogado ligou no ato para Bob. Era o momento de revelar ao cliente suas suspeitas sobre o homem dos laticínios. Isadora Maxwell estava se recuperando bem do AVC, especialmente depois de receber um telefonema carinhoso de Luana – o que aliviara um pouco a angústia do casal. Mas Bob não atendeu a ligação de Pedro.

Depois de tentar todos os telefones do empresário, ele recebeu a informação da secretária da presidência do grupo Maxwell: o barão da hotelaria viajara para Londres. Sem data para voltar.



Minutos depois de deixarem a delegacia, Luana e Bolado estavam voltando para lá – a bordo de uma viatura da PM.

O policial abordara o menor violentamente, primeiro apontando-lhe a arma, depois imobilizando-o no chão. Bolado estava sendo acusado de assaltar Luana. Ela tentou desfazer o mal-entendido, mas a polícia não abriu mão de deter “o menor infrator” para averiguação. A advogada disse que iria junto.

Quando entraram na delegacia, o detetive não acreditou no que via: a moça burguesa e o menino de rua estavam de volta, agora em papéis invertidos – ela passara de acusada a vítima, ele passara de vítima a acusado.

Era a vez de o policial militar ser surpreendido pelo detetive civil:

— Desculpe, colega: esses dois não entram mais aqui. Solta, leva pro manicômio, faz o que tu quiser.

Devolvidos novamente à liberdade, Bolado e Luana retomavam seu caminho quando ela falou:

— Tô arrependida. Eu devia ter dito ao PM que você tava me assaltando mesmo.

O menino concordou:

— É... Eu disse pros polícia que tu me atropelou, né?

Gargalharam de novo.

Luana resgatou a picape de Beto, que ficara estacionada na cena do “crime”, e acelerou para a Resgate. Entrou em sua sala com vista para a Baía de Guanabara, mas só olhou para o azul do mar quando ele já estava preto. Inspirada pelo encontro com Bolado, ela redigiu sem parar, do final da manhã até o anoitecer, o primeiro projeto do SOS Filhos da Rua.

Tratava-se de um resgate social pela arte. A ONG selecionaria malabaristas de rua talentosos como Bolado, oferecendo-lhes educação circense e comida num espaço que ela batizou de “Clube da Esquina”. Os menores que não cumprissem um programa mínimo de formação e civilidade perderiam o direito a frequentar o clube.

— A ideia é estimular os meninos que preferem pedir dinheiro fazendo show a pedir fazendo chantagem — explicou ela a Beto Leal, que ficou encantado.

Beto ligou para Malabares, brincando que ele haveria de encampar o projeto, nem que fosse por corporativismo “com seus colegas malabaristas de sinal”. O embaixador da ONG no palácio foi direto:

— Meu querido Beto Desleal, como malabarista eu não posso falar. Mas como publicitário te digo, sem medo de errar: Clube da Esquina é do caralho!

E ligou para o ministro João Juvenal, que aprovou a ideia no ato, ao seu estilo: “Taca pau, Malabares. Quero um Clube da Esquina em cada capital do país”.

Apesar de o novo projeto estar no convênio do Ministério da Valorização Social, a ministra Maria Rosa seria, como sempre, a última a saber. O importante era que ela continuasse pensando que mandava e que Beto não fosse a Brasília sem convidá-la para jantar. Marivaldo ligou de volta para o dono da ONG com o sinal verde – e também com o sinal amarelo: queria saber como estava seu caso com Luana.

Beto respondeu que estavam se vendo “praticamente só no trabalho”, e que ela fizera uma bela sugestão para homenagear Marivaldo, a quem “admirava muito”: batizar o Clube da Esquina de Belo Horizonte, sua cidade natal, com o nome de sua mãe:

— Que tal, meu amigo? “Clube da Esquina Valdirene Valadares”! Não é bonito?

Malabares ficou tocado com o gesto de sua musa. Mal terminou de falar com Beto, tomou coragem, ligou para Luana e disse que a homenagem dela seria “inesquecível para dona Valdirene”. A inventora do Clube da Esquina respondeu, confusa:

— Quem é Valdirene?

## Quer ser minha mãe?

— Quem é essa? — perguntou o presidente da República ao ver o rosto de Luana no notebook do porta-voz Alex Sander.

A portentosa sede do POP no centro de São Paulo recebia a discreta visita do Guia numa tarde de domingo, um mês antes do Natal. O mandatário gostava de despachar com os companheiros na confortável sala do partido montada para ele. João Juvenal mandava dispensar os funcionários e esvaziar o local – a presença do presidente ali não podia vazar, para não o acusarem de promiscuidade com o POP.

“Promiscuidade de cu é rola”, devolvia o presidente, arrancando risadas do seu estado-maior. A dupla quebra de protocolo – no linguajar e na atitude – enchia de moral a tropa. O poder não intimidava o Guia: emanava dele.

O rosto de Luana aparecia numa peça publicitária que estava sendo preparada para o Natal. Eram imagens das principais realizações do primeiro ano de governo popular, e havia uma cena com os meninos de rua recrutados pelo Clube da Esquina. O presidente estranhara aquela branca aristocrática surgindo entre as crianças negras e mulatas:

— Corta essa perua, pelo amor de Deus — determinou o Guia a Sander.

Quem forçara a inclusão de Luana na propaganda fora Malabares, que também estava na reunião. Dois meses antes, no nascimento do projeto, ele ligara furioso para Beto dizendo que Luana nem sabia quem era Valdirene. Beto se safou dizendo que a musa de Malabares queria, sim, homenagear sua mãe – só não sabia o nome dela.

A inserção de Luana no filme do governo era mais uma jogada na sua estratégia platônica de conquista. Resolveu lutar pela amada:

— Meu presidente, desculpe: essa moça aparece aí porque foi ela a criadora do Clube da Esquina.

O Guia era fã do projeto. Não só desistiu de cortar a perua como anunciou que queria conhecê-la pessoalmente – sem saber que era filha de seu arqui-inimigo:

— Carmelo, bota a branquela na minha agenda.

Bolado também aparecia na propaganda do governo – fazendo seu malabarismo já não com três, mas com cinco bolas de tênis. Luana conseguira reencontrá-lo na rua e levá-lo para a primeira turma do Clube da Esquina.

O garoto não demorou a se destacar por seu talento e carisma, mas também pela rebeldia. A filosofia do projeto era não forçar os menores a nada. Em contrapartida, só teriam direito às aulas e às refeições os que cumprissem a programação básica (e as regras de civilidade).

Foi aí que veio o ultimato de Luana:

— Bolado, você é o meu preferido. Você sabe disso. Mas não vou te aliviar, senão o projeto acaba. Ou você faz pelo menos uma aula por semana e para de xingar os professores, ou você não entra mais aqui.

A conversa dura acontecia num galpão da Zona Portuária, que Beto conseguira transformar na primeira sede do Clube da Esquina. Bolado chamava-a de “Tia Luanda”, e ela nunca o corrigira – achava o erro engraçado. Mas naquele dia ele falou diferente:

— Tá bom, Luanda. Tu que sabe.

A diretora do projeto disse ao menino que de qualquer forma continuariam amigos, e ele não precisava parar de chamá-la de tia.

— Não vou mais te chamar de tia. Não quero que tu seja minha tia. Quero que tu seja minha mãe.

Luana respondeu que ele estava doido, que nem tinha idade para ser sua mãe, mas viu pela expressão emocionada do menino que ele estava falando sério. Engoliu em seco, procurando ser cuidadosa e firme:

— Olha só: você tá no meu coração, mas eu não vou ser sua mãe. Ponto final.

— Por quê?

Luana respirou fundo:

— Não vou ser sua mãe porque você não tem mãe. E eu não tenho filho. Só isso.

Os olhos de Bolado se encheram d’água.

— Vou te dizer uma coisa, meu amiguinho: mãe ajuda, mas atrapalha também. Então você não tem mãe pra te ajudar, mas

também não tem mãe pra te atrapalhar... Entendeu?

— A tua mãe te atrapalha? — rebateu o menino.

— Não — respondeu Luana, depois de uma pausa. — Não atrapalha porque não sabe onde eu tô.

A expressão de Bolado mudou:

— O quê? Você também fugiu de casa?!

— Fugi.

Os dois se olharam em silêncio e caíram na gargalhada.

Luana disfarçara bem: no fundo, sentira uma doce vontade de ser mãe daquele menino. Uma semana depois, entenderia a razão da estranha sensação. Estava grávida.



Na véspera de Natal, Isadora e Bob Maxwell receberam alguns poucos amigos no seu apartamento em Londres. O casal estava vivendo a maior parte do tempo na capital britânica, indo eventualmente ao Brasil para Bob equacionar questões de negócios. Com a escassez de tempo, passou a despachar com Pedro praticamente só por mensagens eletrônicas.

Durante a ceia, o empresário recebeu uma mensagem do advogado — e não era de trabalho. A propaganda de TV do governo estava no ar, e Pedro enviou-a num link, informando que Luana aparecia no comercial natalino do POP. Era só o que faltava.

O dono da rede Maxwell decidiu que não abriria o link. Nem comentaria o fato desagradável com a esposa.

Mas o assunto não lhe saía da cabeça, e ele mencionou-o discretamente a um amigo diplomata, que se desligara da embaixada brasileira em Londres após a posse do governo progressista. O amigo achou que Isadora soubesse da notícia e comentou com ela. A esposa de Bob ficou furiosa e exigiu que o marido lhe mostrasse a propaganda.

Isadora não via o rosto de Luana havia mais de um ano. Quando a bela imagem da filha sorridente surgiu na tela do computador, ela perdeu a fala. E não a recuperou mais.



A reação de Beto Leal à notícia de que seria pai foi contida. O bebê não estava nos planos do casal. Luana disse a ele que nunca pensara em ser mãe, mas que ao ver o exame positivo sentiu como se sempre tivesse desejado aquela gravidez. Entenderia se o namorado não estivesse preparado para encarar a paternidade, mas não cogitava abortar.

Beto abraçou-a e disse que a possibilidade do aborto não lhe passara pela cabeça. Declarou-se um pai orgulhoso, e só tinha um pedido: que mantivessem a gravidez em segredo. Luana questionou o sentido daquilo, tentando não transparecer a raiva por achar que tinha a ver com a ministra Maria Rosa. Estava enganada.

A preocupação de Beto era com Malabares. Queria uns meses para pensar no que fazer com o sócio alucinado, quem sabe conseguindo uma transfusão de musa, com alguma beldade que curasse sua ideia fixa em Luana.

— Acho que não alardear a gravidez é melhor pra energia do nosso bebê — argumentou Beto. — Gravidez virou um evento social, uma fábrica de ansiedade.

O casal resolveu que manteria cada um o seu apartamento, o que não significaria menor comprometimento do pai: era um bebê moderno, que já nasceria com dois endereços.

Depois de assumir a direção do SOS Filhos da Rua, sem deixar de coordenar a Lei da Alforria e outros projetos, Luana estava financeiramente bem. Já tinha seu próprio carro, pagava suas contas sem problemas, fizera um bom plano de saúde e só não podia comprar os vestidos do tempo de princesa – dos quais não fazia a menor questão.

Quem não ia tão bem era o Clube da Esquina. Após um início exuberante, o projeto começava a enfrentar dificuldades orçamentárias. Os repasses mensais passaram a demorar, e, como ela se negava a atrasar os salários dos professores de circo e educadores, teve que fazer as primeiras demissões.

No dia em que o projeto completou seis meses, Luana não foi trabalhar na Resgate. Acordou e decidiu ficar em casa, longe das confusões e solicitações da ONG, para redigir um relatório sobre o Clube da Esquina. A conclusão era clara: sem as verbas necessárias

para a educação artística, o projeto corria o risco de se desfigurar – desviando-se para os modelos arcaicos de abrigo e nutrição eventual.

Nesse caso, ela se demitiria do projeto.

Terminou o relatório já de noite e enviou-o a Beto, que estava em Brasília. Acrescentou um bilhete para que ele lesse com urgência e tentasse tratar do assunto na reunião com o Ministério da Valorização Social. Desabou na cama, mas não conseguiu dormir.

Foi atacada por um súbito desejo de comer chocolate – ela que fazia parte do ínfimo grupo das mulheres que não são loucas por doce, e exatamente por isso não tinha chocolate em casa. Estava em plena descoberta do que é o mau humor de uma grávida quando seu telefone tocou. Era Clara.

O horário sugeria urgência. Mas a jornalista desandou a perguntar como ia a vida, entre outras amenidades que foram deteriorando ainda mais o humor da gestante. Clara notou o campo minado e foi ao ponto:

— Luana, será que você poderia me dar o contato da sua produtora de vídeo?

A pergunta insólita àquela hora da noite esgotou seu resto de paciência. Disse a Clara que não tinha contato naquela área para lhe dar, sugerindo que desse um passeio no Google. Mas a amiga insistiu:

— Ué, ouvi falar que o Clube da Esquina investe pesado em produção de vídeos.

Quando queria, Luana sabia ser cruel:

— Clara, você era mais bem informada quando trabalhava na *Tribuna*.

A jornalista ponderou que a suposição não era tão absurda assim:

— Poxa, num convênio de cinquenta milhões de dólares seria normal um investimento alto em material audiovisual...

A diretora do Clube da Esquina, que passara o dia fazendo um relatório sobre falta de verbas, tonteou:

— Hein? Que cinquenta milhões? Que convênio?

A repórter prosseguiu em sua pescaria, aproveitando para devolver a farpa:

— Que convênio, Luana? SOS Filhos da Rua... Já ouviu falar?

Não. Daquela cifra ela não tinha ouvido falar – foi o que concluiu

Clara, pela reação vacilante da amiga. Luana se despediu dizendo que se soubesse de alguma produtora boa ligaria para ela, e ligou para Beto.

Ele não atendeu. À noite, em Brasília, ele nunca atendia.

## Cadáver de direita

A cidade do Rio de Janeiro parou. Uma manifestação bloqueava a av. Rio Branco, via crucial do centro, havia mais de duas horas. Convocada pelo sindicato dos professores, a passeata tinha a adesão de militantes do Partido da Esquerda Socialista e Libertária (PESSOAL) e de ativistas de direitos humanos.

— Como tá aí?

— Tranquilo.

— E a polícia?

— Só cercando.

— Babacas...

— Pois é...

— Deu um nó na cidade. Eles não vão partir pra cima?

— Tá com jeito não, deputado. A não ser que você libere o Bakunin.

— Ok. Se ficar assim mais meia hora, manda o Bakunin pra cima deles.

— Positivo.

— Mascarado, hein, porra!

— Já é, excelência.

A manifestação era contra a elitização do ensino e a privatização do saber. O sindicato e o partido tinham se entendido no xadrez do repasse de verbas *versus* indicação de candidatos. E na última hora conseguiram a adesão do movimento Pense Bem, pelo controle da mídia contra discriminações. Nesse caso, o pivô do protesto era o jornalista Paulo França.

Sem ter onde publicar suas investigações, Clara passara a informação sobre o valor do convênio SOS Filhos da Rua para França. Ele a divulgara em sua coluna na revista *Milênio*, com o seguinte comentário: “cinquenta milhões de dólares para os gigolôs da bondade. SOS Contribuintes Lesados”.

Aproveitando o ataque de Paulo França ao programa da Resgate, o deputado Fred Fraga pediu a Cristal que recrutasse meninos do Clube da Esquina para a manifestação:

— Quando a mídia reacionária ataca a solidariedade aos menores de rua, ela está dando aval à polícia para maltratar essas crianças — explicou.

Ele sugeriu que Cristal mandasse os garotos junto com Bakunin, segurança da ONG liberado por Beto Leal para o ato cívico. Bakunin liderava, junto com Sheik, os “ativistas de enfrentamento”, e poderiam proteger os meninos da violência policial.

Cristal achou melhor não consultar Luana sobre o pedido de Fraga. Falou com Bolado, que exercia certa liderança no Clube da Esquina. O pequeno malabarista ficou tão animado com o convite que a gerente resolveu estendê-lo:

— Ah, que bonitinho! Pode convidar também os amiguinhos da sua comunidade!

— Não sou da comunidade não, moça. Sou da favela.

— Ah... Claro! Então pode chamar os amiguinhos da sua favela!

— Vou chamar ninguém não. Moro na rua, não tenho amigo nenhum não.

Conforme combinado, Bakunin levou Bolado para a manifestação. Estavam lado a lado quando veio a ordem de Sheik para “puxar os fascistas pra dentro” (ou atacar a polícia, na linguagem dos ativistas de enfrentamento). Vendo Sheik e Bakunin amarrarem camisas no rosto deixando só os olhos de fora, Bolado avisou:

— Vou na guerra também, tio.

— Vai porra nenhuma — barrou Sheik, pondo um saco de bolas de gude na mão do garoto. — Fica daqui de trás acertando os PM. Isso dói.

A coreografia funcionou com perfeição, como sempre. O pelotão de ataque dos progressistas começou atingindo policiais com cusparadas na cara. Cuspir era mais eficiente que chutar e até que apedrejar, porque tinha o componente moral.

No que os PMs desferiram os primeiros golpes de cassetete, a Black Mídia começou a filmar. A partir daí, a cada aproximação das equipes da grande imprensa, um rojão explodia na direção delas.

Vitrines comerciais começaram a ser esfaceladas com barras de ferro pela brigada antifascista. O material resultante da depredação ia sendo atirado no centro da avenida, até levar um banho de gasolina e virar uma barricada de fogo. Enquanto a Black Mídia filmava a

polícia jogando bombas de gás lacrimogêneo, um cinegrafista da TV aberta captou um grupo de mascarados virando um carro de reportagem.

Nesse momento, um rojão explodiu na altura da cabeça do cinegrafista, que foi ao chão.

Sheik, Bakunin e seus brigadistas bateram em retirada, deixando no front os soldados do traficante Beira-Rio, que também combatiam a polícia e o capitalismo. Eles costumavam chegar às manifestações para o momento dos saques às lojas e agências bancárias. Na pressa da fuga, Bakunin deixou para trás uma mochila de lona com um pouco de pólvora, um soco-ínglês e um facão.

Bolado percebeu, resgatou a mochila e também abandonou o teatro de operações.

Na manhã seguinte, a casa do deputado Fred Fraga, também conhecida como embaixada da paz, recebia uma batida policial. O cinegrafista alvejado tinha morrido, e câmeras de trânsito mostravam Sheik e Bakunin acendendo e disparando o rojão que o matara.

Foram acordados com voz de prisão e algemados antes de se porem de pé.

Após mobilizar os advogados do PESSOAL, Fraga soltou uma nota para a imprensa informando que já denunciara o caso à Anistia Internacional. Recebendo apoio imediato de artistas e intelectuais, o deputado postou um manifesto no Facebook:

“Repúdio a prisão arbitrária de dois jovens ativistas que se arriscam lutando contra a violência policial neste país. A morte do cinegrafista foi uma fatalidade, que a mídia tenta transformar em assassinato. A elite estava procurando um cadáver para poder reprimir as manifestações democráticas.”

O post bateu o recorde de compartilhamentos e rendeu ao deputado progressista milhares de novos seguidores.



Com uma facada no pescoço e sangrando muito, o turista americano de meia-idade permaneceu estirado na calçada por quase meia hora, até a chegada de uma ambulância. Os médicos que o resgataram em

frente à entrada do Hotel Maxwell disseram que o homem ainda estava com vida, mas a pulsação se encontrava fraca.

Segundo o testemunho de um funcionário do hotel, o turista estava voltando da praia quando um pivete o abordou, exigindo sua carteira. Como era um pré-adolescente mirrado, a vítima resistiu ao assalto. O garoto então enfiou a mão numa mochila de lona que carregava e golpeou o americano brutalmente com um facão.

## Onde está Bolado?

— O gringo tá em coma, presidente. Agora complicou.

— Foi mesmo o garoto do Clube da Esquina que deu a facada? — insistiu o Guia, com alguma esperança num mal-entendido.

— Ele mesmo, presidente. O Bolado. É aquele que aparecia com um sorriso bonito na nossa propaganda de Natal — confirmou a ministra Maria Rosa.

Câmeras de segurança nas imediações do Hotel Maxwell tinham captado a imagem do crime. Bolado ainda aparecia correndo em direção à praia e depois sumia. Mas na fuga largou para trás a mochila de Bakunin, que continha um folheto de propaganda da Resgate.

A polícia foi até a ONG e mostrou as imagens das câmeras para Luana e Cristal, perguntando se elas reconheciam o garoto.

Tranquila, Cristal disse que não era nenhuma das crianças do Clube da Esquina. Chocada, Luana respondeu que era, sim, um garoto do projeto. O melhor.

A notícia de que o ataque bárbaro fora perpetrado por um adolescente do famoso programa social virou uma bomba. “O assistencialismo do POP é uma fábrica de monstros”, atacou o deputado de oposição Gabriel Charles. A polêmica se espalhou na web. O governo popular enfrentava sua primeira crise, vinda de onde menos se esperava.

— Esse gringo não pode morrer! — desabafou a ministra da Valorização Social na reunião de cúpula no palácio.

Todos concordaram que aquele cadáver seria bem mais nocivo para os progressistas do que o do cinegrafista. O presidente determinou ao seu escudeiro George Carmelo que entrasse em contato com a direção do hospital onde o turista americano estava internado: o paciente deveria ser atendido pela melhor equipe médica da cidade.

— Mas onde foi parar esse moleque depois da facada? — perguntou o presidente.

— Ninguém sabe — informou Alex Sander. — Evaporou.

— Será que não foi a polícia que deu sumiço nele? — aventou o ministro João Juvenal.

Maria Rosa cresceu diante da chance de fulminar o desafeto:

— Que polícia, ministro Juvenal?! Se a polícia foi procurar o garoto na ONG, como é que a polícia pode ter sumido com o garoto?!

O ministro-chefe da Casa Civil se manteve sereno:

— Tem testemunha?

— Testemunha de quê?! — perguntou a ministra, impaciente.

— De que não foi a polícia que sumiu com o garoto. Carmelo captou o jogo de pôquer de JJ:

— De fato, não há testemunhas da inocência da polícia no caso.

— Ótimo — encerrou Juvenal, depois de um rápido olhar para o Guia. — Ô Sombra, em quanto tempo você encontra uma testemunha de que a polícia levou o moleque?

— Ah, isso é rápido — previu Carmelo, já abrindo seu caderninho para anotar a tarefa.

O presidente encerrou a reunião antes de a ministra da Valorização Social conseguir que alguém lhe explicasse o que estava acontecendo.

Em menos de vinte e quatro horas, o site da *Tribuna do Poder* já publicava uma matéria bombástica de Villa Konder: um flanelinha que trabalhava nas imediações do Hotel Maxwell revelava ter visto dois PMs arrastando Bolado e atirando-o num camburão.

Sander ligou para a rádio NCB e avisou que Maria Rosa – até então em silêncio total sobre o assunto – gostaria de dar entrevista. Uma equipe da emissora se deslocou para o Ministério da Valorização Social, e a ministra entrou ao vivo:

— O governo lamenta o incidente envolvendo esse cidadão estadunidense. Lembramos, porém, que esse tipo de violência é resultado direto das desigualdades sociais, que pela primeira vez em quinhentos anos estão sendo combatidas neste país.

— A senhora está dizendo que a culpa não é do menino que deu a facada? — perguntou a repórter.

— Antes de atacar o turista estrangeiro, aquele menor de rua foi socialmente esfaqueado pela elite branca do seu país.

— É verdade que o autor do atentado era beneficiário de um programa social do seu ministério?

— Minha filha, o SOS Filhos da Rua não apaga a tensão social num passe de mágica. Minha pergunta é: onde está Bolado? A mídia só fala do estado de saúde do turista, quando temos mais uma criança desaparecida neste país.

Ao fim da entrevista, Alex Sander acionou a brigada digital do partido para espalhar a pergunta “Onde está Bolado?”, que logo foi para o topo dos assuntos mais comentados. Na mesma hora, o deputado Fred Fraga mobilizou sua rede e a expressão “polícia assassina” explodiu também.

A ofensiva da esquerda conseguiu arrefecer as críticas ao Clube da Esquina, que ficara na berlinda como exemplo de assistencialismo que protege bandidos. A crise amainou, mas nos bastidores da NCB em São Paulo o clima estava tenso.

O jornalista Luiz Goldenberg, âncora e editor da rádio, ficara incomodado com o tom retórico da ministra. Pediu à pauta que procurasse o responsável direto pelo projeto do Clube da Esquina: “Temos que apertar esse pessoal”, determinou Goldenberg.

Uma produtora entrou em contato com a Resgate e pediu uma entrevista com Luana Maxwell. Depois de uma primeira conversa em *off* por telefone, a produtora deu o retorno por e-mail a Goldenberg: “Vai render. Vale fazer ao vivo no estúdio”.

O âncora iria ao Rio para uma reunião do conselho editorial e antecipou a viagem em um dia para entrevistar pessoalmente a diretora do Clube da Esquina. Não se arrependeu. Luana Maxwell estava chocada com o terrível ato de Bolado, sintoma do descontrole do projeto, e disparou:

— Não adianta montar uma ação social desse tamanho e segurar a verba. A ideia do Clube da Esquina é resgatar menores de rua pela educação artística, mas está virando uma mistura de abrigo e refeitório. Assim vai virar fábrica de monstros mesmo.

Luana não tinha exata noção disso, mas sua entrevista era um tapa na cara do governo popular. A afirmação de que o investimento social não estava chegando à ponta era grave.

Minutos depois da transmissão na NCB, a ministra Maria Rosa telefonou para Beto Leal: o presidente da República exigia que ele desmentisse a denúncia; e todos os convênios com a Resgate seriam suspensos se ele não demitisse Luana.



Pela primeira vez, Marivaldo Valadares entrava no Palácio do Planalto com a corda no pescoço. Seu sistema de “destravar o dinheiro” ia bem. Mas a crise do Clube da Esquina estava custando uma fortuna em capital político.

Se o turista americano morresse, o POP ia sangrar. O operador Malabares, que inventara a parceria com a Resgate, ia ter que se explicar ao estado-maior.

Na sala de espera da Casa Civil, o publicitário careca recebeu uma ligação de Beto Leal. O dono da ONG estava assustado com a situação e com o ultimato do presidente, pedindo a cabeça de Luana.

— Não tem nada disso — rosnou Malabares. — Na Luana ninguém toca.

Beto ficou mais preocupado: o parceiro apaixonado só podia estar delirando, achando que ia medir forças com o presidente da República. Tentou ponderar, citando a conversa tensa com a ministra Maria Rosa, mas foi cortado:

— Não é nada disso, seu babaca. Tu acreditou nessa perua ciumenta? Tu acha que o Guia ia se meter em probleminha de ONG? A cabeça que ele talvez queira é a minha. Vou saber agora. Reza aí.

Além do dono do gabinete, João Juvenal, estavam à espera de Malabares o Sombra, o porta-voz Alex Sander, o tesoureiro Galdino e o advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos, o Tatá, que se firmara como lobista do núcleo duro. A ministra Maria Rosa fora despistada da reunião.

Estranhamente, quem começou a falar foi Galdino, que nem do governo era:

— O Guia me perguntou o que eu tô achando dessa porra toda. E se ele perguntou pra mim, o assunto é grana. E grana é Malabares. Conheço o Guia há trinta anos: ele quer saber se tá na hora de trocar o operador.

Malabares engoliu em seco. Juvenal, que nas horas decisivas pontificava, ficou em silêncio. O tesoureiro acendeu um charuto e pôs outro na boca do publicitário. Depois de uma baforada, continuou:

— Marivaldo, tu é muito bom. Se eu bancar você, o presidente

não toca mais no assunto. Eu quero bancar você. Mas essa tua ONG não dá mais. Fica a teu critério.

O cérebro atômico do publicitário precisava montar uma equação convincente em segundos. Ele esperava ser questionado, mas não daquela forma, com a sua sobrevivência condicionada ao fuzilamento da Resgate – que significava o adeus a Beto Leal. E a Luana.

A resposta de Malabares foi uma pergunta a Nogueira Bastos, que estava quieto no seu canto:

— Tatá, o Dossiê Suíça ficou pronto?

O advogado poderoso não gostou da pergunta fora de hora, que soava como cobrança:

— Tá sendo feito, rapaz. Isso demora, não é assim não. Tem que criar o avatar do cidadão, assinatura, dinheiro... É um processo artesanal, querido. Por que a indagação, se me permite?

Malabares virou-se para Juvenal, o chefe, e declarou: sem o Dossiê Suíça, e com o “Pacote Democrático” atolado no Congresso, o plano Mad Max não passava de ficção científica. Se estava de pé o objetivo de abalroar Bob Maxwell, inimigo declarado do governo popular, algo tinha que ser feito.

Tatá interveio para acusá-lo de desviar a pauta da reunião, mas o publicitário ignorou-o de novo:

— O Hotel Maxwell do Rio de Janeiro, maior unidade da rede, foi construído sobre área quilombola.

A informação sobressaltou a todos. O malabarista tinha novamente todos os olhos grudados nele. Prosseguiu, solene:

— Se a Justiça reconhecer que houve ali um quilombo, e se forem identificados descendentes dos escravos que viveram no local, o hotel pode ser desapropriado.

João Juvenal voltou à exuberância:

— Mas isso é muito grave! De onde vem essa informação? Quero um relatório imediatamente!

Malabares sentiu a hora de mostrar a última carta:

— Essa descoberta foi feita pela Resgate. Só ela tem esse estudo.

Xeque-mate. Tudo o que o governo do POP precisava era tirar o crime do Clube da Esquina das manchetes – e a revelação de uma área quilombola invadida pela elite branca seria um escândalo.

JJ deu uma olhada para Galdino, que vetara a ONG de Beto Leal. O

tesoureiro sugou seu charuto com força. Tatá desceu da soberba e se ofereceu, solícito, para conversar com o ministro Luiz Arthur Lombroso, do Primeiro Tribunal, sobre o embasamento jurídico para a demanda dos quilombolas. Carmelo acrescentou:

— É bom checar em que vara vai cair esse processo, pra ver se é o caso de trocar o juiz.

Juvenal pediu pressa na preparação do pacote jurídico e na identificação dos descendentes de escravos. Defendeu a divulgação da denúncia antes do retorno de Bob Maxwell da Inglaterra – e já ditou a manchete para Sander: “Elite lucra em solo negro e vai gastar na Europa”.

Com o magnata na berlinda, arrematou Malabares, os deputados ganhavam uma ótima oportunidade de ficar bem na foto – votando o pacote que partia ao meio o Grupo Maxwell. “A estratégia está correta”, reconheceu Carmelo, solene, oficializando mais uma vitória de virada do malabarista.

Depois de entrar no palácio em formato tatu-bola, Malabares parecia ter dobrado de tamanho na saída. Ligou para Beto Leal e explicou-lhe como salvara sua ONG. Beto perdeu a fala, e depois só conseguiu balbuciar uma frase:

— Meu amigo, você prefere que eu te diga que você é um gênio ou um irresponsável?

Do lado de dentro do palácio, Malabares não estava sendo considerado gênio, nem irresponsável. “Ele é um risco”, resumiu Galdino, que ficara a sós com João Juvenal após a reunião. A dupla estava preocupada com a quantidade de dinheiro movimentada pelo operador, especialmente depois que sua ONG de estimação ficara exposta no caso Bolado. Era preciso achar um jeito de esvaziar um pouco o balão de Malabares.

Juvenal resolveu fazer uma confissão. Havia um outro balão que ele estava precisando esvaziar e não sabia como:

— Companheiro Galdino, eu tô sendo chantageado pelo Luizinho Sete-Quedas. Ele descobriu o plano Mad Max.

O tesoureiro ficou olhando fixamente para o ministro. Uma lâmpada tinha se acendido na sua cabeça:

— Porra, companheiro Juvenal! Tá tudo resolvido: vamos trabalhar com o Luizinho!

João Juvenal disse que a brincadeira não tinha graça e mandou Galdino falar baixo, porque o nome do Sete-Quedas nem podia ser pronunciado no Palácio. Mas não era brincadeira:

— Tu não tá devendo pra ele? Não vai ter que pagar? Então, vamos dar um pedaço do latifúndio do Malabares pro Luizinho! Reforma agrária, companheiro.

JJ achava Galdino meio doido e continuou na dúvida se ele estava falando sério. Afinal, o presidente tinha proibido qualquer aproximação com o bicheiro.

— O Guia não tá nem aí pro Luizinho! — garantiu o tesoureiro. — Vai por mim. Aquilo é só pra dar um polimento de estadista. Ele quer que se foda. Só não quer ficar na cadeira do presidente de mãos abanando.

O ministro olhou intrigado para o colega de partido, que emendou:

— Além do quê, é mais seguro fazer negócio com bicheiro que com sociólogo.

João Juvenal resolveu então ampliar sua confissão: contou que levava uma dura do Guia, quando este descobriu que Sete-Quedas fora à festa da Alforria. Chegara a inventar que o bicheiro tinha mudado de ramo e agora atuava com uma ONG de auxílio a refugiados, mas não adiantara. A lâmpada de Galdino Silva acendeu de novo:

— Pronto! Nós não vamos trabalhar com bicheiro. Vamos trabalhar com a ONG do Luizinho, que não é do Luizinho. De quem pode ser a ONG do Luizinho?

A maluquice do tesoureiro começou a fazer sentido para o ministro. Pegou o telefone e ligou para um cientista político amigo seu, Carlos Felipe Alencar. Perguntou se ele toparia assumir uma ONG que já nasceria rica e na qual ele não precisaria fazer nada. Alencar respondeu que aceitava o sacrifício.

Juvenal pediu à secretária da Casa Civil que ligasse para o dr. Luiz de Carvalho. Ela respondeu que não possuía esse contato.

— Porra, Rosaly! É o Luizinho Sete-Quedas!

Passados cinco minutos, Galdino foi empurrado por sua ansiedade:

— Porra, Juvenal, liga do teu celular.

O ministro respondeu que não queria falar com o bicheiro – o tesoureiro é que explicaria tudo ao novo velho parceiro. Galdino sacou seu telefone e no minuto seguinte estava com Sete-Quedas na linha.

Quando a secretária anunciou a ligação para o chefe, ele disse que não precisava mais. Rosaly esclareceu que a chamada era do “dr. Marivaldo Valadares”.

Juvenal disse que não ia atender, mas a secretária retornou em seguida: “o doutor” insistia que era urgente e parecia nervoso.

Malabares acabara de receber uma ligação nervosa de Beto, que acabara de receber uma ligação nervosa de Cristal. Trazendo a picape da oficina na Zona Norte, a gerente da Resgate levava um susto ao parar num cruzamento perto do Maracanã: alguns metros à sua frente surgiu Bolado, subindo no caixote e jogando suas bolas de tênis para o alto. Ele só mudara de ponto.

Juvenal atendeu Malabares e ficou igualmente tenso com a informação. Desligou e pegou o telefone da mão de Galdino, que falava com Sete-Quedas:

— Oi, Luizinho. Querido, seguinte: depois a gente fala de ONG. Tenho outra missão pra você. Urgente.

## Cansei de sustentar o Beto

O homem do boné vermelho não entendeu nada: quando estava passando a informação crucial a Clara, ela virou as costas e saiu andando.

Em pleno encontro com sua fonte governamental, que tinha novos dados sobre a Resgate, Clara levou um susto: Cristal, a gerente da ONG, surgiu no saguão do Hotel Maxwell. A jornalista deu um pinote em direção à porta de saída, acreditando que fora descoberta.

Mas Cristal estava ali por outro motivo:

— Oi, Clara! Que coincidência! Fazendo alguma matéria aqui no hotel?

— Quem dera, querida... Tô desempregada ainda. E você? Passeando?

— Nem sei mais o que é passear. Acho que a Resgate cresceu demais. Vim ver o centro de convenções do hotel, estamos montando um congresso sobre povos afrodescendentes. Você tá sozinha aí?

— Eu? Tô... Quer dizer, por enquanto. Vim encontrar um jornalista americano que chegou com a família do turista esfaqueado. Você viu que eles vão processar as autoridades brasileiras por omissão?

— Não vai dar em nada — encerrou Cristal, já saindo. — O menino agiu em legítima defesa.

Despediram-se e se afastaram, cada uma com a sua mentira: a gerente da Resgate fora colher dados do local para inserir no dossiê quilombola; a jornalista fora buscar uma informação preciosa sobre os vídeos milionários da ONG.

Clara voltou a sentar-se ao lado do espião, contando que fora cumprimentar uma amiga de infância. Não queria que sua fonte se sentisse exposta. O velho funcionário do Ministério da Valorização Social já era paranoico sem ameaça alguma – qualquer desconfiança poderia fazê-lo recuar.

E a informação que ele trazia dessa vez era mínima, mas talvez decisiva.

Em meio a descrições genéricas de serviços atribuídos à ONG, o

homem puxara nos arquivos do SOS Filhos da Rua um registro na rubrica “vídeos educativos e promocionais”. Ao fim de uma lista de produtos audiovisuais “a contratar”, aparecia a inscrição “campanha institucional em nível nacional” com orçamento de dois milhões de dólares e o seguinte status: “em execução – produtora Sal da Terra”.

A jornalista agradeceu e disse que ia correr para casa. Precisava iniciar a pesquisa em local seguro.

Entrou no carro e acelerou, já abrindo o Google no telefone. Percorreu três páginas de links até encontrar o nome “Sal da Terra” ligado à produção de vídeos. Clicou e foi dar num site “em construção”.

Com medo de rastreamentos, a fonte de Clara não pesquisara na internet, mas lhe dissera que no site deveria constar um endereço físico da produtora: prestador de serviço que recebesse verba pública tinha que disponibilizar essa informação básica, além de um contato telefônico.

Os dados foram aparecer no link menos provável, “filosofia da empresa”. A única informação filosófica era um endereço na periferia de Belo Horizonte. E um número de telefone fixo. A jornalista ligou imediatamente.

Embora fosse horário comercial, ninguém atendia. Nem atendimento eletrônico. Chegando em casa, ligou de novo. Nada. Clara decidiu que iria para Belo Horizonte.

Precisava apenas pedir ao pai para subsidiar a viagem – como ele vinha fazendo com todas as suas despesas desde que ela ficara sem emprego. Ligou na hora para Borneo e, excitada, contou-lhe sua linha de investigação.

O pai a princípio ficou mudo. Em seguida, desaconselhou a viagem:

— Minha filha, vou ser franco com você: estou te achando um pouco perdida. Cismou que foi despedida da *Tribuna* porque invadiu uma festa do governo. Parece que você ficou vingativa, coisa que nunca foi!

— Vingativa, pai?! Como assim?! Tô apurando uma denúncia, que parece grave.

— Esse convênio que você quer “denunciar”, filha, é reconhecido pela ONU. E você nem tem onde publicar essa reportagem.

O final da conversa foi testemunhado, por acaso, por Caio Fontoura. O estagiário da Nova Láctea fora enviado à sala da presidência para colher a assinatura de Borneo em alguns documentos. Caio não prestou muita atenção ao que o pai de Clara falava: estava mais interessado em olhar dissimuladamente para a vasta superfície da mesa dele.

Dois minutos depois estava ligando para Pedro, já fora da sala:

— Você já ouviu falar numa ONG chamada “Pátria Nossa”, de apoio a refugiados?

Pedro disse que não, e já foi dar uma busca na internet enquanto seu espião prosseguia:

— Pois é. Vi um projeto bonito à beça, parecia até um livro de arte, na mesa do Borneo... Porra, Pedro: ONG de refugiados com patrocínio de fábrica de leite?!

— Já achei uma notícia aqui, de uma hora atrás: “O drama dos refugiados”. Ministro Juvenal dizendo que as fronteiras do país estão abertas, e essa ONG aí vai ajudar a acolher os desterrados. Adivinha onde saiu essa matéria?

— Se eu acertar você me dá um aumento? — desafiou Caio.

— Claro que não. Essa tá muito fácil pra você. E quem poderia mandar o escritório te dar aumento tá incomunicável em Londres.

— Tudo bem, chefe. Então vou te responder com uma charada. Se você acertar de primeira, passo a trabalhar de graça. É o seguinte: recentemente eu vi o jornalista que publicou essa matéria aí saindo da sala do Borneo com um burocrata poderoso. Que burocrata era esse?

Pedro reconheceu que a charada não era fácil. Já ficara claro que os dois falavam do jornalista Walter Andorinha, estrela da imprensa a favor. O burocrata poderoso seria o tesoureiro do POP?

— Teu chute foi na arquibancada, Pedro. O cara tem um cofre mil vezes maior que o do POP. Tá sentado?

— Tô dirigindo, porra. Fala logo!

— Ok, cuidado pra não bater no poste: quem veio visitar a Nova Láctea, em sigilo total, foi o presidente do BNF.

— O quê?! O Lauro Constantino?

Caio confirmou drasticamente: disse que o vira com “estes olhos que a terra há de comer”, num descuido dos visitantes clandestinos

ao passar para o elevador privativo da presidência – mesmo ponto de observação em que flagrara o advogado Tatá.

Era público e notório que os empréstimos do Banco Nacional de Fomento ao grupo Nova Láctea estavam crescendo, mas nunca se soubera de um presidente do banco público indo beijar a mão de empresário – só o contrário.

O jovem espião foi apresentando suas deduções: o BNF devia estar aportando na empresa de Borneo créditos mais elevados que os anunciados; as visitas sigilosas à Nova Láctea de um jornalista e um advogado a soldo do governo reforçavam a hipótese de Borneo ter uma conexão paralela com o POP; e aquela ONG Pátria Nossa...

Caio foi interrompido por Pedro:

— Desculpa, parceiro. Tenho que desligar. Depois a gente continua.

O rádio do carro, que o advogado nunca desligava, informara que a ministra Maria Rosa ia pedir um parecer jurídico sobre a desapropriação do Hotel Maxwell – afirmando haver evidências de ter sido construído em área quilombola. Pedro ligou para Bob Maxwell em Londres, que como sempre não atendeu.

Dessa vez, porém, o advogado deixou recado:

— Bob, me liga com urgência. Você precisa voltar pro Brasil. Imediatamente.

A notícia da NCB prosseguiu com trechos da entrevista da ministra da Valorização Social. Ela também tinha uma surpresa para Beto Leal, que estava ouvindo ao vivo: em meio à polêmica sobre o atentado ao turista americano, cuja família desembarcara no Brasil atacando as autoridades, Maria Rosa anunciava a extinção do projeto do Clube da Esquina.

Era uma tentativa de responder às pressões, que cresciam com a entrada da vítima em coma profundo.

Beto ligou furioso para Malabares, que também soubera do fim do Clube da Esquina pela imprensa e estava furioso em dobro: o repasse mensal das verbas para a Resgate não tinha sido feito na data prevista. O operador ligou para João Juvenal e descobriu que a situação era um pouco pior:

— Malabares querido, este mês não vai haver repasse para a Resgate. O PR mandou congelar os convênios para uma avaliação de

performance.

— Mas, ministro, isso não pode ser feito assim.

— Pode, companheiro. Pode sim.

Juvenal disse a Malabares que precisava atender outra ligação. Era Galdino, que tinha boas notícias:

— JJ, o Luizinho acabou de me ligar. Missão cumprida.

— Ótimo. Faz um favor: avisa o Sander pra turbinar na rede o “Onde está Bolado?”. Explica pra ele que o garoto não vai mais aparecer.



O enjoo crescente da gravidez se somou a uma brusca queda de pressão quando Luana recebeu a notícia de Beto: o Clube da Esquina estava extinto.

A diretora e idealizadora do projeto passara a evitar as redes sociais, e mesmo o noticiário em geral, desde que ficara na berlinda com sua crítica ao governo. Beto deixou para lhe contar à noite, na varanda do seu sobrado, mas isso não amenizou o golpe – e ele levou a namorada até a cama, temendo que ela desmaiasse.

A cor voltou aos poucos ao rosto de Luana, e ela resolveu fazer o que vinha evitando nos últimos dias: abrir seu notebook e mergulhar nas notícias da web.

Deu antes uma olhada nos e-mails e já se irritou: Clara perguntava mais uma vez sobre produção de vídeos.

A amiga agora queria saber sobre uma produtora específica: “Querida, pode me passar o contato de alguém na Sal da Terra? Estou com dificuldade de falar com eles”. Luana pensou em simplesmente deletar o e-mail, mas acabou batucando uma resposta lacônica: “Clara, não sei que produtora é essa”.

Mas a repórter estava *online* e respondeu de imediato, perguntando se ela não podia consultar Beto.

Como o namorado estava ao lado, Luana fez a consulta burocraticamente. Digitou a resposta mais curta ainda: “Ele nunca ouviu falar”. E fechou o notebook, desistindo de contatar o mundo.

Mas não conseguiu se desconectar da mensagem de Clara. Depois que ela lhe falara do valor do convênio SOS Filhos da Rua, Luana já

questionara Beto duas vezes a respeito. Ele fora evasivo nas duas. Agora o e-mail voltara a fazer o assunto espetá-la – e acabou cobrando novamente uma resposta sobre a contradição entre os cinquenta milhões de dólares e a falta de verbas para o Clube da Esquina.

Não poderia ter escolhido momento pior. O dono da ONG estava tenso com a decisão do governo de congelar o repasse do mês – o que só ele e Malabares sabiam. E essa decisão decorria da polêmica gerada pela declaração da própria Luana no caso Bolado.

Beto foi o mais delicado que consegui:

— Meu amor, dinheiro público é uma coisa confusa, tem mil descontos, mil vinculações. E esse valor que te falaram deve ser boato, eu mesmo não sei de quanto é o convênio.

E encerrou com um pouco menos de delicadeza:

— Vamos comemorar que eu não precisei demitir você, ok?

Mas nem essa comemoração parecia garantida. No fim da noite, em telefonema tenso, Malabares disse a Beto que “seria conveniente” que Luana fosse a São Paulo conversar com George Carmelo, o Sombra. O ministro Juvenal dera a entender que esse gesto ajudaria a reverter a situação.

Não era preciso se preocupar com passagens e estadia, o governo cuidaria de tudo.

Luana não ia a São Paulo, sua cidade natal, desde que rompera com a família. Era como se retornasse em outra vida: estava grávida, financeiramente independente, e seus pais não estariam na cidade.

Bob vinha de Londres no máximo uma vez por mês; Isadora tivera um derrame no Natal, e não vinha mais. Luana recebera a notícia por Pedro e tentara falar com a mãe por telefone, como fizera após o AVC. Mas agora Isadora não estava mais falando.

Com o coração apertado, Luana foi para a ponte aérea. Entrou no avião, encontrou seu assento e foi gentilmente cumprimentada pelo ocupante da poltrona vizinha: Marivaldo Valadares.

O publicitário careca exaltou a “feliz coincidência” e pediu à aeromoça “dois uísques”.

Foi informado de que naquele voo só serviriam cerveja – pagamento na hora.

— Por isso que eu não aguento mais voo comercial. Isso aqui é

uma pindaíba — declarou Malabares. — Duas cervejas então, querida.

— Pra mim, não, obrigada — avisou Luana.

Malabares concordou, ou achou que estava concordando:

— Eu também até perco a vontade de beber num voo desses. Bom mesmo é viajar no avião do presidente. Acendo logo um charuto!

Já tendo informado que voara na aeronave presidencial e fumava charuto — caprichando a língua presa no “r” —, o consultor da República teve a certeza de que impressionaria sua musa com qualquer assunto.

Falou um pouco de tudo, e lá pela quarta cerveja entrou no tema crucial:

— Sabe, Luana, o poder é desgastante. No fundo, não dá pra confiar em ninguém. O cara que eu confio é o Beto, gente boa. Mas já tô um pouco cansado de sustentar ele também.

Quase dormindo com a ladainha, Luana despertou com aquela frase:

— O quê? Sustentar quem?

— O Beto, ué. Beto Leal.

— Sei. Sustentar a parceria da Resgate com o governo?

Malabares soltou uma risada estilosa:

— É... Dá trabalho sustentar politicamente essa novela toda. Mas eu não tava falando disso, não. Tava falando de grana, mesmo.

Luana ficou muda. O publicitário tentou desanuviar:

— Desculpe, é até meio constrangedor eu ficar tocando nesse assunto. Mas o pior é a hipocrisia, né? Quer saber? Eu tenho orgulho de sustentar o Beto. Porque é graças a pessoas como ele que a gente consegue fazer o dinheiro público chegar no partido, que é quem toca essa porra toda. Governo não existe, meu amor.

O enjoo quase permanente de Luana estava aumentando, e ela resolveu ir até o banheiro, com uma leve ânsia de vômito. Ao levantar-se sentiu algo escorrendo pelas pernas. Estava sangrando.

## Somos todos escravos

O carro-forte saiu com escolta do prédio da Nova Láctea, no centro de São Paulo, e seguiu para São Bernardo, no ABC Paulista. No que o veículo dobrou a última esquina, às três da manhã, a porta de aço do galpão onde era esperado já se abriu.

Em menos de cinco minutos, dez malotes foram descarregados e o carro-forte deixou o local em velocidade.

A única luz acesa na escuridão do galpão vinha da pequena sala de administração, onde dois funcionários de Luizinho Sete-Quedas contaram o dinheiro de forma relâmpago. Parte foi despejada num cofre subterrâneo do tamanho de uma cisterna e o restante foi distribuído pelos forros especiais de dez maletas 007.

— Ele recebeu?

— Positivo.

— Você é bom.

— Me esforço...

— Mas na próxima não dá mais pra ser BNF.

— Quintal do Malabares...

— Pois é.

— Tem que achar outra fonte. Até porque Nova Láctea e Pátria Minha não combinam...

— Para, porra. Não posso rir, acabei de fazer uma cirurgia.

— Ué, botox agora é cirurgia?

— Vai tomar no cu.

— Igualmente, companheiro.

Em matéria dominical de página inteira na *Tribuna*, intitulada “Drama sem fronteiras”, Villa Konder contava a história de um grupo de haitianos resgatados por uma patrulha da ONG Pátria Nossa no mar do Caribe. À deriva e famintos, os refugiados tinham sido acolhidos no Brasil, onde se radicaram graças à política de fronteiras abertas do governo popular.

No dia seguinte, a consultoria do cientista político Carlos Felipe Alencar divulgava uma pesquisa sobre o assunto: oitenta e oito por cento dos brasileiros aprovavam a política de acolhimento de

refugiados, e nada menos que setenta e cinco por cento da população considerava a medida “muito importante”.

— Porra, presidente: isso aí é uma mina de ouro! Esquece os oitenta e oito por cento, aprovar todo mundo aprova. Mas esses setenta e cinco por cento estão dizendo que não abrem mão de um governo solidário. Sabe o que é isso, presidente? Isso é voto, caralho!

O cientista político sempre se empolgava quando se sentia orientando o chefe da nação. Aquilo era quase afrodisíaco. Depois ligou para João Juvenal e informou: “O PR já está ciente da matéria”.

O ministro recebeu a ligação no seu gabinete, diante de George Carmelo e Galdino Silva, que aguardavam ansiosos.

— Parece que o Guia gostou — anunciou Juvenal.

— Excelente! — vibrou o Sombra. — Vou preparar a minuta da medida provisória. Vamos chamar de “Bolsa Refugiado” mesmo?

— Ô JJ, tem certeza de que o Guia continua acreditando nessa numeralha do Alencar? Se isso não estiver bem calçado, ele rasga a minuta na cara do Sombra.

— Fica frio, companheiro Galdino. Eu só não entendi onde o Sete-Quedas arrumou aqueles haitianos.

— Acho que pegou lá no Acre — chutou Carmelo. — Mas a história do Konder ficou espetacular. Eu me senti quase boiando no Caribe com os refugiados!

Depois da gargalhada geral, Juvenal mandou Rosaly chamar Alex Sander. Queria parabenizá-lo pela chamada de primeira página na *Tribuna* – que produzira o impacto suficiente para a abertura de mais uma frente social do governo.

Sander entrou esbaforido no gabinete e nem quis saber das congratulações:

— Puta que pariu, vocês souberam do turista americano?! Só Galdino teve coragem de perguntar:

— Ai, não. Morreu?

— Não, porra! Saiu do coma! O gringo vai ficar bom!

— Puta merda, Deus é pai! — bradou Juvenal, traduzindo o alívio geral. — Manda bombar o “Onde está Bolado?”, companheiro Sander. Quero nossa campanha em primeiro no ranking.

— Não posso fazer isso.

— Como, não pode?! — encrespou o ministro.

— Não posso botar a campanha em primeiro lugar... Porque ela já está em primeiro lugar!

João Juvenal então decretou um dos seus “ninguém mais entra, ninguém mais sai” e mandou Rosaly abrir uma garrafa de vinho.



O aborto de Luana se consumou num quarto do Maxwell Plaza, nos Jardins, para onde ela jamais teria ido se não fosse uma emergência. Mas o sangramento se intensificara após o pouso em São Paulo, e ela disparou para o hotel da família, onde sabia que teria conforto e assistência, se necessário.

De lá enviou uma mensagem para Beto. O namorado pegou a primeira ponte aérea e em pouco mais de três horas estava ao lado dela.

Abraçaram-se, e Beto mostrou-se um homem de verdade: disse a Luana que o amor deles era suficiente para gerar quantos filhos ela quisesse ter. Depois lhe disse que tomasse um banho com calma, que ele já marcara um obstetra para fazer a curetagem.

Luana olhou-o com firmeza, e disse que não conseguiria fazer nada enquanto Beto não lhe respondesse uma pergunta:

— Você é intermediário de dinheiro público pro POP?

— Hein?! Como assim?!

Vendo que agora o namorado não parecia tão disposto a cumprir seu papel de homem, Luana disparou:

— Porra, Beto! Fala a verdade! Não é tão difícil assim, cara!

Pela primeira vez, o dono da Resgate sentiu vontade de acabar com Malabares. Mas manteve a serenidade. Luana voltou a ver o professor do mestrado na sala de aula, explicando que as coisas da política eram complexas – e que uma fotografia isolada do contexto poderia dar aspecto tenebroso a uma situação normal:

— Não sou “intermediário” de nada, meu amor. Sou um empreendedor social que faz parcerias com o governo e...

Luana cortou:

— Poupe a sua lãbia, professor. Eu já sei que o dinheiro do convênio vai pro partido. Só queria saber se você pretende admitir

isso. Pelo visto, não.

A flechada não desconcertou o advogado. Ao contrário, parecia estar esperando o momento em que fosse forçado a se abrir.

Confirmou que parte do dinheiro dos convênios ia para o partido, não sabia quanto. E disse que aquilo era uma das deformações inevitáveis do sistema.

— Luana, o que a nossa parceria faz é liberar verbas que seriam consumidas pela máquina estatal, montada pela elite pra alimentar seus apadrinhados. O governo progressista tá usando ONGs pra realizar ações sociais que o Estado não realiza.

Ao contrário do que acontecia em sala de aula, a ex-aluna silenciou. Ela queria saber onde o partido entrava na história. Beto sabia disso, e parecia mesmo disposto a falar de tudo. Prosseguiu:

— Vou te dizer o que vai acontecer se não for feito o fortalecimento do partido: os conservadores voltam e retomam o país. E os partidos deles são fortalecidos com caixa dois de empresa privada, por isso usam o governo pra defender interesse privado.

A referência a conservadores e empresários remeteu Luana ao mundo do qual ela se libertara. Não queria ver aquela gente falsa de volta ao poder. Beto arrematou:

— Claro que o sistema é imperfeito, mas se os progressistas perderem o governo, aí é que isso não vai ser corrigido. O partido não quer nada pra si. Só quer libertar o Estado brasileiro dessa elite egoísta.

Luana permaneceu calada. Sua expressão, porém, não era mais de questionamento. Também não tinha de volta o olhar de admiração que projetava no namorado um ídolo. Apenas parecia aliviada por não o ter acuado.

Beto sentiu o terreno firme novamente, e resolveu fazer uma confissão: a Resgate estava sendo boicotada pelo governo por causa da crise do Clube da Esquina. Ele achava que havia ali o dedo da ministra Maria Rosa. E via uma única chance de volta por cima: ganhar a batalha da desapropriação do Hotel Maxwell na área quilombola.

— Isso vai ser a maior vitória política de todas. A gente reconquista o governo e cala a boca da ministra. E, se a campanha for chefiada por Luana Maxwell, herdeira do magnata, vai ser uma

bomba atômica.

— Ex-herdeira — corrigiu ela, com o brilho de volta ao olhar. — Enquanto o Brasil não pagar o que deve aos brasileiros, somos todos escravos.

Os olhos de Beto se encheram d'água. Abraçou Luana e anunciou que a campanha quilombola já tinha seu slogan: “Somos todos escravos”.

Após dois dias se recuperando no quarto de hotel, Luana preparava-se para fazer o *check out* quando recebeu uma ligação: o sr. Pedro Sampaio estava na recepção e desejava vê-la. A hóspede mandou dizer que não estava. Um minuto depois seu celular tocou, e ela não atendeu. Pedro deixou recado: precisava falar urgente com ela, assunto de família.

Luana temeu que fosse a notícia derradeira sobre sua mãe, que se encontrava em estado semivegetativo. Autorizou a subida do visitante.

O coração de Pedro disparou quando a porta do quarto se abriu. Fazia mais de seis meses que ele não via a ex-colega e se impressionou com o abatimento dela. Perguntou se Luana estava bem de saúde. Ela respondeu que estava ótima.

O visitante não trazia notícias de Isadora Maxwell. O assunto era Bob. Ele decidira voltar de Londres após o alerta de Pedro sobre o pedido de desapropriação da maior unidade da sua rede de hotéis.

Ao chegar ao Brasil, o empresário recebera duas informações sincronizadas: seu jovem advogado avisava que o processo de desapropriação se baseava em estudo assinado pela Resgate; e a gerência da unidade São Paulo reportava uma hóspede registrada como Luana Maxwell.

— Era só o que faltava, Pedro. Meu pai me espionando e você se prestando a esse papel. Vocês não têm noção do que seja privacidade.

O amigo reconheceu o gesto invasivo e se desculpou. Mas assegurou que a causa era nobre:

— Luana, seu pai precisa te ver. Há um grave mal-entendido envolvendo a sua ONG e o grupo Maxwell. Ele respeita o seu afastamento, mas nada impede que vocês juntos evitem um grande equívoco.

— Não tem equívoco nenhum, Pedro. Meu pai invadiu uma área

quilombola e vai ter que devolver.



Na volta da Europa à mansão nos Jardins, Isadora foi instalada em seu quarto, agora transformado numa UTI. A cama do casal virara um leito hospitalar, portanto Bob Maxwell tivera de se mudar para outro cômodo. Dentre os vários disponíveis na casa, escolheu ficar no quarto de Luana.

Isadora já não reagia a quase nada, e o mais provável era que seu discernimento estivesse próximo de zero. Mesmo assim, Bob chegava do trabalho e ia jantar no quarto dela, com a televisão ligada para amenizar a solidão. O processo judicial sobre a área quilombola se aproximava do fim, e na TV estreava uma minissérie intitulada “Quilombo moderno”.

Era a história de uma dama da sociedade paulistana que transformava seu luxuoso apartamento no Morumbi em uma “embaixada social”. Vivida pela atriz Laurinha Serafim, a protagonista transferia a propriedade do imóvel para uma ONG defensora dos direitos dos afrodescendentes. Assim afrontava a elite branca do bairro, impondo-lhe a convivência com os novos vizinhos provenientes da periferia – que promoviam ali festas, eventos contra o racismo e pregavam “a reforma agrária da consciência”.

Bob Maxwell ligou para o jornalista Paulo França, seu amigo:

— Tá vendo isso, Paulo?

— Tô. Agora entendi por que eles querem te tomar o hotel. É a reforma agrária da consciência.

— Você acha que esse lixo dá audiência?

— Não sei. O que eu sei é que a Laurinha Serafim dá pro João Juvenal.

— Ah... Entendi.

— E que foi o Juvenal quem mandou o marido da Laurinha escrever essa bosta.

— Que isso?!

— Não sei bem o que é isso, Bob. O nome científico é *cornus ideologicus*.

— Só você pra me fazer rir nessa desgraça, Paulo França. Dá

uma porrada nessa palhaçada, pelo amor de Deus.

— Ué... Deus existe, afinal?

— Existe. Mas não se envolve.

“A minissérie ‘Quilombo moderno’, aparentemente criada para combater o racismo, é o programa mais racista já exibido na TV brasileira”, fuzilou França em sua crônica na *Milênio*.

No velho estilo que ficava entre a contundência e a arrogância, o jornalista partia mais uma vez para o ataque pessoal: “Essa série demagógica fomenta o preconceito e divide a sociedade pela cor da pele. É bom lembrar, aliás, que na vida real o apartamento de Laurinha Serafim não é um quilombo moderno, mas um Muro de Berlim arcaico, que esconde socialistas imaginários (e ricos)”.

— Tem que botar esse filho da puta na cadeia! — bradou João Juvenal ao telefone, a ponto de o interlocutor ter de afastar o celular do ouvido.

O interlocutor era Luiz Arthur Lombroso. Criado em laboratório pelo POP, o ministro do Primeiro Tribunal era, na prática, um empregado de Juvenal. O telefonema era para tratar do processo de desapropriação do Hotel Maxwell na suposta área quilombola – “muito bem encaminhado”, segundo Lombroso – mas se desviara para o petardo de Paulo França.

— É por isso que eu insisto, ministro — respondeu Lombroso, trazendo o telefone de volta à orelha. — O governo precisa botar gasolina no projeto de lei Pense Bem. Sei que a prioridade é o Pacote Democrático. Mas se não botar logo uma rédea na mídia, não tem como enquadrar esses reacionários.

Juvenal ficou de ver o que podia fazer. E tinha uma última orientação:

— Lombroso, acelera o caso daqueles meninos do deputado Fraga. A morte do cinegrafista foi uma fatalidade, porra. Vamos ter que chamar a Anistia Internacional?



Na véspera da manifestação “Somos todos escravos”, que aconteceria diante do Hotel Maxwell do Rio, os meninos do Fraga – Sheik e Bakunin – foram soltos. A Justiça entendeu que manter a prisão dos

dois ativistas configuraria atentado aos direitos humanos e à liberdade de expressão.

No dia marcado para o ato em favor da desapropriação, um destacamento policial se postou na frente do hotel. Os manifestantes foram se concentrando diante da barreira de segurança. Até que um mascarado cuspiu no rosto de um PM.

O soldado não se moveu. O ativista se aproximou novamente e falou:

— Soldadinho de merda. Tu só usa esse cassetete pra alegrar a tua mulher?

O policial partiu para cima do mascarado, e a Black Mídia começou a filmar. Cristal e outra militante do PESSOAL tão franzina quanto ela se lançaram entre o PM e o ativista, e logo foram ao chão. Em defesa delas, outro mascarado parrudo chegou por trás e atacou o soldado com um pedaço de pau, atraindo outros policiais para combatê-lo.

Quando o tumulto se generalizou, um coquetel molotov explodiu diante da porta de vidro do hotel, espatifando-a.

Alguns metros atrás da aglomeração, fazendo a cobertura jornalística para o seu recém-criado blog independente, Clara Maria filmava tudo. E captou o lançamento do coquetel molotov. Viu que ele partira do mascarado que iniciara o confronto com a polícia – e que depois recuara, posicionando-se atrás de uma grande faixa pró-quilombolas.

Clara não tirou mais os olhos daquele personagem. E viu quando ele recuou um pouco mais, tirando a máscara para ajeitá-la.

A jornalista se aproximou o máximo que pôde e filmou o rosto de Sheik. Como se sentisse que estava sendo filmado, ele se virou na direção dela. Clara disfarçou, baixou o celular e foi se afastando. Sem olhar para trás, passou a correr, decidida a pegar seu carro e se mandar.

Quando já estava acionando o alarme para abrir a porta, viu Sheik correndo como um bólido em sua direção.

## Carol, Shakira

A avenida litorânea em frente ao Hotel Maxwell, na Barra da Tijuca, estava tomada por manifestantes. Artistas e intelectuais haviam aderido à campanha criada por Luana – e compareceram ao protesto vestindo camisetas com o slogan “Somos todos escravos”. Uma jovem atriz de teatro que viera de São Paulo para o ato estava numa saia justa: era simpatizante do movimento, mas namorava Caio Fontoura, o estagiário do escritório que defendia o grupo Maxwell.

Caio estava morando em São Paulo, atuando como espião na Nova Láctea, mas fora escalado por Pedro para monitorar *in loco* a manifestação no Rio. Carol, sua nova e geniosa namorada, cismou de acompanhá-lo. Após algumas negativas, deu o ultimato: se não pudesse ir com Caio para o Rio, estava tudo acabado entre eles. O detalhe operacional era que Carol não tinha dinheiro para a ponte aérea.

Depois de muito contorcionismo, o espião convenceu Pedro a fazer o escritório pagar a passagem da namorada – naturalmente omitindo que ela apoiava o movimento pela desapropriação do hotel.

Carol já chegou ao ato comprando, numa banca montada pela Resgate, uma camiseta da campanha e um *bottom* com a frase “Brasil, pague o que deve aos brasileiros”. A atitude irritou Caio, que lhe havia pedido discrição. Quando começou o confronto entre manifestantes e polícia, porém, a jovem atriz se assustou.

Na primeira bomba de gás lacrimogêneo, saiu correndo em direção à praia. Caio só recuou um pouco, continuando a filmagem que pretendia enviar a Pedro. Mas ouviu gritos da namorada.

Não muito distante do tumulto, ela avistara uma mulher desacordada no chão. Caio correu até lá e reconheceu Clara, namorada de Pedro. Estava caída ao lado de seu carro, que tinha a porta aberta e a chave na ignição.

O casal colocou a jornalista no banco traseiro do carro dela, para levá-la a um hospital. Antes que partissem, Clara recuperou os sentidos e se lembrou do que acontecera: o mascarado sem máscara que ela tinha filmado a arrancara de dentro do carro.

Ela devia ter batido com a cabeça no chão, estava com sangue no cabelo. E seu telefone tinha sumido. O ativista certamente o confiscara, com todas as imagens que o incriminavam.

Clara chorou, depois se acalmou. Agradeceu ao jovem casal e disse que estava bem. Podia ir dirigindo sozinha para casa.

Caio e Carol não tinham dado dez passos quando ouviram Clara gritar:

— É ele!

A jornalista avistara Sheik escapando do tumulto e pulando dentro de uma van com Bakunin. Ligou o carro e disse que ia segui-los. Caio voltou correndo na direção dela:

— De jeito nenhum, tá louca? Você tá machucada, não vai poder fazer nada contra esses trogloditas.

Quando Caio terminou de falar, Carol já tinha entrado no carro de Clara pelo outro lado:

— Eu vou com ela!

Restou ao espião se jogar no banco de trás, com o carro já em movimento.

A van disparou em velocidade, exigindo de Clara uma perícia na direção que ela não tinha. Caio pediu para pegar o volante. Já desistira da Fórmula 1, mas tinha boa experiência na pilotagem de *kart*. A van tomara a reta para a Zona Sul da cidade, daria para alcançá-la mais à frente.

Acelerou tudo, e quase chegando à Lagoa Rodrigo de Freitas avistou novamente o veículo que levava Sheik e Bakunin.

Atravessaram a primeira galeria do Túnel Rebouças a cento e vinte por hora e seguiram na cola da van na subida íngreme de paralelepípedo que ia dar em Santa Tereza. Os dois ativistas e mais três passageiros – um deles parecendo ser o deputado Wally Salvador – desembarcaram diante de uma casa ampla no bucólico bairro carioca. A jornalista reconheceu no ato: era a “embaixada” do deputado Fred Fraga, onde algumas colegas suas já tinham pernoitado.

Caio conseguiu filmar Bakunin e Sheik entrando na casa. Ele já tinha imagens dos dois no tumulto em frente ao hotel. O flagrante do lançamento do coquetel molotov, porém, só fora registrado pelo celular da jornalista, roubado por Sheik. De qualquer forma, tinham

reunido informações relevantes, e decidiram sair logo dali antes que fossem descobertos. Mas Carol pediu para esperarem.

Avistara Laurinha Serafim chegando à casa com dois atores negros do elenco de “Quilombo moderno”. A jovem atriz propôs a Caio e Clara que entrassem também:

— Vocês estão muito acomodados! Já viemos até aqui, aí dentro deve ter o dobro das informações que vocês conseguiram.

Caio repreendeu a namorada, apontando o segurança na porta da casa e pedindo que ela moderasse a sua impulsividade. Carol então confessou: queria entrar para falar com a grande Laurinha Serafim, e tentar arranjar um papel na TV.

O namorado disse que ela era maluca, mas foi contrariado por Clara:

— Vamos tentar. Eu também acho que vale a pena.

Desceram do carro, e a jornalista abordou o segurança:

— Boa noite, companheiro. O deputado Fraga já chegou?

O funcionário confirmou que Fred acabara de chegar e informou que os convidados deveriam deixar seus celulares com ele – orientação do deputado.

Carol entregou o seu e sumiu porta adentro. Clara disse que havia perdido o seu, mas não escapou da revista. Caio avisou que ia então deixar seu telefone no carro, “para não dar trabalho”.

A primeira cena com que Clara deparou ao entrar foi um tórrido beijo entre Sheik e Cristal, cada um com uma lata de cerveja na mão. A música estava alta, a casa cheia, e várias pessoas dançavam. Era uma festa. A jornalista escondeu o rosto e buscou um canto mais escuro da sala de estar. Em meio a sindicalistas, artistas e militantes do PESSOAL, Caio saiu procurando Carol.

Foi encontrá-la num espaçoso jardim nos fundos, numa rodinha onde estavam Laurinha, Fraga, Wally e outro ator da série. Sua namorada tentava, sem sucesso, ser notada pela diva.

— Desculpe, Laurinha... Queria me apresentar a você. Sou muito sua fã.

Embora estivesse a um passo de distância, Carol parecia invisível a Laurinha, mesmo depois de abordá-la. A atriz não só não respondeu como parecia olhar através da namorada de Caio. O estagiário com experiência de espião já estava arrependido de ter

aceitado entrar naquele lugar, sentindo o potencial da situação.

Em nova investida, Carol apresentou-se como amiga de Luana Maxwell – o que Caio lhe pedira que não fizesse de jeito nenhum, já que Luana se tornara adversária direta de Pedro na batalha quilombola. Dessa vez Laurinha respondeu. Ela ficara próxima de Luana na campanha “Somos todos escravos”.

— Muito prazer, mande um abraço pra ela — respondeu, já encerrando, a dama da TV, com seu característico sorriso amarelo.

Incomodada, Laurinha resolveu afastar-se da rodinha. Mas Carol colocou-se na frente dela:

— Desculpe tomar o seu tempo, Laurinha, mas é que eu também sou atriz e queria muito...

Foi interrompida:

— Querida, você não está tomando o meu tempo. Você está bloqueando o meu caminho.

— Eu sei, Laurinha, tô morrendo de vergonha por isso, me perdoa. Mas é que eu não posso perder essa oportunidade, sabe?

A estrela tentou retrucar, mas Carol foi falando por cima dela:

— Olha, vou ser objetiva: eu soube que na próxima novela das nove vai ter uma garota de programa de classe média. Essa personagem é a minha cara!

— Jura? — reagiu Laurinha, já com um sorriso amarelo-ovo.

— Juro! Já fiz muito Nelson Rodrigues no teatro!

— Mas Nelson Rodrigues não tem garota de programa de classe média.

— Ah, mas é como se tivesse, né?

Tentando encerrar a conversa desastrosa, Caio fez sinal de que estava indo embora. A namorada ignorou:

— Te imploro, Laurinha. Recomenda meu nome pra esse personagem. Só quero a chance de fazer o teste...

— Qual é o seu nome?

— Carol!

— Carolina?

— Não, Carol.

— Carol o quê? Tem muita Carol.

— Carol pura. Quer dizer... Pura só no nome, né?

Riu sozinha. Nem o sorriso amarelo estava mais lá.

— Vai ser difícil te identificarem no teste sem um sobrenome.

— Ao contrário! Não tem outra Carol sem sobrenome!

Laurinha não acreditava no que ouvia. A jovem atriz resolveu ser didática:

— Sabe o que é? Eu sempre gostei de nome artístico com uma palavra só. Carol é que nem Shakira.

— Ah, tá. Shakira. Agora ficou mais fácil. Pode deixar, querida. Amanhã aviso ao produtor de elenco que a Shakira vem fazer o teste.

Dessa vez Laurinha saiu andando decidida, para não ser barrada de novo. A reação de Carol também foi diferente: tirou a blusa da ONG, jogou-a no chão e gritou só de sutiã para a estrela televisiva:

— Então avisa também ao produtor de elenco que Laurinha Serafim é uma filha da puta!

O tempo fechou em torno de Carol. O primeiro a tomar satisfações foi o deputado Wally Salvador:

— Que isso, garota? Quem é você?

— Eu sou a Shakira! E não voto em você nem por um milhão de dólares!

Wally se afastou nervoso, chamando Bakunin. Caio viu que não ia dar para discutir mais nada ali – só correr. Arrastou a namorada pela mão, tomou uma reta em direção à porta de saída, catou Clara no caminho e voou com as duas para dentro do carro.

Carol ainda gritou que precisava pegar o seu celular, mas Caio não teve tempo nem de pedir que ela calasse a boca: arrancou cantando pneu, vendo a chegada do monstro Bakunin – felizmente já pequenino no retrovisor.



A festa na embaixada de Fraga avançou noite adentro, e a destruição do Hotel Maxwell também. Os soldados do traficante Beira-Rio estavam devidamente avisados, e completaram bem o serviço. No dia seguinte, porém, o movimento contra o hotel sofreu uma derrota.

Com as imagens de Caio, Pedro entrou com um pedido de liminar contra a desapropriação: mostrou Bakunin, ex-funcionário da Resgate – autora do parecer sobre a área quilombola –, no local do protesto, colocando uma máscara. Pedro alegou que o fato levantava

suspeição sobre o estudo da ONG, por indício de motivação política.

Beto Leal foi informado da decisão judicial por Malabares e entrou em desespero. Só aí Luana notou o quanto o namorado estava apostando na batalha quilombola para reabilitar sua ONG. Nunca o vira tão derrubado, sem ação.

Quem entrou em cena foi o advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos, chamado para assessorar o Ministério da Valorização Social no caso Bakunin. Ele começou telefonando para a Resgate. Beto tinha saído, e Cristal passou a ligação para Luana – que desde estudante era admiradora do famoso advogado.

Tatá foi objetivo: queria saber a estatura exata de Bakunin.

Só isso. Luana forneceu o dado, e, antes que o advogado desligasse, perguntou-lhe se o governo já estava recorrendo contra a liminar. Tatá foi firme e conciso:

— Esse vídeo provavelmente foi montado. A liminar cai hoje ainda.

Um perito indicado pelo advogado alegou que o homem com o rosto descoberto (Bakunin) não era o mesmo que aparecia com a máscara, por diferença de estatura. O ex-funcionário da Resgate estaria na manifestação, portanto, como vários outros simpatizantes da causa – e não escalado para depredar o hotel.

Pedro ainda reiterou que o vídeo de Caio não sofrera qualquer edição, mas o juiz cassou a liminar.

Impressionada, como advogada, pela atuação de Nogueira Bastos, Luana mandou-lhe uma mensagem: “Parabéns, doutor”. Tatá mostrou a tela do celular para João Juvenal, com quem acompanhara a decisão do juiz contra Maxwell:

— Essa mulher gosta de mim.

— Namorada do cara da ONG. Não inventa merda, Tatá.

— Não quero comer, não. Muito boneca. Prefiro as malvadas.

Ergueram um brinde às mulheres malvadas e aos juízes bondosos.

Luana recebeu uma mensagem logo depois de escrever para Tatá. Mas não era a resposta dele. Era uma mensagem de Pedro.

*olá, luana. transmito recado do seu pai: filha, você está lutando a luta errada*

O amigo aproveitava para dizer que achava a mesma coisa.

Ela não respondeu.

Mesmo esperando a decisão final sobre a desapropriação, Bob Maxwell resolveu reconstruir a fachada e a recepção do hotel depredado. Teve, no entanto, que adiar um evento internacional de MMA marcado para o fim de semana seguinte, na arena do hotel.

Ao saber disso, revoltada com a acusação contra Caio sobre a montagem do vídeo, Carol procurou um dos lutadores brasileiros escalados para o evento, Maurício Capone.

Ex-namorado (quase noivo) de Luana, Mau Capone, peso-pesado, comprometeu-se a não comentar com Bob, nem com Pedro e nem mesmo com Caio a informação que Carol lhe passaria. Assim ficou sabendo onde poderia encontrar Sheik e Bakunin, agentes da destruição do hotel.

Acompanhado do colega de MMA Rodrigo Lobisomem, Capone já completava algumas horas de tocaia na rua da embaixada de Fraga quando viu Bakunin estacionando seu carro. Esperaram que ele abrisse a porta da casa e o abordaram:

— Fica tranquilo que a gente vai entrar contigo — anunciou Capone. — Teu amiguinho tá aí dentro?

Sheik estava. Ao ver os lutadores, correu ao quarto e armou-se com um taco de beisebol.

— Isso aí não adianta com a gente — avisou Lobisomem. — Vamos ver agora se vocês são valentes sem máscara.

## O Proibidão do França

Bakunin chamou os lutadores para brigarem na rua. Mau Capone recusou a proposta:

— Não, vamos ficar aqui mesmo. Na rua vocês vão fugir, vão fazer escândalo, essas coisas que vocês fazem.

— A gente não se liga em arruaça — emendou Rodrigo Lobisomem. — Pode deixar que a gente não vai quebrar o clubinho de vocês. A gente só vai quebrar vocês.

Os dois astros do MMA já tinham definido a estratégia: cada um cuidaria de um ativista, “para não bagunçar”. Capone disse a Lobisomem que preferia ficar com Sheik, se ele não fizesse questão. Carol lhe contara o que o mascarado fizera com Clara, que ele conhecera quando namorava Luana.

Seu trabalho acabou sendo facilitado pelo próprio Sheik, que tentou surpreendê-lo com o taco de beisebol, num golpe de cima para baixo. Só a esquivada de Capone já desequilibrou o agressor, que foi dominado e levado ao chão.

O lutador optou então pela montada, que lhe permitiria socar o rosto de Sheik “sem destruir a residência e sem pressa de acabar”.

Bakunin teve mais sorte. Atirou-se sobre Lobisomem e os dois foram ao chão. Com o inimigo grudado nele, o lutador teve de recorrer a um mata-leão, mas exagerou no estrangulamento e pôs Bakunin para dormir.

A filosofia do MMA não permitia bater em ninguém desacordado, e Lobisomem saiu da casa de Fred Fraga quase chorando pela oportunidade perdida.

Em menos de vinte e quatro horas, a surra estava nos sites jornalísticos e nas redes sociais. Sheik e Bakunin registraram a ocorrência na polícia e deram entrevistas repudiando a violência. “Foi um atentado, dentro de uma embaixada dos direitos humanos”, declarou Sheik, com o rosto desfigurado.

Bob Maxwell, dono da franquia do MMA no Brasil, convocou os dois lutadores ao seu escritório carioca, onde estava baseado por causa da batalha da desapropriação do seu hotel.

— Maurício e Rodrigo, vocês são dois irresponsáveis. Não estão à altura do MMA. Vou enviar um relatório à direção em Chicago pedindo a expulsão de vocês.

A dupla baixou a cabeça. O empresário perguntou se a polícia já estava atrás deles. Não, nenhuma comunicação havia sido recebida ainda.

— Então vocês vão se entregar à polícia. Agora.

Os lutadores obedeceram e foram presos. Mas em seguida foi a vez de Bob Maxwell ser levado para a delegacia, em condução coercitiva.

Uma nota na *Tribuna do Poder* afirmava que, “segundo uma fonte”, a surra aplicada nos “ativistas dos direitos quilombolas” tinha sido comandada pelo empresário, como vingança pela predação de seu hotel. “A diplomacia da direita é a violência”, completava o deputado humanista Fred Fraga.

Bob negou tudo e foi liberado, mas os fotógrafos fizeram a festa na sua saída: logo a foto do magnata emoldurado pelo letreiro “Delegacia de Polícia” estava viralizada.

Quando viu a foto, Luana resolveu responder a mensagem dele, através de Pedro:

*diga por favor ao meu pai que ele está lutando a luta errada. que vergonha*

Uma semana depois, a Justiça decretou a desapropriação do Hotel Maxwell. A vitória de Luana sobre seu pai teve um requinte: o juiz incorporou na decisão um argumento que ela própria, como advogada, formulara – suprimindo do grupo Maxwell o direito a qualquer indenização, “em face da flagrante dívida social que o empreendimento acumulou para com os verdadeiros donos daquela terra”.

Ou seja: a área do hotel foi simplesmente encampada pelo governo, sem um tostão para Bob Maxwell – graças à sua filha.

E ela ainda ia tirar-lhe algo mais caro. Em meio às comemorações pelo sucesso da campanha “Somos todos escravos” – com o governo feliz da vida, reabrindo os cofres para a Resgate – Luana descobriu que estava grávida novamente. Deu a notícia a Beto da melhor forma possível: anunciou que a criança não teria Maxwell no nome, apenas Leal.

— Meu amor, você é a mulher mais linda do mundo! Deve ser por

isso que o presidente da República pediu pra agendar um encontro com você.

Luana achou graça na brincadeira do pai de seu filho. Mas não era brincadeira.



Na véspera do lançamento da pedra fundamental do Quilombo Moderno – o conjunto habitacional que seria erguido em lugar do Hotel Maxwell, batizado com o nome da série de TV –, o chefe de gabinete da Presidência ligou pessoalmente para Luana. O governo fizera questão de determinar a implosão do hotel, marcando a derrota do inimigo político com uma cena espetacular. Agora, o espetáculo seria o encontro do presidente da República com a filha do inimigo – sua mais nova aliada.

George Carmelo foi sucinto. Apenas orientou Luana sobre o protocolo da solenidade, informando que o presidente ia fazer um rápido pronunciamento num palco improvisado no meio do terreno.

— Aí ele vai chamar os integrantes da comunidade quilombola para subir no palco com ele. Nessa hora você sobe também, ok, querida? Ele quer que você esteja ao lado dele na foto.

Luana agradeceu o convite e disse que estava tudo ok. Em seguida contou a Beto o telefonema do Sombra, comentando que o presidente queria, com a tal foto, evidentemente provocar seu pai. Beto concordou, mas se fixou em outro detalhe do relato dela: o momento em que a comunidade quilombola subiria ao palco. Pediu licença a Luana, se fechou na sala da presidência da ONG e ligou para Malabares:

— Meu amigo, acabo de saber que o Guia vai querer uma foto com a comunidade quilombola na solenidade.

— O quê?! Fudeu — foi a reação do publicitário.

Malabares ligou para João Juvenal, apresentando-lhe a questão. O ministro autorizou:

— Tudo bem, pode botar o pessoal da comunidade no palco.

— Desculpe, ministro. O problema não é esse. É que... Não sabemos onde vamos arranjar esse pessoal.

— Ah, entendi. Que merda — respondeu Juvenal. — Espera aí que

eu vou tentar resolver e volto pra você.

— Porra, amanhã?! — assustou-se Luizinho Sete-Quedas. — Pra amanhã não tem como, JJ.

O ministro mandou o bicheiro se virar. Disse que “a logística do governo” estava à disposição dele.

— Bom, só se eu pegar uns haitianos. Mas vou precisar de avião, porque mandei todo mundo de volta pro Acre. Em São Paulo e no Rio tava dando muita confusão.

A eficiência do empresário da contravenção fez a diferença. Em operação cronometrada minuto a minuto, trinta haitianos cadastrados na ONG Pátria Minha estavam prontos para subir ao palco da solenidade na Barra da Tijuca no momento em que o presidente chamou “os descendentes de escravos a quem devolvo agora, em nome do Brasil, este pedaço de chão”.

Conforme programado, Luana também se dirigiu ao palco. O protocolo colocou-a ao lado da ministra da Valorização Social, Maria Rosa, amante de Beto Leal. Para não ter que cumprimentá-la, a ministra resolveu puxar conversa com um quilombola:

— Parabéns pela sua luta!

Não teve resposta. Tentou então vencer a timidez do interlocutor perguntando sobre sua família:

— Foram seus avós que fundaram esse quilombo? Ou seus bisavós? Eles conheceram Zumbi dos Palmares?

O haitiano olhou para a ministra e continuou mudo. Sete-Quedas avisara ao seu grupo que quem desse um pio perdia a Bolsa Refugiado.

O presidente então chamou Luana para perto dele e arrematou seu discurso, assistido por parlamentares, militantes progressistas, artistas e jornalistas:

— Por fim, quero fazer uma homenagem a esta jovem: Luana Maxwell.

Surpreendida com o gesto presidencial a favor de sua rival, Maria Rosa teve um acesso de fúria e abandonou o palco. O presidente ignorou a atitude de sua ministra e prosseguiu:

— Nos fundos deste imenso terreno, vocês ainda podem ver alguns destroços do hotel implodido. Luana era herdeira disso tudo. E abriu mão, para combater o bom combate.

A plateia interrompeu o presidente com aplausos ruidosos. Ele ergueu o braço de Luana, montando a cena perfeita para os fotógrafos. Aí veio a mensagem final do líder popular:

— Aproveito para fazer um apelo ao Congresso Nacional: o país precisa que o Pacote Democrático seja aprovado. É uma lei contra o abuso do poder econômico. Chegou a hora de botarmos os empresários, como o que invadiu essa terra quilombola, no seu devido lugar!

A fala presidencial estava articulada com a ação do operador Malabares, que naquele momento estava em Brasília percorrendo gabinetes de deputados e senadores. Com a liberação da verba para o novo convênio de reabilitação quilombola, ele montara com Galdino Silva a nova remessa de “sorrisos” para os parlamentares – termo usado pelo tesoureiro do POP para “evitar as expressões deslegantes da língua portuguesa”.

Malabares terminava seu bem-sucedido tour no Congresso quando recebeu um telefonema de Carmelo, que parecia tenso:

— Marivaldo, estou com o PR. Ele vai dar uma palavra contigo.

O presidente pegou o telefone furioso. Queria falar com os líderes de bancada e eles não estavam atendendo.

— É que agora tá tendo uma votação no plenário, presidente. Foram todos pra lá — explicou o operador. — Mas eu falei com cada um, tá todo mundo com a gente.

O Guia interrompeu mandando Malabares botar o telefone na orelha de líder por líder, “foda-se a votação”. O publicitário nunca o vira tão nervoso.

Tinha motivo. No que concluíra o lançamento da pedra fundamental do Quilombo Moderno, ainda sobre o palco, ele resolvera dar um beijo no rosto de Luana. A moça olhou nos olhos do presidente, deu um grito e desmaiou.

A foto de Luana caída aos pés do presidente com os trinta figurantes negros atrás foi, naturalmente, a que ganhou as primeiras páginas e estourou na rede.

Na coluna de Paulo França, a foto foi reproduzida em tela inteira, sem texto – apenas com a legenda: “O gigolô da bondade faz mais uma vítima”.

— Quem esse filho da puta pensa que é pra se referir assim ao

presidente da República?! — esbravejou o Guia, mandando Alex Sander pedir a cabeça de Paulo França imediatamente à revista *Milênio*.

Sander explicou que a revista adotara uma postura desafiadora, decidindo abrir mão dos anúncios estatais, o que o mercado considerava suicídio. Mas o fato era que, naquele momento, a *Milênio* ignoraria a pressão do governo.

O Guia ficou fora de si e mandou Carmelo ligar para Malabares: “O Congresso vai aprovar o controle da mídia agora!”.

Malabares desceu ao plenário e foi com seu telefone de orelha em orelha, como ordenou o Guia. Cada líder partidário abordado pelo publicitário careca achava que se tratava de uma pegadinha – para então levar um susto ao ouvir o presidente em pessoa do outro lado da linha. E o recado era claro: a lei Pense Bem, estabelecendo punição sumária para discriminações na mídia, tinha de ser votada imediatamente – “senão a partir de amanhã acabou o sorriso”.

O recado foi muito bem compreendido, e o rolo compressor da bancada governista garantiu a aprovação em tempo recorde. Agora os jornalistas iam ter que pensar bem antes de falar mal, como dizia o slogan da nova lei. E Paulo França ia ter que engolir o que disse – e o que mais viesse a dizer – contra o governo popular.

Depois de ser obrigado a publicar, no espaço de sua coluna, um editorial do POP exaltando a solidariedade do governo para com as minorias, França levou o segundo petardo: Laurinha Serafim também exigia reparação. Graças à nova lei, a atriz finalmente rebatia a acusação de estar na TV “pelo sistema de cotas” – referência à panelinha de esquerda que, segundo o jornalista, dominava o mercado cultural.

A resposta de Laurinha ainda tachava Paulo França, em sua própria coluna, de elitista e mentiroso por atacá-la na série “Quilombo moderno”. “No fundo, entendo esse ódio: deve ser muito difícil para um homem branco e reacionário viver num país de alma afrodescendente”, dava o troco a atriz.

Para a edição seguinte da versão impressa da revista, França entregou sua coluna em branco – com uma única frase: “Como os gladiadores do bem não me mandaram nenhum texto esta semana, fique sem assunto”.

O gesto repercutiu na opinião pública, mas acabou gerando também desconfiança: imediatamente, um blog desconhecido e de pouca expressão passou a republicar os textos de Paulo França que a Justiça condenara.

O tal blog foi ignorado pelas autoridades até começar a fazer um barulho audível em Brasília. O porta-voz Alex Sander reportou a George Carmelo que os textos difamatórios de França estavam dando audiência depois de republicados e levantou a hipótese de o blog obscuro ter sido criado pelo próprio jornalista, sob um pseudônimo exótico: Carol Shakira.

O governo resolveu entrar com uma ação contra o blog, baseada na lei Pense Bem, e assim desmascarar a suposta manobra de Paulo França. Quando recebeu a notificação judicial, Carol deu um grito e ligou para Caio:

— Consegui! Os babacas estão me processando! Agora eles vão ver com quem estão se metendo!

A coluna em branco de França chamara a atenção de Carol pela ousadia, e ela fora pesquisar os textos do jornalista. Aos vinte anos, concentrada em estudar teatro e namorar, ela mal sabia quem ele era. Aí deu de cara com o texto sobre Laurinha Serafim e o “sistema de cotas” na TV – e foi ao delírio. A atriz ficara atravessada em sua garganta desde que ridicularizara seu pedido de trabalho e seu nome artístico inspirado em Shakira.

Criou então o “Blog da Carol Shakira”, com um subtítulo peculiar: “Aqui você lê o Proibidão do França”.

A Justiça acolheu a ação do governo e determinou que Carol tirasse os textos do ar. Ela acatou a decisão e publicou um post curto que fez sua audiência explodir: “Por motivo de força (muito) maior, este passa a ser um canal-relâmpago. Nada no Blog da Carol Shakira ficará mais de meia hora no ar. Então... Preste atenção! Liberdade não tem hora marcada”.

As postagens-relâmpago foram batendo sucessivos recordes de audiência, e Carol passou a publicar também textos seus, com uma vinheta curiosa: “Isto não foi escrito por Paulo França. Mas poderia ter sido”. Sua legião de seguidores – e de inimigos – deu um salto quando ela publicou um post intitulado “A verdadeira história da depredação do Hotel Maxwell e o baile dos mascarados”.

Ela contava a agressão sofrida pela jornalista Clara Maria e a diversão do agressor pouco depois na “embaixada dos direitos humanos” do deputado Fred Fraga. Foi quando recebeu sua primeira ameaça de morte.

Preocupado, Caio aconselhou-a a encerrar o blog. Mas ela foi em frente, colecionando brigas. Uma delas deixaria seu namorado mais preocupado ainda, ao envolver o chefe dele. Pedro ficou furioso quando Carol republicou a foto do presidente da República com Luana caída aos seus pés, e a legenda de França (“O gigolô da bondade faz mais uma vítima”) com uma “retificação”: “Luana Maxwell não é uma vítima. Luana Maxwell é uma víbora”.

Pedro tinha certeza de que o desmaio fora provocado por mais uma das alucinações de Luana. Tentara falar com ela, mas seu telefone parecia estar permanentemente desligado.

Depois do terrível episódio em que vira o presidente da República transformar-se num ácaro gigante, Luana passara uma semana reclusa, com vergonha e com medo. Não atendia ninguém, nem Beto. Só teve coragem de sair de casa para percorrer os quase cinquenta quilômetros até o barraco de Cristo.

Enjoada e coberta de poeira da trilha de terra, ela não o encontrou. O casebre estava vazio. Exausta, recostou num sofá que devia ter sido achado no lixo. Dormiu.

O barulho da porta de madeira rangendo acordou Luana. Já tinha caído a noite, e Cristo estava voltando de uma longa expedição ao armazém mais próximo – onde comprara uma pequena quantidade de frutas e verduras, suficiente para alimentá-lo por uma semana.

O dono da casa ofereceu uma maçã à visitante, que a devorou. Em seguida, ela passou a narrar seu drama. Disse acreditar ter chegado a uma encruzilhada: grávida, poderosa e alucinada.

Dessa vez, Cristo não lhe perguntou nada. E resumiu sua resposta a uma única palavra:

— Recua.

## Capone sai do armário

Mesmo com toda sua experiência na arte da subserviência, Luiz Arthur Lombroso estava incomodado com a agressividade do Guia:

— Tu só é ministro do Primeiro Tribunal porque eu te inventei, Lombroso! Pelas próprias pernas, tu agora estaria num fórum pulguento do interior, porra.

— Eu sei, meu presidente.

— Então faz o que eu tô mandando, caralho!

O Guia era um homem sereno e bem-humorado – a não ser quando o assunto envolvia Bob Maxwell. Os lutadores Mau Capone e Rodrigo Lobisomem iam ser soltos após mais de dois meses de prisão preventiva, o que o advogado deles já denunciava como abuso. Mas o presidente queria que os dois continuassem presos, como símbolos da suposta violência vingativa de Maxwell.

— Nesse caso, nós realmente precisamos de uma razão jurídica pra isso, meu presidente — tentou explicar Lombroso, com a voz ainda mais fina que o normal. — Senão o juiz do caso se desmoraliza...

— Ok. Então segura esses animais na jaula vinte e quatro horas pra mim, pode ser? Manda atrasar o alvará, sei lá. Se vira. Vou arranjar a razão jurídica.

Na manhã seguinte, Capone e Lobisomem viram, aliviados, a porta de sua cela ser aberta. Encerrava-se uma das mais longas detenções já registradas numa delegacia de polícia. Foram conduzidos por um agente até a rua, só estranhando a ausência do seu advogado.

No que puseram os pés na calçada, o agente apontou-lhes uma pistola. Dois outros policiais os algemaram e os jogaram na caçamba de um camburão.

Os lutadores de MMA foram conduzidos para um presídio, agora para cumprir um mandado de prisão temporária – que ainda ia ser expedido. Razão jurídica: o deputado Wally Salvador divulgara um vídeo em que a dupla aparecia espancando um homossexual. Era a prova de que a liberdade de Lobisomem e Capone representava risco

à ordem pública.

Dois dias depois, uma matéria na *Tribuna* assinada por Villa Konder anunciava, com exclusividade, que o governo estava preparando um projeto de lei revolucionário: a instituição da Cota Gay no mercado de trabalho. Empresas com mais de cem funcionários passariam a ser obrigadas a ter em seus quadros no mínimo dois por cento de homossexuais declarados.

George Carmelo ligou para Wally:

— Salve, nobre deputado! Gostou da matéria? Tá pago?

— Não, não tem nada pago — respondeu o deputado.

— Como não? Você não viu a Cota Gay na manchete?

— Não quero manchete, quero aprovação da lei. Sem a minha credibilidade, aquele vídeo que vocês me deram não seria nada.

— Ok, Wally. Vamos mobilizar a base no Congresso. Mas essa briga não é fácil, não. Se a gente precisar, você pode dar uma cutucada no deputado Mourão?

Wally desligou na cara do Sombra.

Lobisomem estranhou que Capone não estivesse no pátio para o banho de sol. Quando o colega apareceu, estava mais inquieto que o normal:

— Porra, fui em tudo que é cela, não consigo achar um celular.

— Que celular, maluco?! Tu tá em Bangu 1!

— Exatamente. Todo presídio tem celular. Só este que não tem? Logo na minha vez, porra?

Lobisomem quis saber por que o outro queria tanto um celular de repente, mas ele não disse. Sumiu de novo, e em dez minutos voltou com um preso trazendo uma camisa embolada na mão.

Como um diretor de cena, Mau Capone posicionou Rodrigo Lobisomem atrás de um aglomerado de presos que folheavam uma *Playboy* antiga. Indicou a posição do “fotógrafo” e se colocou ao lado do colega de MMA.

No instante em que a foto ia ser batida, Capone agarrou o rosto de Lobisomem com as duas mãos e deu-lhe um beijo na boca.

O beijado iniciou uma reação violenta, mas foi contido com um poderoso *clinch* de luta olímpica, com um sussurro no ouvido:

— Calma, porra! Tu quer apodrecer aqui dentro?! Fica frio, sei o que eu tô fazendo.

Pegou o celular para completar a operação – que lhe custara mil reais, adiantados – e enviou para Pedro a foto do beijo entre os dois pesos-pesados.

O advogado estava numa reunião com Bob Maxwell e ficou atônito com o que viu. Pior era a mensagem que acompanhava a foto:

*repassa por favor ao Dragão Chinês*

Tratava-se de ninguém menos que o maior rival de Capone no octógono, com quem tinha tido duas lutas sangrentas (com uma vitória para cada lado) e com quem trocara hostilidades beirando as juras de morte.

Pedro enviou a foto ao Dragão sem interromper a conversa com Maxwell. Apesar da perda do maior hotel de sua rede, o empresário estava de novo ativo no front. Com sua volta em definitivo para o Brasil, Pedro voltara a ter acesso razoável a ele e pudera expor suas teses sobre o suposto plano Mad Max – inclusive com os primeiros resultados da espionagem de Caio. Bob o repreendeu:

— Isso é uma completa irresponsabilidade, Pedro. Quero que você tire imediatamente esse estagiário da Nova Láctea.

O advogado tentou argumentar que o estágio de Caio era legal, e ele vinha realizando uma investigação “limpa”, baseada na observação. Maxwell não quis saber:

— Vocês são jovens, estão intoxicados com teorias conspiratórias. Não quero ninguém brincando de procurar mensagem subliminar. Comigo tem que ser tudo à luz do dia, nada de sombra.

Apesar da repreensão, a cartada planejada pelo empresário empolgou Pedro. Num contra-ataque agressivo, ele decidira fazer uma oferta irrecusável por um hotel de outra rede que ficava a duas quadras do que fora implodido. Assim poderia inaugurar a nova unidade rapidamente, sem ter de erguer um complexo do zero.

Criaria ali o maior centro de convenções da rede, a ser inaugurado com um congresso internacional de estudos étnicos. No painel de abertura, uma exposição sobre a cultura negra no Ocidente.

Parecia provocação. E era. O projeto seria tocado em sigilo absoluto, para evitar qualquer tipo de interferência. Mas vazou.

O proprietário do hotel que seria comprado por Maxwell mencionou a oferta extraordinária numa conversa de corredor na

associação comercial. Um empresário ligado a Alfredo Borneo ouviu e comentou com ele. Borneo repassou o rumor ao chefe de gabinete da Presidência da República.

Ao saber da manobra do inimigo, o Guia ficou possesso. Era um tipo de expansão que o Pacote Democrático barraria – com seu limite de cinco por cento para a concentração de mercado –, mas o Congresso novamente não aprovava a lei. Após a intervenção do presidente para a votação do controle da mídia, a sessão fora encerrada. Embora já tivessem recebido os “sorrisos” referentes ao Pacote Democrático, aparentemente os parlamentares tinham feito a transfusão da recompensa para outra causa.

O PR mandou chamar o ministro-chefe da Casa Civil ao seu gabinete. Era preciso promulgar o Pacote de uma vez, fosse qual fosse o preço da urgência. Mas Juvenal não foi encontrado.

A secretária Rosaly parecia sem jeito ao responder à secretária da Presidência:

— Desculpe, não estou localizando o ministro. Ele estava em reunião com a atriz Laurinha Serafim. Foi levá-la até o elevador e não retornou mais.

Furioso, mas pragmático, o Guia resolveu pegar um atalho para deter Bob Maxwell. Mandou o Sombra localizar o advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos. Em meia hora ele estava no Palácio:

— Tatá, você é o meu melhor ministro. Imagina se você fosse do governo!

Ambos riram, e depois riram mais: os papéis da Suíça estavam prontos, e chegariam a qualquer momento.



O primeiro beijo gay do MMA rodou o mundo. Dragão Chinês fizera o esperado, ao receber a foto enviada por Pedro. Postara-a com uma legenda singela: “Mau Capone vive me mandando parar de falar. Agora vou obedecer. Olhem essa cena bonita. Não preciso falar mais nada”.

A pedido de Mau, Pedro entrou no caso e foi visitá-lo no presídio de Bangu 1. Lá chegando, o lutador entregou-lhe uma carta:

— Quero que você mande isso pra imprensa. Lê aí, vê se tem

alguma dúvida.

Pedro leu e comentou com ar grave:

— Maurício, você tá assumindo um compromisso muito sério.

— É isso aí — interrompeu Mau, ansioso. — Tô assumindo.

Na carta, Mau Capone declarava que “chegara a hora” de revelar aos fãs do MMA e ao público em geral sua condição homossexual.

Passava então a um protesto contra sua prisão abusiva, “sem base legal” para durar tanto tempo. Negava que fossem ele e Lobisomem os agressores dos gays no tal vídeo e terminava com um apelo ao deputado Wally Salvador, do PESSOAL:

“Querido deputado Wally, meu voto já foi e sempre será seu. Esse vídeo que lhe entregaram é, com certeza, uma montagem. Nós jamais agrediríamos um gay. Ao contrário: estamos sendo agredidos moral e fisicamente na cadeia, desde que fomos vistos nos beijando. Faça aqui um apelo público: nos livre desta situação injusta e cruel.”

A carta de Mau Capone explodiu na imprensa e nas redes. Wally não atendeu nenhuma ligação de jornalista e subiu à “embaixada” de Santa Tereza para discutir o caso com o deputado Fred Fraga.

O presidente do partido bateu o martelo: Wally não daria apoio aos supostos gays aprisionados. Diria que o caso era nebuloso, e que preferia aguardar um pronunciamento da Justiça.

A direita resolveu faturar com o impasse: a brigada homofóbica do deputado Mourão imprimiu e distribuiu um panfleto apócrifo com um desenho de Bambi, o personagem de Disney, entre vários outros veados, e a legenda “Onde está Wally?”. O panfleto grosseiro sobre a omissão do representante LGBT no Congresso se espalhou com velocidade.

Irado, o deputado de esquerda pensou em processar Mourão, mas viu que só ia dar mais combustível à polêmica. Mudou de tática e implorou ao Sombra que convencesse o presidente a permitir a soltura dos lutadores:

— Carmelo, esse desgaste não é só meu. Todos os progressistas estão sendo questionados pelos maus-tratos a esses atletas gays.

Para surpresa geral, o Guia autorizou tranquilamente sua bancada no Judiciário a relaxar a prisão da dupla. E ainda soltou uma frase enigmática: “É até bom, abre espaço pra delinquentes mais importantes”.

A novela dos “gladiadores gays” bateu em Chicago, de onde o diretor geral do MMA ligou para Bob Maxwell. O empresário brasileiro, representante da organização no país, se desculpou, constrangido. Disse que talvez os atletas estivessem com problemas emocionais e lembrou que já propusera a expulsão deles da organização.

Mas o telefonema do *big boss* tinha propósito inverso: o mundo inteiro estava ligado na história insólita de Mau Capone e Rodrigo Lobisomem, e ele queria marcar um evento do MMA no Brasil com a presença dos dois. Tinha certeza de que seria recorde de vendas.

Maxwell costumava montar os eventos numa arena do seu complexo hoteleiro no Rio, agora reduzido a pó. Como a nova unidade ainda não estava pronta, resolveu bancar a aposta alta da organização e tentar reservar o Ibirapuera, em São Paulo.

A reação do inimigo foi imediata.

Orgulhando-se do trânsito livre que tinha com o Guia, o senador Maurílio Amarante (POP-SP) ligou para o seu telefone vermelho. Escalado para a liderança do governo no Congresso, Amarante sonhava com uma vaga no ministério – e não economizava oportunidades de mostrar ao presidente seus bons serviços:

— Acabo de saber de fonte segura que o babaca do Max quer botar uma luta no Ibirapuera, meu presidente. Pode ficar tranquilo, já mandei barrar a autorização.

— Então desmanda, companheiro Amarante. Quero o Ibirapuera liberado pro Maxwell.

Só um mês depois de mais uma bola fora com o Guia, o senador Amarante compreenderia seu erro. Na grande noite do MMA no Ibirapuera, Bob Maxwell desembarcou de sua limusine e pisou no tapete vermelho, estendido na entrada do ginásio, sorrindo para o batalhão de fotógrafos. No que os flashes começaram a espocar, o empresário foi cercado por dez agentes federais fortemente armados: estava preso.

## Laranja da China

O blog de Walter Andorinha divulgou com exclusividade, antes da entrevista da Polícia Federal, o motivo da prisão de Bob Maxwell. Segundo o jornalista, o empresário era o alvo principal da Operação Octógono, que investigava lavagem de dinheiro na organização do MMA.

“A PF divulgará daqui a pouco o Dossiê Suíça, mostrando que o sr. Roberto Maxwell possui duas contas numeradas naquele país, não declaradas ao fisco, totalizando um saldo de cem milhões de dólares”, escreveu Andorinha. “É a prova que faltava para a polícia concluir que a franquia do MMA no Brasil é, na verdade, parte de uma lavanderia da máfia italiana em Chicago.”

O jornalista arrematava a matéria com uma de suas flechadas: “O distinto público que se horroriza com os espetáculos boçais promovidos por Maxwell descobrirá, agora, que o sangue no octógono não é nada comparado ao que ele suga do contribuinte”.

Desde o episódio do seu desmaio aos pés do presidente, Luana passara a evitar qualquer evento público ou contato com a imprensa. No que seu pai foi preso, porém, as ligações e mensagens de jornalistas se multiplicaram. Um ano e meio depois de sair de casa e romper com a família, ela se tornara uma adversária política do pai. Mas não esperava vê-lo preso.

Manteve a decisão de não aparecer em público nem dar entrevista. E respondeu às solicitações dos repórteres com um e-mail lacônico: “A lei é para todos”.

A imprensa deu destaque à sua declaração, intensificando a euforia geral com a prisão inédita de um grande empresário – um dos maiores oponentes do governo popular. No dia seguinte, o instituto do cientista político Carlos Felipe Alencar divulgava uma pesquisa revelando que oitenta e sete por cento da população votaria pela reeleição do presidente. E o grande líder estava tocado com a valiosa manifestação de Luana, que cicatrizava de vez o desgaste com o episódio do desmaio.

O telefone dela continuou tocando. Até que veio a ligação da chefia

de gabinete da Presidência da República.

Com o coração acelerado, Luana ficou firme e não atendeu a chamada do celular pessoal de George Carmelo. Depois, não conseguia mais pensar em outra coisa. Foi à sala da presidência da Resgate e comentou o fato com Beto Leal, para dividir um pouco a responsabilidade pelo ato.

Beto reagiu com perplexidade:

— Meu amor, isso é uma loucura! Sabe quantas pessoas neste país deixariam de atender uma ligação do presidente? Nenhuma! E você é coordenadora de uma das principais parcerias do governo. Pelo amor de Deus, Luana, liga pro Sombra.

Ela ligou. O Sombra não fez sequer uma introdução: disse que em um minuto o PR estaria na linha.

— Oi, querida. Eu estava te devendo esse telefonema, pra dizer que gostei muito de te conhecer — começou o Guia. — Mas não podia esperar nem um dia pra te dizer que o que você fez ontem só uma mulher corajosa faz.

Ela agradeceu embaraçada, já buscando um bom fecho para aquele telefonema celestial. Mas o presidente ainda não queria se despedir. Como acontece com os políticos, a razão da ligação tinha ficado para o fim.

O grande líder comentou o índice arrasador das intenções de voto, esclarecendo que não estava “nem aí” para a reeleição:

— O que eu tenho certeza, e o que me interessa mesmo, é que este país quer o POP no poder. E vai ser por muito tempo. Luana, eu quero que você trabalhe nesse grande projeto nacional com a gente.

— Claro, presidente. Com muita honra. O senhor pode continuar contando com a Resgate pra enfrentar a dívida social.

— Não, querida. Não estou falando da Resgate. Isso é um convite pessoal: quero que você seja nossa candidata a deputada federal nas próximas eleições.

Beto acompanhava o telefonema ao lado da namorada, tentando presumir o que o presidente falava, quando seu celular tocou. Era Malabares. Decidiu não atender, para continuar ouvindo Luana e adivinhando o Guia. O publicitário ligou de novo. Na terceira tentativa, Beto atendeu, sentindo que algo tinha acontecido.

Malabares estava no Congresso Nacional. No embalo da prisão de

Bob Maxwell, o clamor pela punição das elites levava enfim à aprovação do Pacote Democrático, que atacava a concentração econômica. Maxwell teria que se desfazer de metade da sua rede, conforme previsto por Malabares, mentor do projeto:

— Presta atenção, meu querido Beto Desleal: essa é a mãe de todas as batalhas. Ganhamos! Sabe quem ligou dois minutos atrás pra me agradecer? O presidente da República em pessoa!

Beto sabia que era mentira, porque o presidente estava falando com Luana. Mas não tinha dúvida de que Marivaldo Valadares chegara ao Olimpo. Ninguém poderia questionar: o balaço bem no meio da potência inimiga saía daquela cabeça careca e prodigiosa.

E a cabeça queria falar mais:

— Cara, vou te falar: agora não tem pra ninguém! Pior é que uma vitória dessas me dá um tesão da porra. Quem disse que o poder é afrodisíaco sabia o que tava falando! Aliás, como vai a Luana?

— Hein?

— É, porra! Luana Maxwell, já ouviu falar? Mulher sacana. Me disse que não era nem parente do Bob Maxwell. Gosto de mulher sacana. Não rolou mesmo mais nada entre vocês não, né?

Beto continuara convencendo Luana a manter a gravidez só entre eles, o que era uma bomba-relógio. Enquanto a barriga não aparecia, ele pensava como sair da sinuca de bico:

— Não. Ficamos amigos. Mas vou te falar, aqui entre nós: ela só pensa em trabalhar. Não é isso tudo que você imagina, não.

— Foda-se. Eu quero a Luana.

Quando desligou o telefone, Malabares recebeu um abraço efusivo: era o senador Maurílio Amarante, que o arrastou para uma rodinha de parlamentares do POP, todos querendo cumprimentar o operador.

Quem também estivera escutando Malabares na sessão conjunta realizada no Senado – mas sem ser visto – era Caio Fontoura. Pedro não atendera a determinação de Bob Maxwell para interromper a ação de espionagem do seu estagiário. Sabendo que o Pacote Democrático seria votado em regime de urgência, despachou Caio para Brasília. Quando o senador Amarante puxou o publicitário, o celular dele ficou sobre uma bancada por alguns instantes, enquanto o dono recebia meia dúzia de tapinhas nas costas.

O espião se aproximou e, suando frio, leu as mensagens que estavam na tela. Fixou-se em uma, de Lauro Constantino:

*parabéns, meu malabarista. transferência confirmada amanhã. sucesso* Era ninguém menos que o presidente do BNF, o grande banco público, que ele flagrara visitando o empresário Borneo na Nova Láctea.

Quando terminou de ler a mensagem, Caio viu Malabares andando em sua direção:

— O que tu tá olhando nesse telefone, moleque?!

— Achei que tinham esquecido aqui, deputado. Ia procurar o dono. Parabéns pela votação!

O espião apostou que o seu alvo não o reconheceria (tinham se cruzado uma vez só, na entrada da Câmara) e que ia adorar ser confundido com um deputado. Acertou as duas apostas e se safou.

Não tinha o que fazer de imediato com a informação lida no telefone – que era cifrada e ele nem pudera fotografar. Adicionou-a ao seu quebra-cabeça do plano Mad Max e ligou para a namorada.

O Blog da Carol Shakira vinha conquistando audiência com sua guerrilha de postagens efêmeras contra a censura. Caio sabia que o Pacote Democrático dava pouco tempo para a adequação das corporações aos novos limites de mercado. Ou seja: Maxwell teria que vender rapidamente metade da sua rede hoteleira, e dificilmente haveria um comprador pronto para dispor de um capital daquele tamanho.

Apostou que a mensagem do presidente do BNF para Malabares tinha a ver com aquilo e ditou para Carol:

— Meu amor, bota, por favor, essa nota no seu blog: “Não será surpresa se cinquenta por cento da Rede Maxwell for arrematada pelo grupo Nova Láctea. Todos sabem que o setor de laticínios é o mais indicado para gerir hotéis de luxo”.

Carol pôs a nota no ar e tirou meia hora depois, como era a norma do blog. Paulo França leu e publicou no dia seguinte em sua coluna um falso desmentido, usando a tática de insinuação da imprensa marron: “Corre um boato de que o grupo Nova Láctea vai comprar metade da Rede Maxwell. Eu não acredito em boatos”.

Alex Sander convocou uma reunião de emergência com Juvenal, Carmelo e Galdino. A forma venenosa como a transação fora citada,

ainda mais por aquele colunista, espalhava suspeição. Para comprar cinquenta por cento da rede hoteleira de Bob Maxwell, Alfredo Borneo montara um consórcio de sete empresas – batizado de 7 Tropical –, todas laranjas. A Nova Láctea era controladora de uma delas.

Após a insinuação de França, a tática de dissimular a presença da produtora de leite na operação estava comprometida.

O ministro-chefe da Casa Civil mandou avisar a Lauro Constantino que segurasse a transferência especial do BNF para Borneo. Depois ficou pensativo. Sua maior preocupação ali era inconfessável: ele não queria recorrer mais uma vez ao advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos. Estava ficando grande demais, o Tatá.

Galdino não era especialista em montagens societárias, mas entendia de dinheiro.

— Bom, eu conheço uns chineses aí — aventou o tesoureiro.

João Juvenal rechaçou:

— Nem pensar. Chinês não serve pra laranja. São muito gulosos, acabam dando defeito.

Galdino insistiu:

— Não... Não é esse tipo de chinês aí não. Os meus alugam tudo, até o balanço da empresa é como você quiser. Eles nem se metem.

— Mas fica seguro na mão do Borneo? Sem o Borneo aparecer?

— Fica, vai por mim.

— Ok. Sander, passa uma notinha pro Konder. Diz que um grande grupo chinês do ramo de turismo e entretenimento vai investir pesado em hotelaria no Brasil.

— Positivo, chefe. Desminto que a Nova Láctea esteja interessada na Rede Maxwell?

— Claro que não, animal.



Luana não contou a Beto sobre o convite do presidente para se candidatar a deputada. Estava perturbada com os acontecimentos envolvendo a prisão de seu pai, e o namorado não tocara no assunto com ela. Sentia falta de falar com alguém sobre aquilo, mesmo tendo apoiado publicamente a ação da polícia – ou também por isso. Talvez

fosse o momento em que voltasse a procurar sua mãe. Mas era tarde, Isadora não tinha mais como saber de nada.

Pensou em Pedro. O ex-colega de mestrado era agora também um ex-amigo – e adversário direto no caso dos quilombolas, como advogado de seu pai. Mesmo assim sentiu vontade de ligar para ele. Mas pensou em Clara, que se mordida de ciúmes (e escondia elegantemente) cada vez que ela e Pedro se falavam. Desistiu. Era mais prático falar consigo mesma. Aí o telefone tocou.

Número desconhecido – e, claro, não atendido. O chamador deixou recado na caixa postal. Luana foi ouvir. Estava sozinha à noite no seu apartamento na Lapa, e a mensagem lhe deu medo. Era voz de homem:

— Aí, branca, é o seguinte: sei onde tu mora. Não quero fazer nada contigo, não. Tenho uma parada que pode te interessar. Quero levar aí na tua casa.

Ela teve o impulso de ligar para Beto. Desistiu. Tomou coragem e ligou de volta para o número desconhecido. Desistiu no primeiro toque. Resolveu enviar uma mensagem:

*ok, estou interessada em saber o que você tem para mim*

Alguns segundos depois o chamador ligou de novo. Ela não atendeu. Novo recado:

— Eu trabalhei no dossiê do teu pai. Os filho da puta ia pagar a segunda parte quando ele fosse em cana. Porra nenhuma. Ninguém me atende. Vou detonar. Tenho cópia de tudo.

Luana teve certeza de que era um golpe. Mas e se não fosse? Mandou outra mensagem:

*obrigada. não tenho coragem de te receber, não sei quem você é. se quiser me passar esse material, manda por favor para luana@resgate.org.br*

O homem não respondeu. Luana teve pesadelos a noite inteira com seu pai. Acordou exausta e foi checar seus e-mails – torcendo para não ter recebido nada. Mas estava lá.

O remetente era pessoa jurídica – uma firma de segurança – e o assunto era “dossiê”. Anexos, os arquivos “Max 1”, “Max 2” e “Max 3”.

## Eu matei o garoto

Sem coragem de abrir os arquivos – dizendo a si mesma que poderia ser vírus ou chantagem –, Luana deletou o e-mail do personagem misterioso. O país tinha mudado, a investigação contra seu pai certamente estava dentro da lei. Não havia tempo a perder com aquilo.

Tomou um banho, conferiu no espelho que sua barriga continuava reta aos dois meses de gravidez, foi repassando na cabeça a agenda do dia. A concentração estava difícil, havia um incômodo latente – e não era do enjoo. Voltou ao computador.

Foi à pasta dos itens excluídos, localizou o e-mail “dossiê”. Salvou num pen-drive – sem lê-lo –, embalou num envelope sem remetente, escreveu “À jornalista Clara Maria” e enviou anonimamente a ela.

Clara leu o material e ficou impressionada. Mostrou a Pedro: eram cópias de documentos originais de Bob Maxwell, misturadas a rascunhos para montagem de papéis caracterizando a abertura de uma conta numerada na Suíça. Até uma sequência com simulações da assinatura do empresário havia ali. Parecia mesmo material de falsário.

O remetente escrevera no e-mail: “Sou só o leva e traz. Mas andei com documento pra cima e pra baixo, os cara não queria nada na internet. Não sei nome de ninguém, mas pode confiar que é tudo firmeza”.

Pedro levou o pen-drive à chefia do seu escritório de advocacia, que encomendou o parecer de um perito em falsificações documentais. Constataram que as evidências de golpe eram suficientemente fortes para sustentar um pedido de *habeas corpus* para Bob Maxwell – no mínimo até que a Justiça se pronunciasse sobre a denúncia.

Mesmo fora da grande imprensa, Clara continuara na pista dos convênios do Ministério da Valorização Social – contando com a colaboração do seu garganta profunda de boné vermelho. Acabara de ser informada sobre o orçamento da parceria do governo com a

Resgate para a área quilombola: os mesmos cinquenta milhões de dólares do projeto para os meninos de rua. Sendo que, depois da implosão do hotel e do lançamento da pedra fundamental do Quilombo Moderno, o terreno só recebera a visita dos mosquitos.

A jornalista passara a publicar no Blog da Carol Shakira, aproveitando sua vasta audiência. Enviou a nova notícia para a dona do blog e comentou também com ela a bomba do “contradossiê” sobre Maxwell, que viera parar misteriosamente em suas mãos:

— O Dossiê Suíça pode ser falso! Que loucura... Bom, vamos ver o que a Justiça vai dizer.

— Vamos ver?! Como assim, vamos ver?! — protestou Carol, sempre em guarda. — A gente não vai fazer nada?!

— Calma! — respondeu Clara, já preocupada com o ímpeto da moça. — O Pedro tá entrando agora com um *habeas corpus*. Mas isso você não publica de jeito nenhum, ok, Carol?

Na postagem seguinte do blog-relâmpago, lá estava a nota sobre o valor do convênio para o conjunto quilombola, logo abaixo da manchete que abria a página: “Falso dossiê: defesa de Bob Maxwell entra com *habeas corpus* para soltar magnata dos hotéis”.

Caio ligou no ato para a namorada, aos berros:

— Porra, Carol! Tá maluca! Tira isso do ar agora!

— Eu hein, Caio. Que grosseria. Você sabe muito bem que eu só apago o post depois de meia hora, acabei de publicar.

— Apaga isso imediatamente, sua irresponsável! Antes que a patrulha do governo veja!

Tarde demais. Alex Sander não tirava mais os olhos do Blog da Shakira e já mandara o alerta vermelho para Juvenal – que disparou o telefonema providencial:

— Ô Tedesco, entrou aí um HC da defesa do Max. Trocou o juiz lá, né? Vê quem manda nesse novo e resolve isso pra mim, ok?

Em questão de minutos, o ministro do Primeiro Tribunal retornou para o chefe da Casa Civil, e a notícia não era boa:

— Excelência, infelizmente não vai ser tão simples. Parece que o *habeas corpus* tá bem calçado.

— Bem calçada tá a sua mãe, seu verme! Resolve essa merda aí.

Apesar da sólida argumentação de João Juvenal, Raul Tedesco não resolveu. O novo juiz era um puritano recém-chegado de Curitiba a

São Paulo e não quis nem conversa – mesmo diante de todas as ameaças veladas. Ia analisar o *habeas corpus* de acordo com suas convicções “e tão somente com elas”.

Juvenal gritou para Rosaly:

— Me liga com o dr. Luizinho!

Mulher de meia-idade, cheia de curvas e de saúde, Rosaly era Lily para os íntimos – entre os quais figurava JJ, e também o Guia. Quando estava com vontade de passear à noite, aproveitava cada ordem do chefe para desfilarem até a mesa dele, confirmar alguma obviedade e deixar o rastro implacável do seu perfume no ar.

— Ligo pro celular ou pro escritório, ministro?

— Sei lá, Lily. Acha o cara pra mim, é urgente. Você tá linda, mas hoje não vai dar.

— Pois não, chefe. Se o juiz não resolveu, o bicheiro há de resolver... — alfinetou a secretária, contrariada com o programa negado.

— Isso não é da sua conta, minha querida. O seu problema eu resolvo amanhã.

— Está dispensado, chefe. Amanhã estarei na suíte presidencial.

Luizinho Sete-Quedas atendeu animado, informando que a Pátria Minha batera a marca de mil refugiados cadastrados. Juvenal não queria saber de movimentos migratórios:

— Querido, aquele pivete que assaltou o gringo sumiu mesmo, né?

— Claro, chefia. Sumiu bem sumido. Não era essa a ideia?

— Sim, sem dúvida. E a conversa com aquele sargento da PM? Andou, isso?

— Não, ministro. Nesse meio-tempo virei quase um embaixador dos expatriados, né? Isso toma tempo.

— Claro! Não é cobrança, não... Mas deixa eu te perguntar, meu amigo: será que você conseguiria fechar aquele acordo?

— Mesmo valor?

— Pode dobrar.

— Pra quando?

— Pra ontem.

— Ontem acho que não vai dar. Serve amanhã?

— Você é bom.



Bob Maxwell recebeu na prisão a notícia da morte de sua mulher. Após quase um ano de vida vegetativa, Isadora enfim descansara. O *habeas corpus* estava em análise, mas o empresário foi autorizado a acompanhar o enterro, sob escolta policial.

Ao chegar à capela, reunindo forças para ver sua companheira da vida toda no caixão, Bob foi impactado por uma imagem mais forte: Luana.

A filha caminhou até ele e lhe deu um abraço curto. Os dois fingiram que não estavam chorando. Luana olhou para os policiais atrás de seu pai e fez menção de se afastar. Bob a reteve com um comentário padrão:

- Foi melhor pra ela. A vida não tava mais valendo a pena.
- Se é que valeu algum dia — devolveu Luana, impiedosa.
- Eu vou ser solto — esquivou-se o pai. — Vão me dar um *habeas corpus*.

— Ouvi falar — disse ela, secando o assunto.

— Pois é. Agora vou morar sozinho. Você também mora sozinha, não mora?

A filha não respondeu. Bob prosseguiu:

— Vem morar comigo. São Paulo, Rio, os dois... Você escolhe. Luana virou-lhe as costas, irritada, e voltou para o centro da capela. Bob pediu aos policiais a gentileza de não o acompanharem. Foi até o caixão, beijou a testa de Isadora, postou-se ao lado da filha e continuou:

— Qual é o problema de voltarmos a morar juntos? Diferença política? Tudo bem: você fica na ala esquerda do apartamento, eu fico na direita. Cada um na sua.

Luana não acreditava no que estava ouvindo, e tinha mais:

— Mas os dois com passaporte diplomático, claro. Muro de Berlim dentro de casa não dá, né?

A filha não conteve o sorriso diante da molecagem do pai.

— Não quero, obrigada. Nem a ala esquerda. É fácil ser socialista com motorista na porta.

— Não tem problema, filha. Eu demito os motoristas.

Em pleno velório da mãe, Luana soltou uma risada. Bob

fotografou mentalmente aquela luz. Sabia que ela ia lhe fazer falta.



O *habeas corpus* a Bob Maxwell foi concedido e cassado na mesma hora.

O juiz julgara procedente o pedido da defesa, reconhecendo indícios de manipulação no Dossiê Suíça e dando ao empresário o direito de aguardar em liberdade o andamento do processo. O diretor da Polícia Federal pediu demissão, alegando motivos de ordem pessoal. Nos bastidores, comentava-se que era uma reação à ingerência do Palácio na corporação, impondo a Operação Octógono.

Ao mesmo tempo, porém, a Procuradoria entrara com pedido de prisão preventiva de Maxwell, baseado em nova denúncia.

Um sargento da PM prestara depoimento ao Ministério Público acusando o empresário de ser o mandante do sumiço de Bolado – o menor que esfaqueara o turista americano em frente ao extinto Hotel Maxwell. E o depoimento tinha um lastro forte: o policial confessara ter assassinado o menino.

“A polícia sempre apoiou o dr. Maxwell”, declarou o sargento, “e o dr. Maxwell sempre apoiou a polícia. Ele repetia esta frase: ‘Uma mão lava a outra, e mantemos a cidade limpa’. Quando o estrangeiro foi esfaqueado na frente do hotel, e o cidadão era hóspede, o doutor me chamou e determinou: ‘Com esse aí você some, sargento. Acha ele, e não quero mais ouvir falar. Se o exemplo não for bem dado, daqui a pouco estão assaltando dentro do hotel’.”

O assassino confesso descreveu as circunstâncias do crime:

“Eu até pensei assim: ‘Você pegar esse moleque e dar um sustão nele, que aí ele some, nem preciso matar’. Mas o meliante era violento, como é sabido. O sacana tentou me desarmar! De repente era isso, era ele ou eu, tá entendendo? Aí se deu a fatalidade.”

Nas redes, a frase “Onde está Bolado?” foi substituída por “Maxwell assassino”, logo dominando os tópicos mais comentados. O governo organizou uma coletiva da ministra Maria Rosa para repudiar a “barbárie”. Vendo Luana devastada, Beto sugeriu:

— Meu amor, você pode falar pelo Bolado melhor do que ninguém. Você descobriu o talento dele, ele te queria como mãe! É

horrível que isso envolva o seu pai, mas acho que você deve se pronunciar.

Luana disse que não queria falar nada. Beto lembrou que o governo tinha convocado uma entrevista, e que seria “bom pra todos nós” se ela redigisse uma nota sobre o assunto. O porta-voz leria em nome dela.

A idealizadora do Clube da Esquina concordou. Só não sabia que “o porta-voz”, no caso, era a ministra que bicava o seu namorado.

O dono da Resgate encaminhou a nota a George Carmelo. Com sua alma de escoteiro, o Sombra haveria de mostrar à ministra o valor político daquela mensagem: Luana era filha do assassino e “mãe” do assassinado – sendo que renunciara ao primeiro e adotara o segundo. Em meio à comoção geral, era mais uma oportunidade de colar no governo do POP o selo do bem.

Maria Rosa foi contatada por Carmelo e respondeu que não ia ler mensagem de Luana nenhuma:

— Se essa garota tá pensando que vai se promover às minhas custas, tá muito enganada!

O Sombra encaminhou a nota ao presidente. Ele adorou e mandou a ministra não apenas lê-la como abrir a entrevista com ela.

Em visita a Bob Maxwell, Pedro perguntou-lhe, constrangido, se ele desejava ver o vídeo da ministra lendo a mensagem de sua filha, que o mencionava. Ele quis. O advogado pediu licença ao carcereiro e acionou o *link* no seu notebook:

“Pai, espero que esta mensagem chegue à sua cela. Quero só que você saiba: para mim, a vida do Bolado valia mais do que a sua jamais valerá.”

## A ligação caiu

O combinado jumbo de salmão não saiu da embalagem. Pedro disse a Bob Maxwell, quase em tom de repreensão – comparado à reverência habitual do advogado de trinta e um anos para com o magnata de sessenta –, que não era hora de greve de fome. Bob respondeu que não era greve. Era falta de apetite mesmo. Estava nocauteado.

Ainda faltava outro assunto pesado – e Pedro teve sérias dúvidas se deveria entrar nele, dado o nível de abatimento do seu cliente após a mensagem letal da filha. Mas sair da carceragem da Polícia Federal sem dizer mais nada seria omissão grave. Não teve saída:

— Bob, descobrimos que esses chineses são testas de ferro da Nova Láctea, do Borneo.

O empresário suspirou:

— É. Então vamos vender metade da rede pro governo. Vou ser esmagado.

Pedro tentou um discurso reanimador sem ter muito a dizer além de lembrar que o mundo dá voltas, mas foi cortado:

— Foi o seu espião que descobriu isso?

— Foi — admitiu o advogado, constrangido com a traição.

— O tal plano Mad Max. Vocês tinham razão. Subestimei os conspiradores.

Pedro falou o que sabia do plano – um conjunto de ações do POP para transformar Maxwell em inimigo público número um, criando a base política para a ofensiva jurídica contra o empresário, e o seu aquilamento econômico.

— Mas esse encanto não dura pra sempre — calculou o advogado.

— Esses caras vão virar abóbora. Aí o jogo vira.

— Para de me consolar, Pedro. Não sou criança. O jogo vai virar pra você, pro Caio, que trabalham bem e são jovens. Eu vou só esperar o apito final.

No que deixou a cadeia, Pedro ligou para Caio:

— O Bob tá entregue. Tô preocupado.

— Que isso, cara? Tá só começando, tem muito podre aí pra gente descobrir.

- Ele não vai durar muito lá dentro, não. Temos que tirar logo.
- Vamos metendo *habeas corpus*, uma hora algum juiz dá.
- Esquece juiz. Tá tudo dominado.
- Como, esquece juiz? Tu não tá pensando em...
- Tô.



— Ainda não entendi quem vazou a montagem desse dossiê. Que cagada. Cadê o decantado profissionalismo progressista, sr. Marivaldo Valadares?

— Não vem perguntar isso pra mim, sr. Beto Desleal. Você sabe que eu não mexo com dossiê. Meu trabalho é limpo, estratégico.

— Tá certo. O Pacote Democrático foi um goiaço. Mas diz aí pros seus amigos do Palácio que o traíra do dossiê tem que aparecer, isso é um homem-bomba.

Beto estava falando voltado para a janela panorâmica de sua sala na Resgate – a visão do mar inspirava seus telefonemas. Quando se virou, deu de cara com Luana.

— Que dossiê é esse, Beto? Desculpe a indiscrição, mas você sempre me diz pra entrar na sua sala sem bater.

— Bobagem, meu amor. O maluco do Malabares cismou de montar um dossiê dos devedores da Receita Federal, e alguém vazou pro Carmelo, que tá dando um chilikue porque...

— Tive a impressão de que você tava falando do Dossiê Suíça – cortou Luana.

— Imagina, minha gestante! Não tenho o menor interesse nesse assunto. Aliás, seu pai nem tá mais preso por causa desse dossiê, né? A tragédia do Bolado é muito mais grave que isso. Mas você queria falar comigo?

— Acho que esqueci o que era — encerrou Luana, já se virando para sair.

Preocupado, Beto foi atrás dela e tirou uma carta da manga:

— Pois eu tenho uma coisa muito importante pra falar com a mãe do meu filho. Senta um pouquinho.

Ela disse que preferia ficar de pé, estava sentada o dia todo. O presidente da ONG foi solene:

— Como você sabe, as coisas estão indo bem pra nossa organização. E muito graças a você. Quero te fazer um convite, Luana: quero te promover a vice-presidente da Resgate.

A expressão dela não se alterou. Ele continuou:

— Você deve estar se perguntando o que isso significa na prática. Vou te dizer: significa que você passa a falar em nome da Resgate, passa a ter autonomia pra aprovar projetos e passa a ganhar o dobro.

Luana deu um passo à frente e abraçou Beto.

Sentira que ele estava tentando comprar sua confiança, e o abraço foi a maneira que encontrou de não ter de encará-lo. Sabia que veria no rosto dele um ácaro.



O celular de Pedro tocou às duas da manhã. Ele não acordou. Nem quando tocou pela segunda vez. Aí quem acordou foi Clara, já irritada. Passou por cima do namorado inerte e alcançou o aparelho na mesa de cabeceira dele, decidida a desligá-lo. Mas na tela estava o nome de Luana.

A ex-colega que mexia com o coração de Pedro era um pesadelo para Clara – que vivia tentando acreditar ser só um pesadelo. O problema era que agora ela estava bem acordada, e aquele telefonema de madrugada tornava o pesadelo definitivamente real. Atendeu:

— Você é muito mais cínica do que eu podia imaginar — foi dizendo, resolvida a desmascarar de uma vez os amantes.

Luana não disse nada. Só chorou.

Depois de certa paralisia, inclusive por nunca tê-la ouvido chorar antes, Clara lembrou-se de que deixara seu telefone no silencioso. Foi checá-lo e encontrou duas ligações perdidas de Luana.

Desculpou-se, entre culpada e envergonhada, mas Luana só chorava. As primeiras palavras após o choro caudaloso, ainda entre soluços, soaram confusas:

— Tenho que recuar. Cristo disse pra recuar. Não dá mais.

Clara sentiu um calafrio: Luana tinha perdido a sanidade. Nunca fora religiosa, agora vinha com aquela mensagem de Cristo, do nada. A jornalista foi tentando acalmá-la e trazê-la à razão, até entender que Cristo era o sensitivo que ela consultara na periferia. Apesar de

atormentada e confusa, Luana não tinha enlouquecido.

— Fiquei sozinha, Clara.

— E o Beto?

— Amo ele. Mas fiquei sozinha.

Contou que voltara a ter a alucinação diante do presidente da República, e que só não vira novamente o rosto de Beto se transmutar porque fugira do olhar dele. Desabafou:

— Não sei o que é isso. Só sei que é perigoso. Tenho um filho na barriga. Meu papel político cresceu demais. Estão vendo em mim uma líder que eu não sou. Eu sou uma pessoa que vê monstros.

Clara iniciou suas ponderações, mas Luana cortou:

— Desculpa, eu não quero acabar com a sua noite. Te liguei, na verdade, pra te pedir um favor: você pode vir comigo amanhã de manhã numa clínica de aborto?

A jornalista não disfarçou o choque:

— Acho um erro, Luana. Erro grave! É ao seu filho que você vai renunciar? O resto tá tudo bem?

— Você pode me acompanhar amanhã ou não?

Clara achou que era sua hora de se abrir:

— Não. E não posso porque vou a Belo Horizonte fazer...

— Então tá — cortou Luana. — Boa viagem.

— Não, agora você vai me ouvir. Eu vou à periferia de Belo Horizonte fazer o flagrante de uma produtora de vídeo chamada Sal da Terra. Essa produtora tem duas características que vão te interessar. Primeira: é a preferida dos convênios do governo com a Resgate; segunda: ela não existe.

A jornalista passou a dar detalhes dos indícios de fraudes e desvios na parceria da ONG com o governo do POP. E revelou que começara a investigar quando Luana lhe contou sobre o possível erro na pesquisa sobre menores de rua. Ela ficou muda.

Clara sentiu o momento de tentar tocá-la mais profundamente:

— Luana, você rompeu com seu mundo antigo, mas talvez não acredite no seu mundo novo.

A ligação caiu.



Beto Leal não estava atendendo nenhum dos seus telefones. Ao acordar, Luana decidira participá-lo da sua decisão. Embora estivesse resolvida a fazer o aborto, seu maior temor, no fundo, era de que o namorado não se opusesse. De qualquer forma, não queria consumir o fato antes de avisá-lo. E precisava informá-lo de outro passo importante: ia pedir demissão da Resgate.

Não admitia esperar mais um dia, nem meio dia. Beto costumava acordar às sete da manhã, mas às nove as chamadas continuavam caindo na caixa postal. Luana perdeu a paciência e resolveu acordá-lo pessoalmente em sua casa, o que nunca fazia quando não dormiam juntos.

Levou sua cópia da chave da porta de entrada, e foi pensando no caminho como apresentaria a ele as duas decisões súbitas. Estacionou próximo ao sobrado, entrou e achou que ele não estivesse em casa, pelo silêncio àquela hora. Ao entrar no quarto de Beto, viu que ele ainda estava na cama, sob as cobertas. Mas Cristal estava com ele.

## Nada é verdade

Ao ver Luana entrando no quarto, Cristal saltou da cama nua e correu para o banheiro.

Beto levantou-se, também nu, e foi até a namorada, que estava paralisada. Falou baixo, sem alterar sua voz grave e macia:

— Olha... Do fundo do coração, Luana: sexo não é infidelidade. O meu amor é seu. A Cristal não tem a menor importância.

Cristal saiu do banheiro, agora vestindo um roupão indiano. Luana também não levantou a voz:

— Fala pra ela o que você me falou agora.

— Falar o quê? Não tenho nada pra falar pra Cristal.

— Ah... Imaginei. O seu problema, Beto Leal, é que você diz qualquer coisa, pra qualquer um, do fundo do coração.

Cristal interveio:

— Espera aí, Annabelle, você tá sendo possessiva.

— Cala a boca — cortou Luana. — Não te perguntei nada. Pode deixar que não vou te falar o que o seu amante acabou de falar de você.

Virou-se para ir embora, mas foi chamada por Beto, agora mais enérgico:

— Calma, Luana! Você tá sendo infantil! Parece que eu tô vendo de novo a princesinha mimada na minha frente.

— A princesinha mimada tá se libertando do herói revolucionário. Depois mando buscar minhas coisas na Resgate.

— Você tá de cabeça quente, Luana! Tudo bem, vamos deixar a febre baixar. A gente conversa amanhã. Como dois adultos. Você tem um filho meu na barriga.

— Amanhã não vou ter mais.



Jung adentrou apressado o gabinete de João Juvenal. Queria relatar ao ministro um trecho de conversa telefônica entre o empresário

Alfredo Borneo e sua filha, a jornalista Clara Maria, que os arapongas do POP tinham acabado de captar.

— Porra, Jung! Tu vai ficar invadindo a chefia da Casa Civil pra me contar fofoca familiar?! — interpelou JJ. — Consolida essa merda e me manda o relatório depois.

O faz-tudo do partido explicou que não se tratava de fofoca:

— Desculpe, ministro, mas é que a jornalista disse ao pai que tá indo pra BH daqui a pouco...

— Foda-se, Jung! Fodam-se todos eles, em BH, em Marte ou na puta que os pariu. Mas manda continuarem escutando. Laranja bom é laranja monitorado.

Conhecendo o chefe, Jung insistiu:

— Ela vai a BH investigar a produtora Sal da Terra.

— Filha da puta! — rugiu Juvenal. — Manda o Sombra acionar o Sete-Quedas, urgente.

Quando a noite caiu, Luana já estava de repouso na clínica de aborto. Deprimida, mas sem uma ponta de arrependimento. Ligou a TV. Queria dar uma olhada para o mundo, ver se ele lhe dava alguma pista do caminho a seguir. O telejornal estava noticiando um crime na periferia de Belo Horizonte.

— Foi tudo muito rápido — contava uma testemunha, com o rosto sombreado e a voz distorcida. — Ouvi dois tiros e quando olhei a moça tava no chão. Não sei de nada, não. Só sei que foi uma moto. Passou e mandou bala, acho que nem freou.

A foto 3x4 de Clara na tela foi uma flechada em Luana. Sua pressão baixou bruscamente, e quando a enfermeira entrou no quarto ela já estava sem cor.

Após uma aplicação de soro, a paciente começou a se recuperar. Pelo menos a clínica era boa – o que, num ambiente clandestino, era loteria. A enfermeira puxou conversa, buscando relaxá-la. Luana já estava com seu notebook aberto, procurando informações sobre o assassinato de Clara.

Parecia tudo muito desencontrado. Algumas fontes falavam em latrocínio. Um site de notícias populares dizia que a jornalista teria se envolvido numa discussão por causa de drogas. E a enfermeira continuava falando.

A paciente agradeceu a atenção e pediu licença para continuar a sua

leitura. Só aí entendeu que a funcionária da clínica estava querendo lhe dizer algo.

— É delicado, não sei como te falar — começou a enfermeira. — Vou tentar ser objetiva: fizemos a sucção normalmente, mas o feto não apareceu no material retirado.

Luana mudou imediatamente de opinião sobre a clínica. Aquela informação não fazia diferença, mas era o fim do mundo tal nível de descuido.

Cauterizou a conversa com seu pragmatismo:

— Querida, o feto apareceu no ultrassom antes do aborto, certo?

— Certo.

— E depois do aborto? O ultrassom não mostrou o meu útero vazio?

— Mostrou.

— Ótimo. Isso é o que me interessa. Mas acho que deveria interessar a vocês um cuidado maior com o que fazem.

— Agradeço a recomendação — respondeu a enfermeira. — Mas repito: o feto não apareceu no material retirado.

Luana quis se mandar dali, mas já era tarde da noite e não teve forças. O jeito foi pernoitar na clínica.

Sonhou a noite toda com Clara, que repetia em situações diversas as palavras da véspera: “talvez você não acredite no seu mundo novo”. Ao fim do pesadelo, a jornalista morta completava: “Pena que não deu tempo de te avisar, Luana. Tudo pode ser correto, mesmo que nada seja verdadeiro. Nem a sua gravidez”.

Acordou de manhã cedo num susto, empapada de suor. Gritou pela enfermeira, mas o turno já tinha mudado, e a que veio atendê-la não acompanhara o seu caso. Explicou a ela o que a outra lhe dissera sobre o sumiço do feto.

A nova enfermeira foi atenciosa:

— Meu amor, é comum as pacientes passarem por certa confusão mental depois do aborto, até pelo resíduo da sedação. Trabalho aqui há dez anos e nunca ouvi uma história dessas, mas vou chamar o médico pra esclarecer.

O coração de Luana acelerou, e ela respondeu à enfermeira, que já ia saindo do quarto:

— Não! Obrigada, não precisa chamar não. Eu tenho que ir

embora, estou atrasada.



Em meio à cobertura desencontrada da imprensa sobre o crime, se destacou, mais uma vez, um post-relâmpago do Blog da Carol Shakira. A fonte oculta da matéria era Pedro – que, ao receber a notícia da morte da namorada, tinha decidido largar tudo e sair do país. Foi Caio quem se interpôs, com a autoridade dos seus vinte e um anos, dizendo-lhe que agora, com todo respeito à sua dor, era tarde para jogar a toalha.

Ambos sabiam da investigação de Clara sobre os convênios sociais do governo – e que a viagem dela a BH era para checar a pista da produtora fantasma. A jornalista chegara a ligar tensa para o namorado, dizendo que no tal endereço da Sal da Terra havia só um muro descascado e um portão enferrujado, sem campanha.

Ainda assim, com toda a sua revolta, Pedro achava perigoso relacionar a investigação ao crime. Tinham fortes evidências de conduta conspiratória do POP, mas nada com aquele nível de violência.

Caio convenceu-o a soltar apenas a informação sobre a produtora obscura – e as suspeitas que a jornalista assassinada fora checar em Minas.

Mas a editora do blog era Carol – pura só no nome – e a notícia saiu com o veneno habitual. Título: “Morte de Clara Maria foi crime político”. Subtítulo: “Jornalista investigava produtora fantasma do POP”.

Em meio ao incêndio em seu gabinete, João Juvenal tentava se localizar entre as labaredas trocando tensas mensagens cifradas com Luizinho Sete-Quedas.

*que merda foi essa, meu deus?*

*não sei, excelência. o cara era bom, experiente*

*mas o que esse animal quis fazer, caralho?!*

*era susto, chefe. só na perna. parece que a roda bateu num buraco bem na hora, aí saiu mais pra cima...*

Clara morrera com um tiro no fígado – que ameaçava resvalar no fígado de Juvenal. A troca de mensagens foi concluída cordialmente.

Sete-Quedas conhecia as leis não escritas: JJ ia ter de fechar todos os canais com ele – de comunicação, de operação, de dinheiro. Até qualquer dia.

Depois as labaredas cresceram na direção de Alex Sander. O homem do governo para a mídia estava encarregado de “quebrar a espinha” da tal Carol Shakira. A lei Pense Bem previa, em caso de “dano irreparável à honra que atinja também o interesse público”, a interdição do veículo.

Além de apagar as postagens em meia hora, Carol usava um sistema de navegação privada, que impedia a recuperação do arquivo excluído. O advogado Nogueira Bastos reuniu registros de dezenas de outros blogs que haviam replicado a notícia (citando a fonte) para sustentar que a página de Carol publicara a calúnia. E argumentou que a acusação de crime político atingia não só o POP, mas também a imensa parcela da população que o partido representava, além da credibilidade do próprio governo.

Assim, Tatá conseguiu classificar o caso como agressão ao interesse público e tirou o Blog da Carol Shakira do ar.

— Menos um! A gente vai ver essa mídia golpista toda se desmanchar, quer apostar?

Beto não apostou, porque mal ouviu o que Cristal disse. Estava com o olhar perdido nas águas da Baía de Guanabara, afundado em sua cadeira de presidente não governamental.

Sua gerente era bem informada sobre assuntos do governo: Tatá lhe trazia os bastidores do poder ao pé do ouvido. O Palácio estava preocupado com a morte de Clara – e com a investigação que ela estava fazendo. Mas foi a fofoca seguinte, inusitada, que tirou Beto da letargia pós-separação:

— Você toparia ser ministro?

— Só se fosse da Pesca. Tô precisando de umas férias.

— Não, tô falando sério. Você aceitaria um ministério na área social, por exemplo?

— Que papo é esse, Cristal? Tá querendo me agradar ou me sacanear?

— Nenhum dos dois. Um passarinho me contou que existe essa possibilidade. Mas, se você não tá interessado, tudo bem.

Surpreendido, Beto passou a interrogar Cristal para tentar

descobrir a origem daquela história. Mas logo teve de interromper o questionário: Luana entrou na sala.

Vestida de maneira diferente da habitual – o jeans e os vestidos despojados tinham dado lugar a um elegante *tailleur* –, ela tinha a expressão tranquila, parecendo recuperada.

Beto e Cristal não conseguiram disfarçar o susto: Luana prometera não pisar mais na Resgate, avisara até que um portador iria buscar seu laptop e outros pertences que ficavam lá. Beto disse qualquer coisa para amenizar o constrangimento:

— Que bom que você veio pessoalmente, Luana. Você foi muito importante pra essa ONG, venha visitar a gente sempre que quiser.

Luana deu um sorriso burocrático:

— Não vou visitar. Vou continuar trabalhando aqui.

## Malabomba

Pedro estava recebendo os cumprimentos de pesar ao fim da missa de sétimo dia de Clara quando ouviu Carol resmungar, em tom um pouco elevado para uma igreja:

— Ai, não. Que cara de pau!

A namorada de Caio, que agora era uma sem-blog, se referia à chegada de Luana, que não assistira à missa e aparecera só para dar os pêsames a Pedro.

— Tem que ser muito cínica pra vir aqui — disse Carol a Caio, num cochicho audível a metros de distância. — Porra, a Clara morreu investigando a ONG dela!

Pedro fez sinal a Caio para tirar Carol dali, naturalmente para evitar que ela armasse um barraco. A jovem atriz obedeceu em parte: saiu pelo corredor em que Luana vinha entrando, e ao cruzar com ela fez uma provocação com a campanha “Somos todos escravos”:

— Oi, querida. Agora somos todos cadáveres. Será que a Laurinha Serafim topa fazer essa campanha?

Luana passou direto e ocupou o último lugar na fila dos pêsames. Enquanto esperava, ela observou que o pai de Clara, Alfredo Borneo, não estava ao lado de Pedro – e acabara formando outra fila.

A mãe da jornalista assassinada era uma mulher simples do interior e passara mal no enterro, sendo aconselhada a não comparecer à missa. Luana notou que Borneo não parava de consultar o celular, entre um abraço e outro.

Pedro abraçou Luana mais do que ela o abraçou. Carol viu a cena de longe e protestou:

— Que babaca esse teu chefe.

— Carol, que coisa chata. Para de dizer que todo mundo é babaca. Só você é a fodona, que não consegue papel na TV e nem blog tem mais.

Pedro olhou nos olhos de Luana e falou como se ela não tivesse se tornado sua adversária em batalhas duras:

— O Ministério Público vai investigar essa produtora Sal da Terra, por causa da Clara. Pensa bem no jogo que você tá jogando,

Luana. Ele pode ficar pesado.

— Não é um jogo — devolveu ela.

— Se você tá jogando sem saber que é um jogo, a coisa é um pouco pior.

— Pode ser. Mas pra mim, agora, é uma missão.

— Missão? Que missão?

Luana virou-se e deixou Pedro a sós com sua afirmação enigmática.

Quase ao mesmo tempo, Borneo também se dirigiu ao exterior da igreja – com o celular no ouvido, depois de se desculpar com as pessoas que ainda faziam fila para as condolências. Parou num canto do pátio e disse ao interlocutor que agora podia falar.

— Porra, Borneo, até que enfim! Já te liguei umas dez vezes. Falar contigo é mais difícil que falar com o Papa! — foi a saudação de João Juvenal.

— Estou na missa de sétimo dia da minha filha.

— Ah... Era hoje, né? Sinto muito, companheiro. Tô em São Paulo, entrando numa reunião com o presidente. Força aí. Recebi seu e-mail, só não entendi o que você quis dizer com “parar por aqui”. Dá pra traduzir?

— Ministro, desculpe. Podemos falar depois?

— Não. Só posso falar agora.

— É que a operação ficou grande demais pra mim, ministro. Estou num momento difícil. Eu disse à minha filha pra não ir a Belo Horizonte...

A voz de Borneo embargou e ele parou de falar para não chorar. Juvenal esperou em silêncio. O empresário respirou fundo e prosseguiu:

— Bem, a realidade é que eu não tenho mais condições de ficar à frente do negócio. Não sou mais a pessoa certa.

O ministro-chefe da Casa Civil respondeu com o sotaque interiorano especialmente carregado, como acontecia sempre que ele sentia ódio:

— Você não tá entendendo, Alfredo Borneo. Isso não é uma questão de querer. Você não está autorizado a sair!

O grupo Nova Láctea estava chegando ao auge, graças a uma manobra ousada do governo: o Banco Nacional de Fomento se

tornara sócio da empresa. De saída, um aporte de dez bilhões de reais, fazendo da companhia presidida por Alfredo Borneo a maior do país.

A transação, montada a quatro mãos entre Malabares e o presidente do banco, Lauro Constantino, cacifara a Nova Láctea para a compra de cinquenta por cento da Rede Maxwell – sob a fachada do tal grupo chinês.

Com a entrada oficial do BNF no negócio, a engenharia financeira montada por Malabares para o POP chegava praticamente à perfeição. Reduzia-se a necessidade dos empréstimos sigilosos, e a Nova Láctea nem precisava pagar juros, porque os bilhões agora eram injetados por um acionista. Tudo legalizado, à luz do dia.

A oposição gritou, e o líder do PCD, Gabriel Charles, anunciou uma ação no Primeiro Tribunal contra o “favorecimento patrimonialista” (o PCD gostava de conceitos sonoros). O ministro Luiz Arthur Lombroso julgou a ação improcedente, e o Comitê Arbitral de Proteção à Economia, presidido por um sobrinho do Sombra, disse que a sociedade entre o BNF e a Nova Láctea era “perfeitamente legal”.

Borneo estava no centro de todo esse arranjo. Juvenal sepultou a ameaça de desistência do empresário com uma imagem singela:

— Borneo, querido, imagina uma pessoa embarcando num trem-bala. Agora imagina o trem-bala atingindo sua velocidade máxima e essa pessoa saltando do trem. Imaginou? Que cena horrível, né?

Assim que desligou o telefone, o ministro-chefe da Casa Civil entrou na nova sala de reuniões da sede do POP no centro da capital paulista. O presidente tinha mandado George Carmelo reunir o núcleo duro “numa situação mais discreta”, fora do Palácio e de Brasília. Os bons ventos tinham permitido ao Partido da Opção Popular anexar o prédio ao lado da sede, onde Galdino Silva montara uma ala indevassável – com entrada privativa e heliporto.

O primeiro a cumprimentar Juvenal foi o advogado Nogueira Bastos. O ministro deu-lhe um rápido aperto de mão e foi cochichar com Galdino:

— Quem chamou o Tatá pra reunião do núcleo duro? Porra, o Guia tá puto com a cagada do Dossiê Suíça. Não quer olhar tão cedo pra cara do Tatá.

— Deve ter sido o Sombra. Vou falar com ele agora.

Galdino foi até Carmelo, trocou duas frases sussurradas com ele e voltou encabulado:

— Porra, foi o Guia quem mandou chamar o Tatá.

— Caralho. Não entendo mais nada.

— Se você não entende, companheiro Juvenal, fudeu.

O ministro tentou corrigir:

— Conheço o Guia há trinta anos. Ele não gosta de queimar ninguém. Deve estar querendo dar uma chance pro Tatá.

— Já eu acho que era uma boa chance de botar o Tatá na geladeira. Advogado é um bicho traiçoeiro. Culto, então... Se deixar, ele come tudo.

JJ concordou com o tesoureiro. Ambos lamentaram “o acidente com a jornalista” em BH, que os obrigava a parar de operar com Sete-Quedas. O jeito era voltar a concentrar a operação em Malabares.

— É maluco, mas dá pra controlar — resumiu o ministro.

O presidente chegou apressado, mandou todos se sentarem porque ele não era o Mussolini e jogou uma pergunta no ar, a seco, sem introdução:

— O que vocês acham do Marivaldo?

A princípio, ninguém se arriscou a responder. Nunca se ouvira o Guia chamar Malabares – apelido que ele mesmo dera – pelo seu nome verdadeiro.

O que se sabia era que o plano Mad Max era um sucesso – e o balaço no casco de Bob Maxwell era obra do publicitário careca. Sua promessa de “fazer o dinheiro andar”, através de ONGs e estatais, também era uma realidade. Não havia por que o Guia estar insatisfeito com Marivaldo Valadares, calculou Juvenal, ao quebrar o silêncio:

— Acho que o Malabares está indo muito bem, presidente.

— Pois eu acho que ele está indo bem demais — devolveu o Guia.

Novo silêncio geral. Agora era melhor esperar o presidente explicar. E ele foi direto ao ponto: Marivaldo entregara o que prometera, e por isso mesmo se tornara um problema.

— Marivaldo opera BNF, opera CAP, opera ministério, opera ONG. E opera bem. Mas política não é empresa: o poder aqui não pode ser do executivo, tem que ser do líder. Marivaldo nem do partido é. O

que aconteceria, hoje, se ele caísse nas mãos do inimigo?

Todos os rostos se contraíram, imaginando. O próprio presidente respondeu, com uma onomatopeia:

— Bum! Senhores, nosso querido Malabares virou Malabomba. É preciso desarmá-lo. Aos poucos, mas é preciso.

Uma vez captado o tom do Guia, Alex Sander entrou afinado:

— O caso da produtora Sal da Terra está sendo investigado. Essa montagem é do Marivaldo. Talvez ele leve uma trombada aí.

— Companheiro Sander, trombada de fora não nos interessa — advertiu o presidente. — É prejuízo pro governo. Só trombada de dentro.

A bola fora de um sempre podia ser a chance da bola dentro de outro. O Sombra estava atento à jogada:

— Esse caso Sal da Terra não vai dar em nada. Os contratos são perfeitos. Só faltava a produtora propriamente dita, mas já está sendo providenciada.

Impaciente, o Guia encerrou provisoriamente o assunto com uma de suas tiradas: “Não é uma crise, é só uma urgência”. E surpreendeu novamente, ao pedir que todos se retirassem da sala, com exceção de Juvenal e Tatá.

Desconfiado, o ministro-chefe da Casa Civil pegou a palavra assim que os três ficaram sozinhos na sala – como sempre fazia quando se sentia vulnerável:

— Presidente, foi bom ficarmos só nós, estava mesmo querendo esclarecer uma questão sobre o Dossiê Suíça.

Foi cortado pelo Guia:

— O Dossiê Suíça tá resolvido. O assunto é outro, companheiro Juvenal. O que aconteceu com essa jornalista em Minas?

— Morreu, presidente.

— Isso eu sei. Quem matou?

João Juvenal enxugou o suor da testa:

— Parece que foi assalto.

— Não foi ela que você mandou a *Tribuna* demitir?

— Tava conspirando contra o governo, presidente.

— O motoqueiro que atirou era homem do Sete-Quedas?

— Ué, meu presidente, como eu vou saber uma coisa dessas? Tem um tempão que não vou a Belo Horizonte.

— Vou repetir a pergunta, companheiro Juvenal. Mas vou repetir uma vez só: o cabra que atirou era do Luizinho?

O ministro baixou a cabeça. Respondeu encarando o chão:

— Era.

## Amigo é coisa pra se comprar

O presidente permaneceu sereno. Só o olhar era letal:

— Bom, companheiro Juvenal, se você não abre mão de trabalhar com Luizinho Sete-Quedas, talvez eu deva te convidar pra fazer isso fora do governo.

João Juvenal sabia que aquilo não podia ser uma ameaça de demissão. Era ele quem, na prática, tocava o governo – o Guia talvez nem tivesse sido eleito sem a sua articulação. Estava sendo repreendido e, com certeza, testado. Era o momento de mostrar obediência e força:

— Presidente, a morte da jornalista foi um acidente. O Luizinho continua tentando me agradar, e às vezes faz merda. Sugiro não perdermos tempo com ele.

E encaixou um providencial elogio a si mesmo, através do contestado:

— Entendo a preocupação com o Malabares, mas devo lembrar que a independência financeira do POP foi conquista dele. E quem trouxe o Malabares fui eu.

— Mas eu quero perder um pouco mais de tempo com o Luizinho — insistiu o presidente. — Essa ONG Pátria Minha também foi criada por ele pra te agradar?

Juvenal gelou. E pensou no cientista político Carlos Felipe Alencar. Laranja do bicheiro na ONG e na gestão da Bolsa Refugiado, Alencar tinha linha direta com o presidente e era falastrão. Se tinha vazado que Sete-Quedas estava operando clandestinamente para o governo, a situação era mais grave. Até porque o caso Sal da Terra chamara a atenção, ainda que de forma superficial, para os sistemas de financiamento do POP.

O ministro tentou uma manobra diversionista, empurrando o foco para Tatá:

— Desculpe perguntar, presidente. Essas informações foram trazidas ao senhor pelo dr. Nogueira Bastos? Não entendi ainda o que o nosso advogado está fazendo nessa reunião.

— Tatá não veio informar nada, nem advogar. Veio só

testemunhar — devolveu o Guia.

JJ preferiu não perguntar o que o advogado deveria testemunhar. Sabia que no mundo palaciano, quando se quer registrar algo que não pode ser registrado, costuma-se botar uma terceira pessoa na sala. E não vale qualquer um, há que ter certa patente. Não havia dúvida, a estrela de Tatá estava subindo.

E a dúvida sobre o que ele deveria testemunhar foi logo sanada pelo próprio presidente:

— Companheiro Juvenal, foi bonita a caminhada até aqui. Mas a política é massacrante. Agora você vai dar atenção à família, que deve estar sentindo a sua falta.



Beto Leal estava na cozinha de seu sobrado em Santa Tereza preparando uma massa com frutos do mar para o jantar com Cristal. De repente ela surgiu da sala, avisando que infelizmente não ia poder ficar: surgira uma emergência no partido, Fred Fraga estava convocando-a para ajudá-lo.

Em meia hora, Cristal estava diante de Luiz Octavio Nogueira Bastos, no restaurante do hotel onde ele estava hospedado. Cumprimentou-o com um beijo nos lábios, dizendo que adorara o convite repentino.

Tatá ergueu um brinde de vinho e perguntou como estava Beto Leal.

— Porra, Tatá, eu saio da casa do Beto e venho jantar com você pra você ficar falando dele?

— Pois é. Na verdade, Cristal, é sobre o Beto que eu quero falar.

O advogado abriu o jogo: o presidente ia fazer uma reforma ministerial e o chamara para coordenar. A ideia de levar o dono da Resgate para o ministério ganhara força, e agora Cristal ia entender o motivo.

— A pergunta é franca, e sei que posso contar com uma resposta igualmente franca — preparou Tatá. — Você acha que o Beto admitiria desfazer a parceria dele com o Marivaldo Valadares?

A conversa franca durou pouco mais de uma hora, e Cristal ainda teve tempo de comer a sobremesa com Beto em Santa Tereza. Disse a

ele que Fraga a liberara logo e que no meio-tempo Tatá telefonara com um assunto urgente.

Transmitiu-lhe então a sondagem feita por Nogueira Bastos em nome do governo, expondo o plano do presidente: criar o Ministério da Cidadania, que absorveria os principais convênios do Ministério da Valorização Social, e convidar o dono da Resgate para assumi-lo – transferindo para ele, na prática, o poder da ministra Maria Rosa.

— O discurso interno seria de que você tem mais experiência pra tocar as parcerias não governamentais — explicou Cristal. — Mas o que o presidente quer mesmo é esvaziar o Malabares.

Beto ficou mudo. Cristal acrescentou que, com a demissão de João Juvenal, Malabares perdia o seu padrinho no governo. O plano era acabar com as gambiarras que davam ao publicitário o poder de manejar as verbas dos convênios. E colocar esses orçamentos sob a caneta do ministro da Cidadania.

— O Tatá me perguntou se você toparia dar um tchau pro Malabares.

— Ele te perguntou isso?!

— Não com essas palavras. Mas era isso.

— E você respondeu o quê?

— Que sim.

— Cristal, você é uma irresponsável!

— Ih, Beto. Sem escândalo. Eu desminto agora, não tem problema nenhum.

Ela pegou o telefone para ligar para Tatá, mas não ligou. Beto disse que não precisava.

Com a ida para o ministério, o fundador da Resgate tinha que se desligar da ONG. Por ser uma organização sem fins lucrativos, tratava-se basicamente de efetuar a sucessão dele próprio na presidência.

Beto convidou Cristal para dirigir a ONG. Ela aceitou entusiasmada. Mas não pôde assumir.

Após a separação abrupta de Beto, com os traumas da traição e do aborto, Luana parecia ainda mais disposta para o trabalho. De início, sua decisão de continuar na Resgate gerou apreensão geral. Mas logo ela deixou claro que trataria Beto e Cristal com respeito, apesar de tudo.

Além dos trajés, que passaram a ser mais sóbrios e elegantes, seu temperamento também parecia mudado. Era como se a jovem impetuosa e idealista tivesse dado lugar a uma mulher ponderada e austera. Os momentos de irreverência, com o sorriso que iluminava tudo, tinham quase desaparecido. O pragmatismo, que sempre fora uma arma sua, agora parecia governá-la.

A ex-aluna de mestrado conhecia melhor do que o professor o estatuto da sua ONG – que nunca servira para nada. Quando Beto anunciou a escolha de Cristal para substituí-lo, Luana disse a ele que também se sentia preparada para ocupar o cargo e pediu-lhe a chance de disputá-lo.

O ex-namorado respondeu que ia pensar. E nomeou Cristal.

Luana sabia que o estatuto da entidade previa a eleição do presidente pelo Conselho Diretor e exigiu na Justiça seu cumprimento. Conseguiu embargar a posse da gerente e ganhou o direito à disputa eleitoral – o que fez Beto morrer de rir numa conversa com Cristal:

— Porra, sabe quem é o ilustre “Conselho Diretor”? Meia dúzia de amigos meus! Deixa a Luana brincar um pouco de advogada. Você tá eleita, minha presidenta!

Beto Leal tomou posse como ministro da Cidadania, assumindo os megaconvênios de defesa das empregadas domésticas, dos meninos de rua, dos quilombolas e dos refugiados. Na festa da sua posse, comentou com Cristal que o maior poder que estava assumindo era de não ter mais que fazer visitas noturnas a Maria Rosa. Gargalharam.

A ministra da Valorização Social ganhara do presidente um projeto nacional de recenseamento indígena e a promessa de ser candidata a presidente depois da reeleição dele. Ficara radiante.

A eleição para a presidência da Resgate coincidiu com a chegada da primavera, e Beto mandou um arranjo de flores para Cristal, com os dizeres “À presidenta da Primavera Progressista”. O Conselho Diretor se reuniu no horário marcado, cumpriu os ritos burocráticos que deveriam constar em ata, procedeu à votação e elegeu Luana.

No seu novo gabinete em Brasília, Beto não conseguia acreditar na notícia. Tentou falar com seus amigos conselheiros, mas não conseguiu. Ligou para Cristal, que permanecia serena como sempre. Ela tinha uma tese:

— A primeira vez que eu vi a Luana, linda com aquela pele de seda dormindo no chão do corredor, com um buraco no cabelo e um esparadrapo imundo borrado de sangue, falei de cara: Annabelle.

Beto não achou graça. Estava preocupado com o futuro da ONG e dos seus negócios, pois Luana se tornara uma incógnita para ele. Disse que Cristal era uma “sem noção” ao brincar numa hora daquelas. Ela não mudou o tom:

— Não tô brincando. É seríssimo. Annabelle é a boneca do demônio, você não conhece a história? O Conselho da Resgate elegeu misteriosamente uma presidente que vê coisas, transforma gente em bruxa... Não tenho mais dúvidas: Luana é Annabelle.



Marivaldo Valadares estava sozinho no novo escritório da sua principal empresa, a MV&MV, que ocupava meio andar em um moderno prédio comercial no centro de Belo Horizonte. O publicitário já tinha escritórios em São Paulo e Brasília, eixo da sua atividade de “consultor da República”, mas a base mineira era questão de honra. Seus colegas de adolescência e juventude, algozes do nerd feioso e tímido, precisavam ver de perto seu triunfo.

Era uma delícia acender um charuto no fim do expediente em homenagem àqueles babacas.

Nessas horas o tempo parava para para que Malabares contemplasse, de barriga cheia, as vacas magras do passado. Só o telefone é que não parava. Sua mãe, dona Valdirene, conseguiu dois minutos de prosa entre uma ligação do presidente da maior empresa do país e outra do chefe de gabinete da Presidência da República.

Na conversa com Alfredo Borneo, ele sugerira nova redução no preço da diária dos hotéis adquiridos pela Nova Láctea:

— Pode baixar, Borneo. Baixa sem medo! Ou será que tu tá com pena do Max?! — riu o operador, regendo o *dumping* contra Bob Maxwell. — Fica tranquilo que isso tá tudo provisionado no BNF, ok?

Borneo de fato se tranquilizava ao falar com Malabares, que tinha sempre tudo na cabeça e era um componente de segurança naquelas operações monumentais. Já George Carmelo estava intranquilo no

seu telefonema.

O chefe de gabinete fora incumbido de comunicar ao publicitário o “rearranjo institucional” planejado pelo presidente – na prática, a cerimônia do adeus ao seu reinado no manejo das verbas públicas.

Malabares ouviu a exposição do Sombra em silêncio. À medida que sentia o tapete sendo puxado, pensava em expressões como ingratidão, deslealdade e golpe. Não usou nenhuma delas. Disse a Carmelo que tinha entendido e se despediu.

Seu xadrez mental já tinha lhe dito para não gastar um xeque-mate com o sub do sub. Desligou o telefone, planejou a jogada com a rapidez de sempre e enviou uma mensagem de texto ao próprio chefe de gabinete:

*carmelo caríssimo, esqueci de comentar. estou escrevendo um livro sobre a minha vida. peça que repasse a novidade, por gentileza, ao nosso querido presidente*

Personagem da mesma reforma – do lado dos ganhadores –, Beto Leal resolveu usar seu poder de ministro para uma medida drástica: sufocar a Resgate, à qual dedicara vários anos de sua vida. Depois de alguma investigação, ele descobrira a explicação para a eleição de Luana: ela comprara o Conselho Diretor.

O cargo de conselheiro era voluntário, não remunerado, e a candidata prometera, se eleita, “profissionalizar” o Conselho, instituindo um salário de cinquenta mil reais para a função. Luana achara que aquela meia dúzia de amigos de Beto talvez não se importasse de vender a amizade por um preço justo – e a maioria do colegiado confirmou sua aposta.

Impressionado com o jogo bruto da ex-namorada, Beto não teve dúvidas: bloqueou os repasses de verbas para todos os convênios da Resgate. Explicou a situação a Cristal:

– Vou ter que acabar com essa festa. Não vai demorar. Depois reestruturamos e você assume.

Cristal concordou com o plano, mas ele não funcionou. Em mais um evento misterioso, apesar do bloqueio assinado pelo ministro da Cidadania, o dinheiro público continuou irrigando a Resgate – e em volume ainda maior. A gerente insistiu com Beto: aquilo era coisa de Annabelle.

A bruxaria tinha origem no livro que Malabares não escreveu – e

o presidente preferia que ele não escrevesse.

O chefe da nação recebeu o recado sobre a ameaça de biografia do operador, deu meia-volta e criou o Comitê Executivo de Gestão Orçamentária – CEGO, um órgão invisível ao *Diário Oficial*, mas com plenos poderes para alocação de verbas estatais. O titular do Comitê, por delegação, era Marivaldo Valadares – que assim preservava, intacto, o raio de ação que tinha sob as gambiarras de João Juvenal.

E vinha daí a garantia da promessa de campanha feita por Luana. Antes de comprar o Conselho Diretor, ela assegurara o fluxo de verbas para a ONG se vendendo – corpo e alma – para Malabares.

## Prefiro sem perfume

Luiz Octavio Nogueira Bastos chegou à sua primeira reunião a sós com o presidente no Palácio do Planalto sem saber o que iria encontrar. Concluíra com êxito a reforma ministerial encomendada pelo Guia, mas o principal objetivo dela – reduzir o poder de Malabares – tinha fracassado.

João Juvenal fora substituído na Casa Civil pela ministra da Indústria e Comércio, Irany Schuster, que se indispusera com as empresas nacionais por problemas cognitivos. Sua ascensão ao principal ministério (no qual, segundo Tatá, não era preciso “fazer tanta conta”) era parte do esforço do POP para ter mulheres nos principais postos, o que as pesquisas mostravam que pegava bem.

Militante do partido, Irany recebeu a promessa do Guia de que seria sua candidata a presidente após a reeleição.

A queda de Juvenal era uma vitória de Tatá na disputa pelo poder no primeiro escalão. O ex-ministro continuava, porém, dando as cartas no POP. Reassumira seu mandato de deputado e abriu uma consultoria de lobby para empreiteiras nacionais no exterior – em linha direta com o Guia. Mas Tatá não precisava saber disso.

O senador Maurílio Amarante ganhara enfim seu espaço no governo, acomodado no Ministério da Educação. Era a pessoa certa para acelerar a revolução nos currículos escolares, passando um corretor progressista na história: era preciso substituir o ensino da civilização greco-romana pelo das civilizações ameríndias e afrodescendentes, além de ensinar que a Revolução Industrial foi uma conspiração, entre outras retificações urgentes.

Amarante chegara a pleitear o Ministério da Pesca, mas foi preterido por um tio de Daisy Batalha (braço direito de Irany Schuster) e acabou ganhando a Educação.

A dança das cadeiras cumprira, ao menos, o objetivo presidencial de terminar o segundo ano de governo com os interesses políticos equalizados. Dali para a frente era campanha pela reeleição.

Ao adentrar o gabinete do presidente, Bastos achou que ele estava bem-humorado, basicamente pela quantidade de palavrões

pronunciados. Quando estava irritado, o número de palavras caía significativamente. Mesmo assim, o advogado achou melhor começar pelo pior: Malabares.

Foi surpreendido:

— Tatá, meu anjo, deixa o Malabomba pra lá. Não deu pra desarmar, mas também não vai explodir. Eu cuido dele. Quer saber? Esse carequinha ainda vai ajudar muito a gente!

O Guia soltou uma risada gostosa, sacou dois charutos cubanos e ofereceu um para o visitante. Era o seu jeito de dizer que o poder conferido a Tatá na articulação palaciana estava em dia.

Após a primeira baforada, o advogado – que não fumava, mas não queria estragar o ritual – puxou outro assunto inevitável: o assassinato de Clara. A oposição estava insistindo na tese de crime político e o Ministério Público decidira abrir um inquérito.

— Isso não tem a menor importância, Tatá — cortou de novo o presidente. — Não vai dar em nada. Nosso pessoal no Judiciário tá atento, qualquer coisa eles matam no peito. Minha preocupação é o Max.

— O Maxwell?!

— É. Tá quieto demais pro meu gosto.

— Mas ele tá preso, presidente.

— Não quer dizer nada. A Justiça deste país adora puxar o saco de rico.

— Mas o Pacote Democrático bombardeou a empresa dele, presidente. Desculpe, acho que esse aí tá neutralizado.

— Não tá, não! — rebateu o Guia, agora agressivo. — Não tá neutralizado porra nenhuma! Você não conhece esse abutre!

O presidente informou ao advogado que era preciso “enfraquecer” Bob Maxwell não só como empresário, mas também como homem:

— Quando esse cara sair da prisão, ele tem que ser um trapo. Entendeu? Senão o filho da puta reconstrói tudo. Pensa em alguma coisa aí até semana que vem.



Conforme prometido, Luana se entregou a Malabares. Ele a recebeu

no flat em que ficava no Rio e perguntou se ela se incomodava de jantar no apartamento mesmo. Explodindo de excitação, o ex-nerd queria, como sempre, pular etapas. Sua deusa não se opôs – nem quando ele afastou as bandejas intocadas e saltou sobre ela.

Marivaldo Valadares teve, enfim, sua noite de rei. Luana Maxwell teve sua noite de boneca inflável, mas ele nem notou.

Quando o poderoso consultor da República, extenuado, caiu em sono profundo, Luana vestiu-se e foi embora.

Ao acordar na manhã seguinte, ainda inebriado, o publicitário careca foi direto para o celular escrever uma mensagem apaixonada para sua pérola. No meio do texto, porém, mudou de ideia. Luana poderia esperar um pouco. Era mais urgente escrever para Beto.

*querido Beto Desleal,*

*apesar de você ter tentado me derrubar, e de você ser um bundão que se acha incrível, vou voltar a te chamar de Leal – no auge da sua deslealdade. Por dois motivos:*

*1) porque a Luana agora é MINHA, e me transformou no Malabares Paz e Amor*

*2) porque, apesar de tudo, estamos (e estaremos) do mesmo lado da batalha. o lado do bem. então não convém queimarmos as pontes*

*Ass: General Valadares*

*A resposta de Beto veio em trinta segundos:*

*tem toda razão, meu General Love*

*abraço carinhoso*

Com dinheiro e poder, Luana assumiu a presidência da Resgate como um furacão. Não demorou a inaugurar um escritório da ONG em São Paulo, sua cidade natal – uma bela casa na avenida Brasil.

Um dia, dando uma volta pelos Jardins, passou em frente à mansão de seu pai, de onde ela saíra quase dois anos antes. O imóvel estava à venda.

Alguns lhe diziam que a fortuna de Bob estava encolhendo rapidamente, em razão dos golpes recebidos do governo. A metade da rede hoteleira que ficara com ele estava em vias de ser esmagada pela outra metade, adquirida pelos “chineses”, que praticavam uma política agressiva de preços populares.

A filha não sabia ao certo o que se passava. Nem queria saber.

Aos vinte e sete anos, Luana Maxwell era um fenômeno como

empresária social. E sua força vinha também do capital político, que só crescia desde que derrotara um dos homens mais ricos do país, seu próprio pai. A renúncia à herança, a façanha de reduzir a pó um hotel da sua família em favor dos quilombolas e outras importantes bandeiras humanitárias a colocavam cada vez mais na mira do presidente da República – decidido a levá-la para o POP.

No aniversário de dois anos de sua eleição, o Guia resolveu fazer uma festa fechada em São Paulo. Mandou o partido reservar o maior salão do Maxwell Plaza, mesmo local em que fizera a primeira reunião de montagem do governo. Aquela unidade continuava nas mãos de Bob, e mais uma vez a intenção do presidente era provocá-lo – agora, visivelmente, de cima para baixo. E mandou o Sombra convidar Luana.

Quatro meses haviam se passado desde o lançamento do Quilombo Moderno, quando ela desmaiara diante do presidente. Depois recebera um convite dele para se candidatar a deputada federal e desconversara. Tinha medo das alucinações. Agora, ao receber o telefonema do chefe de gabinete, Luana reagiu de forma diferente. Respondeu que iria à festa.

Era um evento bastante restrito, e, no que ela pôs os pés no salão de festas, Jung a levou a George Carmelo, que a levou ao presidente.

O autodenominado “aniversariante eleitoral” estava num sofá diante de uma mesa baixa e de uma garrafa de uísque que ele mesmo servia. Convidou Luana para sentar ao seu lado e fez um sinal para os outros ocupantes da mesa – sua esposa, Galdino e a esposa dele –, indicando que queria falar a sós com ela. Todos saíram, e o Guia fez a introdução:

— Estou muito feliz que você veio, dra. Maxwell. Não é uma armadilha, mas preciso lhe dizer que separei uma ficha de filiação pra você autografar.

— É uma honra, presidente. Parabéns pelos dois anos mudando o Brasil. Agradeço o interesse, mas não pretendo me filiar ao POP. Espero que compreenda.

Ligeiramente desconcertado com a franqueza da convidada, o Guia lhe ofereceu uma dose de uísque “para clarear as ideias”. Ela recusou, e disse que não queria tomar o tempo do maior líder do país. Foi a senha para pular as amenidades:

— Presidente, acho que minha melhor contribuição ao governo é fora da política. Desde a Lei da Alforria, cada campanha que eu liderei mobilizou milhões de brasileiros para causas que são as causas do seu governo.

O Guia deu um gole grande de uísque para saborear aquele doce raciocínio. Luana prosseguiu:

— As minhas campanhas são voto pro POP. Eu nem precisaria dizer que o governo é meu parceiro. Mas eu digo. E aí, arrisco afirmar, isso é mais eficiente que marketing eleitoral.

O Guia concordou com a cabeça. A presidente da ONG sentiu o bom momento:

— Então, presidente, eu gostaria de saber se poderia contar com o seu aval para conversar com os líderes de bancada no Congresso Nacional.

Aí a conversa ficou estranha para o Guia. Por que uma jovem representante de ONG desejaria retaguarda presidencial para conchavar com deputados e senadores? Ainda mais já tendo dinheiro, poder e popularidade?

Aquilo ele nunca tinha visto. Mas um estadista jamais perguntaria por quê.

— Minha querida, o Congresso é um antro. Não é um lugar saudável pra moças idealistas como você.

— Que pena. Achei que o senhor confiasse em mim... — apelou Luana.

O Guia não admitiria decepcionar sua joia eleitoral, assim como seu pai a decepcionara. Manobrou rápido:

— Bom, se você faz questão... Me avisa na véspera quem você quer visitar, pra eu mandar o muquirana perfumar o gabinete.

Luana abriu seu sorriso luminoso:

— Prefiro sem perfume, presidente.

Inclinou-se e atropelou o protocolo, beijando o rosto do Guia. Ele não se transformou em ácaro.

A jovem advogada apanhou sua bolsa, dizendo que ia deixar o anfitrião à vontade para comemorar seu aniversário eleitoral. Antes de se despedir, ele tinha um último assunto: o governo ia extinguir, por decreto, o direito de qualquer cidadão à prisão especial. Era a medida proposta por Nogueira Bastos para minar as forças que

restavam a Bob Maxwell.

— É meu dever informá-la sobre isso, Luana. Afinal, somos parceiros. E seu pai será transferido para um presídio, cela comum.

— Bob Maxwell não é problema meu, presidente. É problema da Justiça.



A transferência da cela especial na Polícia Federal, em São Paulo, para um presídio no interior do Paraná foi marcada criteriosamente para a véspera de Natal. Bob Maxwell vinha tendo sua prisão temporária prorrogada desde a acusação do sargento da PM, assassino confesso de Bolado, que também estava preso.

Suspeito de encomendar o sumiço do menor, o empresário ainda era investigado por lavagem de dinheiro no MMA – processo que seu advogado, Pedro Sampaio, demonstrara ser inconsistente. Mas a prisão de Bob virara símbolo de justiça social nos novos tempos progressistas, e um emaranhado de chicanas barrava seu caminho de volta à liberdade.

O empresário foi retirado da cela para a operação de transferência. Quando o viu fora da carceragem da PF, Pedro se impressionou: não notara o quanto ele tinha definhado em três meses de prisão. Com um metro e oitenta e cinco, Maxwell estava pesando pouco mais de sessenta quilos.

Depois de perder metade da sua rede, já perdera quase um terço do seu peso. No presídio certamente bateria essa marca – isso se não acontecesse o que Pedro mais temia.

Antes de chegar até o camburão, Bob desabou no chão. A escolta se apressou a socorrê-lo, tentando aprumá-lo para que ele entrasse na viatura por suas próprias pernas. Pedro se colocou no caminho:

— Meu cliente precisa de socorro médico. Ele só sai daqui para um hospital.

O delegado encarregado da transferência negou o apelo. O jovem advogado subiu o tom:

— Doutor, eu fotografei o meu cliente caído diante da viatura policial. Se o senhor não autorizar a condução dele para uma emergência hospitalar, eu vou acusá-lo de tentativa de homicídio.

O paciente Roberto Maxwell, sessenta e um anos, deu entrada no Hospital Sírio-Libanês desacordado. Pedro convencera o chefe da operação de que ali o atendimento seria mais rápido. Se enfrentassem fila num hospital público, a transferência para o presídio seria ainda mais retardada.

Bob foi colocado numa maca conduzida por um enfermeiro, seguido por dois agentes federais. No caminho para a emergência, dois enfermeiros muito fortes interceptaram a maca.

Aproximaram-se dos agentes federais já sacando dois fuzis de dentro de um lençol dobrado, apontando-os para a cabeça de cada um. Após tomar-lhes as armas, a dupla saiu empurrando a maca em velocidade. Com os fuzis em riste, abriram caminho rumo à saída do hospital.

## Conexão Caribe

Na porta do Sírio, um Jaguar 5.0 aguardava com o motor ligado e as portas abertas. Quando foi jogado lá dentro, Bob Maxwell já tinha despertado o suficiente para entender que estava sendo sequestrado.

Assim que o motorista arrancou, o empresário reconheceu os enfermeiros armados de fuzil: Mau Capone e Rodrigo Lobisomem. Em seguida notou que o motorista era o estagiário Caio Fontoura, e aí teve certeza de que estava numa operação montada por Pedro.

Um mês antes, em mais uma visita na qual se recusara a receber a refeição trazida, Bob ouvira de Pedro a sugestão de tentar comprar sua fuga. Respondeu ao advogado que não voltasse a mencionar aquela ideia estapafúrdia. Não participaria de nenhuma marginalidade.

Quando soube do decreto extinguindo a prisão especial, Pedro teve certeza de que Maxwell morreria no presídio. Montou o plano de fuga e deu um sonífero ao empresário meia hora antes de sua saída da carceragem. Fez questão de ampará-lo no curto trajeto até o camburão e deu-lhe um leve empurrão, provocando sua queda.

Com a voz ainda arrastada, Bob perguntou a Caio se ele, como advogado, pretendia fazer “alguma coisa dentro da lei”, fora as espionagens e fugas. O estagiário não respondeu. Piloto amador, estava concentrado como se estivesse sozinho no cockpit.

Capone ia recebendo mensagens de Pedro, que fora apanhado no hospital por Carol – emocionada por dirigir pela primeira vez uma Mercedes-Benz. A frota da fuga, naturalmente, pertencia ao fugitivo.

— Eles perderam vocês — avisou Pedro, agora de viva voz, informando a posição do camburão que tentara perseguir o Jaguar.

Ele e Carol tinham saído atrás da polícia para fazer esse monitoramento. No que constataram o despiste, pediram a Caio que reduzisse a velocidade, permitindo que os alcançassem. A Mercedes seguiria como apoio ao Jaguar até uma fazenda no interior de São Paulo.

— Pra onde vocês estão me levando, seus irresponsáveis?

— Pra Europa, presidente — informou Capone. — Quer dizer,

vamos dar uma passada nos Estados Unidos antes.

Em seu trabalho como espião na Nova Láctea, Caio tinha captado informações sobre a ONG Pátria Nossa, “patrocinada” pelo grupo de Alfredo Borneo. Sabia que a entidade crescera e passara a lançar barcos no mar do Caribe para captar refugiados – depois do início teatral em que aliciava “refugiados” em território nacional mesmo. E sabia do principal, após algum tempo seguindo a pista do laranja da ONG: ela era fachada para os negócios de Luizinho Sete-Quedas.

Quebrando a cabeça sobre como tirar Maxwell do país, Pedro pensou no bicheiro. Era um tipo que topava tudo e entregava o que prometia. Se estava mexendo com barcos no Caribe, poderia ser útil.

— Porra, Pedro, tu não vai negociar com esse bandido, né? — reagiu Caio, quando sondado sobre o esquema da Pátria Nossa.

— Ué, você quer que a gente arranque um preso do país com a ajuda de quem? Do Itamaraty?

A fuga foi comprada por dois milhões de dólares. Sete-Quedas e seu bando decolariam com o empresário de uma pista clandestina na tal fazenda paulista e pousariam no Amapá. Lá, Bob seria colocado num barco para Porto Rico (protetorado norte-americano), de onde pegaria um voo “doméstico” para a Flórida.

Os dois lutadores iriam junto e tentariam exilar-se em Chicago, onde estava a organização de MMA da qual eram contratados. Estavam se sentindo perseguidos no Brasil, e, depois de anunciarem sua saída do armário, não tinham mais conseguido arranjar namorada.

O plano de fuga era bom. Só faltava combinar com a Polícia Rodoviária.

No segundo posto policial após saírem de São Paulo na direção de Campinas, o Jaguar recebeu aviso para encostar. Caio freou e entrou na área demarcada. O policial notou seu nervosismo.

Aos vinte e dois anos recém-completos, o jovem magro e com a barba bem-feita parecia ter dezoito. A primeira pergunta da autoridade, já em tom ríspido, foi se ele tinha habilitação para dirigir. O motorista franzino ia puxando a carteira com os documentos quando veio a ordem:

— Desembarquem os quatro, por favor.

Caio respondeu rápido, antes que alguém resolvesse sair do carro,

apontando para Maxwell:

— Seu guarda, desculpe. Meu avô está saindo de uma cirurgia, está muito debilitado. O senhor poderia verificar meus documentos aqui mesmo, pra seguirmos viagem?

— Desembarca todo mundo. Vou revistar o veículo. E quero os documentos dos quatro.

— Com todo o respeito, doutor: o senhor tem alguma suspeita que justifique essa revista?

— Isso é problema meu. Sai todo mundo do carro!

Caio olhou para Mau Capone, que não fez menção de desembarcar e devolveu um olhar cúmplice. O jovem piloto acelerou em frente, com tudo.

O policial pulou numa viatura com um colega e iniciou a perseguição dando dois tiros para o alto, sinal para que os fugitivos parassem. O Jaguar passou voando pela Mercedes, que tinha prosseguido na estrada em marcha lenta. No encalço passou a caminhonete da polícia, com a sirene ligada. Carol acelerou.

Sentindo que não conseguiriam alcançá-los, os policiais passaram a atirar em direção às rodas. Mesmo tentando uma condução sinuosa, Caio não conseguiu evitar que um dos pneus traseiros fosse atingido. Continuou acelerando tudo, mas a distância para a polícia foi caindo.

Quando os dois carros já estavam bem próximos, o Jaguar ligou o pisca alerta e desacelerou, indicando que iria parar. A caminhonete policial desacelerou – e aí o Jaguar acelerou tudo de novo, já com a roda tirando fogo do asfalto.

Os policiais passaram a atirar também na lataria e partiram para o emparelhamento, que agora estava fácil. Quando Caio viu a frente da caminhonete aparecer em seu retrovisor esquerdo, esperou o último momento possível e jogou o Jaguar para cima dos perseguidores.

A velocidade ainda estava acima dos oitenta quilômetros por hora, e a fechada violenta fez o carro da polícia sair do controle, chocando-se fortemente contra a divisória central da pista.

Caio arrastou o Jaguar por mais cerca de um minuto, já com a escolta de Carol. Uns quinhentos metros à frente da caminhonete policial batida, os quatro passaram para a Mercedes-Benz.



Estava tudo pronto para a decolagem de Bob Maxwell rumo ao Amapá quando surgiu outro problema: Carol informou que também embarcaria no monomotor. Luizinho Sete-Quedas estava pessoalmente comandando a operação e cortou-a de forma rude, tenso com a perda de tempo:

— Não dá, garota. É só o Max, os dois lutadores e o piloto. Senhores, vamos agilizar, tenho que desfazer o flagrante.

Carol usou com o bicheiro sua diplomacia habitual:

— Não é você quem diz se dá ou se não dá. Você foi contratado, não decide nada aqui.

Caio foi à loucura com a atitude da namorada:

— Não dá, Carol! É o Luizinho que sabe, sim, o que esse avião comporta. Ele é o responsável por fazer o dr. Maxwell chegar ao barco. E o pessoal dele não vai poder ficar cuidando de você na Amazônia.

— Quem vai cuidar sou eu. O Bob tá grogue. Homem não sabe cuidar de homem. E me admira você, Caio, defendendo bicheiro.

Enquanto Pedro tentava corrigir o desastre – Sete-Quedas não admitia ser chamado de bicheiro –, Carol entrou no avião.

Sem nenhuma dúvida de que aquilo era puro impulso aventureiro, Caio foi atrás para demovê-la. Explicou que entre a pista de pouso clandestina e o barco haveria uma longa travessia pela floresta. Para piorar, tudo terminaria tarde da noite. O que ela ia fazer sozinha com uma mochila, no Amapá, de madrugada?

— Não se preocupe comigo. Quem precisa de cuidado é o Bob. Eu me viro. Tô levando o carregador do celular.

— Onde você pretende recarregar seu celular, Carol? Numa árvore?

O piloto informou a Sete-Quedas que tinha que decolar imediatamente – precisava da luz do dia para pousar. O jeito foi incluir a ex-blogueira na lista de passageiros da aeronave.

Pedro rompeu a formalidade de sempre e deu um abraço de despedida em Maxwell. O empresário falou com um fiapo de voz:

— Você é um traidor. Mas é competente. Me manda notícias da Luana, se conseguir.

— Ela me disse que tem uma missão.

— Não é missão, é um sonho infantilóide.

— Ela não tava falando disso, Bob. Falou que “agora” tem uma missão. Deixou isso no ar.

— Quem tá no ar é ela. Só espero que o tombo seja menor do que eu imagino — encerrou Maxwell, mostrando pela primeira vez certo fastio com as questões da filha.

Após a decolagem do monomotor, Pedro passou a Luizinho Sete-Quedas uma maleta com oitocentos mil dólares em espécie (já tinha pago dez por cento no fechamento do acordo). Faltava um milhão, que seria pago quando o empresário fugitivo pisasse em solo norte-americano.

O advogado se despediu do bicheiro, que não respondeu. Em seguida, porém, Luizinho seguiu Pedro e Caio até a Mercedes, estacionada à beira da pista clandestina. Antes que a dupla entrasse no carro, ele disse que precisava dizer-lhes uma coisa.

Pedro não sabia que o bicheiro era o mandante do atentado que acabara matando Clara. Mas Luizinho sabia que a jornalista assassinada acidentalmente por seu capanga era namorada dele. Evidentemente não confessaria a barbárie. Mas resolveu, já que fora abandonado pelo governo, dar de “presente” a Pedro uma dinamite:

— Eu comprei o sargento que denunciou o Max.

O advogado perdeu o controle. Partiu para cima de Sete-Quedas, agarrando-o pelo colarinho:

— Seu filho da puta, você destruiu a vida do Bob!

Ex-praticante amador de MMA, Pedro era atlético e uns vinte anos mais novo que o bicheiro. Mas este era corpulento e bandido – e arremessou o advogado longe, já sacando sua pistola:

— Quer morrer, moleque?! Neste buraco aqui não adianta chorar, que mamãe não vai ouvir.

Caio implorou a Luizinho que não atirasse e segurou seu chefe:

— Calma, Pedro, é o trabalho dele! Você não comprou a fuga do Maxwell? Então, porra: alguém comprou a armadilha do sargento. O cara é profissional.

A ponderação do estagiário, indecente e lógica, baixou a temperatura de ambos os lados. Sete-Quedas retomou a linha de raciocínio:

— Se tu não der mais chique, garotão, posso contar umas novidades lá do sargento.

A notícia era quente: o falso delator fora comprado por quinhentos mil reais, mais a promessa de que sua prisão seria relaxada logo – sob o argumento da legítima defesa (Bolado teria tentado tomar sua arma). Mas o sargento só recebera os cinquenta mil iniciais, continuava preso e estava abandonado pelo mandante.

— Você acha que ele fala? — perguntou Pedro.

— De graça, não.

— Mas se falar ele não se enrola mais ainda? — questionou Caio.

— Fudido, fudido e meio — elaborou o bicheiro. — Quem ia pagar o cara, e soltar ele, sumiu. Agora que o Max fugiu, então... Vai mofar.

Pedro arriscou um passo adiante:

— Quem comprou esse sargento tem poder pra mandar soltar assim, no grito?

— Tem. Quer dizer, praticamente.

— Quem é?

— Tu quer saber a cor da minha cueca também, garotão?

A dupla voltou em alta velocidade para São Paulo e procurou o representante do sargento preso, com o contato fornecido por Sete-Quedas. Era um advogado obscuro, que confirmou a situação descrita pelo bicheiro.

Caio era a favor de oferecerem assistência jurídica gratuita ao preso, levando-o a confessar a armação – um delito menos grave que o homicídio, portanto com imediata redução de pena. Evitaria deixarem mais um rastro de propina, além da compra da fuga de Bob. Pedro não quis conversa:

— Esse pessoal fala outra língua, Caio. Vou comprar logo essa confissão. Aí a gente pode começar a pensar em trazer o Bob de volta um dia.

A cor da cueca do bicheiro era difícil deduzir, mas os mandantes do sargento, não. Pensando nisso, Pedro ofereceu ao advogado de porta de cadeia duzentos e cinquenta mil reais pelo desmentido do preso e tentou uma tacada: pagaria os quinhentos mil oferecidos pelo contratante anterior se ele revelasse os mandantes da armação contra Maxwell.

O representante do sargento pareceu entusiasmado com a proposta. Levou-a ao preso – que aceitou imediatamente.

Caio desabou na cama sem notícias de Carol. O telefone da namorada devia estar sem bateria, para variar. Mesmo assim, após o dia mais tenso de sua vida, o jovem dublê de espião e piloto de fugas dormiu como uma pedra.

Perdeu a hora de levantar, e foi despertado por um telefonema desesperado de Pedro: o sargento amanhecera morto em sua cela – enforcado com um lençol. Segundo a polícia, suicídio.

## Cala a boca, Dionísio

Paulo França não quis publicar nada sobre a morte do sargento em sua coluna. Pedro insistiu que a tese do suicídio era absurda, revelando ao jornalista o acordo da véspera com o advogado do preso. Tudo indicava queima de arquivo, e alguém na imprensa precisava levantar essa bola.

França explicou que suas levantadas de bola estavam sendo cortadas impiedosamente pelo governo, graças à lei de controle da mídia:

— Cada cravada dessas me toma dois meses de salário, querido Pedro. E olha que eu ganho bem.

O crítico mais incisivo do governo estava acuado. Chegara a zombar do slogan da nova lei (“Pense Bem – antes de falar mal”), mas agora precisava pensar várias vezes antes de fustigar a esquerda.

Pedro confessou a Caio que sentia falta do blog da Carol, apesar de toda a porra-louquice dela. O espião não respondeu. Estava tenso com o sumiço da namorada. Quando se completaram vinte e quatro horas sem notícias, seu celular tocou – ligação de Carol. Caio atendeu já perguntando se ela estava bem. A voz do outro lado, porém, era masculina.

Um voluntário da Funai no Amapá informava que a dona do telefone estava sem condições de falar, abatida por febre alta, que já lhe provocara uma convulsão. O homem deu a localização de Carol – um posto de assistência indígena próximo à fronteira com a Guiana – e recomendou que ela fosse resgatada com urgência.

Apesar de estarem num dos maiores escritórios de advocacia de São Paulo, Caio e Pedro não conseguiram, de pronto, os meios para providenciar aquele tipo de resgate. Dessa vez foi Caio quem não hesitou:

— Pedro, me dá o telefone do Sete-Quedas.

O bicheiro foi logo mandando baixar o tom da urgência:

— Na Amazônia, meu querido, não existe “imediatamente”. Um minuto leva um dia. Vou mandar meu pessoal procurar a garota. Mas eu avisei que não era pra ela ir.

Pedro pediu licença a Caio para falar com Luizinho sobre o enforcamento do sargento. Estava chocado com o episódio – e ficou um pouco mais com o comentário singelo do bicheiro:

— Advogado de porta de cadeia é muito burro. Nego fala como se estivesse no bar. É lógico que cela com preso importante tem grampo. No BBB, esse babaca era eliminado no primeiro paredão.

Depois de arrancar a gravata e se servir de uma dose caprichada de uísque, Pedro desabou no sofá de casa, exausto. Ainda não tinha notícias da chegada de Bob Maxwell a Porto Rico – talvez só tivesse quando ele aterrissasse nos Estados Unidos. Mas se permitiu um alívio provisório. Estava convicto de que salvara a vida do seu cliente. Ou melhor: do pai de Luana.

Essa condição explicava ao menos cinquanta por cento de sua garra naquele front. Brindou consigo mesmo a Bob, pensando em Luana e sentindo saudades de Clara, tudo embrulhado pela velha culpa – batizada por ele de “companheira inseparável”, citando Cazusa. Mais uma dose e veio a coragem de afrontá-la: desarquivou uma foto sua com Luana, colocou-a num porta-retratos e fixou-a na estante da sala que era de Clara.

Ligou a TV num dos telejornais da noite, esperando a notícia sobre a morte do sargento preso. Quando a reportagem foi anunciada, pegou o telefone e, num impulso, ligou para Luana. Pediu que ela ligasse a TV:

— Preciso te dizer uma coisa: esse sargento que acusou seu pai foi assassinado. Ele ia revelar a farsa: o Bob não mandou matar o Bolado.

— Jura, Pedro? Quem te contou isso? — respondeu Luana em tom de quase indiferença.

— A pessoa contratada pra incriminar o seu pai.

— Poxa. Você já andou com gente melhor, hein?

— Não, essa gente anda com o governo que você apoia.

— Bom, a única certeza agora é que meu pai é um fugitivo da Justiça. Aliás, o Maurício tava envolvido na fuga, né? Não sei como eu pude namorar esse bandido.

— Não foi o Mau que armou isso.

— Ah, não? Então quem foi? Provavelmente um desses pistoleiros, né?

O autor do plano de fuga tremeu:

— Não sei.

— Pois é. Então é melhor a gente aguardar as investigações.

— Que investigações, Luana?! — exasperou-se Pedro. — A Justiça tá aparelhada! A polícia, o Congresso... Tá tudo dirigido, porra! Não é possível que você não veja isso.

O advogado parou de falar de repente. Na tela da TV surgiu, em close, a figura repulsiva de um ácaro, em imagem ampliada. Era a reportagem seguinte, sobre uma epidemia de ácaros aquáticos no interior do país, decorrente da crise hídrica. Pedro sabia que aquela figura tinha uma correspondência atroz com a dos delírios que Luana lhe descrevera. E ela estava assistindo ao mesmo noticiário.

— Luana... Tá tudo bem aí?

— Tudo ótimo, Pedro. Desculpe, vou desligar agora. Quero ver a matéria sobre essa epidemia.

— Tá. É que eu achei... A imagem desse ácaro me lembrou...

— Eu sei o que você achou. Mas tá tudo certo. Tchau.

A reportagem era impressionante. Populações ribeirinhas vinham sendo atacadas por uma febre súbita, e as primeiras análises clínicas indicavam um tipo de infecção sem registro na literatura médica. Uma variação aquática de ácaros – seres microscópicos encontrados em quase todo ambiente rural e urbano – estava abandonando seu meio natural e invadindo organismos humanos.

Aparentemente, o ressecamento de corpos d'água, resultante da quebra dos ciclos hídricos, estava afetando esses microrganismos – levando-os a buscar no corpo humano a umidade que lhes faltava no ambiente. Uma vez absorvido por uma pessoa, o parasita se reproduzia agressivamente e passava a consumir com voracidade a água daquele organismo. Um dos sintomas imediatos era uma sede crônica.

O empresário da contravenção cumpriu, mais uma vez, o serviço encomendado. Cerca de quarenta e oito horas depois de deflagrada a expedição para resgatar Carol, ela estava de volta a São Paulo – ainda ardendo em febre, e morrendo de sede.

A ex-blogueira só não estava esquelética porque era do tipo falsa magra – tinha lá suas reservas. Era uma jovem enxuta e vigorosa, que agora parecia ter sido tirada da tomada. A pele morena viçosa estava brutalmente ressecada, e a emergência do Hospital das

Clínicas não demorou a diagnosticar o primeiro caso da febre do ácaro em ambiente urbano.

Atordoado com a situação da namorada, Caio teve de absorver outro golpe: novos estudos estavam indicando que a moléstia não era contraída só do ambiente – era transmissível também através do suor e da saliva. A febre do ácaro era contagiosa – e Carol estava no epicentro do pânico, na maior cidade do país.



Conforme prometido, o Guia fertilizou o percurso de Luana pelas lideranças parlamentares. A presidente da Resgate deveria não apenas ser recebida como ouvida e – salvo alguma aberração – atendida.

Em dois dias, Luana completou um périplo através dos principais gabinetes. Saiu do último deles com a certeza da aprovação do novo projeto elaborado por sua ONG, e apresentado pelo governo popular: a Lei da Cota Gay.

Com a mesma metodologia da pesquisa sobre menores de rua, a Resgate captara um índice alarmante de demissões e recusas de homossexuais no mercado de trabalho por motivos fúteis, associados ao preconceito. Era a fundamentação que faltava para convencer o Congresso da importância do projeto de lei do deputado Wally Salvador, que obrigaria todas as empresas com mais de cem funcionários a reservar dois por cento de suas vagas para os gays.

E a ONG de Luana ganharia um novo convênio com o governo, para “capacitação cultural” dos setores de RH em todas as capitais.

Antes de deixar a Câmara dos Deputados, terminando de despachar com Wally Salvador sobre a nova lei, a lobista estreante viu chegar uma pequena comitiva pelo corredor. No centro dela estava o ministro da Saúde, César Quintanilha, que fora apresentar seu programa Médicos de Emergência, trunfo do governo para enfrentar a nova epidemia.

Luana cumprimentou o ministro, que parou para tirar uma selfie com ela:

- Conto com seu apoio, Luana Maxwell?
- Claro, ministro.

Mal a líder não governamental despediu-se de Quintanilha, Wally

perguntou se ela achava mesmo que o Médicos de Emergência deteria a epidemia. Luana não tinha dúvidas:

— Claro que não.

O programa recrutara agentes de saúde dispostos a servir nos pontos mais remotos do território nacional. O contingente reunia mão de obra oferecida por países vizinhos alinhados ao governo do POP, voluntários em geral e até parte dos haitianos arregimentados por Sete-Quedas. Um exército de soldados rasos da medicina – que levaria uma surra dos ácaros.

Mesmo com aplicação contínua de soro, o quadro de Carol permaneceu inalterado por dias. Os médicos não compreendiam a persistência da febre e da sede. Ninguém sabia como tratar aquela infestação parasitária. A equipe do Hospital das Clínicas partiu para experimentações empíricas. Um certo “coquetel de líquidos” pareceu começar a dar resultado.

O princípio era tentar uma super-hidratação, submetendo a paciente a uma ingestão alternada de líquidos que aumentassem a retenção de água pelo organismo, como refrigerantes, água de coco e energéticos. Carol começou a melhorar.

Caio autorizou a entrada de uma equipe de reportagem no quarto da namorada, apesar da debilidade dela. Na verdade, teve que autorizar: Carol ouviu-o atendendo a ligação da repórter e disse que, se ele negasse a entrevista, ela pararia de tomar o coquetel.

A matéria pretendia mostrar o primeiro caso urbano da febre do ácaro, que por acaso vitimara Carol Shakira, conhecida pelo blog de guerrilha que fora proibido pelo governo. Era audiência garantida, inclusive pela angústia da sociedade em relação a uma moléstia ainda sem tratamento conhecido.

Carol e Caio assistiram à reportagem no dia seguinte, no quarto do hospital. E se surpreenderam ao assistir ao médico Dionísio da Cruz dando conselhos de saúde para prevenir a febre dos ácaros aquáticos. Entre recomendações genéricas que serviriam para qualquer coisa, o dr. Dionísio mandava os telespectadores cortarem o cigarro: “O tabagismo reduz a resistência e a imunidade, escancarando a porta de entrada dos ácaros”.

— Porra, cala a boca, Dionísio — reagiu Carol, impaciente.

Caio era fumante. Mesmo tendo beijado a namorada infectada – e a

transmissão se dando pela saliva –, não contraíra a febre. Caiu na gargalhada com o grito dela e propôs gravarem um vídeo repetindo a cena.

Montaram um pequeno roteiro, a partir do qual Carol voltou a atuar como atriz – ali mesmo, numa cama de hospital, com soro na veia, fazendo uma imitação hilariante do dr. Dionísio da Cruz:

— Com o país tomado pelos ácaros e o ministro da Saúde brincando de médico, meu conselho a você, minha amiga, e a você, meu amigo, é simples: pare de fumar.

O esquete terminava com Caio, de jaleco branco e com um cigarro apagado na boca, dizendo a Carol, que fazia o personagem do médico:

— Ah, cala a boca, Dionísio!

Jogaram o vídeo no YouTube, e ele se espalhou mais rápido que ácaro aquático. Em poucas horas, as expressões “cala a boca, Dionísio” e “ministro brincando de médico” tomaram as redes. A popularidade de Carol e a precisão da sátira fizeram a repercussão aparecer no radar do governo.

O agora consultor João Juvenal – que se tornara uma espécie de ministro paralelo, já que ninguém ali dava as cartas como ele – alertou o Guia: aquele tipo de campanha espontânea, e com humor, era o mais perigoso.

— Se colar a epidemia no governo, o desgaste pode ficar grande – calculou JJ.

Dessa vez não dava para tirar Carol Shakira do ar, afinal não era mais um blog – era só um vídeo. Juvenal acionou a ministra-chefe da Casa Civil, Irany Schuster. Encarregou-a de ver com Raul Tedesco como estava a discussão do Comitê de Qualidade – órgão criado pelo governo para humanizar a internet – com o YouTube.

Irany falou com o ministro do Primeiro Tribunal e voltou para JJ:

— Parece que tem um pedido de liminar pra tirar o negócio do ar. Tá parado numa vara do interior.

— Ok. Diz pro Tedesco que eu mandei dar a liminar.

No que a Justiça tirou o YouTube do ar, atendendo a uma das reclamações por suposta ofensa veiculada no site, a revolta geral ganhou repercussão internacional. Constatando o tiro no pé, o comando governista mandou cassar a liminar – mas o estrago estava feito. Aproveitando o monumental impulso propagandístico, a ex-

blogueira criou no YouTube o Canal da Carol, sob o pretexto de falar do seu tratamento.

Na realidade, o que surgiu no novo canal foi uma sucessão de esquetes de humor, sempre interpretados dentro do hospital pela própria Carol e por atores convidados, com o título “A saga do ácaro”.

Num dos filmetes que mais repercutiu, a atriz imitava César Quintanilha – sem citar seu nome – numa situação bizarra em que o ministro da Saúde entrevistava um ácaro aquático:

— O que o senhor está achando do programa Médicos de Emergência? — perguntava o “ministro”.

— Muito bom — respondia o “ácaro”, interpretado por um comediante com umas antenas toscas na cabeça.

— Muito bom por quê? — continuava o “ministro”.

O “ácaro” abria um sorriso:

— Porque parasita ajuda parasita. De Brasília ao brejo, a nossa classe é muito unida.

Como temia Juvenal, as trapalhadas do ministro da Saúde tinham permitido que a epidemia grudasse na imagem do governo. Mas o presidente tinha uma carta na manga, e disparou a ligação decisiva do seu telefone vermelho:

— Vou demitir o Quintanilha amanhã. Ele ainda não sabe. Quero que você assuma o Ministério da Saúde. E dessa vez, Luana, não vou aceitar recusa.

## Costas quentes no reino animal

O presidente da República não recebeu um “não” de Luana – nem um “sim” – nos primeiros cinco minutos do telefonema. Após o agradecimento inicial pelo convite “sublime”, a presidente da Resgate se disse, no entanto, “preocupada com o dr. Nogueira Bastos”. Com essa simples frase cifrada, Luana começou a amaciar o líder popular.

Ele entendeu o recado: sua interlocutora estava lhe mostrando que sabia da importância conquistada por Tatá na cúpula do governo – e que ele se tornara o contrapeso de Malabares, “padrinho” da Resgate. A ida dela para o ministério poderia, portanto, ser entendida por Tatá como uma vitória do rival.

Nada disso fora planejado pelo Guia. Ele queria Luana na Saúde, em primeiro lugar, porque tinha pesquisas indicando forte aprovação ao nome dela para o primeiro escalão. Em segundo lugar, porque ela era boa. Mas agora ele descobria que sua candidata sabia demais. Ou, no mínimo, sabia o suficiente para não ser manobrável.

Mantendo seu tom sereno ao constatar que o presidente entendera o recado – e não mais tentaria levá-la no grito para o cargo –, ela continuou:

— Acho que o senhor tem um nome melhor que o meu para a Saúde.

O Guia ficou mudo. Luana completou:

— Maria Rosa.

Com o nível de conhecimento que demonstrara sobre as altas esferas da política, era claro que ela sabia quem era Maria Rosa – e sua reputação, por assim dizer, folclórica no estado-maior. O presidente deu corda, para entender que xadrez Luana estava jogando:

— Por que você sugere ela?

— Presidente, a ministra da Valorização Social está muito desgastada. Tanto que o senhor esvaziou o ministério dela. Mas se a Rosa não receber um pouco de oxigênio agora, o partido vai acabar perdendo uma puxadora de votos importante.

— Minha preocupação é a saúde pública e o combate à epidemia — cortou o Guia.

Luana sabia que a retificação virtuosa era da boca para fora:

— Meu presidente, os médicos logo vão encontrar o antídoto pra essa febre. Aí a ministra da Saúde vira heroína. Se essa ministra for eu, de qualquer maneira vou voltar pro setor não governamental, e aí o POP perde o capital eleitoral. Se a ministra vitoriosa for a Maria Rosa, o senhor ganha uma senadora, ou quem sabe até uma sucessora na Presidência.

O Guia não quis dar o braço a torcer, mas não teve como contestar a lógica de Luana.

Algum tempo depois do convite presidencial, o telefone dela desandou a tocar, como se fosse ela a nova ministra. Aparentemente, tinha vazado metade da informação – de que ela seria convidada, e não de que tinha recusado. Talvez o próprio Guia tivesse feito isso, como uma cartada final.

O primeiro a ligar foi Luiz Octavio Nogueira Bastos, o Tatá, operador político oculto.

Do ponto de vista dele, Luana seria uma ministra da cota de seu adversário Malabares. O caso amoroso dela com o publicitário careca não viera a público, mas todos sabiam que o poder da ONG presidida por ela era invenção de Malabares. Tratava-se, portanto, de um telefonema tático:

— Quero lhe desejar uma excelente gestão na Saúde, querida Luana. O que você precisar no governo, pode contar comigo.

— Ah, você agora é do governo?

— Eu? Não... Claro que não. Eu ajudo o governo.

— Ah, tá. Obrigada, mas eu não vou pro governo.

— Não vai?! Mas o presidente escolheu seu nome, ele deve te ligar pessoalmente pra...

— Eu recusei o convite.

Tatá, que nunca achara graça na “boneca”, mudou o tom:

— Luana, você é... Intrigante.

— Não acho, Bastos. Me acho até bem óbvia. De qualquer forma, se foi um elogio, agradeço.

O telefonema seguinte foi de Malabares. Quando estava excitado, ele falava ainda mais baixo, rápido e enrolado:

— Meu amor, que grande notícia! Olha, eu vou entupir teu ministério de verba! Se depender de mim, você vai descobrir a cura do câncer! Parabéns, minha joia!

— Marivaldo, eu não vou ser a ministra da Saúde.

— Ué, mas o presidente quer você! O que houve? Será que ele mudou de ideia? Vou ligar agora pra ele...

— Não precisa. Eu recusei o convite.

— Ah... Entendi. Olha... Pensando bem... Você fez a coisa certa, meu amor! Não quero você no meio daquelas cobras, não.

Quem ligou pouco depois foi Beto Leal:

— Luana, parabéns. Tenho que tirar o chapéu pra você.

— Obrigada. Mas pode botar o chapéu de volta. Eu não aceitei o ministério.

— Eu sei. Indicou a Maria Rosa, né?

Luana foi pega de surpresa:

— Quem disse? Isso é boato.

— Não é, não. Minha fonte é boa — sustentou Beto, já começando a rir. — Vingança maligna. Tô impressionado com a sua perícia!

— Imagina, não me vingo de ninguém. Só gosto de ver as pessoas certas nos lugares certos.

Beto gargalhou:

— Exatamente! A ameba pra tomar conta dos ácaros. Sensacional, Luana. Saudade de você.

— Eu também.



Maria Rosa chegou decidida ao auditório do Ministério da Saúde para sua primeira coletiva no novo cargo. Estava radiante por dentro e crispada por fora. Sabia estar assumindo o comando numa guerra que não podia ser perdida.

Seria implacável contra a epidemia, mas escolhera bem as palavras para se distinguir de uma guerreira autoritária:

— Nós vamos vencer essa luta. Mas não precisamos virar exterminadores, isso aqui não é filme americano. Precisamos apenas devolver os ácaros aquáticos ao seu *habitat* natural.

Um repórter interrompeu, perguntando se a nova ministra estava

preocupada com a preservação dos ácaros. Ela se irritou:

— Meu filho, o que estou dizendo é que, nessa epidemia, o homem está colhendo o que plantou. O homem e a mulher. Quer dizer, a mulher e o homem. A gula capitalista está esgotando os recursos hídricos. O ácaro estava quieto no canto dele. Aí os rios secam, as lagoas secam. O que ele fez? Foi procurar água no corpo do homem que tirou a água dele.

O repórter perguntou, então, se o Ministério da Saúde ia priorizar o combate à febre do ácaro ou à gula capitalista. A ministra mandou a segurança retirar o jornalista, lamentando “a grande mídia não ter uma compreensão holística da problemática moderna”.

Inspirado pela nova ministra, Paulo França publicou uma crônica intitulada “A república holística dos ácaros” – na qual repetia a expressão “parasita apoia parasita”, usada por Carol no esquete sobre os Médicos de Emergência. A atriz e youtuber telefonou para dizer ao jornalista que ele era “o mais foda”. França respondeu que não podia usar o mesmo termo, mas que era exatamente isso o que ele achava dela – encabulando Carol, que não era encabulável.

Sem usar uma única vez a palavra “governo”, o jornalista montara uma alegoria biomédica para escapar da lei Pense Bem.

“Ácaro não tem ideologia”, dizia a crônica. “Mas tem costas quentes na cadeia alimentar. Alguns mamíferos graúdos chegam a defender o direito do ácaro de infectar os outros – numa forma peculiar de solidariedade parasitária, já que os referidos mamíferos também se alimentam do sangue e do suor alheios.”

O texto de França foi só a parte mais venenosa da cobertura altamente negativa da entrevista de Maria Rosa. Em meio ao mal-estar geral, George Carmelo sugeriu ao presidente o cancelamento do coquetel de posse da nova ministra, marcado para a noite no mezanino do Palácio do Planalto. “Acho que não tem clima”, argumentou o Sombra.

O Guia não quis saber de recuos e mandou manter o evento. “Não temos do que nos envergonhar”, disse ao seu chefe de gabinete.

Beto Leal ficara com Luana na cabeça após a conversa da véspera. Sua ex parecia mudada, e a destreza dela no jogo do poder o excitara. De seu gabinete no Ministério da Cidadania, enviou-lhe uma mensagem:

*parabéns pela indicação. sua indicada começou com tudo*

**A resposta foi imediata:**

*obrigada, querido. o mérito é todo dela*

**Beto se deliciou com a malícia de Luana:**

*kkkkk. quer jantar comigo?*

*quero*

*maravilha. piantella? ou o malabarista não deixa?*

*kkk. o malabarismo já passou*

*ufa... você foi brava*

*nem me fala. vamos antes no coquetel da rosa?*

*não posso. ela quer me matar*

*vou pacificar vocês. afinal, agora eu sou madrinha dela*

*kkkkkkkkk. o mundo dá voltas, dra. maxwell!*

*uma hora antes no meu hotel? te sirvo um drinque no quarto*

**Dessa vez a resposta de Beto não foi imediata. Mas veio forte:**

*ok. muita saudade de te ver inteira*

*só fui inteira pra você. te espero*

Beto foi pontual. Chegou ao hotel com uma garrafa de Romanée Conti e *frisson* de adolescente. Anunciou-se na recepção, e sua subida foi autorizada da forma que ele mais gostava: “O senhor pode subir, ministro”.

Saiu do elevador e tocou a campainha do apartamento de Luana. A porta foi aberta por Malabares. De cabelo molhado e roupão.

## Não é ela

Beto não teve tempo de dizer nada a Malabares. Ainda estava em choque quando Luana surgiu por trás do publicitário, enrolada numa toalha, convidando o ex-namorado para entrar e pedindo desculpas pelo atraso: prometia se vestir rapidamente.

Malabares também estava perplexo. Luana não lhe falara nada sobre Beto – pedira apenas que ele atendesse à porta. Antes de sair da sala para se arrumar, ela fez uma saudação:

— Que honra ir ao palácio com dois dos homens mais importantes da República!

Beijou a boca de Malabares e completou:

— Amor, o Beto fez questão de ir com a gente à solenidade. Não é uma graça?

Retirou-se sugerindo ao ex-namorado, como passatempo enquanto o casal se aprontava, a leitura de um livro que ela acabara de comprar: *A geografia do afeto*, de autoria do deputado Gabriel Charles.

Luana chegou ao Palácio do Planalto de mãos dadas com Malabares, assumindo publicamente a relação com ele – e impondo a Beto o papel de segurador de vela do novo par. Quando um fotógrafo se aproximou do trio, o ex-namorado deu dois passos para o lado, mas ela o chamou de volta:

— Ei, junta aqui, Beto! Faça questão do ministro da Cidadania nessa foto histórica!

A presidente da Resgate cumprimentou todo o alto escalão do mesmo jeito – de mãos dadas com Malabares e arrastando Beto junto, como “amigo do casal”. Só concluiu – ou abrandou – a sessão de tortura quando convidou o publicitário para dançar, pedindo licença ao ex-namorado.

Beto agora deu dois passos para trás. Sentou-se sozinho numa das mesas redondas com toalha de seda, distribuídas pelo mezanino do Palácio para celebrar a constrangedora posse de Maria Rosa na Saúde.

A perda da inocência da ex-namorada duplicava seu abatimento: jamais desejara a Luana romântica como estava desejando agora a

Luana venenosa. Aceitou uma taça de Dom Pérignon oferecida por um garçom e ficou prostrado assistindo à evolução do novo casal na pista.

Com salto dez, Luana podia ver de cima a careca de Malabares. Mas só olhava os olhos dele, enquanto dançava sensualmente uma guarânia. Parecia outra mulher. Os longos cabelos castanho-claros com mechas loiras tinham sido pintados de preto e cortados na altura dos ombros. O vestido também preto – colado e bastante decotado – contrastava com a pele de seda, que nunca estivera tão branca. Luana tinha desistido do sol.

— Que festão, hein, ministro?!

A chegada repentina de Carmelo, calculadamente efusivo, foi o pesadelo dentro do pesadelo. Sempre solitário, abstinente, o Sombra estava excepcionalmente com um copo de uísque na mão – que lhe agregava uma certa alegria de seminário. Não ter Luana nas mãos e ter Carmelo ao pé do ouvido devia ser uma amostra do que os filósofos chamam de destino trágico.

— Em primeira mão, dr. Leal: encontramos o tratamento para a moléstia. A ministra Maria Rosa vai brilhar.

— Sério, Carmelo? Qual é o tratamento?

— Uma droga nova, já está sendo importada do Irã. Contato do JJ. O primeiro lote chega em uma semana.

Beto não teve ânimo para perguntar que história era aquela, mas o Sombra não precisava de perguntas:

— Pílula de vinagre. Parece que é tiro e queda.

— Tiro e queda é muito comum no Irã — rosnou Beto.

— Não! A droga acaba de ser criada lá! — insistiu o escoteiro, sem entender a piada. – Vai entrar no nosso pacote nuclear com eles: compramos as pílulas, damos apoio político contra os americanos e eles nos passam tecnologia atômica.

— Uau. Vai ter guerra, Carmelo?

— Justamente pra que não tenha, ministro Leal, precisamos dominar o ciclo do urânio.

Galdino vinha passando, completamente bêbado, ouviu a conversa e resolveu participar:

— Porra, bota um pouco desse urânio aqui no meu copo, ô Sombra! Quer tudo pra você, caralho?!

Beto pressentiu que seu destino trágico ainda não estava completo – e acertou. O tesoureiro do POP pegou-o pelo braço:

— Porra, sociólogo, tu vai ficar aí vendo a tua mulher se esfregar com outro? Vem cá, vou te mostrar que tem mulher muito melhor que essa.

Beto não conseguiu nem se opor ao arrastão de Galdino, que só repetia a frase “essa festa tá uma merda” e ia conduzindo-o coercitivamente para a saída. O Sombra foi atrás, sem coerção.

Jung os esperava ao volante de uma van executiva com o ar condicionado a toda e a TV ligada exibindo um filme pornô.

— Desliga essa porra, Jung! — ordenou Galdino. — Respeito com o nosso ministro da Cidadania, que não manda porra nenhuma, mas é gente boa!

O tesoureiro gargalhou sozinho e completou sua deferência a Beto:

— Esse filme aí é um horror. A mulher finge mal pra caralho. Vou te levar agora pra vida real.

A comitiva desembarcou diante de uma mansão no Lago Sul. No que a porta de entrada foi aberta, uma loira de raízes escuras e seminua pôs um colar de havaiana no pescoço de Beto e tascou-lhe um beijo na boca. Foi afastada por Galdino.

O tesoureiro continuou puxando Beto pelo braço, murmurando uma explicação sucinta para seu gesto – “chata demais, tu não ia aguentar” – enquanto o conduzia para o fundo da sala principal.

O cenário local lembrava um filme de Fellini. Em meio a uma decoração com motivos tropicais (incluindo uma palmeira artificial, que avançava pelo pé-direito alto do espaçoso ambiente), distribuíam-se figurões da República atracados a mulheres turbinadas e garrafas de uísque, não necessariamente nessa ordem.

Juvenal, Lombroso, Sander, Amarante, Tedesco, Alencar, Sete-Quedas, Andorinha e, numa mesa mais escura, Borneo com quatro cabrochas – duas delas praticamente em cima de outro homem, afundado num sofá com um chapéu de vaqueiro sombreando o rosto. Beto teve a impressão de que era o presidente, mas não teve coragem de perguntar.

Chegando ao outro extremo do salão, Galdino abordou o deputado Alberto Palermo:

— Fala, Italiano. Caso gravíssimo aqui: ministro com dor de corno. Pode pedir à madame a mais carinhosa que ela tiver, por favor.

Beto cumprimentou Palermo com certo constrangimento e tentou dizer que não precisavam chamar ninguém, ele estava só de passagem, mas já era tarde. Num sinal sutil, o deputado fez chegar até eles uma jovem bonita e bem cuidada, mais elegante que as demais.

Quando ficaram frente a frente, a moça e Beto se encararam. Galdino sentiu o clima e disparou:

— Mas é o seguinte, ô sociólogo: aqui não pode se apaixonar não, ok? As moças precisam trabalhar.

Beto pegou a moça pela mão e sumiu com ela por um corredor que levava aos quartos. Trancou-se com ela no primeiro que viu:

— Porra, Bruna! O que você tá fazendo neste lugar?!

— Praticamente o mesmo que você, professor. Só que o meu trabalho é mais divertido.

Ex-aluna do mestrado em direito, Bruna cedera aos encantos de Beto antes de Luana – de quem era bastante próxima no curso. Carioca, fora a primeira amiga da filha do magnata que viera de São Paulo para estudar – e para escapar à asfixia familiar.

Bruna tinha reencontrado a ex-colega de mestrado em Brasília fazia pouco tempo, quando ela já presidia a Resgate. Assim ficara sabendo da sua separação de Beto.

— Tô sabendo que você tá solteiro de novo, professor. Mas nunca imaginei te encontrar num lugar desses. Bem-vindo à vida de ministro!

Beto contou que fora arrastado para lá por Galdino e mencionou a situação terrível que acabara de passar, armada por sua ex. A expressão de Bruna se contraiu:

— Essa aí não é a Luana, Beto.

— Pois é. Ela mudou muito.

— Não falei que mudou. Falei que não é ela.

— Como assim, Bruna? É uma sócia?! Que papo é esse?

— Homem não sabe ver mulher. A bunda atrapalha.

— Tá bom, Bruna. O que você viu, então?

— Vi uma transfusão de personalidade. Ok, isso não existe. Então não sei o que eu vi. Mas não é a Luana.



Apesar de terem se tornado polos opostos na cúpula do poder, Nogueira Bastos e Marivaldo Valadares se cumprimentaram cordialmente no coquetel. O advogado tinha sido escalado pelo presidente para dar uma esvaziada no balão do publicitário – e perdera o primeiro round. Malabares continuava sendo o Malabomba, que o Guia queria desarmar. E Tatá continuava com sua licença para matar – só não sabia como.

Foi aí que seu olhar cruzou com o de Luana, por cima da careca do rival.

A jornalista Mila Baresi, colunista da *Tribuna* que nascera com uma antena parabólica no cérebro, captou o flagrante. Bem informada sobre a queda de braço entre os dois homens do presidente, ela cochichou:

— Porra, Tatá. Você quer fuder o Malabares ou a mulher dele?

O advogado riu da equação de Mila:

— Você acha que se eu fuder com ela, no sentido bíblico, eu fodo com ele?

— Talvez. Homem frio quando se apaixonava baixa a guarda.

— Hum... Interessante. Quer dançar comigo, ali do lado deles?

— Só se você me comer depois.

— É sempre um prazer.

Mila e Tatá foram para a pista, e o advogado do rei reposicionou sua mira a laser por trás de Malabares, na direção dos olhos de Luana. Ela captou o sinal. E sorriu para ele.

## A cura

A noitada da posse de Maria Rosa obrigou Luana a dormir pouco. Isso costumava mexer com seu humor. Mesmo assim ela não abria mão de chegar cedo ao trabalho. Pegou o primeiro voo de Brasília para o Rio e passou em casa para botar uma roupa mais leve: a manhã abafada do fim de verão carioca prenunciava um dia tórrido.

A rotina de presidente de uma das maiores ONGs do país, com viagens e deslocamentos tão frequentes quanto urgentes, a levava a contratar um motorista. Enquanto seu pai amargava o exílio em Londres e a decadência financeira, Luana se tornara, de fato, uma socialista com motorista na porta.

Mas a Lei de Murphy deu as caras na quadra da praia de Ipanema, para onde a executiva se mudara: o motorista não apareceu para trabalhar, a chave reserva do carro sumiu e o táxi estava demorando. Luana montou em sua bicicleta e pedalou até o centro da cidade, onde chegou banhada de suor e com o humor um pouco mais deteriorado.

Encontrou Cristal logo que adentrou o escritório da Resgate. A gerente saudou a chefe com um comentário intimista:

— Annabelle, parece que o seu namorado tá apaixonado mesmo, hein?

— Bom, só perguntando pra ele, né?

Luana perdoara Cristal pela traição com Beto, decidira continuar na Resgate, tomara o poder, perdoara novamente os dois pela tentativa de puxar seu tapete e ainda mantivera o emprego da gerente na ONG. Para completar, exigia pouco dela no dia a dia. Cristal achava que isso se devia à sua importância para a entidade e talvez à gratidão pela acolhida quando Luana estava no chão, literalmente. Mas não tinha muita certeza.

Para todos os efeitos, procurava agradá-la sempre que possível.

— Nesse caso, nem precisa perguntar. Ele mandou flores lindas pra você. Flores, não: um jardim inteiro!

De fato, dez buquês de rosas vermelhas esperavam a presidente em sua sala. Luana não pareceu excitada com o presente, mas Cristal estava decidida a exaltar o gesto romântico:

— Duvido que alguma mulher já tenha recebido tantas flores assim no trabalho! Daria até pra fazer um arranjo decorativo, tipo “sala de executiva amada”.

Luana continuava séria:

— Cristal, como tá a sua agenda?

— Normal. Por quê?

— Você tá ocupada?

— Bom, tenho o almoço com o Comitê do Aborto Livre, depois eu quero ver se...

— Agora. O que você tem pra fazer agora?

— Deixa eu ver. Agorinha não tenho nada muito urgente, acho que...

— Ótimo. Faz o arranjo floral pra mim?

Cristal achou que não tivesse entendido:

— Você quer que eu chame alguém pra decorar sua sala?

— Não, você. Gostei da sua ideia. Arruma bem bonito pra mim?

A gerente engoliu em seco – e engoliu o sapo.

Enquanto Cristal começava a desembulhar os buquês, perplexa, Luana sentou-se tranquilamente a sua mesa de trabalho. Pegou o cartão para ler a dedicatória, mas não havia dedicatória – só a frase: “Do seu admirador secreto”.

Deu um suspiro de tédio e abriu seu notebook. Encontrou um e-mail de Luiz Octavio Nogueira Bastos, perguntando se a reunião deles estava confirmada. Ela nem sequer se lembrava da tal reunião. Respondeu: “Olá, Bastos. Desculpe, qual é mesmo o horário?”.

O e-mail de Tatá retornou em seguida: “O horário que você quiser, no dia que você quiser, onde você quiser”.

Luana se desculpou de novo: “Não estou entendendo. Qual é o assunto?”.

“O assunto de um admirador secreto é sempre o mesmo. Estou indo pro Rio depois do almoço.”

A presidente da Resgate marcou a reunião para o fim da tarde no escritório carioca de Tatá. Tentou retomar a concentração no trabalho, mas estava difícil. Clicou então num e-mail do Canal da Carol, que trazia o link de um vídeo novo, enquanto tentava botar a cabeça de volta no lugar.

Intitulado “A cura”, o vídeo já tinha cinquenta mil visualizações

em uma hora. Era muito, mesmo para os padrões da “ex-Shakira” – como Carol passara a chamar a si mesma, depois de ter seu blog interditado pelo governo. O personagem do dr. Dionísio da Cruz, novamente encarnado pela jovem atriz – agora já fora da cama e revigorada –, anunciava solene:

— Minhas amigas e meus amigos, trago uma notícia boa: a paciente Carol, ex-Shakira, primeiro caso de febre sertaneja em ambiente urbano, está curada! E atenção: ela NÃO tomou pílula de vinagre!

O sintoma da sede crônica tinha dado à febre do ácaro o apelido de sertaneja (e o personagem do médico só falava em linguagem popular). De jaleco branco e com um estetoscópio enfiado no bolso, Carol falava sobre o tal coquetel de líquidos, visando à super-hidratação, e concluía em tom didático, idêntico ao do verdadeiro dr. Dionísio:

— Minha gente, não tem mistério: é quase como tratar uma virose forte. A hidratação especial faz o organismo eliminar o invasor. Portanto, não escutem os meus alarmes. Eu sou um alarmista! E é claro que o cigarro não tem nada a ver com isso. Desculpem essa minha ridícula obsessão.

Informava por fim que “a paciente Carol reagiu muito bem às cervejas trazidas por seu namorado” e cravava uma previsão com seu característico toque de inconsequência:

— Muito em breve, estudos demonstrarão que o ácaro não resiste ao álcool.

Quando o vídeo alcançou quinhentos mil visualizações, ainda de manhã, o porta-voz Alex Sander recebeu uma ligação do ministro da Educação, Maurílio Amarante. Ele queria soltar uma nota desclassificando aquele “falso serviço de utilidade pública”. Dizia que o assunto passara à alçada dele no momento em que se tornara uma “deseeducação” do público.

Consultado por Sander, o presidente foi sucinto:

— Diz pro Amarante ir cuidar da Educação e parar de se aproveitar dos ácaros.

A maior preocupação do governo era com a propaganda negativa contra as pílulas de vinagre, que estavam sendo importadas em larga escala e faziam parte do acordo político-comercial com o Irã. A

ministra-chefe da Casa Civil, Irany Schuster, menos paciente, propôs soltarem logo os *pitbulls* do Judiciário em cima do Canal da Carol.

O Guia desaconselhou, pois já tinham o precedente do embargo ao Blog da Shakira – e aquele era, afinal, um governo democrático. Irany discordou:

— Presidente, a democracia de um termina onde começa a democracia do outro!

— Companheira Irany, a democracia não termina nunca. O que pode terminar, com uma frase dessas, é o nosso governo.

Prevaleceu a proposta de Sander: a ministra da Saúde daria uma entrevista para atualizar os números da epidemia e divulgar as ações de combate do governo – respondendo ao petardo do Canal da Carol sem citá-la.

Maria Rosa estreou suas novas lentes de contato na entrevista. Segundo o cientista político Carlos Felipe Alencar, a retirada dos óculos elevaria “em até dez por cento” as intenções de voto nela. E, se sua pré-candidatura presidencial decolasse – cálculo dela –, suas intenções para com Beto Leal voltariam a ser cem por cento correspondidas.

— Quero iniciar com um alerta à população: não sigam tratamentos caseiros, prescritos por pessoas irresponsáveis. Reafirmo que venceremos essa guerra, e o medicamento adequado estará disponível em breve nas farmácias de todo o país.

Depois de apresentar o raio X da epidemia, Maria Rosa deixou sua marca progressista, com um adendo humanitário:

— Aproveito para repudiar o apelido preconceituoso de “febre sertaneja”, disseminado pelas elites urbanas. É mais uma tentativa de denegrir os companheiros do sertão. A grande mídia tem a obrigação de usar o nome científico da moléstia, que é “febre acarícia”.

A resposta não demorou a surgir no YouTube. Usando um chapéu de vaqueiro estilo Lampião, com um vidro de vinagre numa mão e um termômetro na outra, Carol tirava o acento da palavra “acarícia” em seu novo esquete:

— Olá. Meu nome é Carol Xique-Xique e eu queria agradecer a esse governo que defende os sertanejos, acarícia os ácaros e manda o povo pro vinagre.

O vídeo-relâmpago terminava com um letreiro cáustico:

*O Ministério da Saúde diverte.*

*E o Canal da Carol adverte:  
demagogia mata.*

Eufórico, Paulo França retribuiu o telefonema elogioso. Dessa vez, mandou às favas o protocolo e adotou, aos cinquenta e oito anos, o tom da interlocutora de vinte e um: “Carol Xique-Xique, você é foda!”. Ela emudeceu.

O Comitê de Qualidade, exercendo suas prerrogativas de humanização da internet, tirou o vídeo do ar – quando ele já tinha sido visto e compartilhado por milhares de pessoas. Uma delas foi Luana Maxwell.

Depois de decorar a sala da chefe e cumprir sua agenda com as feministas, Cristal entrou no Facebook e viu que Luana tinha postado em sua página o vídeo “Carol Xique-Xique”. Avisou a Beto:

— A Annabelle compartilhou o vídeo da Carol sacaneando a Maria Rosa. Acho que você sabe o que fazer com isso.

O ministro Beto Leal sabia. Mandou sua assessoria passar a informação ao gabinete da ministra da Saúde. Maria Rosa teve uma explosão de ódio e ligou para o Guia:

— Presidente, ou o senhor rompe os convênios com essa traíra ou eu estou fora do governo.

O Guia pediu a Carmelo para tentar apagar aquele incêndio com seu espírito missionário. O Sombra pegou o telefone e iniciou os esforços diplomáticos:

— Dra. Luana, tenho a impressão de que estamos diante de uma falsa crise. Peço a sua compreensão: tenho certeza de que um pedido de desculpas da senhora pacificará a ministra da Saúde.

A presidente da Resgate fez uma pausa, e começou a rir:

— Carmelo, querido, não tenho desculpas a pedir. O vídeo dessa menina é um pastelão de cangaceiro. Postei pra mostrar o ridículo dessa Carol, jamais da ministra Maria Rosa, que está fazendo um trabalho sério. Me permita lembrar que quem a indicou para o cargo fui eu. E estou orgulhosa da minha indicação.

George Carmelo ficou sem palavras. Perguntou apenas se Luana poderia repetir a resposta diretamente à ministra da Saúde.

— Não precisa, Carmelo. Ela confia em você.

Desligou e foi se encontrar com Tatá.



O amplo escritório de Nogueira Bastos no centro do Rio repetia os de São Paulo e Brasília: paredes forradas com fotos dele acompanhado de governantes, personalidades em geral e belezas em particular – que, como o próprio gostava de sublinhar, faziam fila para sair com ele.

Tatá disse à secretária para autorizar a entrada de Luana e pediu uma ligação com o presidente da República.

Saudou a visitante, ofereceu-lhe um café e ainda estavam nas amenidades iniciais quando recebeu a ligação do Palácio. Mandou a secretária passar a chamada, acionou o viva-voz e expôs a Luana sua conversa com o presidente, sem ele saber.

Assim que o advogado desligou, a visitante comentou:

— Esse teatro foi pra me impressionar?

— Foi.

— Então perdeu seu tempo. Estou cansada de falar com o presidente.

— Luana, desde que o Juvenal caiu em desgraça, o operador do presidente sou eu. Você gosta de poder. E gosta de mim.

— Você sabe tudo, Bastos.

— Quase tudo.

— Então deve saber também que eu estou com o Malabares. Se você é o operador político, ele é o financeiro. Dá pra supor que eu não estou carente de poder.

— Luana, somos adultos. Eu gosto das mulheres. Elas costumam gostar de mim. Respeito o Marivaldo, mas... Vamos falar a verdade. Você não desistiu de amar, desistiu?

— Malabares é um homem como poucos, Bastos. As aparências enganam. A cauda do pavão também.

Tatá hesitou, como se tentasse ler o subtexto de Luana. Admitiu pela primeira vez que ela pudesse ter lhe dado falsas pistas amorosas.

— Por que você veio?

— Porque você me chamou.

— Só por isso?

— Por enquanto, só.

A jovem executiva foi embora deixando a porta aberta – real e

metaforicamente. Bom entendedor, Tatá registrou a mensagem. Talvez a jogada que calculara fosse boa, mas estava um pouco lenta para o seu tabuleiro. Pediu uma ligação para a jornalista Mila Baresi:

– Oi, Mila. Tenho uma coisinha aqui pra você. Sabe o caso daquela produtora Sal da Terra?

## Miserioduto

Na primeira grande crise do governo popular, com dois anos e três meses de mandato, o presidente convocou apenas dois colaboradores ao seu gabinete: Tatá e Juvenal. A rivalidade entre ambos fora estimulada pelo próprio presidente para equilibrar o seu estado-maior, mas agora ele precisava das melhores cabeças. A nota de Mila Baresi na *Tribuna* sobre um falso contrato entre o banco Carteira Popular e a produtora Sal da Terra fora devastadora.

João Juvenal falou primeiro. Mesmo estando fora do governo, qualquer problema nos dutos operados por Malabares – como a conexão CAP-Sal da Terra – era problema dele. Toda porta aberta pelo publicitário tinha as digitais do seu mentor. JJ caíra também por isso: o assassinato de Clara fora executado por seu colaborador antigo – Sete-Quedas – e a jornalista morta estava investigando um esquema do seu colaborador moderno – Malabares.

O Guia entendera que manter João Juvenal como seu principal ministro equivaleria a pendurar um alvo no pescoço. Mas não podia viver sem ele.

— Eu acho que tem que demitir o Doni — disparou Juvenal, referindo-se ao ministro da Fazenda.

Ninguém nunca se referia ao ministro Doni Moreira porque, embora à frente de um ministério crucial, ele era um zero à extrema esquerda.

— Demitir? Mas ele não apita nada na CAP — questionou Bastos, com afetação de advogado.

— Exatamente por isso — insistiu JJ, com veneno de político. — Entregando a cabeça do ministro da Fazenda, anunciamos uma medida drástica que não vai nos custar nada.

— Gostaria de saber quem vazou essa porra — rosnou o Guia, inconformado com a aparição do tal contrato nas mãos de Mila Baresi.

Tatá achou melhor corrigir o rumo da conversa:

— Leite derramado, presidente. Máquina pública é foda, muita gente invejosa. Vamos pensar pra frente. Crise é sinônimo de

oportunidade.

Os clichês de Bastos despertavam os instintos mais primitivos de Juvenal, especialmente porque o presidente se impressionava com eles. E não só o presidente: vários “conceitos” soprados pelo advogado tinham passado a ornar o novo momento político nacional – como “democracia profunda”, “elite branca” e “governo republicano”.

— Acho que com demissão de ministro vamos assinar embaixo da crise — continuou Tatá. — Sugiro que o senhor faça um pronunciamento indignado, presidente, declarando guerra à corrupção. Seria interessante se o senhor anunciasse uma faxina, algo assim.

— Faxina é bom — pensou alto o Guia, especialista em terminologia popular.

— Acho pronunciamento muito grave — opinou Juvenal. — Posso ver com o Sander uma exclusiva pro Konder, página inteira na *Tribuna*.

— Bem mais simpático — concordou Tatá. — Mas aí é bom dar uma coletiva em seguida, né? Pra não ficar parecendo carta marcada.

— Coletiva é o caralho — cortou o Guia. — Presidente da República não tem que dar coletiva. Falo com o Konder e tá falado.

Com a estratégia montada e os ânimos controlados, Bastos soltou a última rajada de fogo amigo na direção de Malabares, objetivo do seu vazamento para Mila:

— Passada a emergência, presidente, talvez fosse bom darmos uma revisada nesse sistema que vazou. Tem muito dinheiro passando nas mãos desses aloprados, pode ser perigoso.

O Guia adorou o termo “aloprados” – mais uma joia de Tatá que ele usaria na entrevista, para se desconectar da fraude. E demonstrou ao seu jeito ter registrado a crítica a Malabares:

— Vamos revisar sim, Tatá. Quero chegar à reeleição com um sistema mais sólido, sem malabarismos.

A entrevista do presidente foi um sucesso – e a palavra “faxina” tomou conta das manchetes. O sistema era defeituoso por ter passado quinhentos anos servindo às elites, mas agora o governo popular ia fazer a limpeza completa: “Doa a quem doer”, avisava o presidente.

A imprensa internacional noticiou o combate à corrupção iniciado

pelo POP no Brasil. O economista indiano Ben Radhamal, autor de um best-seller mundial sobre a crueldade do capitalismo moderno, anunciou seu interesse em visitar a “nova pátria da justiça social” – e pediu aos seus editores brasileiros que providenciassem um tour pelo país. Num passe de mágica, a crise sumiu.

Mas reapareceu um mês depois, com o dobro da pólvora.

Por decisão do jornalista Luiz Goldenberg, a equipe de reportagem da rádio NCB seguiu a trilha das suspeitas envolvendo a morte da jornalista Clara Maria – e a investigação da produtora Sal da Terra, revelada por Carol Shakira na manchete que sepultara o seu blog. Com a ajuda de Pedro, a repórter Susan Cândido localizara a fonte de Clara no Ministério da Valorização Social.

Quando saiu a nota sobre o contrato falso com a Carteira Popular, Susan conseguiu com o informante do boné vermelho acesso ao software de controle orçamentário da CAP.

Descobriu que uma quantia idêntica à do contrato fantasma – três milhões e duzentos – saía na mesma data do recém-criado Fundo de Segurança do Trabalhador Doméstico, gerido pela CAP. A Sal da Terra não soube informar à repórter quais “serviços audiovisuais” correspondiam àquela quantia. A pergunta era: para onde foi o dinheiro?

A notícia caiu como bomba em Brasília. Deputados da oposição pediram uma auditoria na CAP, a ser feita por entidade reconhecida pelas Nações Unidas. A imprensa internacional não se interessou pelo fato. O colunista Paulo França assinalou que o Fundo do Trabalhador estava atrasando pagamentos de indenizações e escreveu um artigo com o título “O POP privatizou a CAP”.

O texto de França ensejou a criação de um abaixo-assinado na sociedade civil para a abertura de uma CPI. Era o primeiro movimento espontâneo contra o governo popular – e o estado-maior se reuniu novamente para planejar uma reação vigorosa. Entre as medidas propostas estava um desejo pessoal do presidente:

— Um filho da mãe que acusa o POP de privatização não pode mais escrever uma linha na vida. Tatá, vê com o Lombroso o jeito mais rápido de acabar com esse babaca.

O jeito encontrado foi um processo da CAP contra Paulo França, exigindo indenização por calúnia e difamação no valor de cinco

milhões de reais. A lei de controle da mídia previa rito sumário naquele caso – e a detenção do réu, se ele não tivesse meios para arcar com a reparação.

Vendo que estava cercado, e provavelmente grampeado, o jornalista ligou de um orelhão para Pedro às vésperas da sentença judicial, pedindo-lhe o endereço de Bob Maxwell em Londres:

- Vou embora desta merda amanhã.
- Você vai ser preso no aeroporto, França.

Em menos de dois minutos de conversa, o advogado convenceu o jornalista da *Milênio* de que o jeito era comprar a mesma fuga do empresário:

— É penosa, não vou te enganar. O Bob quase morreu na travessia do Caribe. Mas você tá em condições físicas bem melhores que as dele.

Antes da decolagem para o Amapá, Luizinho Sete-Quedas se aproximou de Paulo França:

- Você é jornalista rodado, sabe quem eu sou.
- Não me interessa quem você é. Me interessa que você me atravessasse logo pro outro lado.
- Acho que você vai se interessar por isto aqui também — replicou o bicheiro, estendendo a mão com um envelope para França.

O jornalista hesitou, mas pegou a encomenda ao ouvir a deixa de Sete-Quedas:

— O POP tá cuspidando no prato que comeu. Prato, não: mão. Comeu muito na minha mão. Agora eles falam que a minha mão tá suja de merda. Tudo bem. Vou mandar uma mão de merda neles. Lê essa porra aí no teu cruzeiro. Cuidado pra não enjoar.



Bob Maxwell estava voltando de sua caminhada matinal pela Oxford Street, que voltara a ser possível com o início da primavera londrina. Esse era sempre um ponto de discórdia com Isadora, porque Bob preferia caminhar no Hyde Park. Depois da morte da esposa, quase sem se dar conta, o empresário calçava seus tênis e seguia diretamente para a monumental passarela do comércio inglês. Na

Oxford Street ele podia ouvir a voz de Isadora.

E naquele dia ouviu também a de Paulo França – essa vinda do mundo dos vivos.

O jornalista batera na casa de Bob e, como ninguém atendia, partira em direção ao coffee shop preferido do amigo na Oxford. Avistou-o a distância saindo do café e chamando um táxi. Gritou seu nome antes que ele embarcasse – numa atitude que Maxwell deplorava, e definia como “coisa de brasileiro: chamar a atenção no grito”. Era o tipo do comentário que irritava Luana – “Como você é preconceituoso, pai” – suscitando sempre a mesma correção: “Conceituoso”.

Dessa vez, porém, o berro brasileiro no coração de Londres não incomodou o empresário exilado. A aparição inesperada de Paulo França naquelas circunstâncias desarrumou seus códigos. Os amigos de décadas se abraçaram pela primeira vez na vida.

— Te convido pra um café. O almoço já não garanto — foi dizendo Bob, ironizando sua própria decadência financeira enquanto reabria os trabalhos no coffee shop.

França estava alvoroçado. Tinha uma revelação a fazer, a partir dos “wikileaks” de Sete-Quedas:

— Roberto, o governo tem um plano estratégico contra você! Protegido por segredo de Estado!

Nem a rara menção ao seu nome de batismo comoveu Bob:

— O Plano Mad Max? Porra, Paulo, você é um ex-jornalista, mesmo. O último a saber.

— Ah... Você já sabia? Tá. É, aqueles seus advogados mirins são bons.

Enfiou então a mão dentro do envelope recebido do bicheiro e jogou algumas folhas sobre a mesa:

— E disso aqui? Você sabia?

Numa planilha bem organizada, os nomes de dezenas de deputados, incluindo diversos líderes de bancada, apareciam ao lado de uma coluna denominada “sorriso” – com valores em dinheiro correspondentes a cada parlamentar.

— “Sorriso” é o nome da mesada que suas excelências recebem, em geral pra votar com o governo, e em particular pra fuder com a sua pessoa.

Bob devorou as folhas com os olhos. Viu ali um roteiro do seu calvário: além da lista da propina, havia registros da engenharia do “Pacote Democrático”, que ferira de morte o seu empreendimento, referências ao Dossiê Suíça e até diretrizes judiciais – incluindo o rascunho do decreto abolindo a prisão especial.

Sôfrego, o empresário perguntou ao jornalista o que ele estava esperando para jogar aquilo no ventilador.

— Estou esperando você me hospedar na sua casa. Raspei o tacho comprando a minha fuga.

— Mas você não pode escrever a sua coluna na minha casa. Seria promiscuidade com a fonte.

— Minha promiscuidade é com o bicheiro que me passou a informação. Você é só um empresário falido que me pagou um café, não tem problema.

Paulo França enviou sua coluna à revista com o título “O Plano Mad Max e o miserioduto”.

Conforme seu estilo, era um texto agressivo, bastante adjetivado e com acusações graves não inteiramente fundamentadas. Mas era um enredo que se encaixava nas denúncias do caso Sal da Terra e tinha o ingrediente essencial para virar escândalo: um bom apelido. O miserioduto caiu na boca do povo.

Como de costume, o Ministério Público aproveitou a repercussão na mídia para abrir um inquérito sobre as operações da CAP. E o governo foi definitivamente para a berlinda com a decisão do deputado Evandro Bandeira, militante histórico da esquerda, de se desfiliar do POP.

Em seu discurso de ruptura, na tribuna da Câmara, Bandeira tocou pela primeira vez no intocável:

— Não sabemos ainda o que é o miserioduto. É preciso investigá-lo. Mas não sairemos do lugar se não trouxermos à tona outro nome que o Brasil inocentemente ignora: Malabares. Procurem saber.

## Suicídio desnecessário

Prestes a completar vinte e três anos, Caio Fontoura deixou de ser agente duplo. Depois de excelentes serviços prestados como estagiário, o escritório de advocacia decidira contratá-lo. Mas ele recusou a proposta.

Pedro disse que ele estava louco. Carol disse que ele estava certíssimo. Seu plano: tentar ser contratado pela Nova Láctea – onde já superara um ano de estágio – e aprofundar a espionagem.

O governo estava se virando para responder à denúncia sobre o miseroduto. Pressionado pela primeira vez, o presidente da República chegara a dizer que o POP poderia ter feito “no máximo caixa dois – coisa que infelizmente todo mundo faz”. Mas, se aparecessem evidências de que a empresa de Borneo era fonte de irrigação do esquema, a suspeita sobre a compra de deputados pelo governo ganharia força.

A contratação não demorou a acontecer. O estagiário foi efetivado no departamento jurídico do inimigo e de saída ganhou senha para sistemas que nunca pudera acessar. Da comunicação interna ao acompanhamento das operações comerciais do grupo, era um mundo novo que se abria para ele.

Ao fim do primeiro mês de prospecções, porém, o espião começou a se frustrar. O acesso às operações financeiras era superficial – a visão do quadro completo ficava restrita a uma diretoria da área. Na verdade, o jurídico da Nova Láctea era um marasmo: qualquer conflito era pulverizado antes de entrar na atmosfera. Afinal, a empresa era domínio dos deuses do Olimpo.

Quando Pedro estava em São Paulo, sempre que podia, Caio lhe oferecia carona de volta para o aeroporto. Aproveitavam o tempo morto do trânsito para fazer suas reuniões com privacidade. E Caio era incondicionalmente feliz ao volante de um carro, mesmo na velocidade de uma carrocinha de pipoca (“Se tudo der errado, me realizo como taxista”, era o seu bordão).

Numa dessas, Pedro ia pegar a última ponte aérea, mas o engarrafamento próximo das nove da noite ainda era grande.

Acabaram descobrindo que a causa era uma manifestação contra a poluição do ar.

— Eles lutam pela qualidade de vida infernizando a vida alheia — resmungou Pedro.

— O trânsito de São Paulo não falha: quando não dá merda, alguém inventa uma — diagnosticou Caio.

— É isso! Porra, é isso que nós vamos fazer!

— Vamos fazer o quê, Pedro? Merda? Mais uma?

— Exatamente! Você não disse que o jurídico da Nova Láctea não tem problema pra resolver? Então: vamos criar esse problema.

Pedro perdeu o voo e convidou Caio a perder seu jantar com Carol – argumentando que namorada de espião tinha que ser compreensiva. Ligou para um amigo procurador federal e disse que precisava vê-lo.

O enunciado do plano era simples: o Ministério Público entraria com um pedido de informações sobre os empréstimos do BNF à Nova Láctea. A solicitação incluiria os chamados “créditos sigilosos”, que provavelmente haviam vitaminado a expansão vertiginosa da empresa. Caio aproveitaria o pedido do Ministério Público para tentar acessar o sistema de dados financeiros da companhia.

— Posso fazer o pedido — disse o procurador —, mas acho difícil que o Caio consiga entrar nos créditos sigilosos. Eles nem cogitam responder isso.

Quando a requisição chegou à Nova Láctea, o departamento jurídico foi orientado a montar uma planilha com os empréstimos convencionais e mandar para o Ministério Público. Caio sabia que era uma resposta burocrática, que poderia ser preparada por um funcionário novo – e conseguiu pegar para si a tarefa.

Recebeu, enfim, a senha que dava acesso ao sistema de controle das operações financeiras. Entrou, e se impressionou. A soma dos empréstimos convencionais do BNF já era uma fábula. Localizou um *link* com o nome de “área protegida” e clicou nele. “Acesso exclusivo com chave de segurança”, respondeu o sistema.

— Merda! — praguejou o espião, chamando a atenção de um colega de departamento.

— Problema aí, companheiro? Quer ajuda?

— Quero — disse Caio, num reflexo. — Como eu faço pra entrar

na área protegida?

O colega soltou uma risada:

— Só falando com Deus, parceiro.

O espião achou que já tinha dissimulado bem, e resolveu tentar fazer do limão uma limonada:

— E quem é Deus?

— Deus não existe aqui no jurídico. Só na diretoria financeira.

— É o Pokémon?

— É.

Caio sabia que Pokémon, apelido do economista Marcos Magno, ligado ao POP, era homem de confiança de Borneo. Como outros de sua geração, ele ganhara notoriedade com estudos que embelezavam as teses do partido. Era um grande adestrador de números.

Queridinho dos jornalistas, Pokémon estava entre os mais eficientes anfíbios da esquerda: para a imprensa, era um acadêmico; para o partido, um executivo. A diretoria da Nova Láctea era um prêmio justo pelos serviços prestados à causa.

De posse da senha do sistema com os endereços digitais, e do e-mail de Pokémon, só um bom *hacker* poderia dar o próximo passo. Um pirata cibernético foi recrutado pela dupla numa agência de monitoramento empresarial, e não teve dúvidas sobre o caminho a seguir: inoculou um vírus no e-mail do diretor da maior companhia do país. Com menos de vinte e quatro horas de pesquisa de dados, chegou à chave de segurança.

Reunidos diante de um computador da agência, no silêncio da madrugada paulistana, Caio, Pedro e o *hacker* quebraram as salvaguardas do sistema. Diante deles, abriu-se o mapa das operações secretas entre o BNF e a Nova Láctea.



No caminho entre seu gabinete e o plenário, Evandro Bandeira foi interceptado pelo deputado Rubinho Farina, do POP:

— Deputado Bandeira, podemos conversar sobre arrendimento?

— Nesse momento não sou a melhor pessoa pra falar disso, Farina.

Bandeira saía do POP e estava deixando claro ao ex-colega de legenda que não se arrependia de ter ficado sem partido.

Mas o jovem e robusto deputado insistiu, agora se colocando ostensivamente no caminho do dissidente:

— O passado passou, Bandeira. Quero falar sobre arrependimento futuro.

Circulava pelos corredores do Congresso que Evandro Bandeira, depois de jogar o nome de Malabares no ventilador, ia à tribuna com uma bomba contra o governo. O que Farina estava fazendo era, portanto, uma ameaça.

De posse dos dados sigilosos sobre a conexão BNF-Nova Láctea, Caio e Pedro caíram em si: a imprensa divulgaria um material obtido de forma totalmente ilegal, na base da pirataria, e sem prova documental? Com toda a vigilância exercida pelo POP sobre a mídia?

O que eles tinham eram fotos de celular da tela do computador com os dados das operações. Nem a impressão do arquivo tinha sido possível. Caio propôs que enviassem a bomba para Paulo França. Pedro discordou.

A Justiça cassara o direito da revista *Milênio* de continuar publicando a coluna de um foragido. O jornalista exilado em Londres criara então um blog – França Livre – no qual continuara batendo no governo. Pedro achava, porém, que a credibilidade dele andava abalada.

Paulo França sempre tivera certa parcialidade contra a esquerda – e agora, afastado da grande imprensa, seus textos pareciam comícios amargurados.

Foi o procurador quem sugeriu: o material pirateado poderia ser entregue a um deputado. “O mandato parlamentar é uma instituição em si, sustenta tranquilamente uma alegação como essa”, explicou.

— Você não vai me deixar passar, nobre deputado?

Rubinho Farina continuava com seus quase dois metros de altura à frente de Evandro Bandeira, que não passava do colarinho do oponente.

— Imagine, excelência. Só estou lhe dando a chance de botar a mão na consciência.

— A minha consciência não é manual, deputado. E não precisa de aditivo governamental. Agora me dá licença — encerrou Bandeira,

contornando o gigante.

O presidente da Câmara cozinhou o deputado federal pelo Rio de Janeiro ao longo de toda a sessão. Nos minutos finais, concedeu a palavra “ao deputado Evandro Bandeira, líder de si mesmo”.

O dissidente subiu à tribuna informando que não precisava de muito tempo:

— Presidente, senhoras e senhores deputados, tenho o desprazer de informá-los que o sonho acabou.

Leu as cifras bilionárias correspondentes aos créditos sigilosos do BNF para a Nova Láctea, e destacou uma informação específica:

— Nos extratos reservados a que tive acesso, nota-se uma operação casada: a cada aporte secreto do BNF corresponde, sempre na mesma data, uma transferência bancária da tesouraria da Nova Láctea em favor da sigla “AB”.

Bandeira fez uma pausa, tirou os olhos do documento que recebera de Pedro e encarou o plenário:

— AB, senhoras e senhores deputados, é Alfredo Borneo, presidente da maior empresa nacional, que dois anos e meio atrás era uma modesta fábrica de laticínios. AB é amigo do POP. AB, senhoras e senhores deputados, é o laranja de um assalto ao maior banco público do país.

A acusação desencadeou um tumulto generalizado no plenário e nas galerias. Em meio à gritaria, o deputado Evandro Bandeira foi imprensado no corredor principal por manifestantes progressistas, que o impediram de dar entrevistas.

Ainda assim, os principais sites jornalísticos deram manchete para o caso – “Deputado denuncia esquema no BNF”, “Governo acusado de usar a Nova Láctea”, “Borneo seria laranja do POP”.

Revoltado com o papel sórdido do pai de sua namorada assassinada, Pedro ligou para Borneo. Disse à secretária dele que era Marivaldo Valadares. O presidente da Nova Láctea pegou o telefone, transtornado:

— Agora você vai ter que me tirar dessa, Malabares!

— Não, Borneo. Dessa você não sai nunca mais.

— Que isso? Quem tá falando?

— Aqui é uma pessoa que sabe que a sua filha morreu acreditando na sua honestidade. Talvez assassinada pelos que te enriqueceram.

Alfredo Borneo reconheceu a voz de Pedro e desligou o telefone. Trancou a porta, abriu a janela da sua sala no décimo segundo andar e assassinou sua culpa na calçada da avenida Paulista.



— Há males que vêm para bem — filosofou Carmelo, na ala privativa do POP em São Paulo.

Galdino concordou:

— Pois é. Vocês não queriam botar o Malabares no gancho? Olha a chance aí.

— “Vocês” quem, cara pálida? Mudou de time, companheiro? — interpelou o Sombra.

— Nem de time, nem de opinião, meu querido escoteiro. Sempre falei que esse papo de Malabomba era paranoia do Guia. O Marivaldo é um maluco administrável, conheço quem fuma charuto comigo.

— O fato é que a bala que matou o Borneo acertou o Malabares — lamentou João Juvenal, com jeito de viúvo.

— Que bala, companheiro? O cidadão se jogou da janela! — corrigiu o tesoureiro.

— Dá no mesmo, Galdino, não fode! O Malabares desabou junto com ele, tá bom assim?

— Bom, não. Mas passa. Porra, suicídio totalmente desnecessário...

— Depois você nos fala sobre suicídios necessários, companheiro Galdino. Agora temos que resolver a operação da Nova Láctea — tentou organizar Carmelo.

— É disso mesmo que eu tô falando, sua besta. Que escândalo era esse? Um extratozinho pirata na mão de um deputado maconheiro... Isso é merda, ô Sombra. Uma unha encravada. Mas aí o cara se mata.

— Ficou parecendo a confissão da cagada — concordou JJ.

— Claro! Mesmo assim, não sei vocês... Eu seguraria o Malabares.

— Difícil, companheiro — manteve Carmelo. — O presidente do BNF tá na berlinda. O homem é colado no Malabares.

— Ok, Sombra. Então me responde: a gente pode usar o Sete-Quedas? Não pode. Malabares virou leproso. Eu tenho um caixa pra gerir, companheiro. Quem vai operar pra nós? Tatá gomalina?

O tesoureiro implicava com a estampa impecável de Nogueira Bastos. Dizia que, como todo advogado, a maior virtude dele era o penteado; a segunda maior, o perfume; e a terceira, o perfume do penteado. O chefe de gabinete da Presidência retrucou, sem tanta ênfase:

— Bom, a oposição tá pedindo a CPI do BNF.

— A gente neutraliza esses bundões na rua — entrou João Juvenal, agora com voz de comando. — Vou pedir um manifesto ao Zé Brasil.

O manifesto dos artistas e intelectuais em defesa do governo popular foi lançado com um show de MPB no Rio. Cada representante da nata cultural que subia ao palco soltava o brado “não vai ter golpe!”, em repúdio ao pedido de CPI para investigar o BNF, “mais uma manobra da direita para privatizar os bancos públicos”.

O manifesto ganhou a adesão de estrelas internacionais. O nome que mais impressionou Pedro, no entanto, foi o de Luana Maxwell.

No dia em que o Congresso Nacional sepultou a CPI do BNF, com festa nas ruas de todas as capitais, Pedro ligou para Luana:

— Parabéns. Você deu uma bela contribuição pro país do miserioduto.

— Meu compromisso é com a minha consciência, Pedro. Tenho uma missão, não vou me afastar dela.

— Não tem não, Luana. Seu pai tinha razão: o que você tem é um sonho idiota, que virou delírio.

— Meu pai não sabe quem eu sou, coitado.

— Não. Ninguém sabe. Nem você sabe quem você é, Luana. Eu achei que você fosse uma inocente útil. Agora acho que você é uma cínica.

— Obrigada.

— Dizem que o escândalo Nova Láctea vai pegar esse seu namorado malabarista.

— Esse ciúme colegial não passa, né?

— Cuidado que um dia ele te leva pra passear de camburão.

— Você tá torcendo por isso?

— Não. Tô trabalhando por isso.

— Boa sorte.

## Luiz Inácio Lamarca

*querida, sinto informar: o seu amado já era  
ahaha... que ideia fixa, bastos  
não é mais minha. é do PR. malabares caiu*

Luana não respondeu à última mensagem de Tatá. Ligou para Marivaldo. Ele não atendeu.

Enquanto Juvenal, Galdino e Carmelo discutiam a crise da Nova Láctea na sede do POP – e decidiam prestigiar Malabares –, o presidente decidia com Nogueira Bastos, no Palácio do Planalto, dinamitar Malabares.

Tatá levava ao Guia um diagnóstico sombrio: o BNF e a CAP enfrentavam dificuldades orçamentárias, aperto que também acometia a Esplanada dos Ministérios. A máquina pública dava sinais de exaustão.

O presidente reagiu ao seu jeito:

— Porra, Tatá. Eu já tô de saco cheio de diagnóstico! Assim eu vou te mandar pra universidade, aí você fica lá diagnosticando a merda toda. Eu quero ação, caralho!

Com esse vigoroso estímulo, Bastos montou um plano de ação ousado: a criação de um imposto novo – o PAS (Parcela de Aceleração Social).

Além de injetar dinheiro bom na máquina estatal, a estratégia permitiria eliminar a dependência do BNF e da CAP (“banco tem correntista e acionista perturbando, ministério não é de ninguém”, observou o advogado) e refazer o circuito de captação de verbas do POP. Em outras palavras, desativar os dutos de Malabares e mandá-lo passear – com jeitinho, claro.

O antídoto à possível impopularidade da medida já estava na ponta da língua de Tatá, o rei dos conceitos: imposto criado por um homem do povo não é imposto, é distribuição de renda.

O plano do advogado pegou o presidente de jeito. Fez o grande líder vislumbrar um novo ciclo para o seu governo. Não só aprovou a estratégia como resolveu montar um aval poderoso para ela:

— Tatá, você topa ser ministro da Justiça?

O convidado respondeu que missão dada por presidente não se podia recusar – tentando dissimular sua euforia. Estava oficializado o novo mandachuva do governo popular.

A ideia de Luiz Octavio Nogueira Bastos era determinar, no projeto de lei do PAS, que toda a receita com o novo imposto fosse destinada aos ministérios da área social. O presidente discordou: era melhor jogar tudo nos programas vinculados à Casa Civil – ou seja, nas mãos de Irany Schuster.

— Eu gosto da Irany porque ela não pensa — explicou o Guia. — Por isso a coisa com ela flui melhor.

O novo ministro disse que compreendia perfeitamente, e alterou o projeto.

Além de convencer o país a pagar mais um imposto sem perder a ternura, só faltava um detalhe: convencer Malabares a largar o osso sem explodir tudo.

A ligação de Luana apareceu no telefone de Marivaldo quando ele estava no Palácio. Já fora informado por Bastos de que o objetivo da conversa era “reavaliar a colaboração” dele no governo. Sua calculadora mental estava em mil operações por minuto, e tinha de acrescentar aquele dado crucial à equação: se perdesse o poder, perderia Luana.

O publicitário careca achava que sua musa estava com ele por vários motivos – mas tinha certeza de que o poder era o principal.

— Quase três anos atrás, sem te conhecer, eu disse que você era um malabarista — começou o presidente, antes de cumprimentar o operador. — Mas eu tava errado.

Olhou nos olhos de Malabares e completou:

— Você é um gênio.

Foi então até ele, deu-lhe um tapinha no rosto, como se fosse um filho, e convidou-o a sentar-se num dos confortáveis sofás do gabinete.

Mandou Rosaly trazer dois charutos (a secretária pedira para sair da Casa Civil com a chegada de Irany) e foi ao ponto:

— Companheiro Malabares, você nos vendeu um plano pra destravar o dinheiro público. Não entregou o que prometeu. Entregou muito mais que isso. Você nos ajudou a governar este país.

Malabares ficou enorme sobre o sofá, tatuando a última frase do

presidente na memória para repeti-la a Luana. E era sobre seu tamanho mesmo que a conversa passaria a versar.

— Justamente pelos seus méritos, querido, você ficou grande demais — continuou o Guia, com sinceridade. — A vida não é justa. A política é menos ainda. Os belos caminhos que você criou sem deixar rastros... Hoje são rastros de gasolina, esperando algum babaca pra riscar um fósforo. E os babacas já estão riscando.

Tatá aproveitou para riscar um fósforo amigo contra o charuto apagado do chefe. O Guia gostava que ministros e auxiliares de alta patente, babacas ou não, se preocupassem em manter seu charuto aceso e seu cinzeiro limpo.

— O que acontece é que o Borneo se apavorou. E aí, companheiro, pra mim acabou Nova Láctea. A nossa saída é lacrar aquilo tudo, sem nem um raio de luz, como uma tumba mesmo. E deixar apodrecer. Você pode achar que eu tô te tirando do governo. Mas é dessa tumba que eu tô te tirando.

— Sou grato ao senhor, presidente — devolveu Malabares, com a voz mais firme que de costume. — Não por me tirar dessa tumba. Eu não jogaria fora uma construção empresarial sem precedentes, que inclusive aniquilou Mad Max, o maior predador do país.

O Guia sempre sorria quando ouvia aquele apelido.

— Enfim, tenho que respeitar a decisão. Mas a minha gratidão, presidente, é por algo que o senhor não imagina, e eu não vou lhe dizer. Só digo que o seu governo me permitiu conquistas pessoais com que eu jamais sonhei. Ou melhor: sonhei, e tinha certeza de que eram impossíveis pra mim.

Tatá também teve uma certeza naquele momento: Malabares estava se referindo a Luana. Só não dava para captar o que a calculadora mental estava aprontando dentro da careca.

O presidente lhe dissera, habilmente, que se ele não deixasse de operar ia ser incendiado pelo tal rastro de gasolina. Em outras palavras: Malabares estava sendo convidado a não o chantagear. Aquilo podia ser meia verdade, dependendo da disposição *kamikaze* do publicitário. Ele poderia apontar o rastro de gasolina que levava ao presidente, e queimariam juntos.

Mas a calculadora estava lhe dizendo que, perdido o poder político, a segunda razão pela qual Luana estava com ele era o poder

econômico. Já estava rico, mas o seu silêncio poderia duplicar sua fortuna.

— O senhor é um homem muito discreto, presidente. Graças a isso, ninguém sabe sequer que nós nos conhecemos. Gostaria que o senhor me ajudasse a manter as coisas desse jeito.

O Guia respirou fundo e absorveu a facada: dez milhões de dólares à vista, mais uma mesada de cinquenta mil dólares até o fim do governo.

Ao sair do Palácio, Malabares escreveu a Luana:

*meu amor, vou ganhar umas férias. que tal darmos a volta ao mundo?*

A musa não respondeu. Estava ocupada lendo outra mensagem de Tatá:

*confesso: eu te queria pra enfraquecer o marivaldo*

*agora ele tá morto e enterrado, e eu vou te confessar uma coisa pior:*

*continuo te querendo*

Ela respondeu de imediato:

*as voltas que o mundo dá... estou até tonta*

O novo ministro da Justiça sorriu.



O auditório lotado da UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, tradicional reduto da esquerda – foi ao delírio quando surgiu a estrela da noite. Trazido de Paris a peso de ouro pelo POP, o economista indiano e sensação mundial Ben Radhamal saudou a plateia erguendo o punho cerrado.

A visita do *popstar* progressista era parte essencial da campanha, idealizada por Nogueira Bastos, para a aprovação do PAS, o novo imposto que o governo propunha. Autor de *Os donos do capital*, um dos livros mais vendidos do planeta – “e certamente um dos menos lidos”, provocava Paulo França –, Radhamal defendia um choque de igualdade no capitalismo.

Uma de suas receitas contra a pobreza era justamente uma taxaço maior dos ricos e da classe média.

E aquele ambiente favorável, quase festivo, com faixas e cartazes de apoio ao novo imposto – “PAS para os ricos é PAZ para os pobres”, dizia um deles –, deu a Tatá a certeza de que seu plano seria

aprovado no Congresso.

O recém-empossado ministro da Justiça decidira ir incógnito ao evento, para sentir o clima *in loco*. Sentou-se no meio da plateia, sem os indefectíveis terno e gravata, sem gel no cabelo, vestindo jeans e uma blusa de manga curta desabotoada no alto – “disfarçado de professor de História”, disse à colunista Mila Baresi, única pessoa a quem confidenciou seu impulso.

— Acho que você daria uma boa aula de marxismo — entrou na pilha Mila.

— Me tira dessa. Prefiro o Kama Sutra. Aula prática.

— Falar em cama... Você nem precisou pegar a dama do malabarista, né? O carequinha caiu de maduro.

Tatá disse que ia ter que desligar, a palestra ia começar. Mila tinha uma última fofoca:

— Terrível essa Luana, né? O namorado mal perdeu o posto e ela já pulou fora.

Bastos não queria mais desligar o telefone:

— Como você sabe? A Luana tá sozinha?

— Não. Parece que voltou pro Beto Leal.

— Quem te disse isso?

— Uma fonte.

— Porra, Mila, não fode! Você viu os dois juntos?

— Ih... O ministro da Justiça resolveu querer a bonequinha de luxo? Isso não era uma tática?

Tatá desligou na cara de Mila. Ela não imaginava que o assunto fosse mobilizá-lo tanto e enviou uma mensagem:

*sorry, querido. claro q te dou a fonte. quem me falou foi o próprio beto. tô dando essa nota amanhã. boa palestra!*

O ministro disfarçado leu a mensagem, abandonou seu lugar na plateia e desistiu da palestra.

Cristal estava tão ocupada com a organização da militância no auditório que não viu o “professor de História” – com quem ela já tivera aulas práticas – passando ao seu lado, rumo à saída. Boa parte da plateia era composta pela tropa do deputado Fred Fraga, que tinha na UERJ uma forte base eleitoral.

Após uma hora e meia de dissertação, Ben Radhamal anunciou a abertura da sessão para perguntas, “como convém ao debate

democrático”.

O primeiro inscrito recebeu o microfone na plateia e apresentou-se: Luiz Inácio Lamarca, estudante de Filosofia.

— A minha pergunta é simples, professor Radhamal. E se refere à realidade brasileira: o senhor está a par do escândalo no BNF?

O tema provocou mal-estar no recinto, e integrantes da claque ensaiaram uma vaia. Cristal puxou Fraga:

— Luiz Inácio porra nenhuma! Esse garoto é o Caio, advogado do Bob Maxwell!

— Filho da puta... — rosnou Fraga.

O palestrante respondeu que o assunto abordado era “muito específico” e disse considerar a pergunta “descabida”. Caio devolveu:

— Professor Radhamal, existe pergunta descabida num debate democrático?

Apareceram os primeiros xingamentos e gritos de “cala a boca”. “Luiz Inácio” prosseguiu:

— Se o senhor me der o privilégio de responder à minha pergunta descabida, eu gostaria de saber sua opinião sobre um governo popular que esfola as entidades estatais do país.

As vaias tomaram o auditório. Caio começou a ser alvo de bolinhas de papel.

Ben Radhamal respondeu que a ação do governo brasileiro contra a pobreza era reconhecida pela ONU e pediu à organização que passassem à próxima pergunta.

Caio segurou firme o microfone e disparou uma última questão:

— Como um imposto novo, que vai jogar mais dinheiro da sociedade numa máquina fisiológica e voraz, pode ser capaz de reduzir a pobreza, e não aumentá-la?

Logo após ser alvejado por um tomate, o jovem advogado teve o microfone arrancado de sua mão por Sheik. O gigante agarrou-o pelo braço e puxou-o da cadeira:

— Vem comigo, companheiro. Se tu quer falar sozinho, vai falar lá fora.

A plateia vibrou com a intervenção de Sheik como se fosse um gol. No trajeto em direção à saída, as hostilidades se multiplicaram. Do lado de fora, Sheik deu a ordem derradeira:

— Some, otário! E não sai mais sozinho da casa da mamãe, que é perigoso.

Caio deu alguns passos e virou-se para Sheik:

— Valeu o toque, você é muito gentil. Aliás, o Capone me falou que você encagaçado é uma dama.

O ativista arrancou a mochila das mãos de Bakunin, que vinha logo atrás, acendeu um rojão e apontou para Caio. O disparo derrubou-o como um dominó.

Os ativistas voltaram correndo para o auditório, deixando a vítima no chão, com o rosto ensanguentado.

## Te ouvi no rádio

O ministro da Justiça, Nogueira Bastos, telefonou para o presidente da República pedindo a cabeça do ministro da Cidadania, Beto Leal. O presidente atendeu ao pedido tranquilamente, como se estivesse limpando um camarão.

Ao saber que Malabares caíra em desgraça, Beto convidara Luana para almoçar. Disse a ela que, com a extinção do Comitê Executivo comandado pelo operador, a deliberação das verbas para as ONGs passaria para o seu ministério. No almoço, Luana confirmou que pusera um fim – agora de fato – no caso com Malabares.

A jornalista Mila Baresi viu os dois juntos no Piantella e ligou depois para o ministro bonito. Desde que ouvira de Bruna, a ex-aluna e garota de programa, a tese sobre a dupla personalidade de Luana, Beto ficara obcecado: queria provar o veneno da sua ex-romântica. Resolveu plantar a nota do flerte na coluna da *Tribuna*.

Plantou sua demissão.

Quando leu a nota de Mila Baresi, Malabares entendeu por que sua musa não o atendia mais. Pensou em contratar um pistoleiro para acabar com Beto. Não teve coragem.

No dia seguinte, embarcando para Belo Horizonte no aeroporto de Brasília, deu de cara com o ex-amigo na fila do raio X.

— Vou te matar, Desleal filho da puta! — gritou Malabares, largando a mochila no chão.

Ante o olhar atônito dos passageiros, o publicitário careca avançou contra Beto e deu-lhe um murro na cara. A vítima não se moveu um milímetro, e o agressor fraturou a mão. Mesmo assim continuou no ataque e conseguiu empurrar o oponente sobre a esteira de raio X. A segurança do aeroporto os deteve.

Sentando ao lado de Beto na sala da Polícia Federal, enquanto esperavam para ser interrogados, Malabares ficou sabendo que ele acabara de ser demitido do Ministério. E que não estava com Luana.

— Desculpe, cara.

— Tudo bem. Melhor você botar um gelo nessa mão mole, tá inchando.

- Obrigado.
- Tá indo pra BH?
- Tô.
- O que você vai fazer?
- Visitar minha mãe.
- Não, perguntei o que você vai fazer da vida.
- Não sei. Tô rico. Talvez me candidate a deputado.
- Legal.
- E você?
- Não tô rico. Não quero voltar a dar aula.
- Vai ter que pedir emprego pra Luana na tua ONG.



Luana constatou que o repasse mensal do governo para a Resgate estava atrasado. Malabares não era mais o homem do dinheiro, e ela não sabia a quem se reportar. Ligou para o presidente da República.

O Guia lhe disse que “a coordenação das parcerias” estava agora com “o dr. Bastos”. A presidente da ONG ligou para Tatá.

— Que coisa chata, querida. Mas fica tranquila. Deve ter sido um erro, vou resolver.

— Bastos, você reteve a verba da Resgate pra me mostrar que agora manda em tudo?

— Sim.

Ela deu os parabéns ao ministro e disse que queria uma audiência para apresentar seu novo projeto de “cotas trabalhistas para vítimas de regimes autoritários”.

— Audiência ou jantar? — arriscou Tatá.

— Acho que jantar rende mais, né? — embarcou Luana.

Mila recebeu um telefonema agradecido:

— Você sempre me ajuda nas horas difíceis, meu amor.

— Ajudo quem me ajuda, Tatazinho.

No dia seguinte, a coluna de Mila Baresi publicava uma nota sobre o atentado contra Caio Fontoura na UERJ. O jovem estava no CTI e não corria risco de vida, mas talvez perdesse o olho esquerdo. A repercussão do caso estava arranhando a campanha pelo novo imposto – criticado por Caio minutos antes de ser atingido.

A colunista escrevia que, segundo uma fonte palaciana, Caio fora infiltrado pela oposição na palestra de Ben Radhamal “para tumultuar o debate sobre o PAS” – tanto que se apresentara com nome falso.

“A direita está em busca de um cadáver para tentar virar a mesa”, acusava a fonte.

A tese da conspiração conservadora se espalhou, e o episódio envolvendo Caio acabou fortalecendo o apoio da opinião pública à criação da Parcela de Aceleração Social – o imposto progressista. A sociedade parecia disposta a ser taxada em meio por cento de todas as suas movimentações financeiras para reforçar o combate à pobreza.

— O que é meio por cento, gente? A pessoa nem sente isso! Quem chora por migalha é burguês — declarou a ministra da Saúde, Maria Rosa, que estava disputando parte da arrecadação para sua pasta.

A declaração foi um desastre. O sentimento da população era de que o novo imposto seria um sacrifício pelo país, não uma migalha. Antes que o vento político virasse, o presidente chamou Maria Rosa ao seu gabinete.

A ministra se revoltou com o convite para retomar seu mandato de deputada. Disse que tinha vencido uma epidemia. O presidente então lembrou que havia toneladas de pílulas de vinagre encalhadas:

— De fato a epidemia está sob controle, companheira. Se você me contar agora como consegui isso, eu desisto da reeleição e te lanço candidata a presidente.

O Guia entregou a cabeça de Maria Rosa para salvar o PAS – e salvou.

Ainda internado, Caio leu a notícia – agora com um olho só – da aprovação do imposto pelo Congresso Nacional. Decidiu então dar alta a si mesmo e pediu a Carol que anunciasse em seu canal no YouTube, uma hora antes, sua saída do hospital.

No horário programado, o paciente saiu do quarto a pretexto de caminhar pelos corredores e fugiu.

Na porta da Clínica São Vicente, um punhado de jornalistas aguardava a vítima do atentado na UERJ (acusado de agente conspiratório) para sua primeira entrevista. Com um curativo em lugar do olho perdido para o rojão de Sheik, ele surgiu acompanhado de Carol e cumprimentou os repórteres de forma peculiar:

— Oi, pessoal. Eu sou o cadáver da direita. Como vocês podem ver, um cadáver fracassado, que anda, fala e até enxerga.

A primeira pergunta veio de Villa Konder, da *Tribuna do Poder*:

— Você se apresentou ao professor Radhamal como Luiz Inácio Lamarca. Esse nome falso é homenagem a alguém?

— Sim, é uma homenagem aos jornalistas de aluguel — devolveu Caio.

Carol riu e levou um olhar repressor do namorado, a quem prometera se comportar.

— Você pode revelar quem te infiltrou no debate do PAS? — prosseguiu Konder, ignorando a farpa.

— Fui infiltrado pela minha curiosidade. Queria ver ao vivo esse incrível casamento da bondade com a boçalidade. Saí com um olho a menos.

— Valeu a pena?

— Não. Pior que entrar em campo de guerra é invadir conto de fadas.

— Como assim, querido?

— No conto de fadas, se você olha o que não pode ser visto, já era. Você perde o olho, mas eles não perdem o encanto.

— Que encanto? Fala mais claro — espremeu a repórter Susan Cândido, da rádio NCB.

— Se você se veste de fada, Susan, você é uma fada?

— Infelizmente não.

— Ok. Mas se o seu público resolver acreditar que é, você vai poder fazer a bruxaria que quiser, sem perder a doçura.

— A oposição resolveu acreditar em bruxa? — cutucou Konder.

— Não sei. Eu acredito em coitado profissional.

“Cara chato”, sussurrou a repórter do site *Celebridade.com*, que estava ali só esperando para entrevistar Carol, impaciente com a linguagem figurada de Caio.

— Chefe, tá aqui na pauta que você ia falar do governo — interveio o repórter da revista *Capital da Corte* (bancada pela CAP), tentando retomar a tese do agente infiltrado.

— É do governo mesmo que eu tô falando — respondeu Caio. — Governo de uma gente cada vez mais poderosa, rica e coitada. É o crime perfeito. Estamos sob o Império do Oprimido.



A imprensa noticiou de forma discreta a saída de Caio do hospital, confirmando que o acidente o deixara com parcial deficiência visual. Ele acusara os militantes ligados ao deputado Fraga pelo disparo, mas, como não havia testemunhas, nem sequer fora instaurado inquérito.

A *Tribuna* deu uma pequena matéria com o título “Jovem ferido nega ser agente da oposição”, enquanto a *Capital da Corte* publicou um perfil de Caio com uma foto do seu rosto cheio de esparadrapos e o título “A nova cara da elite branca”.

O *Celebridade.com* tratou-o como “o namorado da ex-Shakira” e veiculou uma rápida entrevista em vídeo com Carol, na qual ela imitava a ministra demitida Maria Rosa falando do novo imposto: “Relaxa e goza, gente! Quer dizer: se der, né? Porque meio por cento não faz nem cosquinha...”.

Na rádio NCB, Susan Cândido puxou por um ângulo diferente: “Jovem advogado que perdeu um olho acusa militantes de esquerda pelo atentado”. Já a matéria dava espaço para a crítica política de Caio, destacando sua fala sobre “o casamento da bondade com a boçalidade” nos métodos supostamente progressistas.

Luana Maxwell ligou o rádio do carro quase no fim da reportagem, quando estava sendo reproduzida a última fala do entrevistado: “Estamos sob o Império do Oprimido”.

Parou o carro, conseguiu o telefone de Caio no escritório de advocacia que atendia seu pai e ligou para ele:

— Oi, é Luana. Preciso te encontrar. Urgente.

## O Triângulo das Bermudas Vermelhas

Caio e Carol voltaram para São Paulo sob tensão. Além das sequelas físicas e psicológicas do atentado, havia um clima de desconfiança entre eles.

Quando Luana telefonou, o casal estava junto – e ele não disfarçou quem era, até porque não dava. O motivo do telefonema era pior ainda, considerando-se a repulsa que a ex-Shakira tinha pela presidente da Resgate: propunha um encontro com Caio no apartamento dela, em Ipanema, imediatamente.

Carol disse que o namorado só ia sobre o seu cadáver. E tudo o que era drástico e radical, em se tratando da youtuber, podia não ser linguagem figurada.

Quando Luana replicou o vídeo em que Carol anunciava sua cura da febre do ácaro, esculhambando o governo, Caio ficou intrigado. Mandou-lhe uma mensagem de agradecimento e recebeu uma resposta gentil. Carol descobriu e já estava quase estapeando o namorado quando ele a convenceu de que fora o talento dela que quebrara a barreira ideológica – mais nada.

A conduta de Luana após a separação de Beto, adotando uma espécie de vale-tudo pelo poder, a ponto de namorar Malabares, não surpreendera Carol – que já a chamara de “víbora” antes da mudança de atitude. Caio também considerava Luana pouco confiável. Por outro lado, era influenciado por Pedro, que garantia tratar-se da pessoa “mais reta” que ele já conhecera, apenas sofrendo distúrbios emocionais. Ultimamente, porém, até Pedro desistira de respeitá-la.

Caio dissera a Carol que não tinha motivos para ir ao encontro de Luana. Mas saíra dizendo que tinha uma revisão médica, sem deixar a namorada acompanhá-lo – alegando que ela já perdera muito tempo com aquela novela.

— Você encontrou a Luana — afirmou Carol, na poltrona do avião.

— Não encontrei.

— É uma mulher que seduz pra chantagear.

— Problema dela.

— Se você tiver encontrado ela, o problema é nosso. Problemão.

Mais nervoso que o habitual, Caio disse que não cobrava a namorada com esse rigor quando ela trocava mensagens carinhosas com Paulo França.

— Porra, o cara tem quase sessenta anos, Caio. Que escroto você falar isso.

— Usei a palavra errada: não é carinho, é sedução. Você é fã dele, e mulher tem mania de misturar admiração com tesão.

— Tá bom. Ele é um tesão, sim. Um homem incrível. Mas nunca fui me encontrar sozinha com ele, nem ele me convidaria. Você tá querendo fugir do assunto. Aliás, você tá bem estranho.

— Eu sei. Caolho, né? Eu também tô me achando estranho.

A tirada pesada de Caio encerrou a conversa.

Chegando em casa, ele esperou Carol dormir e ligou para Susan Cândido, da NCB. A repórter também estava dormindo, mas atendeu.

Caio disse a ela que tinha uma revelação importante e só falaria na rádio. Susan estava em Brasília e disse que passaria o assunto na manhã seguinte para o chefe, Luiz Goldenberg, em São Paulo.

Pedro se encontrou com seu ex-estagiário na porta da emissora. Goldenberg os recebeu numa sala de reuniões, dizendo que sentia muito pelo atentado. E foi perguntando que bons ventos jornalísticos os traziam.

— Não sei se são bons, mas são fortes — disse Caio, visivelmente nervoso e suando apesar do ar-condicionado gelado.

— Vento forte é bom que varre a sujeira — completou o âncora, já emendando: — E o que você tem aí pra gente?

— Não posso dizer.

Nem Pedro entendeu a resposta.

— Desculpe, Goldenberg. Só topo falar ao vivo. Tenho medo de que você recue.

O âncora tinha destacado a matéria de Susan. Achava interessante a provocação de Caio com a ideia de um “Império do Oprimido”, para criticar a hegemonia demagógica da esquerda. Depois de questionar o indiano Radhamal sobre a questão do imposto — e de pagar caro por isso — o jovem advogado definitivamente se tornara um personagem.

— Não precisa se desculpar. Você é atrevido, e pra nós atrevimento é bom. Quero te botar no ar, mas preciso pelo menos de

uma pista. No escuro total não dá.

— Fui eu quem descobriu os créditos secretos do BNF à Nova Láctea, que o deputado Evandro Bandeira divulgou. Essa é, digamos, a minha área de interesse.

Goldenberg confirmou sua expectativa: Caio tinha alguma informação sobre o governo. E o precedente do caso Nova Láctea mostrava que leviano ele não era. Resolveu bancar.

O âncora informou que ainda dava tempo de entrarem ao vivo na hora do almoço, quando a rádio tinha seu pico de audiência. Caio pediu autorização para que Pedro ficasse no estúdio ao lado dele. Foi atendido.

A entrevista foi aberta de maneira direta, como era o estilo de Goldenberg:

— Estamos no estúdio com Caio Fontoura, o advogado de vinte e três anos que foi ferido por um rojão ao sair da palestra de Ben Radhamal, no Rio de Janeiro. Boa tarde, Caio. Como foi o incidente que te tornou deficiente visual?

— Boa tarde, Goldenberg. Não me tornei um deficiente visual. Fiquei cego. Mais precisamente, caolho. Vamos chamar as coisas pelo nome uma vez na vida, só pra variar.

A expressão “Caio Caolho” começou a se espalhar pelas redes. Só assim Carol descobriu que o namorado estava sendo entrevistado no rádio. Sintonzou a NCB.

— O incidente não foi um incidente. Foi um atentado. Fui a um debate político sem saber que era um culto religioso.

— Como assim?

— Quem não reza pela cartilha do POP hoje é pecador. A esquerda está repetindo a famigerada frase do general Figueiredo: quem for contra a democracia, eles prendem e arrebatam. A democracia deles, claro.

— Que cartilha é essa?

— Na verdade, nem existe cartilha. É um verniz. O país deveria saber o que se passa por trás desse verniz.

— Você tem ideia do que se passa?

— Ideia, não. Informação.

— O microfone é todo seu.

Na tela do celular de Caio, surgiu uma mensagem de Carol: “Estou

curiosa”. Era seu jeito sutil de dizer “você me enganou”. O entrevistado ficou ainda mais nervoso, mas foi em frente:

— Goldenberg, o jornalista Paulo França, exilado em Londres, criou a expressão “miserioduto” pra acusar o governo de montar um caixa paralelo e comprar deputados. Eu tenho evidências de que esse dinheiro foi roubado do contribuinte.

— É uma acusação grave.

— Minha fonte é sócia do governo.

— Você pode nos dizer quem é?

— Não. Mas vou contar o que ela me contou.

Nova mensagem de Carol: “Se não me revelar a fonte, não entra em casa”. Caio respirou fundo e disparou sua bala de prata:

— Existe um esquema subterrâneo para drenar dinheiro público para o cofre do POP. Uma das formas é a triangulação com ONGs. Um operador monta os convênios sociais, passa a verba por dentro da ONG e despeja o dinheiro limpinho no cofre do partido.

— Você pode provar o que está dizendo?

Pedro passou rapidamente um bilhete a Caio, que leu e respondeu:

— Não posso provar agora, mas sei o que estou falando. Desafio o governo a contratar uma auditoria independente para devassar as maiores ONGs do país. As provas da minha denúncia estão nessa caixa-preta.

— Sua fonte lhe falou o nome de alguma ONG suspeita?

Pedro passou outro bilhete.

— Sim. A maior de todas: Resgate.



Quando o telefone de Luana tocou, ela já sabia que era da NCB. Estava ouvindo a entrevista – e o âncora dissera no ar que a produção ia tentar contato com a presidente da Resgate, “para ouvir o outro lado”.

Ela aceitou entrar ao vivo. Goldenberg repetiu a denúncia envolvendo a ONG dirigida por ela. Luana respondeu com tranquilidade:

— Goldenberg, esse rapaz é um leviano. Até me admira a NCB dar espaço pra golpista.

Caio e Pedro se entreolharam chocados. Luana prosseguiu:

— As contas da Resgate estão à disposição de quem quiser averiguá-las. É uma entidade reconhecida pela ONU na defesa das minorias. As elites não se conformam com o resgate social. Eu sei, porque vim de lá.

Carol mandou a última mensagem: “Que mico, hein, Caio? Te falei pra não se meter com a víbora. Agora é comigo que você não vai mais se meter. Acabou”.



Alex Sander escreveu uma mensagem para João Juvenal: “Acendeu a luz amarela”. Ele se referia ao rápido contágio na mídia da denúncia de Caio Caolho sobre a triangulação governo-ONGs-partido. A negativa formal da Resgate não impedira que a suspeita se alastrasse.

— Fogo de palha, Sander — respondeu Juvenal por telefone. — O que tá pegando aí é mais a novelinha do cegueta do que a denúncia em si. Mais um personagem que a mídia inventa pra nos pentelhar e vender jornal.

Enquanto o ministro Nogueira Bastos tocava o governo, JJ estava tocando a reeleição presidencial.

— Não sei não, ministro — quem tinha juízo continuava chamando Juvenal de ministro. — Estamos a um ano da eleição. Voltaram a falar em miserioduto. Tô preocupado.

— Relaxa, companheiro. Nova Láctea deu em quê? Nada. Sal da Terra? Porra nenhuma. Até o Mad Max alguém vazou, e saiu na urina. Aliás, como vaza coisa neste governo, puta que pariu.

O estado-maior do POP confiava no povo. Uma denúncia grave como a das negociatas no BNF tinha sido neutralizada por uma bela campanha progressista, com manifesto e tudo. O país vestira a camisa até de imposto, para ajudar o governo popular. “Esse palácio tá imunizado!”, festejara o presidente, ao ver a última crise morrer na praia.

Dessa vez a palha estava demorando a queimar. A acusação de Caio parecia ter tocado num ponto delicado para um governo progressista: o desvio de verbas sociais. Por isso o termo “miserioduto” voltara com tanta força.

Um homem em sintonia com seu tempo, Luizinho Sete-Quedas captou a polêmica envolvendo as ONGs e resolveu mandar novo mimo para Paulo França.

Pela primeira vez na vida, o empresário da contravenção montou um dossiê verdadeiro, contando a história da Pátria Minha. “Eu sou o pai da Bolsa Refugiado” era uma frase um tanto bizarra para se ouvir de um bicheiro, e o jornalista exilado escreveu a coluna mais contundente de sua carreira.

Apesar de andar um tanto marginalizado com seu blog amargo, França voltou a repercutir. No texto “O Triângulo das Bermudas Vermelhas”, referência à tal triangulação denunciada por Caio, ele disparava: “Entenda onde o seu dinheiro está sumindo”.

Paulo França fora o primeiro a falar em miserioduto e isso agora lhe conferia uma autoridade especial. Citou a suspeita contra a Resgate, revelou como “o drama dos refugiados” virava cifra através da Pátria Minha – “uma ONGG: organização não governamental do governo” – e concluía: “Ser filiado ao POP é padecer no paraíso. Como sofre, essa gente milionária. Caio Caolho fez o resumo definitivo: é o Império do Oprimido”.

O petardo teve duas consequências imediatas: a oposição pediu a criação da CPI das ONGs, e o governo empurrou a Justiça para sentenciar o jornalista à revelia.

Paulo França foi condenado a um pagamento de cinco milhões de reais. E passou a enfrentar um processo de extradição.

No meio do maremoto, surgiu uma terceira consequência: um e-mail de Carol, dizendo ao jornalista que se separara de Caio e estava indo visitá-lo em Londres.

Ainda hospedado na casa de Bob Maxwell, França teve que abrir o jogo com ele. Afinal, ia baixar lá uma garota de vinte e um anos com intenções infernais. Bob lamentou por Caio – “perdeu o olho e a namorada” –, mas disse que Carol era livre para governar sua vida:

— Ela é maior de idade, faz o que achar que deve. Mas você, Paulo, é *bem* maior de idade. Cuidado com essa alegria toda.

O jornalista não riu. Maxwell convidou-o para tomar um vinho, notando sua tensão. França não era de se queixar, mas a certa altura confessou: desde sua condenação, não conseguira mais dormir direito. Estava atormentado.

Carol chegou a Londres no fim do outono europeu, e o volume de sua bagagem mostrava que ela estava preparada para o inverno. Trazia ainda os equipamentos básicos para tocar seu canal no YouTube.

Foi o próprio ex-magnata Bob Maxwell quem abriu a porta. A expressão dele não estava nada simpática, e Carol já foi se desculpando pelo tamanho da bagagem. Mas o problema não era esse.

De madrugada, Paulo França sofrera um infarto fulminante.

## Diga ao povo que fique

As manobras do governo para impedir mais uma CPI estavam indo bem, quando chegou a notícia da morte de Paulo França.

O jornalista exilado se tornara símbolo das críticas ao governo, que pela primeira vez pareciam não ser fogo de palha. A crise econômica começava a apertar o bolso do cidadão. E a suspeita de que isso pudesse ter a ver com desvio de dinheiro público estava mudando o humor do país.

O cientista político Carlos Felipe Alencar apresentou ao presidente uma pesquisa constatando “uma leve oscilação negativa” na avaliação do governo. Mas acrescentou que a confiança na pessoa do presidente permanecia inalterada. Por isso recomendava que ele fosse mais agressivo:

— Porrada neles, presidente! Pode até dizer que Paulo França é o cadáver que a direita tanto desejava. O senhor vira o jogo desse luto na hora, porra!

— Sei.

— Posso passar a pesquisa pro blog do Andorinha, ou então não divulgo nada. O senhor é que sabe.

— Ok.

— Certo, presidente... Faça o que então com a pesquisa?

— Enfia no cu.

O deputado Evandro Bandeira sentiu a virada do vento e fez um discurso duro contra o governo na Câmara. Disse que Paulo França tivera uma morte anunciada – por perseguição judicial, financeira e moral:

— Se este Congresso decidir não investigar o miserioduto, será cúmplice do crime político que matou Paulo França.

A CPI das ONGs, enfim, foi criada. E convocou de saída a presidente da maior delas, Luana Maxwell.



Aos trinta e dois anos, Pedro Sampaio deixou de ser advogado de Bob Maxwell. O grupo hoteleiro do ex-magnata fora vendido para outra empresa chinesa, passando a se chamar Rede Brasil – e contratara um escritório de advocacia indicado por João Juvenal. Pedro ligou para Bob, mas não foi atendido.

Precisava dizer ao empresário que continuaria advogando para ele pessoalmente, mesmo sem remuneração. E queria propor-lhe uma ação para a CPI.

Bob entrara em depressão com a morte de Paulo França e não saía mais do quarto. Quisera ser gentil com Carol, dizendo-lhe que poderia ficar na casa dele enquanto decidia para onde ir. Ela levou a gentileza ao pé da letra e se instalara. Pedro pensou em tentar contato com Maxwell através dela, mas achou melhor consultar Caio antes.

— Claro! — consentiu o agora célebre Caolho. — Liga pra viúva do França sim. Aproveita e manda os meus sentimentos por ela ter se atrasado um pouquinho.

O plano de Pedro era mais político que jurídico. Consistia em propor a Bob que gravasse um depoimento em vídeo para ser enviado aos parlamentares. O empresário era amigo do mártir da Comissão Parlamentar de Inquérito e pai da primeira interrogada (e uma das principais investigadas). Sua mensagem seria sucinta:

“Perdi minha empresa, minha família e meu país. Essa CPI só tem duas opções: ou comprova ao menos um dos crimes de que fui acusado, ou revela a conspiração que me destruiu.”

A ex-Shakira disse que a ideia era “do caralho, em parte” (para ela, tudo era muito e nada era tudo):

— Você é um gênio, Pedro. Mas não vamos mandar pra porra de deputado nenhum. Vamos botar no meu canal e bombar no Brasil inteiro.

O advogado concordou, e Carol foi bater no quarto do empresário.

Dez minutos depois, o próprio Bob ligou para Pedro:

— Querido, não vou gravar nada. Não interfira na vida da Luana quando ela era a acusadora. Também não vou interferir agora que ela é a acusada.



O ministro Nogueira Bastos foi avisado de que Luana Maxwell estava na linha. Mandou dizer que não podia falar.

Tatá andava irritado com a conduta enigmática dela, que estava no papo, mas não estava. Luana mantinha o clima de flerte, só que ia adiando o prometido jantar. Isso até aumentava a excitação dele. Mas nunca se arrastara por mulher nenhuma, então era hora de dar uma dificultada.

Depois de telefonar mais duas vezes, ela enviou uma mensagem.

*preciso te ver*

Ele não respondeu.

*fui convocada pela CPI*

*eu soube. boa sorte*

*desculpe, essas denúncias idiotas têm tomado meu tempo*

*imagino*

*tô em Brasília semana que vem. almoça comigo?*

*opa! nosso jantar já virou almoço? não seria melhor um lanche na padaria?*

*vou querer um jantar de gala depois da CPI. agora preciso de ajuda*

Tatá desativou o jogo duro e fechou negócio: almoço antes, jantar depois.

Sorte no amor, azar no jogo: mal terminou a troca de mensagens com Luana, o ministro recebeu a pior notícia dos últimos tempos. A Justiça mandara suspender a cobrança do PAS.

Na maré negativa da opinião pública, havia até críticas ao novo imposto, mas ninguém no governo tinha conhecimento de ações judiciais pedindo a interrupção da cobrança. Tatá ligou para o presidente. Não foi atendido. O Guia estava em reunião fechada com João Juvenal e Galdino Silva.

O assunto da cúpula do POP no gabinete presidencial era o Malabomba. Desde que as denúncias sobre o miserioduto tinham se intensificado, Galdino passara a receber telefonemas e mensagens de Marivaldo, dizendo que não estava “se sentindo bem”. PhD em comunicação extorsiva, o tesoureiro foi logo avisando a Juvenal:

— Malabares quer aumento de mesada.

Em termos de mercado, a reivindicação fazia sentido, calculou JJ: governo sob pressão, silêncio mais caro. A chantagem era justa, e foi aceita. Mas veio nova reivindicação.

No que a CPI das ONGs foi instalada, Malabares passou a exigir uma audiência com o presidente, que não atendia mais suas ligações. “Prefiro conversar com o Guia que com os deputados da CPI” – foi como o ex-operador avisou que, se não ocorresse uma coisa, ocorreria a outra.

A reunião no gabinete presidencial estava nesse ponto quando Carmelo chegou com a notícia da suspensão do PAS. O presidente encerrou a conversa, mandou seus auxiliares marcarem logo a audiência com Malabares e foi cuidar da crise do imposto.

De saída, pediu ao Sombra para ir avisando a Tatá que, se ele não resolvesse logo “aquela merda”, podia ir arrumando suas gavetas. A tarefa seguinte do chefe de gabinete era ligar para o líder do POP no Primeiro Tribunal, Luiz Arthur Lombroso, e perguntar se as férias dele estavam boas.

— E cadê o Raul Tedesco?! Cadê o Alberto Barbeiro?! Esses juízes nossos servem pra quê?! Pra tomar bola nas costas eu botava lá a defesa do Palmeiras, porra!

A liminar suspendendo a cobrança da Parcela de Aceleração Social fora concedida por um juiz de Minas Gerais à Associação dos Empreendedores Cibernéticos da Mantiqueira. A entidade tinha um único e secreto empreendedor: Marivaldo Valadares.

O operador aposentado contratara o advogado desempregado Beto Leal para fazer a petição. Que não precisava ser boa, porque o juiz fora contratado também.

Malabares sabia que a liminar seria cassada. Mas sua estratégia tivera êxito imediato: botar o PAS (e Tatá) na berlinda, tumultuando um pouco mais o governo antes de sua ida ao Palácio.

No momento mais delicado do seu mandato, o presidente parou sua agenda frenética para receber seu ex-operador.

Com expressão tranquila, o Guia foi logo oferecendo charuto e dizendo que estava com saudade. Era um craque. Malabares fez a sua parte, dizendo que, mesmo afastado, nunca parava de pensar em como ajudar o governo.

— Fiquei preocupado com esse problema aí no imposto novo, presidente.

— Obrigado, querido. Já estamos resolvendo.

— Imagino. Mas me permita uma opinião: esse sistema me parece

vulnerável.

Em negociações, o Guia gostava de esperar o interlocutor dar as voltas que quisesse antes de se manifestar. Mas agora ele tinha uma CPI para enterrar e uma fortuna para desbloquear:

— Meu malabarista genial, outro dia a gente bate papo, ok? Te convido pra pescar. Me fala logo o que você quer.

— Não quero nada, presidente.

O enigma do publicitário careca ficou no ar. Os dois chuparam seus charutos. O visitante prosseguiu em meio à fumaça:

— Não vim pedir. Vim oferecer.



Com o esvaziamento do esquema Nova Láctea pelo alto-comando do POP, Caio deu por encerrada sua missão e se demitiu da empresa. Pedro convidou-o para voltar ao escritório de advocacia, mas ele estava disposto a iniciar um negócio próprio. Ia capitalizar a notoriedade trazida por seu acidente e suas denúncias.

— Abre uma consultoria — sugeriu Pedro.

— Não. Consultoria, ONG... Isso é coisa de engana-trouxa. Não quero ser Beto Leal na vida.

Pedro tinha um discreto prazer com qualquer referência ao fracasso do seu ex-rival amoroso:

— É, faz sentido. Qual será então o grande empreendimento de Caio Caolho?

— Tô querendo montar um escritório de inteligência.

— Gostou da vida de espião... Porra, Caio. Meio sombrio isso aí, não acha?

— Te contrato se você prometer não se meter mais com bicheiro.

Pedro admitiu que o “cala a boca” do amigo fora certo, e prometeu pensar no caso. Passaram então a tratar da CPI. Caio decidira ir para Brasília colaborar com as investigações, já como profissional de informação.

Conseguira convite do deputado Evandro Bandeira para assistir ao interrogatório de Luana. Estava resolvido a confrontá-la, revelando as informações que ela lhe passara em *off* e depois negara no rádio. Pedro também continuaria colaborando, como advogado voluntário

de Maxwell, mas arranjara uma desculpa para não ir a Brasília.

Não queria ver Luana no paredão.

Caio estava levando um presentinho para o deputado Bandeira apresentar na CPI. Tratava-se de um levantamento que fizera a partir de mais uma sugestão de Pedro, a quem agradeceu ao seu jeito: “Cara, você tem alma de espião! Só é um pouco medroso...”.

Era um relatório com a evolução patrimonial de Marivaldo Valadares (apenas a parte declarada). Em três anos, as posses do “consultor da República” haviam se multiplicado por trinta.



— Uma coisa é operar um dinheiro no escurinho do orçamento estatal. Ali eu faço a minha literatura, desenho os meus contratos. Um trabalho de criatividade — explicou Malabares, em seu tradicional zumbido didático. — Mas imposto é outra coisa, presidente.

O publicitário dissera que não fora ao Palácio pedir nada, mas continuava dando suas voltas. Basicamente, bombardeando o PAS, que ele pusera na berlinda:

— Imposto é complicado: um dinheiro que todo mundo vê entrando, sabe quanto entrou, chama pelo nome.

Sua tese era de que a nova operação do caixa político, baseada na arrecadação do imposto, tendia a “virar uma camisa de força”. O Guia acompanhava atento, já com receio de que Malabares fizesse sentido, o que era sempre perigoso.

O ex-operador alertava que logo os estudiosos de contas públicas estariam cruzando o meio por cento das movimentações financeiras — receita do PAS — com as execuções dos programas vinculados à Casa Civil:

— Vai ser um rolo montar tanta saída oficial pra esse dinheiro, presidente. Vai por mim.

Indo por ele, o governo tinha virado réu numa CPI. Mas o novo alerta infelizmente fazia sentido. O Guia não passou recibo:

— Bom, você disse que tinha vindo oferecer alguma coisa. Até agora eu só ouvi história triste.

Malabares pôs então suas novas cartas na mesa. Era um sistema que ele chamou de “Bônus Eleitoral”:

— É pra acabar com o caixa dois, presidente. Uma empreiteira interessada em contrato na área do petróleo, por exemplo: vai lá e faz uma doação legal pro partido. Tudo certinho, sem ONG, sem governo. Entendeu? Aí acabou a patrulha.

Antes de o Guia responder que tinha entendido, o publicitário apresentava a próxima fotografia: sondara “alguns gigantes do setor”, tendo em vista a campanha da reeleição, e encontrara “enorme receptividade”.

— Sua ideia é boa, Malabares. Vamos voltar a conversar. Não precisa falar com os meninos, eu mesmo vou mandar te chamar.

Na saída, com a impressão de que sua visita agradara ao Guia, o publicitário se permitiu um comentário informal:

— E essa história de miserioduto, presidente? O que o senhor acha?

— Acho que o povo não acredita nisso.

— Certo. Mas o que o senhor, pessoalmente, acha disso?

— Acho que o povo vai continuar não acreditando.



Mensagem de Marivaldo para Luana:

*oi*

Sem resposta. Nova mensagem:

*tudo bem com você?*

Sem resposta. Nova mensagem:

*topa almoçar essa semana?*

Sem resposta. Nova mensagem:

*estive com o presidente. vou voltar a comandar as finanças*

Resposta de Luana:

*parabéns, você merece!*

Marivaldo:

*almoça comigo amanhã?*

Luana:

*te espero meiodia na Resgate. bj*

## Posso quebrar o espelho?

Malabares chegou ao meio-dia em ponto à bela sede da Resgate no centro do Rio. Luana também estava pontual. Mas em Brasília, chegando para o almoço com Tatá.

O ministro da Justiça escolhera o restaurante de um amigo, com sala privativa para o casal. Um encontro entre governo e ONG às vésperas da CPI não podia ser no Piantella.

A presidente da Resgate apareceu de vestido longo vermelho-escuro, sóbrio mas com bons decotes nas costas e na frente. O cabelo continuava pintado de preto fechado, agora já ultrapassando os ombros e contrastando com a pele bem branca das costas. O penteado estava um pouco mais despenteado, casualmente. As unhas voltaram a ser pintadas, agora de marrom-escuro. Luana era a noite de dia.

— Você vai tirar aquilo de letra — foi a saudação de Nogueira Bastos, se esforçando para não comentar a beleza da convidada. — Depoimento em CPI é simples: não falar demais, nem de menos.

— Obrigada pela dica, ministro. Você me empresta o seu medidor verbal, pra eu não errar na dose?

Tatá se deliciou com o sarcasmo de Luana.

— Vou te dar coisa muito melhor que um medidor.

— Uau. Então você é bem equipado mesmo, como dizem.

— Muito bem. Pra CPI, o que vou te dar é um escudo invisível.

— Sua bancada.

— Exato. Nós dominamos a CPI. Maioria governista mais do que segura. E, pra nós, você é governo. Aliás, não é ministra porque não quer.

— E essa comoção com a morte do França?

— É, tem uma unha encravada aí. Ele foi esperto inventando esse “miserioduto”. Mas na hora da pressão o coração não aguentou.

— Dizem que a fonte dele era um bicheiro.

— Verdade. Luizinho Sete-Quedas. Mas não fala isso não.

— Por quê?

— Porque o Sete-Quedas trabalhou muito pro POP. No governo, inclusive. Telhado de vidro.

— Tá. Vou na linha do discurso social. Contabilidade não preciso falar, porque não existe. ONG, né?

— Isso aí. Como diz o Galdino: “Dinheiro bom não deixa rastro!”

Tatá deu uma gargalhada e seu telefone apitou. Ele continuou falando enquanto checava a tela:

— Não tem mistério, meu amor. Nega tudo, que a gente... Pera, só um segundinho.

O ministro foi ler porque viu que era de Mila Baresi:

*luana voltou a sair com malabares. vai almoçar hoje com ele, no RJ. bj*

Teclou:

*luana tá almoçando em Brasília comigo*

Mila respondeu:

*alguém mentiu pra mim, ou alguém tá mentindo pra você*

Tatá largou o celular e Luana retomou o tema CPI, mas foi cortada:

— Você tem falado com o Malabares?

— Eu? Nunca mais falei. Acho que tá morando em Minas.

O ministro se transformou, mandando a sedução às favas, com o dedo em riste:

— Olha aqui, garota: se eu fosse esse babaca que você pensa que eu sou, eu não mandava nesta porra deste país, entende? Esse merda tá conspirando contra mim, mas ele não sabe que eu sei. Se você estiver nessa... É *game over!* Ouviu? Eu acabo contigo!

— Acaba? Pessoalmente, ou aí você terceiriza?

Mais furioso ainda com a ironia, ele começou a subir o tom da ameaça, mas foi atropelado por ela, um tom acima:

— Deixa de ser burro, Bastos! Qual das tuas amantes tá te mandando notícia falsa aí pelo telefone? Marivaldo é um morto-vivo, porra. Vai ficar me esperando pra almoçar até virar o Brad Pitt.

Tatá recuou, confuso. Luana continuou no ataque:

— Botei minha ONG pra apoiar teu imposto, assinei manifesto, nunca disse uma palavra contra você no Palácio, no Congresso, na puta que o pariu! A quem eu sou fiel, então?

Luana se inclinou sobre a mesa em direção a Tatá, num ângulo que deixou seu decote mais generoso, e olhou nos olhos dele:

— Quem é que manda? Você acabou de dizer, seu burro! Eu quero você, Bastos.

O ministro se inclinou em direção a Luana, puxou-a pelo pescoço e lhe deu um beijo voraz. Ela correspondeu à voracidade.

Tatá deu a volta na mesa, abraçou-a sofregamente e começou a levantar seu vestido.



Após quase uma hora de espera na sede da Resgate, depois de enviar diversas mensagens não respondidas, Malabares resolveu ir embora. Cristal confirmou a falta de notícias da chefe, disse que ela devia estar presa em alguma reunião do terceiro setor. O publicitário perguntou o que era terceiro setor. A gerente convidou-o para tomar mais um café.

O assunto não demorou a ir parar em levantamento de fundos, empoderamento dos meios de ação, enfim, dinheiro. Cristal explicou que trabalhava na parte de cooperação financeira sindicato-partido, e Malabares ficou confuso:

- Mas você é partidária, sindical ou não governamental?
- Sou transcendental — respondeu Cristal.

Ela convidou então o publicitário para fazer uma contribuição cidadã ao PESSOAL. Explicou que o partido não aceitava dinheiro de empresas, só de pessoas físicas – com reputação ilibada, que trabalhassem pelo bem.

Ele gostou do elogio. Ela disse que poderia ser em cheque.

Convidou-o para terminarem a conversa na sala de Luana, que tinha um sofá mais confortável, onde ele poderia pensar melhor.

Entrou com o carequinha milionário na sala da presidência e trancou a porta.



Luana segurou delicadamente a mão aflita de Nogueira Bastos que começava a despi-la:

- A gente merece uma estreia mais grandiosa.
- Ele refreou o impulso:
- Tem razão... Desculpe. Virei um adolescente com você.
  - Você é muito homem comigo. Te quero com calma.

Ele sorriu, respirou fundo e pediu um vinho:

— Vamos brindar ao seu depoimento na CPI, que vai ser um sucesso.

Ela retribuiu o sorriso e disse que, a propósito de sucesso, queria saber se ele conseguiria uma dotação extra para o novo projeto da Resgate.

Desconcertado com a facada repentina, o ministro quis saber como era o projeto.

— Sistema de cotas pra vítimas de regimes autoritários, do nazismo pra cá — explicou Luana. — Toda grande empresa terá que reservar um por cento de suas vagas para oprimidos políticos ou descendentes.

Em plena crise econômica, Bastos soltou uma farpa em direção ao apetite orçamentário da ONG:

— Querida, com todo o respeito: a Resgate tá resgatando bem, hein?

— Resgate social é caro mesmo, ministro. Você tem poder ou não tem?

— Vou ver o que posso fazer.

Luana deu um sorriso:

— O pessoal do POP não tem ciúmes do seu poder no palácio, não?

Pelo riso largo, Tatá tinha gostado da mudança de assunto:

— Morrem de ciúmes! E você não sabe o que é ciúme de homem, querida.

— Tem surra de toalha molhada?

— Quase!

Gargalhou, e passou a sussurrar:

— Cá pra nós: ali só tem medíocre. O PR sabe disso. No esquema da Nova Láctea, por exemplo. O cara que o presidente do BNF confiava era eu! Ali era grana pesada pra quebrar o Max, não ia ser qualquer um que...

Embalado pelo vinho, o ministro se esquecera de que Luana era filha de Bob:

— Desculpe, querida. Já estou falando demais aqui.

Ela riu:

— Imagina! Você vai me ofender se disser que meu pai tem

adversário maior que eu. Que o presidente não me ouça... Ele deve ser um grande maestro pra reger isso tudo.

— Esse, sim. Capacidade incrível. Por isso é o Guia... Pra esse homem eu tiro meu chapéu.

Luana serviu mais vinho para Tatá, e continuou:

— Sempre achei que o Juvenal e o Galdino é que tocavam tudo...

— Até tocam. Alguém tem que fazer a máquina andar, né? O presidente da República não pode ser babá de operador!

— Já pensou? Seguir o dinheiro do cofre público até o sorriso pro deputado... Aí o homem não governa!

Ao ouvir “sorriso”, o ministro freou. Luana riu de novo:

— Porra, Bastos. Eu fiz lobby no Congresso em nome do presidente! Não precisa se acanhar.

Tatá relaxou novamente e tomou mais um gole:

— É. Eu implico com o POP, mas no fundo o sistema é bom. O presidente não precisa tocar em nada.

— Nada? Não tem registro dele em lugar nenhum?

— Porra... Ainda bem que esse restaurante é do meu amigo. Hoje em dia tem grampo até em banheiro! Muita pimenta nessa conversa, minha presidenta, vamos dar uma adoçada. Quer sobremesa?



O restaurante do amigo de Tatá não tinha equipamentos de monitoração, mas a sala da presidência da Resgate tinha. Duas câmeras escondidas.

Na véspera do seu depoimento na CPI, Luana voou de Brasília para o Rio. Precisava cumprir um compromisso-relâmpago. Checou as imagens das câmeras, viu as cenas de sexo de Malabares com Cristal e demitiu a gerente.

Ela ganhava bem, e se revoltou:

— Você é ciumenta, hein, Annabelle? Qual é a sua meta, ficar com todos os homens pra você?

— Não, Cristal. Pode ficar com o Marivaldo. A sua demissão é por fazer sexo em local de trabalho. Isso prejudica o desempenho. Da instituição, quero dizer.

Livrou-se da gerente o mais rápido que pôde e se mandou para a

periferia. Invadiu o barraco de Cristo e lhe disse que era hora de acordar.



O eremita ofereceu uma maçã à visitante. Dessa vez ela não aceitou. A rigor, mal conseguia levantar os olhos para encará-lo.

- Não tive mais alucinação.
- Claro. Você atravessou o espelho, ficou tudo normal.
- É. Pode ser.
- Agora você vai estourar o espelho?
- Vou.
- Tudo bem. Você já tem outro.

## Taxi driver

A sessão inaugural da CPI das ONGs levou ao Congresso Nacional a nata da República.

Os trabalhos da Comissão foram abertos de manhã, e após o almoço seria arguida a primeira depoente, Luana Maxwell. A presidente da Resgate chegou tranquila à Câmara, sendo cumprimentada na entrada pelos deputados João Juvenal e Alberto Palermo, presidente da CPI.

No momento mais vulnerável dos quase três anos de governo popular, o presidente pedira força máxima à sua tropa de choque. A ordem era virar o jogo de saída, para “liquidar a partida antes dos quinze minutos do primeiro tempo”, conforme o idioma futebolístico do Guia.

Sem economia de munição: até o presidente do Primeiro Tribunal, Luiz Arthur Lombroso, fez uma “visita litúrgica” ao Legislativo para intimidar a CPI. Ministros de Estado foram escalados para marcar presença na sessão. Entre eles, Maurílio Amarante, da Educação, e Maria Rosa, substituta de Beto Leal no Ministério que agora era da Cidadania e da Mulher Brasileira.

Na comissão de frente, claro, o ministro da Justiça, Luiz Octavio Nogueira Bastos.

— Acaba com eles, presidenta — disse Tatá, com intimidade, ao pé do ouvido de Luana, assim que ela chegou.

A primeira depoente da CPI tomou seu lugar à mesa da Comissão, ao lado do deputado Palermo. Cumprimentou-o e aos demais parlamentares, ministros de Estado e autoridades presentes com voz firme ao microfone.

Encarando a sala lotada, Luana informou que iniciaria seu depoimento com uma confissão pessoal:

— Senhoras e senhores deputados, posso dizer-lhes que trabalhei os últimos três dos meus vinte e oito anos de vida para chegar a este momento. Nesse período, vivi dois anos por um ideal, e um ano por uma missão: salvar o país desse ideal. Ou pelo menos me salvar dele.

A introdução enigmática gerou um burburinho. A depoente tirou

o blazer, que acabou caindo no chão. O deputado Palermo se abaixou para apanhá-lo, mas foi detido por Luana:

— Não precisa, deputado. Pode deixar aí.

A presidente da Resgate prosseguiu:

— Senti um estranhamento na sala. O que estou dizendo é estranho mesmo. Persegui um ideal de duas maneiras opostas: primeiro, como uma militante persegue um sonho; depois, como a polícia persegue um bandido.

Luana perguntou então se alguém ali acreditava em “prostituição de ideais”. Ninguém respondeu. E em “aluguel de causas”? Silêncio.

— Ok, senhoras e senhores. Eu não estou aqui para perguntar. Passo então a contar o que vi. Nem mais, nem menos.

A presidente da ONG expôs então, em detalhes, a distorção estatística que inflou o número de menores sem-teto, no programa SOS Filhos da Rua.

— Vocês não notaram? Pois bem: essa pesquisa foi a base de um convênio de cinquenta milhões de dólares. E o Clube da Esquina, principal projeto desse convênio, fracassou por falta de verbas.

— Mentira! — gritou a ministra Maria Rosa, exigindo um aparte.

O presidente da CPI informou que, pelo regimento, as contestações seriam feitas ao término da exposição da depoente.

Luana soltou os cabelos e revelou outro “erro grosseiro”. Segundo pesquisa da Resgate, a maioria da população achava que mulheres circulando com pouca roupa “merecem ser estupradas”.

— Bem... Os dados estavam apenas invertidos. Era uma minoria que tinha essa opinião. Sutil diferença, que rendeu outro excelente contrato — informou, enquanto tirava os brincos e os anéis.

As autoridades se remexiam nas poltronas e sussurravam em seus celulares, quando a depoente revelou a fraude na desapropriação do Hotel Maxwell em favor de um grupo quilombola. Contou que, na época, acreditou no falso estudo:

— Eu não abri mão da minha herança para roubar minha família. Aquilo foi roubo.

O burburinho cresceu, e começaram a surgir reclamações em voz alta e protestos a esmo. Alex Sander estava no telefone com Carmelo discutindo o que fazer diante do quadro inesperado. Luana estava tirando seu colar e suas pulseiras.

Seguiu adiante:

— A produtora de fachada Sal da Terra não serviu só para desfalcar o Fundo do Trabalhador, senhoras e senhores deputados. Ela foi laranja de diversos contratos falsos entre governo e ONGs.

Tirou o *scarpin* e completou:

— Esse esquema, operado por Marivaldo Valadares, era o que a jornalista Clara Maria estava investigando quando foi assassinada.

João Juvenal levantou-se e tomou a palavra na marra:

— Presidente, exijo a interrupção da sessão! A depoente está descalça, fora do seu juízo! A sra. Luana Maxwell está delirando!

Antecipando-se à resposta do presidente da CPI, Luana acionou em seu notebook um arquivo de áudio. A voz grampeada de Tatá no restaurante calou Juvenal e toda a sala:

“Não fala isso não.”

“Por quê?”

“Porque o Sete-Quedas trabalhou muito pro POP. No governo, inclusive. Telhado de vidro.”

— Será que o ministro da Justiça também está delirando, deputado Juvenal? — desafiou Luana, tirando a blusa.

Antes de prosseguir com o áudio de Nogueira Bastos, exibindo o sutiã de renda, ela tinha um aviso:

— Eu gostaria de informar que, caso a TV interrompa a transmissão desta sessão, a CPI está sendo mostrada ao vivo no canal da Resgate, no YouTube.

Luana tomara a providência de infiltrar na Câmara a ex-colega de mestrado Bruna, que agora ganhava a vida como garota de programa em Brasília. Oferecera a ela um bom cachê para filmar a sessão inteira, acontecesse o que acontecesse, com link ao vivo para a internet.

Quando entendeu o que a depoente ia fazer na CPI, Bruna ficou radiante e dispensou o cachê. Agora estava lá, firme no seu papel, de peruca loira e óculos, disfarçada de jornalista num canto da sala.

De seu escritório em São Paulo, entre chocado e maravilhado, Pedro comunicou Carol em Londres:

— O depoimento da Luana tá ao vivo na internet. Tira o Bob do quarto agora! Ele não vai acreditar no que tá acontecendo.

Carol entrou no link da Resgate, viu Luana de sutiã no Congresso

Nacional e deu um grito. Assistiu a um minuto de transmissão, captou o enredo e saiu correndo para chamar Maxwell.

O empresário respondeu que se recusava a assistir à filha na CPI. Carol berrou através da porta:

— Porra, Bob, você não tá entendendo! A Luana tá entregando todo mundo!

Maxwell chegou ao quarto de Carol na hora em que sua filha estava na tela tirando a calça, diante da mesa da CPI. A ex-Shakira bradou eufórica:

— Que louca!

Depois olhou um pouco constrangida para o empresário, que a deixou sem entender nada:

— Essa parte eu já vi.

Carol jogou o link da CPI no seu poderoso canal, e a audiência explodiu. No boteco de Botafogo onde Luana comera fiado, a interrupção da TV no meio do striptease levou ao desespero geral.

Ao reconhecer na tela a moça que honrara, com juros, um queijo quente e um suco de laranja, o gerente comentara: “Falei que ia virar deputada!”. Quando a CPI saiu do ar no momento mais quente, alguém gritou que estava “passando na internet” – e o boteco inteiro atravessou a rua para assistir ao clímax numa lojinha de informática.

“É como diz o Galdino: dinheiro bom não deixa rastro!”, prosseguia o áudio bomba de Tatá, executado pela depoente seminua.

Com a deixa do tesoureiro do POP, ela deu nova pausa para um comentário:

— O rastro desse dinheiro sem rastro foi denunciado pelo advogado Caio Caolho, aqui presente. Quem passou essa informação foi eu. Tenho tudo documentado, dos cofres públicos até o caixa do partido.

Luana então encarou Caio:

— Obrigada pelo “Império do Oprimido”. Você explicou em três palavras o que eu levei três anos pra entender.

Soltou novamente o áudio do ministro da Justiça:

“No esquema da Nova Láctea, por exemplo. O cara que o presidente do BNF confiava era eu! Ali era grana pesada pra quebrar o Max...”

— Max, pra quem não sabe, é o empresário Roberto Maxwell,

hoje falido — traduziu Luana, enquanto tirava o sutiã.

E tocou o último trecho que separara do grampo de Tatá:

“O presidente da República não pode ser babá de operador! Eu implico com o POP, mas no fundo o sistema é bom: o presidente não precisa tocar em nada.”

Inteiramente despida, Luana encerrou seu depoimento:

— Como podem ver, senhoras e senhores, o rei está nu. Aliás, sempre esteve.

Deixando suas roupas e joias para trás, a presidente da Resgate contornou a mesa da CPI. Ao passar pelo deputado Palermo, ele se afastou, como se tentasse se proteger. Ela seguiu em direção à plateia.

Aproximou-se de Tatá, que reagiu à sua nudez com um gesto amedrontado, recuando bruscamente. JJ gritou pela segurança, que não agiu. Bruna continuava filmando tudo.

O deputado Wally Salvador tapou os olhos, enquanto Amarante e Rosa escapavam por uma porta lateral, como se tivessem visto uma assombração.

Em meio à debandada geral, com seu olho direito bem aberto, Caio encarou a câmera de Bruna e declarou:

— O rei está nu. A rainha, não.



João Juvenal, Galdino Silva e Marivaldo Valadares receberam as sentenças mais pesadas, imputados por meia dúzia de crimes cada um. Foram cumprir pena no presídio da Papuda, em Brasília.

George Carmelo, o Sombra, foi indiciado no caso do assassinato de Clara Maria – processo inconcluso ao qual ele permaneceu respondendo em liberdade.

Luiz de Carvalho, o Luizinho Sete-Quedas, condenado por associação criminosa, ficou preso apenas seis meses, graças ao brilhante trabalho do advogado Luiz Octavio Nogueira Bastos.

Nogueira Bastos, o Tatá, conseguiu escapar de diversos processos com manobras jurídicas magistras, mas veio a falecer em decorrência de problemas pulmonares. Ele não era fumante.

Luana Maxwell foi presa e condenada por corrupção passiva, falsidade ideológica e formação de quadrilha.

O Guia se safou por falta de provas e conseguiu eleger Irany Schuster presidente, usando a tecnologia do “bônus eleitoral” sugerida por Malabares – a invenção da “propina por dentro”. Mas Irany acabou afastada da Presidência por fraudes fiscais.

Acusados de uma série de crimes, o Guia e Irany passaram a liderar uma campanha de resistência democrática.



Pedro assumiu a defesa de Luana e propôs um acordo de delação premiada. Ela concordou, dizendo que então só faltava o prêmio, porque já tinha delatado o esquema inteiro.

Foi exatamente esse argumento que o advogado levou para o processo, provando que sua cliente se envolvera de forma deliberada nas condutas lesivas – com o claro propósito de conhecer os crimes para denunciá-los.

Com as atenuantes obtidas, Luana foi solta após um ano de prisão.

Bob Maxwell voltou ao Brasil com Carol. Ela foi encontrar Caio. Ele foi com Pedro receber Luana na saída da penitenciária de Santana, em São Paulo.

O abraço de pai e filha foi para a primeira página de todos os jornais.

Bob convidou Luana para ir para sua casa. Ela agradeceu, mas disse que precisava conversar a sós com Pedro. O ex-magnata informou que então deixaria os dois onde eles quisessem, e acenou para um táxi.

— Pai, você veio me buscar de táxi?

— Vim. Motorista particular é muito arriscado.

## **Agradecimentos**

Maria Fiuza, Raquel Cozer, Mariza Leão, Denise Bandeira, Mayra Auad, Domingos Oliveira, Marcos Torrigo, João Fiuza, David Jones e Fada.